



VENENO É REMÉDIO

Esclarecendo o Vajrayana

Dzongsar Jamyang Khyentse

Veneno é remédio

Esclarecendo o Vajrayana

Este livro é dedicado àqueles que, em vez de descartarem o Vajrayana como se fosse uma superstição primitiva, têm o mérito de sentir curiosidade acerca do que o Vajrayana realmente é e a ousadia para desbravar e implementar este glorioso, intransigente e sensato caminho que jamais se submete às normas ou expectativas sociais.

© Siddhartha's Intent 2021

© Siddhartha's Intent Brasil 2024 -

Tradução: Leo Lauria

Revisão técnica: Flávia Pellanda

Revisão: Clarissa França, Giuliano Ruchinsque
e Luciano de Topin Ribeiro

Diagramação: Carla Irusta

Sumário

Sobre este livro	ix
Prefácio	xv
Introdução	xxv
1 Eu e meus gurus	1
2 Meu primeiro encontro com alunos ocidentais	12
3 Mais por acaso do que por intenção	19
4 Dharma vs. cultura, tradição e costumes	27
5 O Dharma do Buda deve der atualizado?	43
6 Perdido na tradução	51
7 Da inspiração e da fundamentação	65
8 A visão: tudo ou nada	86
9 A metodologia vajrayana	106
10 “Mantenha segredo! Mantenha seguro!”	122
11 Os pré-requisitos do caminho vajrayana	137
12 O Vajrayana não é para você	151
13 O Vajrayana é para você	166
14 O guru	172
15 O aluno	194
16 A dinâmica guru aluno	214
17 Votos e compromissos	246
18 E agora?	272
Notas finais	285

Sobre este livro

VENENO É REMÉDIO foi escrito em resposta a mal-entendidos e equívocos sobre o Vajrayana que vieram à tona com os escândalos que envolveram gurus vajrayana na década de 2010. Não é uma introdução ao caminho Vajrayana. Se você não tem qualquer familiaridade com o budismo e menos ainda com o Vajrayana, talvez este livro não seja indicado para você. Aqueles que têm alguma familiaridade e experiência com a profunda e vasta tradição do tantra talvez tenham uma chance ligeiramente maior de compreender este livro do que aqueles que não têm. De toda a forma, é muito provável que você termine tão confuso quanto estava antes de lê-lo. Quem avisa amigo é.

Uma das razões que me levaram a escrever este livro é que eu gostaria que todos nós pensássemos a respeito dos vários problemas que vieram à tona com os recentes escândalos relacionados ao papel do guru no Vajrayana e os examinássemos de acordo com os mais diferentes pontos de vista possíveis. Será que os lamas tibetanos de fato conhecem seus alunos não tibetanos? Quais aspectos do budismo tibetano se baseiam na cultura e nas preferências tibetanas, e quais se baseiam no Vajrayana? Por que os gurus vajrayana às vezes se parecem e se comportam como déspotas ou astros do rock? Seriam as práticas de percepção pura e manutenção do samaya meros pretextos para que os lamas controlem seus alunos e os forcem a obedecer, aconteça o que acontecer? É possível dizer “não” ao seu guru vajrayana? O Vajrayana deve ser atualizado para se adequar ao mundo moderno?

Sei que muitos de vocês estão lendo este livro porque ficaram abalados com o que leram e ouviram a respeito de

gurus vajrayana nos últimos anos. Mesmo aqueles que vêm praticando o budismo tibetano há muitas décadas podem estar confusos, porque, apesar de uma conexão duradoura, percebem que ainda não receberam uma introdução ao Vajrayana que seja completa e autêntica. Seja qual for sua razão para ler este livro, espero que após contemplar seu conteúdo você se sinta mais bem equipado para não perder seu entusiasmo pelo incomparável caminho Vajrayana.

Devo repetir e enfatizar que este livro não é uma introdução ao budismo. Ele não foi escrito para quem não sabe absolutamente nada sobre o Dharma do Buda e, definitivamente, não se destina a quem não sabe nada sobre o Vajrayana.

Considerando tudo o que veio à tona no mundo vajrayana nos últimos anos, meu desejo é oferecer aos alunos aspirantes ao Vajrayana umas poucas dicas, retiradas de textos tântricos, sobre como escolher um guru. Portanto, nem sempre definirei os termos do Vajrayana presentes neste texto e, como o Vajrayana deve ser mantido em segredo, mesmo quando o fizer, minhas definições e exemplos serão necessariamente inespecíficos e enigmáticos.

Nos dias de hoje, a probabilidade de algum de nós encontrar um mahasiddha realizado – e ainda por cima ser aceito como seu aluno – é bem rara. Por mais que você deseje seguir o caminho do tantra, escolher um professor tântrico pode ser um desafio. É uma aposta bem arriscada! Embora tenhamos ouvido reiteradamente sobre a importância de se analisar o guru e o caminho, raramente alguém nos diz o que deve ser analisado ou como fazê-lo. Espero que este livro aponte a direção certa, fornecendo as ferramentas necessárias para que você possa examinar minuciosamente o guru *antes* de se comprometer com ele. Devo acrescentar que se, por milagre, o guru pelo qual você se interessa de fato se revelar um mahasiddha, nenhuma palavra deste livro é relevante ou necessária.

Naturalmente, só um buda ou outro mahasiddha pode saber se um guru é ou não um autêntico mahasiddha; o resto de nós não tem como saber e, do ponto de vista prático, os alunos não necessitam desse tipo de informação. No fim, o que realmente importa é, e sempre será, como cada pessoa se sente. O que você sente por aquele guru a quem está pensando em pedir para que seja o seu guru vajrayana? O que diz a sua intuição? A sua vontade de seguir o caminho Vajrayana é suficientemente forte? A forma como cada pessoa responderá a essas perguntas depende muito daquilo que os budistas denominam *punya*, cuja tradução livre e bastante inadequada é “mérito”. Assim, em vez de perder tempo tentando descobrir se um guru é ou não um mahasiddha, deixe que o seu *punya*, seu mérito, indique a direção certa.

O recente transplante do Dharma do Buda do Tibete e da Ásia para as Américas, a Europa e a Austrália inadvertidamente criou muita confusão a respeito do caminho Vajrayana. Interpretações errôneas da língua e um viés centrado em aspectos da cultura tibetana, acrescidos de um certo descompasso, acabaram se combinando e dando origem a uma série de equívocos sobre o budismo em geral e o Vajrayana em particular. Como resultado, surgiram perguntas que precisam de respostas. O problema é que o Vajrayana raramente utiliza definições do tipo “preto no branco”. Como não tenho a menor intenção de sequer me arriscar a criar tais definições, soluções ou regras, sugiro que nos debruçemos sobre as questões, problemas, dúvidas e discussões que já conhecemos e tentemos observá-las sob o maior número possível de ângulos e perspectivas. Nesse processo, vamos tentar utilizar ao máximo a habilidade e perspicácia do Vajrayana e fazer todo o possível para apreciar seu absoluto brilhantismo.

Sim, diz o Vajrayana, certos pensamentos e ações estão fadados a nos mandar direto para o inferno vajra e lá nos deixar. Mas, um segundo depois, o mesmo Vajrayana nos lembra que basta entoar uma única vez o Mantra das Cem Sílabas de Vajrasattva com perfeita concentração e todas as impurezas do passado, presente e futuro serão totalmente purificadas. Em outras palavras, a diferença entre “condenação por toda a eternidade” e “liberação completa” consiste em um pouco mais do que uma pequena mudança de dimensão.

Este livro se baseia em quatro palestras que proferi nos centros Rigpa de Berlim, Paris, Lerab Ling e Londres no início de 2018, logo após a publicação de uma carta reveladora escrita por oito alunos de Sogyal Rinpoche, dezoito meses antes de ele morrer. Várias perguntas que me foram feitas na ocasião por alunos da Rigpa, assim como por vários outros alunos e praticantes vajrayana, foram, além de meramente interessantes, inteligentes, incisivas e afetivamente relevantes. Tanto que, ao final da turnê, recebi pedidos insistentes para organizar aquele diálogo de forma mais compacta. Essa é uma das razões da existência deste livro.

Gostaria também de aproveitar a oportunidade para dizer o quanto me impressionou o fato de que tantas pessoas continuem a valorizar e a seguir o caminho Vajrayana, a despeito das revelações chocantes e histórias confusas, especialmente sobre gurus vajrayana, que caíram sobre todos nós nos últimos tempos.

Antes de prosseguirmos, devo esclarecer que, embora os homens tenham monopolizado o posto de guru no budismo tibetano por séculos, muitas vezes descrevi o guru hipotético que você está buscando como “ela”, em parte na tentativa de contrabalançar o histórico pronome “ele” e em parte porque não desejo ofender meus leitores mais politicamente corretos.

Não espero que todos os leitores deste livro aceitem tudo que escrevi. Sei que alguns de vocês, especialmente aqueles que deixam comentários em minhas páginas nas redes sociais, pensam que faço muitas afirmações generalizadas, o que, a esta altura, consideram minha marca registrada. Ainda assim, espero que as informações que você encontrará nestas páginas o ajudem a ver seus gurus e colegas a partir de uma perspectiva diferente.

O Vajrayana é a melhor coisa que já surgiu neste planeta. Além de nos treinar a pensar fora da caixa do samsara, nos mostra como estar, ao mesmo tempo, dentro e fora da caixa. Da mesma forma, embora o turbulento oceano de inveja, raiva, orgulho, dúvida, cobiça e delusão que ocupa nossa mente pareça extremamente assustador, o Vajrayana nos diz que não precisa ser assim. O antídoto para todos esses venenos não está fora de nós, mas no nosso íntimo. Já temos o antídoto – e na dose exata. Não nos falta sequer uma gota. Não há nada a aprimorar, atualizar, customizar nem adaptar. Nossa sabedoria inata é o antídoto que buscamos. Ela permanece absolutamente intacta e disponível para uso imediato, como sempre esteve. É uma ideia muito difícil de engolir? Se não é, por que não tentar seguir a pista da nossa sabedoria inata? Como? Seguindo as pegadas dessa sabedoria, que são as nossas emoções.

A essência da mensagem vajrayana é que o veneno é o remédio assim como é, sem nada a acrescentar ou remover. Rezo para que nenhum de vocês jamais perca o entusiasmo ou a curiosidade por este caminho glorioso, brilhante e incomparável.

Agradeço a todos que possibilitaram minha turnê pelos centros Rigpa de Berlim, Lerab Ling, Paris e Londres em 2018; a todos que fizeram perguntas; aos excelentes pesquisadores da Rigpa, em especial Catherine Paul e Gill Kainey, e à Helen

Cargill e à equipe de transcritores que transcreveram o texto de forma rápida e eficiente. Meu muito obrigado a Adam Pearcey, Alex Trisoglio, Anne Benson, Arijit Bose, Arne Schelling, Badri Narayan, David Haggerty, Deborah Dorjee, Ian Ives, Larry Mermelstein, Prashant Varma, Suresh Vyas e Tashi Colman por terem respondido uma série infindável de perguntas.

Muito obrigado a Dolma Gunther, Jakob Leschly, Karin Behrendt, Nikko Odiseos, Philip Philippou, Richard Dixey, Ron Stewart e à diretoria e aos conselheiros da Rigpa's Vision, Fian Löhr, Mauro de March, Philippe Cornu, Seth Dye, Verena Pfeiffer, Vinciane Rycroft e Yara Vrolijk, por terem lido e oferecido comentários úteis e detalhados sobre os vários esboços deste livro. Muito obrigado a Ane Tsondru, Chris Jay, Pema Maya, Sarah K. C. Wilkinson e Toni Whittaker por terem revisado este texto com grande competência. E muito obrigado a Andreas Schulz pelo design do livro.

Por fim, devo mencionar que, mais uma vez, Janine Schulz organizou minhas erráticas e incoerentes mensagens de texto e voz em forma de livro, além de auxiliar na pesquisa e identificação das várias questões e pontos de vista aqui incluídos.

Dzongsar Jamyang Khyentse
Fevereiro de 2021

Prefácio

QUANDO ISAAC NEWTON escreveu que se apoiava nos ombros de gigantes, estava admitindo sua dívida com os cientistas que o antecederam e transmitindo a noção do progresso cumulativo – “enxergar mais longe”, nas palavras dele –, que se baseia em ir além de nossos antecessores. O budismo tibetano apresenta uma imagem diferente para a transmissão da sabedoria, uma imagem na qual os gigantes das gerações anteriores aparecem no alto (tipicamente sentados sobre lótus desabrochados), enquanto o beneficiário da transmissão permanece, respeitosa e abastada, abaixo deles. Neste caso, a realização espiritual se refere mais a se estar à altura dos padrões do passado do que a eclipsá-los. O conhecimento científico parte de uma posição de ignorância e se desenvolve de forma gradual; o conhecimento dármico parte da onisciência, que por definição não admite aprimoramento, e confina a evolução ao modo de transmitir essas verdades atemporais.

O reconhecimento da fonte de aprendizagem e realização é um sinal de humildade e integridade, especialmente quando combinado com a gratidão. Com o passar do tempo, é possível que esse apreço se aprofunde e se torne algo mais fervoroso, mais semelhante à veneração. Consideremos, por exemplo, a efusiva homenagem de Albert Camus a seu professor Louis Germain: “Sem ti, cuja afetuosa mão se estendeu na direção da desvalida criança que eu era, sem teu ensinamento e exemplo, nada disso poderia ter ocorrido... abraço-te com todo o coração.” Tais palavras, escritas logo após ele ter sido agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, ecoam as fórmulas da

poesia devocional budista: “Guru, cuja bondade é inestimável, mantenho apenas a ti em minha mente.”

Claro que o budismo, especialmente em sua forma Vajrayana, leva o princípio da apreciação muito além do que qualquer forma secular de educação, pois nesse caso os professores não são meros instrutores a respeito dos costumes e maneiras do mundo, mas, sim, emblemas da realidade que subjaz tudo isso – espelhos da nossa verdadeira natureza, como Dzongsar Khyentse Rinpoche dirá mais adiante nestas páginas.

No entanto, mesmo no budismo há vários tipos de professores, tais como os humildes anciãos, ou preceptores, do veículo básico; o estimado *kalyānamitra*, ou mentor espiritual do Mahayana; e os formidáveis gurus, ou mestres vajra, dos tantras. No Tibete, onde os lamas dominaram a sociedade num nível sem precedentes, o mesmo sistema que criou as poderosas e abastadas linhagens de encarnações, os tulkus, produziu os subversivos, os “loucos” adeptos que se deleitavam em desmascarar a hipocrisia, bem como os iogues renunciantes que se retiravam do convívio dos apinhados mosteiros em busca da solidão genuína das ermidas e cavernas nas montanhas. Concomitantemente, a literatura tibetana desenvolveu tipologias sofisticadas que identificam diversos tipos de gurus, tais como aqueles que conferem as iniciações tântricas, aqueles que concedem as transmissões orais de textos esotéricos e ainda aqueles que compartilham as instruções essenciais dos meios de realização, com especial reverência aos que combinam os três papéis e para os assim chamados guru raiz, que transmitem a mais alta sabedoria pela revelação da natureza da mente.

O guru último não é outro se não a consciência em si. Conforme o predecessor de Dzongsar Khyentse Rinpoche, Jamyang Khyentse Chökyi Lodrö (1893-1959), deixou claro em seu extraordinário guia para a prática devocional, *The Bright Lamp of Wisdom (Yeshe Saldrön)*, esse professor interior, ou

princípio norteador, está sempre conosco, auxiliando direta e indiretamente, quer o reconheçamos ou não. Confiar exclusivamente em nossa própria sabedoria interior ou intuitiva pode nos parecer tentador, mas a transmissão de conhecimento e habilidades requer uma conexão mais tangível. Precisamos de outros, mais sábios e experientes que nós, que reconhecem e apontam nossas fraquezas e pontos cegos; é por essa razão que o guru interno se manifesta em carne e osso como professores, completos em todas as suas peculiaridades e idiossincrasias.

As fontes tradicionais enfatizam a necessidade de se examinar o professor antes de se formalizar um compromisso com a relação guru-discípulo. Do mesmo modo, os sistemas educacionais budistas frequentemente associam a mais rigorosa aprendizagem escolástica com longos períodos de retiro meditativo, com o intuito de preparar professores capazes de manter os mais elevados padrões. De alguma forma, porém, nos últimos anos alguma coisa, em algum lugar, deu errado. Alguns gurus se mostraram aquém dessas expectativas e ideais, e certos alunos se viram despreparados para lidar com as consequências disso. Tanto o aconselhamento a respeito de como seguir o guru, quanto o sistema educativo dos futuros professores necessitam agora de uma urgente reavaliação.

É este o desafio que Dzongsar Khyentse Rinpoche traz para si com este livro. Sendo um representante extraordinariamente bem treinado da tradição em questão, que também tem intimidade com as peculiaridades da cultura atual, ele se encontra eminentemente bem equipado para a tarefa. Ainda assim, tal atribuição é pouquíssimo invejável. Como o mundo budista está hoje cindido em facções aparentemente irreconciliáveis, a intensidade das emoções é tal que qualquer um que tente sugerir alguma nuance neste debate se arrisca a ser atacado por ambos os lados. Agradar a todos, uma vã esperança mesmo

nos momentos de maior tranquilidade, parece estar totalmente fora de questão.

Alguns detratores chegam ao ponto de defender a eliminação total dos aspectos aparentemente problemáticos do budismo tibetano, sendo a devoção ao guru o alvo principal dos ataques. Eles argumentam que a veneração oferecida a um indivíduo é perigosa, na medida em que convida ao culto excessivo e às más condutas; a veneração não seria uma característica da tradição budista em seus primórdios e é apenas um resquício da influência feudal, uma relíquia ultrapassada que não tem função no budismo racional e progressista que está emergindo no mundo moderno. Para os defensores de tal perspectiva, os eventos recentes verificados na Rigpa, Shambhala e outros locais confirmariam a validade de tal posicionamento.

Contudo, ainda há quem considere a devoção a própria essência do caminho budista. Sem ela, argumentam, o budismo se tornaria árido, estéril, desconectado do coração. É inegável que incontáveis discípulos ao longo dos séculos tiveram a guru ioga como o cerne de sua prática e atribuíram qualquer avanço em sua prática meditativa, vislumbres da natureza da realidade, ou aprimoramento de seu amor e compaixão à orientação e bênçãos de seus mestres. Muitos dos mais conhecidos tratados na literatura budista, das canções de Saraha às de Milarepa, apresentam comoventes expressões poéticas de homenagem, gratidão e anseio; e toda a revelação conhecida como *A Essência do Coração do Vasto Espaço* (*Longchen Nyingtik*) foi reconhecidamente inspirada pela devoção de Jigme Lingpa a Longchen Rabjam. Tendo em mente tais referências e de posse de manuais que descrevem o fervor devocional como a panaceia universal e o meio inequívoco para se atingir a realização, não é surpresa que a admiração de alguns por seus gurus resista a qualquer espécie de opróbrio.

São estes, então, os dois extremos no debate sobre o futuro do budismo tibetano: os reformistas modernizadores, para quem a tradição se encontra corrompida de forma sistêmica e é inerentemente suscetível a abusos, *versus* aqueles que preferem ignorar ou desconsiderar os escândalos recentes e seguir em frente apesar de tudo. Enquanto isso, em algum ponto intermediário – hábitat familiar aos aspirantes a herdeiros de Shakyamuni – estão aqueles poucos a favor de uma reavaliação, em vez da total rejeição, desses longevos princípios e ideais. Para esses hipotéticos defensores de um meio-termo, os equívocos não seriam inerentes ao sistema em si, mas surgiriam da dificuldade em estar à altura dele.

As narrativas tradicionais estabelecem um ideal praticamente inalcançável de devoção e dedicação: as provações de Naropa sob Tilopa, a labuta de Milarepa sob o comando de Marpa, as provações de Sadaprarudita buscando receber instruções sobre a Prajnāparamita do bodhisattva Dharmodgata e a obsequiosidade de Mandarava e Yeshe Tsogyal a Padmasambhava. Tais encontros lendários, paradigmas do relacionamento guru-discípulo frequentemente citados, podem ter servido de inspiração a gerações de praticantes de outrora, mas os leitores modernos tendem a considerá-los tanto com desconfiança quanto com surpresa. Hoje em dia, ordenar a um discípulo que roube algo, que construa um edifício de nove andares sem qualquer ajuda, ou que aguarde sete anos, de pé, até que seu mestre emerja de seu estado de absorção meditativa – assim como bater no rosto de um aluno com uma sandália suja – muito provavelmente resultaria em processos judiciais. Além disso, tais encontros provocativos não se restringem ao passado distante; a biografia de gurus detentores de linhagem pode ser difícil de se repetir atualmente: o trato rude que um embriagado Do Khyentse Yeshe Dorje (1800-1866) dispensava a Patrul Rinpoche (1808-

1887), por exemplo, ou a insistência de Jamyang Khyentse Wangpo (1820-1892) em expulsar Ngawang Lekpa (1867-1941) repetidamente do salão principal de Dzongsar – uma exigência que muitos considerariam, no mínimo, mesquinha.

Ainda mais problemáticos são os casos de aparente coerção de mulheres para que sirvam como consortes. Mais uma vez, há precedentes históricos para os escândalos recentes. Para citar apenas um exemplo, a pressão exercida sobre Sera Khandro Kunzang Dekyong Wangmo (1892-1940) para que se tornasse parceira sexual de diversos lamas, entre os quais Adzom Drukpa (1842-1924), 50 anos mais velho que ela, levanta questões a respeito do grau de liberdade que desfrutavam mesmo as mais elevadas adeptas na sociedade budista tibetana. Os pesquisadores atuais também vêm abordando o papel do sigilo nas relações guru-consorte e em que medida figuras do passado, incluindo a quase legendária Yeshe Tsogyal, podem servir como um modelo a ser emulado. Ao mesmo tempo, em um passo muito esperado e significativo em direção à igualdade de gênero, hoje as mulheres tibetanas gozam de melhores oportunidades de desenvolvimento espiritual e os títulos de geshema e khenmo, finalmente disponíveis, fazem parte de um esforço de aprimoramento do sistema educacional das monjas.

Dado o fato de que as fontes históricas conferem grande valor à aquiescência e subserviência num grau potencialmente arriscado, uma possível solução seria a de contrabalançar as narrativas de obediência com outras baseadas em bom senso, racionalismo e averiguação. Indiscutivelmente, ao longo da história houve filósofos budistas que discordaram da visão de seus professores, às vezes de forma radical. Em tempos recentes, poderíamos citar a afirmação de Alak Damchö Özer de que era seu dever destacar os supostos erros nos escritos de seu professor, Jamgön Mipham Namgyal Gyatso (1846-1912), ou o acalorado debate entre o famoso iconoclasta Gendün

Chöpel (1903-1951) e seu antigo professor, Sherab Gyatso (1884-1968), a respeito da forma da Terra. O gigantesco *corpus* de literatura biográfica do Tibete proporciona muitos outros exemplos de discípulos que teriam contestado a visão de seus professores ou encontrado maneiras criativas de cumprir suas instruções (há inclusive, no momento, um projeto de pesquisa acadêmica que se dedica a compilar tais casos de sutil contrariedade). Não obstante, essa é uma questão extremamente delicada, complicada pelo fato de que o Vajrayana muitas vezes se orgulha de sua transcendência da racionalidade, deleitando-se em ironizar a convencionalidade.

Destacar-se o (limitado) alcance da divergência e a polida discordância não enfraquece, necessariamente, a autoridade de professores genuínos nem permite o franco litígio. Na verdade, os compromissos samaya, assumidos nas iniciações tântricas, concentram-se fundamentalmente na necessidade de se evitar a todo custo contrariar ou desagradar o guru. O samaya é, em geral, explicado por meio de listas, uma longa série de “sims” e “nãos” que constituem os preceitos éticos do Vajrayana. Tais compromissos incluem a exigência de reconhecer o professor ou professora como sendo o próprio Buda e obedecer a todas as suas ordens. A incapacidade de fazê-lo teria gravíssimas consequências, entre elas o renascimento no inferno. Uma significativa parte da linguagem e imagética empregada é, portanto, sugestiva de um pacto faustiano cuja desconsideração implica, nada mais nada menos, do que a aniquilação (espiritual). Dados os evidentes riscos, é legítimo perguntar por que qualquer pessoa em plena posse de suas faculdades mentais concordaria com tal contrato, mesmo na presença de cláusulas de salvaguarda. A única resposta é que os benefícios potenciais devem suplantar os riscos potenciais. De fato, é possível apresentar o samaya em termos positivos:

mantenha os votos e colherá as recompensas correspondentes; siga o guru externo corretamente e reconhecerá seu próprio guru interno. Ainda assim, é desnecessário dizer, tal enunciado pressupõe que, por sua vez, os gurus também devem manter seu lado na barganha e não abusar de sua posição.

Mesmo professores autênticos às vezes podem parecer falíveis ou imperfeitos, admitem os textos, meramente pelo fato de serem humanos; errar é humano, alguém poderia dizer. Mas isso não significa que eles percam sua perfeição última. Conforme explica Guru Padmasambhava em *Eliminating Inauspiciousness (Tendrel Nyesel)*¹, um tesouro revelado por Tertön Sogyal (1856-1926), embora as emanações da forma dos budas possam demonstrar aparentes erros, isso se deve às percepções volúveis dos seres comuns, que são como nuvens bloqueando temporariamente a luz do sol. O verdadeiro corpo do Buda, no entanto, permanece sendo o imaculado dharmakaya isento de forma.

A perfeição última do mestre às vezes é expressa em termos simples. Independentemente de o guru ser ou não de fato iluminado, segundo Jigme Tenpai Nyima (1865-1926), o ato de ensinar o Dharma se deve exclusivamente à inspiração e às bênçãos dos budas, e o papel do guru seria, portanto, o de um intermediário, similar ao de um médium espírita ou oráculo. O professor é um buda pelo fato de ser um canal através do qual a mensagem dos budas é disseminada. O que importa é aquilo que é transmitido, não o dispositivo empregado para isso. Outro famoso exemplo, o da velha mulher e o dente do cachorro, demonstra que a percepção do aluno é soberana: a natureza búdica está no olhar do observador.

O Dzogchen, ou Grande Perfeição, vai além, ao instruir seus seguidores a enxergar o professor não tanto como um buda de

I Nota da tradução: Eliminação da Inauspiciosidade, em tradução livre.

carne e osso, mas como um buda dharmakaya, além da carne (e dos inúmeros sobressaltos que lhe são característicos). Este ponto é vigorosamente reiterado num episódio da biografia de Khenpo Ngawang Pelzang (1879-1941). Em certa ocasião, enquanto ajudava seu idoso professor Nyoshul Lungtok (1829-1901/2) em uma ida ao banheiro, ele repetiu uma observação jocosa que seu professor havia feito sobre como seu cinto de pele de lobo se parecia com um rabo. Um comentário tão brando pode não nos parecer problemático, no entanto Nyoshul Lungtok repreendeu o aluno ao lembrá-lo de que considerar a forma do guru (incluindo suas vestes, ao que parece) como sendo ordinária poderia prejudicar seu progresso no caminho. Isso, por sua vez, nos remete à muito citada afirmação do Buda no Vajracchedikā Sutra (Sutra do Lapidador de Diamantes): “Aqueles que veem meu corpo como uma forma qualquer ou ouvem minha voz como um som qualquer adentraram um caminho equivocado; tais pessoas não me enxergam de fato.”

Considerando os diversos riscos e complexidades em questão, não é surpreendente que haja quem se sinta desencorajado a seguir um guru, ao menos de maneira formal. No entanto, na vida não há como se evitar alguma forma de devoção. Conforme destacou o escritor David Foster Wallace, todos veneramos algo, seja poder, dinheiro, princípios éticos ou intelecto. Em termos budistas, podemos dizer que cada um está trilhando seu próprio caminho. A questão não se limita ao destino desse caminho, mas também a quem mostra o caminho. Se pretendemos aprender com nossos próprios erros, assim como com os alheios, não é possível seguir despreocupadamente pela mesma rota sem ao menos fazer uma pausa para considerar certas questões. Isso posto, também não é necessário abandonarmos inteiramente o caminho que vínhamos seguindo e adotarmos outro, aparentemente mais

seguro, no qual encontraremos apenas uma nova versão das mesmas premissas, valores e ídolos. Permanece a opção de seguirmos guias sábios e compassivos, sejam eles interiores ou exteriores, humanos ou trans-humanos, como um meio que nos permite “enxergar mais longe”, enxergar além das limitações dos hábitos individuais e das convenções culturais.

Enquanto o budismo tibetano se esforça para pôr ordem na casa, o compromisso com a verdade se amplia para incluir questionamentos a respeito dos equívocos passados e de como evitá-los no futuro. Embora essa análise seja necessária e relevante, seria uma lástima se a busca por respostas descartasse totalmente formas mais transcendententes de busca pela verdade. Este livro não permite que se caia nisso. Ele evita respostas fáceis e qualquer tentação de dizer às pessoas simplesmente aquilo que desejam ouvir. Embora tal abordagem seja praticamente um convite à censura pelos automeados guardiões da ortodoxia nas mídias sociais, qualquer coisa aquém seria um desserviço a essa genuína tradição.

Adam Pearcey
Outubro de 2020

Introdução

HÁ MUITOS ANOS, fui abordado por uma brasileira que aparentava extrema ansiedade e estava tão nervosa que mal conseguia falar. Após várias tentativas frustradas, ela conseguiu me pedir uma audiência privada, então a conduzi a um local mais tranquilo e esperei que ela falasse. A mulher estava claramente indecisa a respeito de alguma coisa e desesperada para tomar uma decisão. Após um ou dois minutos ela se recompôs, enxugou no xale o suor das mãos e então pediu formalmente que eu a aceitasse como aluna. Era só isso! Ela queria que eu fosse seu guru vajrayana.

Ao longo dos anos recebi muitos desses pedidos, principalmente de não tibetanos (pessoas nascidas fora da região do Himalaia), o que em si é interessante e algo que abordarei mais adiante neste livro. Assim como aquela brasileira, muitas pessoas que me fazem esse pedido estão num tal estado de nervos que nem conseguem me olhar nos olhos e, segundo a minha experiência, os homens se estressam mais com o processo do que as mulheres. Infelizmente, a maioria dos assim chamados lamas raramente nota isso. Eu gostaria que nós, que aterrissamos no posto de mestre espiritual ou guru, fôssemos mais sensíveis a tudo que as pessoas de hoje estão dispostas a se submeter em nome de sua vida espiritual. É algo muito tocante. Nós, lamas, deveríamos prezar a ansiedade de nossos alunos em potencial. Por quê? Porque é um claro sinal de que eles perceberam que se colocar incondicionalmente nas mãos de outra pessoa, ainda mais nas mãos de um guru vajrayana, é realmente uma coisa muito séria, mas, apesar de tudo, decidem correr o risco.

É uma pena que hoje em dia os gurus logo fiquem entediados. Eles nem notam como é difícil para o aluno contemporâneo pedir a um professor que seja seu guru, ou quantas dificuldades as pessoas estão dispostas a enfrentar para fazê-lo. Mas os lamas não deveriam ficar tão nervosos quanto os alunos? Afinal de contas, a relação entre um guru vajrayana e seus alunos, além de ser mais complicada do que a relação entre um casal, também tem consequências muito maiores. Tecnicamente, um guru vajrayana que leve a sério seu voto de bodhisattva deveria considerar cada aluno como seu projeto principal, não apenas em termos da iluminação daquele aluno, mas também como um passo em direção à iluminação de incontáveis seres sencientes. Parece-me desconcertante que lamas como eu *não* fiquem com as palmas das mãos suadas, não tremam nem se atrapalhem cada vez que aceitam um novo aluno. Espero e rezo para que todos os futuros gurus fiquem tão ansiosos e apreensivos quanto seus alunos.

Lemos nos sutras que no passado os bodhisattvas abriam mão de absolutamente tudo de bom grado, incluindo suas próprias vidas, em troca de uma única estrofe do Dharma. Eu diria que o nervosismo e a apreensão que as pessoas atualmente experimentam quando pedem a alguém que seja seu guru vajrayana é muito semelhante ao sacrifício voluntário – a renúncia – dos bodhisattvas de outrora. Em algum momento, todos os seguidores da tradição vajrayana ouvirão de alguém que precisam de um guru. “A vida é curta! Seu tempo está se esgotando. Encontre logo um guru!” A pressão também pode ser exercida por alunos mais antigos bem-intencionados, mas excessivamente zelosos, que, na ânsia de vender as inigualáveis qualidades de seu querido guru, encurralam os alunos recém-chegados, os atraem e até mesmo pressionam a optar por um determinado guru antes da hora.

Se você é sensato e equilibrado o bastante para entender a enormidade do risco que corre ao se submeter a um guru vajrayana, ficará ansioso a respeito de todo esse processo. “Será que eu tenho a capacidade para embarcar nessa relação?” “Será que a minha guru tem a capacidade de fazer a parte dela?” “Será que ela é confiável?”

A sua ansiedade logo se converterá em receio se lhe disserem que, quando a relação entre o guru e o aluno vajrayana acaba mal, é o aluno quem vai direto para o inferno. Essa suposição é muito conhecida, mas totalmente equivocada. Em muitas passagens, os mais veneráveis textos tântricos afirmam que, se o vínculo entre guru e aluno realmente acontece, ambos alcançam a iluminação, mas se a relação fracassar, *ambos* irão para o inferno vajra. Portanto, os gurus também podem ir para o inferno. A menos, claro, que o guru seja um mahasiddha; neste caso, ele ou ela se certificará de que o aluno escape de um renascimento em qualquer dos reinos inferiores, incluindo o inferno vajra. O que é inferno vajra? Tradicionalmente, é dito que é o inferno reservado aos praticantes vajrayana que violam seus samayas e do qual é praticamente impossível escapar, mas este é outro assunto, que abordaremos mais adiante.

É claro que a relação guru-aluno *jamaís* deve se iniciar de forma leviana, mas isso acontece com frequência. E quando algo sai errado, a raiz do problema – o mal-entendido, equívoco ou erro cometido – pode facilmente ser rastreada até o momento em que o aluno colocou o pé no caminho Vajrayana pela primeira vez e iniciou sua relação com o guru.

UM

Eu e meus gurus

NASCI NUMA FAMÍLIA BUDISTA convicta e fui criado em um país budista por tradição. Nunca precisei pedir a Kyabje Sakya Trizin para que fosse meu guru. Nunca senti um nervosismo como aquele da brasileira, sem saber se meus gurus me aceitariam ou não como aluno. Nunca me perguntei: “Será que vou ser um bom aluno?” Talvez, subconscientemente, certa arrogância inata tenha impedido que tal pensamento me ocorresse. Nunca precisei analisar um guru nem aventar a possibilidade de que ele talvez não fosse confiável. Tampouco tive de procurar meu guru, pois nas regiões do Himalaia, como no Tibete e Butão, em geral os gurus são herdados. Os butaneses, por exemplo, simplesmente tomam o lama de sua aldeia ou o guru da família como seu guru vajrayana. Não há uma linha sequer nos textos vajrayana que justifique tal prática, mas em geral é o que acontece.

No meu caso, Kyabje Sakya Trizin se tornou um dos meus gurus porque o Mosteiro Dzongsar é um mosteiro Sakya e também porque foi ele quem me reconheceu como a encarnação de Jamyang Khyentse Chökyi Lodrö. Kyabje Dilgo Khyentse Rinpoche se tornou meu guru porque, após o falecimento de Khyentse Chökyi Lodrö, Kyabje Rinpoche assumiu muitas de suas responsabilidades e isso pareceu natural. Dudjom Rinpoche se tornou meu guru porque na aldeia onde nasci todos o viam como sendo Guru Rinpoche em pessoa. Tanto que quando eu ainda era bem pequeno, meus tutores me repreendiam se eu me relacionasse com o Rinpoche como meu avô. No entanto, nenhuma dessas razões se alinha com os conselhos fornecidos

nos textos vajrayana, o que significa que meus próprios gurus não foram escolhidos “conforme o manual”.

Recebi ensinamentos tântricos de algumas dezenas de gurus, quase todos ex-alunos de Khyentse Chökyi Lodrö. Nenhum deles foi escolhido por mim. Muitos foram escolhidos por Kyabje Dilgo Khyentse Rinpoche ou por algum outro dos meus gurus, porque seriam os lamas mais indicados para me conceder um determinado ensinamento ou *abhisheka*. Eu jamais recebi um ensinamento tântrico aleatoriamente! O simples fato de um guru tântrico estar visitando a região e ter sido aluno de Khyentse Chökyi Lodrö não significava que automaticamente eu deveria receber ensinamentos dele. Todos os ensinamentos que recebi e todos os gurus de quem os recebi foram rigorosamente selecionados por meus próprios gurus e tutores. Minha educação foi planejada com meticoloso cuidado. Quando eu era adolescente, lembro de ter tido a ideia de que deveria receber um determinado ensinamento de um mestre específico. Quando falei com Kyabje Dilgo Khyentse Rinpoche sobre isso, ele disse: “Deixe-me pensar a respeito.” E no dia seguinte ele disse: “Ainda não é a hora.” Para mim, a orientação dos meus gurus era como ter cada refeição preparada por um chef com três estrelas no Guia Michelin. Eu podia relaxar com a certeza de que todas as decisões deles quanto à minha educação seriam corretas. Tive sorte ou fui simplesmente mimado?

Até onde lembro, só precisei analisar com cuidado três gurus antes de solicitar que me dessem ensinamentos e, curiosamente, foram três mulheres: Sakya Jetsünma, minha tia Dechen-La e Lama Muntso. Desde então, recebi ensinamentos de Sakya Jetsünma e de minha tia Dechen-la, mas até agora ainda não tive o mérito de receber ensinamentos nem abhishekas de Lama Muntso, algo que continuo esperando e rezando para que ocorra algum dia.

Devo mencionar que, embora eu tivesse diversas oportunidades de receber abhishekas vajrayana de meu pai, Thinley Norbu Rinpoche, eu nunca quis. Nas raras vezes em que ele me pediu para organizar seus textos e arrumar o altar para que ele concedesse uma abhisheka, nunca fiquei por perto para recebê-la. Por quê? Porque eu não confiava na minha capacidade de manter a percepção pura dele como sendo meu guru vajrayana. Ele era meu pai, e minha percepção dele como pai era muito arraigada para que eu pudesse vê-lo como meu guru vajrayana. Assim, embora ele tenha concedido inúmeras vezes a abhisheka de Krodhikali, propositalmente jamais a recebi dele; mais tarde implorei à sua irmã que a concedesse em seu lugar. Tia Dechen-La vivia em Lhasa numa época em que era quase impensável viajar da Índia para Lhasa, de forma que nunca nos encontramos nas reuniões de família. Como eu mal a conhecia, era muito mais fácil enxergá-la como minha guru e estabelecer nossa relação guru-aluno sobre um alicerce mais firme.

Por mais que eu evite, muitas vezes me encontro sentado em ensinamentos e abhishekas que não solicitei nem pretendia receber, porque sou muito covarde para me levantar e ir embora. Sempre que isso acontece, sigo o conselho vajrayana de não participar de modo algum. Como eu não compareci ao evento com a intenção de receber a abhisheka, para mim, a pessoa que está realizando o ritual não está me concedendo uma iniciação. Em vez disso, meramente assisto à cerimônia, motivado pelo desejo de evitar uma atmosfera negativa ou indelicada. Desse modo, do meu ponto de vista, eu não recebo a iniciação.

Todos os meus gurus foram e são as pessoas mais afáveis que poderiam existir, particularmente Kyabje Sakya Trizin, Kyabje Dilgo Khyentse Rinpoche e Kyabje Dudjom Rinpoche. Sempre

amáveis e acolhedores, cuidaram de mim de forma exemplar. Não me recordo de nenhum deles sequer levantar a voz para mim, muito menos de me instruírem a realizar alguma tarefa impossível, do tipo “construa uma torre de nove andares até o pôr do sol”, nem de me baterem com um coçador de costas. Quando eles me contavam histórias de como Milarepa havia sido repetidamente espancado por seu professor Marpa, nem por um instante imaginava que estivessem considerando fazer o mesmo comigo. Eu achava as histórias que eles contavam sobre Marpa e Milarepa incrivelmente inspiradoras. Afinal, nasci num lugar e numa época em que tais histórias eram contadas para nos inspirar a praticar o Dharma, não para servir de apoio a ações judiciais que reivindicam abuso emocional, ou como justificativa para um aluno abandonar o caminho Vajrayana. Nunca me perguntei se seria possível um homem construir sozinho um edifício de nove andares, não apenas uma, mas onze vezes. A ideia: “Será que essa história faz sentido?” nem me passava pela cabeça. Eu não pensava desse jeito. Seria Milarepa um arquiteto experiente? Seria possível que Naropa tivesse realmente sobrevivido à queda de um edifício alto? Eu não sabia nem me importava com nada disso. Nenhum de nós se importava. O que nos inspirava era a obstinação de Milarepa e Naropa em receber os ensinamentos do Dharma. Para nós, a inspiração era mais importante que a credibilidade dos detalhes, e posso dizer com toda a sinceridade que considero tais histórias ainda mais inspiradoras hoje do que achava há mais de meio século. Isso faz de mim uma pessoa ingênua e infantil? Provavelmente. Mas quem não é?

Atualmente, as pessoas tendem a colocar os relatos de vida de Milarepa e Naropa na mesma categoria dos mitos e contos de fadas. Em seu artigo *Porque abandonei a Guru Yoga*¹, Stephen Batchelor sugere que Tilopa e Naropa eram persona-

gens de fábulas e suas biografias, meras alegorias. Incapaz de concebê-los no cenário contemporâneo, ele prefere acreditar na impossibilidade absoluta de sua existência. Eu, por outro lado, prefiro acreditar não apenas que Milarepa e Naropa de fato existiram, mas também que suas histórias são verdadeiras.

Sempre existiram seres humanos dispostos a fazer sacrifícios para realizar seus objetivos. Dançarinos, pintores e músicos sofrem muitas dores e, em certos casos, bullying intenso em nome de sua arte. Já ouvi dizer que, por tradição, o primeiro passo no treinamento de um aprendiz de tabla é tocar pedras em vez de tambores, e que às vezes amarram pedras nos pulsos para aprender o posicionamento correto das mãos. Ativistas sociais continuam a suportar a prisão e até mesmo a tortura em busca de liberdade e igualdade. Aparentemente, a medida do sofrimento que estamos dispostos a suportar em troca de uma boa educação depende daquilo que desejamos alcançar na vida. Se o seu objetivo é viver seguro na sua zona de conforto até morrer, é improvável que você se disponha a enfrentar desafios ou correr riscos. Por outro lado, se a sua maior ambição é ser uma bailarina profissional, você não desistirá por causa de pés ensanguentados; se deseja ser um dançarino kathakali, aprender a inserir sementes sob as pálpebras para que o branco de seus olhos adquira o vermelho tradicional será algo emocionante.

Nelson Mandela teria desafiado o apartheid se sua prioridade fosse seu próprio conforto e bem-estar?

Percepções culturais: humildade

Embora eu considere a humildade e o respeito genuínos que meus gurus sempre me demonstraram como ser humano como algo perturbador, meu desconforto sempre esteve mesclado com admiração e até mesmo perplexidade. Meus gurus sempre

agiam com humildade, não apenas em relação a mim, mas a quem quer que fosse. Sempre que concediam um ensinamento, arrematavam seus conselhos dizendo: “Quem sou eu para lhe dizer o que fazer? Não é minha atribuição! Infelizmente, aqueles de fato habilitados a oferecer tais conselhos já não se encontram mais entre nós e é só por isso que a tarefa recaiu sobre meus ombros.” (Atualmente são inúmeros os lamas que dizem o contrário: “Preste atenção e leve muito a sério tudo o que digo, porque sei exatamente o que estou falando!”)

Muitos anos mais tarde, tentando praticar a humildade perante meus alunos, falei com eles do mesmo modo que meus gurus falavam comigo. É claro que agora sabemos que o contexto cultural é um fator muito importante quando se ensina o Dharma; mas, naquela época, eu não tinha a menor noção disso. Desse modo, fui pego despreparado quando uma mulher ficou extremamente contrariada quando eu disse que a única razão para eu lhe oferecer conselhos era que não havia mais ninguém disponível. Além disso, acrescentei que eu não era altamente realizado nem tampouco um erudito. Ela ficou furiosa comigo por meses a fio. Se eu realmente era um qualquer, disse ela, qual o sentido de ela ser minha aluna? Não é preciso dizer que ela não era tibetana nem butanesa. Na cultura do Himalaia, os alunos aprendem a admirar a modéstia do guru. De algum modo, o mérito dessa mulher para “encontrar o guru certo” não estava acompanhado pelo mérito de se sentir inspirada pela humildade.

O que teria acontecido se eu tivesse me vendido como um “figurão” espiritual, como agora fazem tantos gurus? E se as pessoas gostassem de toda a hipérbole pomposa e se convencessem que sou algum tipo de santo? A longo prazo, isso não criaria uma situação muito mais perigosa do que simplesmente descobrir que a pessoa que está lhe ensinando

budismo é apenas um cara comum? Acho espantoso que tantas pessoas no mundo de hoje se disponham a receber ensinamentos de gurus que declaram abertamente que são iluminados, oniscientes e onipotentes. Se o guru for realmente iluminado e tudo mais, não há problema; mas e se não for? E se for um golpe? Não seria preferível ser orientado por um guru que lhe diga com honestidade que, embora não sendo iluminado, pode lhe oferecer alguns conselhos que foram minuciosamente examinados e testados, em vez de correr o risco de ser enganado por um guru autoproclamado? E se a sua decisão de seguir um fanfarrão implicasse a perda da oportunidade de receber ensinamentos de um guru humilde e modesto que, no fim, se mostrasse mesmo iluminado? Você não se arrependeria de ter perdido tal oportunidade? Parece que hoje em dia os alunos se sentem atraídos pela conversa dos fanfarrões e, quando ele ou ela os decepciona, abrem um processo. Essa decepção poderia ser inteiramente evitada se os alunos fizessem um pouquinho mais de esforço e analisassem o guru antes de mergulhar fundo nisso.

Quando minha mente amadureceu por completo, eu já havia sido exposto às culturas ocidentais e às obras literárias que estimulam a curiosidade intelectual e o pensamento crítico. No ocidente você é ensinado a pensar por si mesmo, a analisar e questionar. Assim que descobri como esse espírito investigativo funcionava, aquilo começou a afetar minha maneira de pensar. As palavras do Buda, porém, continuaram a ter uma influência preponderante sobre mim.

O Buda disse que devemos examinar um professor antes de ele ou ela se tornar nosso guru, e que nunca devemos seguir uma pessoa apenas porque ela é carismática, divertida ou famosa. Antes e acima de tudo, ele disse, devemos seguir o ensinamento e não o professor. Algum tempo atrás, decidi

tentar seguir esse conselho, embora retrospectivamente. Comecei por aplicar uma certa curiosidade intelectual, ao estilo ocidental, a alguns dos meus gurus. É claro que acabei ainda mais convencido das qualidades deles do que quando era criança. Ainda assim, quebrei a cabeça tentando lembrar de algum ponto fraco de Kyabje Dilgo Khyentse Rinpoche, Kyabje Dudjom Rinpoche e Kyabje Sakya Trizin, e em seguida filtrei essas memórias, passando-as pelo crivo daquilo que aprendi sobre as sensibilidades do século XXI. O resultado foi que me arrependi mais profundamente do que sou capaz de expressar por não ter me atirado de cabeça aos pés deles e implorado para que me aceitassem como aluno – corpo, fala e mente. Se eu pudesse apertar o botão de retrocesso da minha vida, é isso o que eu faria. Se eu tivesse sido capaz de lhes implorar que me aceitassem dessa maneira, eu teria purificado uma infinidade de obscurecimentos e acumulado oceanos de mérito.

Tulkus: o ganha-pão da família?

Talvez alguém se surpreenda ao saber que não me candidatei ao meu posto de professor, mas que ele foi herdado. Quando eu era jovem, os tibetanos que haviam se tornado refugiados no final de 1950 e início de 1960 sentiam uma necessidade urgente e totalmente compreensível de preservar sua cultura, sua tradição e o Dharma. Como resultado, dada a minha bagagem familiar, minha futura profissão nunca esteve em questão. Em geral, ser um lama é um trabalho lucrativo; no entanto, posso afirmar com certeza que a motivação de minha família ao permitir que eu fosse treinado como professor nunca foi o próprio proveito. Eles jamais me consideraram um arrimo de família e não tenho lembrança de alguma vez terem se beneficiado materialmente da minha posição – muito pelo contrário.

Meu pai, Thinley Norbu Rinpoche, se opunha veementemente a qualquer um que ganhasse a vida com o Dharma e era famoso por suas incisivas e bem fundamentadas reprimendas. Quando fui nomeado como a encarnação de Jamyang Khyentse Chökyi Lodrö, em vez de me dizer que estava orgulhoso, ele disse que teria preferido que eu fosse um gomchen anônimo, um praticante comum. Por quê? Porque ele temia que, sendo um Tulku Khyentse, eu me tornasse orgulhoso e egoísta, e acabasse manchando o nome de Khyentse Chökyi Lodrö. Ele também se preocupava com a possibilidade de eu acabar incorrendo em pesadas dívidas kármicas ao aceitar presentes de pessoas que precisavam trabalhar muito duro para viver.

Embora raramente nos encontrássemos, as primeiras palavras que meu pai me dirigia sempre eram algum tipo de repreensão – e em geral ele tinha razão. A única carta que ele me enviou inicia com um belo verso de homenagem aos budas, bodhisattvas e gurus, seguido por dez páginas de requintados versos, cada qual consistindo em uma belíssima bronca. Ninguém gosta de ser repreendido, mas meu pai era um escritor brilhante e eu adorava sua poesia. Li suas palavras repetidamente, até sabê-las de cor. Ainda me lembro da maior parte delas, e meus tutores me ensinaram a apreciar a preciosidade de cada sílaba.

Para meu pai, ter um tulku como filho podia ser qualquer coisa menos um bilhete premiado, como se pensa agora. A atitude dele era o inverso do atual materialismo espiritual — e eu realmente o admirava por isso. Muitas famílias se acotovelam para promover os filhos à posição de professores, pelas vantagens e privilégios incluídos.

Ser lama: uma faca de dois gumes

Não posso dizer que eu não gosto de um ou outro privilégio da vida de lama. Sempre me oferecem os melhores lugares, nunca espero numa fila, nunca me falta companhia e é provável que o rótulo de Rinpoche tenha me tornado mais atraente ao sexo oposto. Todo privilégio, porém, tem outro lado. Muitas vezes a vida de um lama é estressante por causa dos infundados, ilógicos e injustos pressupostos e expectativas das pessoas. O pacote “ser lama” inclui a necessidade de se estar em contato não apenas com um grande número de alunos diligentes, sensatos e lúcidos, mas também com o grupo mais restrito daqueles que sofrem de uma autoaversão debilitante, que os leva a projetar sobre o lama um número inimaginável de expectativas e suposições. Muitas vezes os lamas se sentem solitários e entediados, ao mesmo tempo que são o centro das atenções, o que nunca é confortável. Cada aspecto da vida de um lama é esmiuçado e discutido longamente, o que pode parecer invasivo. Por um tempo, eu tive a paranoia de me certificar de que todas as minhas mensagens de texto e conversas do WeChat fossem devidamente apagadas, mesmo as mais inocentes. Mas agora eu salvo cada palavra, para o caso de precisar apresentar provas. Até mesmo sorrir para alguém pode ser arriscado – como serei interpretado? E agora que todo mundo é um fotógrafo totalmente equipado, cada olhar ou gesto meu é capturado e estampado nas redes sociais, gerando infundáveis especulações. Cada palavra que um lama profere, ainda mais em público, é interpretada de forma tão livre que o branco frequentemente se torna preto. Não posso mais fazer uma brincadeira ou provocar alguém. Cada palavra que eu diga – até sobre Donald Trump – é levada a sério!

Ironicamente, os lamas que vivem sob os holofotes também acabam sendo invejados, não apenas por seus assim chamados alunos, mas também por outros lamas. Já que a hipocrisia e o fingimento se encontram institucionalizados no budismo tibetano e são transmitidos verbatim para a próxima geração, a inveja que um lama sente por outro raramente transparece em público. Eu me pergunto como os detentores de linhagem lidam com isso, especialmente os das gerações mais jovens.

Teria eu sido mais feliz como violoncelista ou advogado? Será que meu pai tinha razão? Será que eu deveria ter sido um gomchen desconhecido? Quem sabe...?

DOIS

Meu primeiro encontro com alunos ocidentais

A PRIMEIRA VEZ que ensinei não tibetanos foi em Katmandu, em 1978. Em retrospecto, embora eu estivesse totalmente despreparado para ensinar os “*injis*” (os ocidentais), lembro bem de me sentir muito curioso a respeito do ocidente. Numa época em que a maioria dos meus colegas Rinpoches não tinha qualquer interesse pelo mundo moderno, eu queria saber tudo. De onde vinham esses hippies cabeludos? Qual era a deles? Eu não fazia ideia. Como poderia? Até onde eu podia ver, tudo o que eles tinham em comum entre si eram os olhos azuis, cabelos castanhos, ruivos e loiros e a pele clara. Eu não sabia nada sobre o movimento contra a guerra do Vietnã nem sobre Allen Ginsberg ou os Beatles.

Eu tinha 17 anos e estava fascinado por fotografia. Lembro-me de como era emocionante discutir fotografia com Ani Lodrö Palmo, que tinha estudado artes na Rhode Island School of Design. E de como fiquei encantado com minha primeira câmera 35mm – uma Minolta que Jakob Leschly me deu. Eu estava tão ansioso para aprender sobre o ocidente quanto os injis estavam para aprender sobre o Dharma. Mas nem por um momento considerei como o contexto cultural, espiritual e político deles poderia influir no modo como entendiam o que eu lhes dizia. Honestamente, eu não tinha certeza se o interesse dos injis pelo Dharma do Buda era de fato genuíno. Como saber? Eles podiam estar simplesmente fascinados pelas

culturas asiáticas exóticas, assim como eu estava enfeitiçada pela fotografia – ou chapados de ganja.

No final da década de 1970, a visão que os tibetanos tinham dos ocidentais era dividida. Fundações e programas governamentais eram extremamente generosos com o povo tibetano. Os tibetanos começaram a se dar conta do surpreendente número de indivíduos simpáticos que se dispunham a patrocinar monges e lamas, a construir escolas e mosteiros, além de apoiar com entusiasmo o trabalho dos tibetanos para reavivar as brasas quase extintas de sua cultura. Nesse processo, os tibetanos se acostumaram a ver todos os ocidentais como patrocinadores. Os patrocinadores ocidentais devem ser ricos, pensavam eles, simplesmente porque eram todos tão generosos. Levou um bom tempo para que nós, lamas, começássemos a nos dar conta de que, na realidade, alguns dos nossos patrocinadores eram muito mais pobres do que nós. Também se supunha que a maioria dos ocidentais fossem hippies, principalmente porque aqueles que encontrávamos, em geral, tinham cabelos longos, unhas cuidadosamente pintadas e vestiam jeans. Embora fosse óbvio que os ocidentais estavam curiosos sobre o Dharma, a maioria dos tibetanos duvidava de que eles fossem levar a sério o estudo e a prática.

Dito isso, nenhum dos meus primeiros amigos ocidentais era ingênuo ou iletrado. Alguns tinham diplomas de Oxbridge e das universidades da Ivy League e, portanto, não eram uns idiotas. Quase todos tinham ido a Katmandu para receber ensinamentos de grandes mestres como Kyabje Dilgo Khyentse e Kyabje Dudjom Rinpoche, portanto não tinham necessidade de perder seu tempo precioso comigo. O fato de que o faziam demonstrava o que os budistas descrevem como o funcionamento da conexão kármica, das dívidas kármicas e dos vínculos kármicos. Muitos dos ocidentais que conheci

naquela época se tornaram praticantes do Dharma por toda a vida. Muitas vezes me perguntei por que Ani Lodrö Palmo, Charles Hastings, Sandra Scales e o resto da turma perdia tempo ouvindo um adolescente que mal falava inglês. Será que eles conseguiam entender o que eu estava dizendo?

Como nenhum dos meus professores me preparou conscientemente para ensinar um público de não tibetanos, eu não fazia ideia de como falar sobre o Dharma com pessoas que não tivessem crescido em meio a bandeiras de oração e estupas, ou cantando músicas do Dharma. Aqueles injis não consideravam as deidades com cabeça de animais como seres divinos, muito menos como representações de sua verdadeira natureza e, certamente, não tinham qualquer apreço pelo paradoxo que é a não dualidade de vacuidade e aparência. Muitos aspectos do budismo tibetano devem ter soado bem difíceis de aceitar, especialmente a Guru Shishya Parampara (a linhagem de aprendizagem mestre-discípulo), que está quase extinta nas culturas modernas. Portanto, não me passava pela cabeça que, quando um europeu ou australiano pedia a um lama tibetano para que fosse seu guru, poderia, na realidade, estar buscando uma figura paterna, um companheiro, um amante, um salvador semidivino, um padre confessor ou simplesmente um amigo simpático com quem passar o tempo.

Também é preciso dizer que, em geral, os lamas tibetanos consideram os injis como sendo bárbaros e incivilizados. Os lamas nunca percebem que os ocidentais são bem instruídos, analíticos e sistemáticos. Eles estão totalmente alheios ao valor que as culturas ocidentais dão ao pensamento crítico e ao espírito inquiridor. Uma boa parte dos ocidentais que conheci são mais abertos a novas ideias do que a maioria dos himalaíais. Quando eu era jovem, os praticantes tibetanos, butaneses e nepaleses do budismo tântrico simplesmente não estavam

interessados em nada que estivesse fora do seu contexto referencial imediato. Os ocidentais também têm uma intensa noção de espiritualidade que, novamente, poucos lamas tibetanos percebiam.

No que diz respeito aos tibetanos, todos os ocidentais são materialistas. No entanto, é provável que eles tivessem mudado de ideia se tivessem prestado um pouco mais de atenção à cultura ocidental. Os pensadores e artistas mais estimados e valorizados do mundo moderno, e filmes como *Meu jantar com André*, que pergunta, entre outras coisas, se seríamos mais felizes se tentássemos viver o presente de forma espontânea, são um mistério para os tibetanos. Além disso, por séculos, o foco de grande parte da música, arte e literatura ocidentais – cuja vasta maioria é muito superior a seus equivalentes tibetanos – foi louvar e venerar a Deus.

Mesmo nos dias de hoje, seis décadas após o budismo tibetano ter iniciado seu êxodo da Terra das Neves, a maioria dos lamas não sabe quase nada sobre o mundo que está além da fronteira de sua terra natal. Muitos creem que a vida no ocidente seja como um filme hollywoodiano comum, banal e estereotipado. Os lamas ainda não notam que seus alunos ocidentais são profundamente influenciados – conscientemente ou não – pela história, crenças religiosas, ética, moralidade e tudo o mais que permeia a linguagem, literatura, canções, arte e teatro deles, além de dar o tom de suas definições de moralidade e ética.

Eu próprio constatei inúmeras vezes que os ocidentais podem se livrar sem relutância de suas raízes religiosas e culturais para aprender o Dharma. Supostamente, nós, os lamas, deveríamos ajudá-los, mas não é o que acontece. Se não conseguimos nem perguntar sobre os sintomas, como poderemos começar a diagnosticar os problemas deles, quanto mais oferecer soluções?

Trungpa Rinpoche

Chögyam Trungpa Rinpoche foi o primeiro lama tibetano a se interessar de fato pelos ocidentais e sua cultura e, lamentado dizer, pode ter sido o último. Eu mesmo não tinha nem começado a perceber o quanto os pontos de vista ocidentais são totalmente diferentes dos tibetanos até ver como Trungpa Rinpoche apresentou o Dharma ao ocidente.

Os métodos de Trungpa Rinpoche foram pensados nos mínimos detalhes. Recordo-me de ver os alunos da Shambhala no Karmê Chöling, em Vermont, sendo treinados como soldados. Mais tarde fiquei sabendo que Trungpa Rinpoche insistiu para que batessem continência no estilo inglês, em vez do americano. Ele também pediu aos alunos americanos que praticassem dicção repetindo inúmeras vezes “Cathy’s hair is black” com sotaque inglês. Inicialmente aquilo me pareceu um desperdício ridículo de tempo precioso. O que Rinpoche estava fazendo? Levei muitos anos para começar a apreciar seus métodos.

Nas cerimônias vajrayana dos mosteiros tibetanos, os monges sentam-se em fileiras perfeitas, cantam em uníssono, batem tambores e tocam trombetas em rituais cuidadosamente coreografados, que têm sido realizados exatamente da mesma forma por séculos. Os monges do mosteiro de Mindrolling são famosos pela perfeição de suas práticas em grupo. Cem monges conseguem pegar os vajras e sinos ao mesmo tempo sem fazer o menor som. Os rituais vajrayana são uma parte importante da cultura tibetana e são métodos eficazes para alinhar corpo e mente. De certa forma, são uma espécie de prática de atenção plena. Como levar para os não tibetanos esse método tão tibetano? É provável que Trungpa Rinpoche tenha sido o único lama com a coragem e a criatividade para

tentar. Ele ensinou aos alunos americanos práticas militares, como a marcha em formação dos soldados, e lhes deu aulas de dicção inglesa para torná-los mais conscientes de si. Eu considero as ideias dele brilhantes.

Assim como é necessário um dedo para apontar para a lua, os seres humanos deludidos precisam de um recipiente, uma cultura, para conter a sabedoria que desejam manter. A cultura tibetana deveria ser importada tal qual é para a América? Não, disse Trungpa Rinpoche, não deveria. Por que importar um dedo tibetano para apontar para um dedo ocidental, se o que de fato queremos é apontar para a lua? É inútil. É possível adaptar os ensinamentos sobre a não dualidade a um recipiente forjado por valores e tradições judaico-cristãos? Possivelmente. Muitos de nós admiramos a tentativa corajosa, embora um tanto avant-garde, de Trungpa Rinpoche. Ainda assim, as notícias de seus experimentos levantaram várias sobrancelhas nos Himalaias, até mesmo entre os poucos ocidentais que já haviam sido inteiramente marinados na cultura tibetana.

O que estou tentando dizer é o seguinte: leva tempo para se descobrir como apresentar o Dharma a alunos de outras culturas. Leva tempo, é preciso planejamento, perspicácia e diligência. E a mera sugestão de mudar algo, inevitavelmente, atrai críticas severas. Qual de nós tem a coragem de pedir aos americanos que pronunciem suas vogais como os ingleses? Ou de vestir um bando de hippies em uniformes militares? Até mesmo a disposição do altar de Trungpa Rinpoche era uma obra-prima, que não sobrecarregava os alunos ocidentais com tibetanismos nem se distanciava demais da tradição tibetana. Ele optou por usar terno e gravata em vez dos pesados brocados e chapéus, e chamava a si mesmo de “Mukpo”, que significa “Brown”. Trungpa Rinpoche jamais bombardeou os alunos com nada da parafernália tibetana, mas nem por isso perdeu

de vista suas raízes tibetanas. As tradições com as quais ele cresceu foram adaptadas ao local, à época e às pessoas que ele ensinava. E ele habilmente entremeou tudo isso com aspectos da estética japonesa, tão admirada por ele e seus alunos.

Trungpa Rinpoche, grande visionário que era, morreu jovem demais. Sua morte representou não só uma grande perda para o Dharma, mas para todo o futuro do budismo no ocidente. Devo admitir que, no início, também critiquei seus métodos. No entanto, aos poucos fui percebendo que, já que agora estamos ensinando pessoas tão diversas, devemos levar em consideração a formação cultural e a geração a que pertencem.

O que mais me incomoda é que se fale mais do comportamento excêntrico de Trungpa Rinpoche do que da sua corajosa e criativa abordagem ao ensinar os americanos. Da mesma forma que os pais passam horas a fio balbuciando como bebês com seus recém-nascidos, Trungpa Rinpoche voluntariamente absorveu tudo o que pôde da cultura americana e então tentou se comunicar com os alunos americanos no nível deles. Quantos outros lamas sequer tentaram fazer o mesmo?

TRÊS

Mais por acaso do que por intenção

HOJE SABEMOS QUE O BUDA NASCEU NO HIMALAIA, no Nepal atual, e depois passou a vida vagando pela região ao norte da Índia, que se encontra ao sul do Nepal. No entanto, 300 anos atrás, após 700 anos sob o jugo muçulmano, a Índia já tinha quase se esquecido do Buda. Mas um dia, alguns excêntricos colonizadores britânicos e administradores de plantações de chá se deixaram enfeitiçar pela língua e cultura nativas². No curso de seus estudos do sânscrito, eles se depararam com os ensinamentos do Buda. Um oficial do exército britânico, chamado Alexander Cunningham, redescobriu Bodhgaya. Graças a ele, hoje em dia é possível visitar o local exato onde o Buda se iluminou.

Ao longo do século XIX, o interesse da Europa pelo Buda cresceu à medida que eram divulgados relatos de novas descobertas na Índia. O primeiro relato histórico geral do budismo indiano, *Introduction à l'histoire du Bouddhisme indien*¹, foi publicado em 1844 pelo erudito francês Eugène Burnouf. É bem sabido que o filósofo alemão Arthur Schopenhauer descreveu o budismo como “a melhor das religiões possíveis” e até mesmo Friedrich Nietzsche se interessou pelo budismo, embora pelas razões erradas. Carl Jung, psiquiatra suíço, escreveu:

“Visitei os locais sagrados do budismo na Índia e fiquei profundamente impressionado com eles, muito além do que havia lido na literatura budista. Se eu fosse um indiano, com certeza seria budista. No ocidente, porém, temos outros pressupostos.”³

II Introdução à história do budismo indiano, em tradução livre.

A migração também desempenhou um papel importante na propagação do budismo durante o século XIX. Na década de 1840, os budistas chineses começaram a emigrar para os Estados Unidos e, na década de 1870, foram os primeiros a levar o budismo para a Austrália. Na década de 1950, os vietnamitas se refugiaram nos Estados Unidos, onde estabeleceram as primeiras instituições budistas do ocidente. Na época em que os tibetanos estavam se instalando na Índia, na década de 1960, o budismo começou a atrair muita atenção, em grande parte graças aos hippies e à “trilha dos hippies”, à ganja, aos beatniks, aos Beatles, à meditação transcendental e à guerra do Vietnã.

Por séculos, missionários cristãos viajaram para o oriente para disseminar o Evangelho e converter os nativos. Assim, os asiáticos nunca precisaram buscar os ensinamentos cristãos. Com os ocidentais deu-se o oposto. Ouvi histórias muito comoventes sobre as rotas aleatórias que levaram o budismo até o Reino Unido, Estados Unidos e Europa, especialmente histórias sobre os hippies que seguiram os Beatles até a Índia, toparam com o budismo por acaso, ligaram-se à meditação transcendental e começaram a fazer yoga. Entre os que se interessaram pelo budismo naquela época, poucos estavam especificamente em busca da iluminação, de modo que não fizeram quase nenhum tipo de pesquisa ou averiguação. Tudo isso fez com que a jornada de séculos do Dharma do Buda ao ocidente tenha sido, na melhor das hipóteses, um tanto errática. Mas, apesar da introdução caótica, o resultado de se ter os ensinamentos budistas na Europa, Américas e Austrália em geral tem sido positivo. De fato, a única desvantagem foi que muitos desses novos budistas ficaram com equívocos difíceis de superar e com padrões habituais profundamente enraizados.

A propagação do Dharma do Buda no oriente

Séculos antes de sua chegada ao ocidente, a jornada do Dharma do Buda até a China, Japão e Tibete foi bem menos arbitrária. Acho que podemos dizer que os ensinamentos budistas chegaram ao Tibete graças ao patrocínio estatal, uma vez que sucessivos reis tibetanos levaram o país à falência para garantir que a Palavra do Buda criasse raízes em seu reino. Como o projeto estava sob a tutela do rei e havia recebido total apoio do governo, os gurus autoproclamados precisavam pensar duas vezes antes de se declarar professores budistas autênticos. Na China, o envolvimento pessoal da imperatriz Wu na tradução de textos budistas para o chinês elevou exponencialmente o padrão de qualidade das traduções — quando a soberana chefe de Estado fazia uma encomenda, a tradução precisava ser perfeita. O budismo floresceu assim na Ásia durante algum tempo e, em maior ou menor grau, continuou a prosperar por muitos séculos. Inevitavelmente, no entanto, as portas para a corrupção institucional haviam se escancarado.

O Tibete ocupava uma posição única no mundo. Tendo fechado suas fronteiras aos estrangeiros, quase nenhum tibetano tinha motivo para viajar ou aprender outras línguas. Pouco se sabia sobre o mundo exterior e nada sobre outras religiões. Até muito recentemente não havia nenhuma livraria no Tibete especializada em obras espirituais (a Amazon.com só foi inventada na década de 1990), o que significa que os tibetanos não tiveram a oportunidade de escolher entre *Mente Zen*, *Mente de Principiante* e uma introdução ao budismo Theravada — eles nem sequer suspeitavam da existência desses livros. Nenhum dos grandes estudiosos da Terra das Neves tinha ouvido falar de Platão ou de seu Simpósio; nem mesmo o Tao Te Ching de Lao Tzu havia cruzado a fronteira da China.

Se algum desses livros tivesse aparecido no Tibete, a reação mais provável teria sido a desaprovação, principalmente dos responsáveis pelos mosteiros. Para o resto do mundo, o Tibete era uma terra romântica, misteriosa, mágica e proibida. Mas, como acontece em tantas civilizações fechadas, os tibetanos acreditavam que, uma vez que o Dharma estava tão presente dentro de suas fronteiras, habitavam o centro do universo, e ficavam paranoicos com a ideia de serem contaminados pelos estrangeiros.

Agora estou no meu sexagésimo ano de vida e posso dizer com sinceridade que nunca ouvi uma canção tibetana — ou qualquer tipo de música tibetana — que chegasse aos pés da beleza da Sinfonia Pastoral de Beethoven. Tampouco li algum romance tibetano que fosse tão cativante quanto o Conto de Genji, de Murasaki Shikibu, ou um livro tibetano sobre estratégia militar tão brilhante quanto A Arte da Guerra, de Sun Tzu. Na verdade, até onde eu saiba, não existem romances nem sinfonias no Tibete; se existissem, dado meu interesse por música e literatura, com certeza já teria me deparado com algum deles.

Os tibetanos habitavam um mundo próprio, e é por isso que podiam empregar um termo budista como “Hinayana” sem considerar seu real significado. Eles eram desprovidos das sensibilidades que levam os budistas de hoje a se encolher de vergonha quando os discípulos shrvakayana são descritos como “aqueles que andam em carrinhos” ou “aquelas pessoas humildes e infantis.” E, para surpresa de ninguém, os tibetanos sempre menosprezaram tudo o que não fosse tibetano.

Por mil anos, de um jeito ou de outro, todos os tibetanos estiveram conectados a alguma espécie de budismo Vajrayana, que está presente nas bandeiras e rodas de oração, nos símbolos tântricos secretos que figuram nas tradicionais pinturas das

thangkas, assim como nas estátuas de deidades com aparência demoníaca, com cabeça de porco, coroa de crânios humanos e em união com suas consortes. O budismo Vajrayana está entrelaçado no próprio tecido da vida tibetana. Símbolos tântricos secretos continuam a ser ostentados abertamente, da mesma forma que os irlandeses ostentam sua bandeira pátria, an trídathach, nos desfiles do Dia de São Patrício em Dublin e Nova Iorque. Pessoas ou jornais estrangeiros raramente chegavam ao país, o que significa que os tibetanos nunca foram expostos a qualquer crítica à sua cultura. Imaginem o quanto um repórter hipercrítico do New York Times do fim do século XIX teria se deleitado em denunciar a arte espiritual pornográfica do Tibete, exposta a todos, e em acusar os tibetanos de cultuar o demônio. É verdade que ao longo dos anos uma ou outra missão católica ou islâmica se estabeleceu no Tibete, mas, por mais obscena que lhes parecesse a arte sagrada do Tibete, os padres e imames prudentemente se abstiveram de qualquer comentário. Tenho certeza de que devem ter compartilhado seus verdadeiros sentimentos a respeito da impropriedade da arte erótica tibetana ao retornar para casa, mas no Tibete eles eram diplomáticos e discretos.

Os próprios tibetanos estão de tal forma acostumados a símbolos tântricos que já não os veem como realmente são e não questionam como alguém de fora poderia interpretá-los. Do ponto de vista do Dharma, e particularmente do tantra, as consequências dessa cegueira são variadas. O Dharma do Buda e a sabedoria vajrayana foram de suma importância para os tibetanos, o que foi bom para o país como um todo. Mas, quando a cultura tibetana sequestrou o Vajrayana — e eu devo ser o milionésimo lama a dizer isso, — foi um verdadeiro desastre para o Dharma do Buda, especialmente para o Vajrayana. Assim que os símbolos vajrayana que aparecem

nas bandeiras de oração, thangkas e assim por diante foram incorporados ao cotidiano do Tibete, a ideia de que o tantra deveria ser mantido em segredo foi completamente perdida. Enquanto o Tibete estava isolado e todos compartilhavam da mesma percepção, essa falta de sigilo não teve muita importância. Mas assim que a Terra das Neves foi escancarada e os lamas começaram a debandar para a Índia e para o ocidente, a perda do sigilo adquiriu enorme importância.

Antes do exílio, a vasta maioria dos lamas jamais havia ouvido falar das poderosas e sólidas religiões que dominam bilhões de pessoas neste planeta. Até então, nada os havia preparado para as pessoas sofisticadas e instruídas do século XX que começavam a conhecer, pessoas que compreendiam a mecânica quântica e cujas ambições eram chegar até a Lua ou Marte, construir a mais longa das pontes ou projetar o edifício mais alto do mundo. Subitamente, os lamas se viram rodeados de pessoas com aspirações e estilos de vida completamente diversos dos seus. De uma hora para outra, tiveram de encarar o fato de que nem todo mundo tinha uma inclinação para o budismo. Deve ter sido um choque e tanto. Pior ainda, os lamas se viram confrontados com a existência de religiões com dezenas de milhões de devotos, que ensinavam filosofias tão sofisticadas quanto os ensinamentos do Buda, e cujos ritos e culturas eram, provavelmente, ainda mais elaborados que os seus. Consideremos por exemplo a música sacra cristã, que é muito mais bela, variada e refinada do que a música ritual tibetana. As imensas instituições religiosas deste mundo exercem um poder inimaginável, e suas grandes universidades vêm ensinando teologia e artes liberais por um milênio. Os cristãos nunca se contentam com meramente sentar nas suas igrejas e rezar; sua missão é pregar aos enfermos e necessitados e salvar almas — e por isso os missionários cristãos viajam

pelo mundo com o objetivo de construir hospitais e escolas enquanto pregam o Evangelho.

Como refugiados, os lamas acabaram vivendo em países onde as normas e expectativas sociais, as noções de individualidade e educação, em nada se assemelham às tibetanas. No entanto, em vez de se esforçarem para conhecer o cenário de suas culturas adotivas ou considerar como as imagens tântricas poderiam ser interpretadas na Suíça ou na Escócia, os lamas negligenciaram as diferenças ou, simplesmente, não tiveram a capacidade de percebê-las. Todos construíram gonpas em estilo tibetano e cobriram suas paredes com imagens de deidades em união, sem uma palavra de esclarecimento e sem parar para pensar como tais imagens poderiam ser percebidas.

Dito isso, os lamas tinham perdido seu país recentemente, então talvez não devêssemos ser tão duros com eles. O Dharma tinha uma enorme importância na sua cultura e identidade, de modo que não chega a surpreender que no exílio eles tenham se focado obstinadamente em sua preservação. No entanto, uma das consequências dessa absoluta devoção à sua cultura é que atualmente o budismo tibetano seja considerado pelos budistas chineses, tailandeses e birmaneses como uma forma adulterada de um culto sexual hindu.

A maioria dos budistas sente orgulho por seus antepassados raramente terem enviado missionários para converter o mundo ao budismo. Eles têm certa razão. Por outro lado, a ausência de uma tradição missionária budista durante a implantação do Dharma do Buda no ocidente talvez tenha sido um dos fatores que levaram a tamanho emaranhado de mal-entendidos.

Os missionários cristãos se dedicaram fervorosamente a propagar o Evangelho e salvar almas. Empreenderam perigosas e desconfortáveis jornadas a lugares como o Peru, onde logo aprendiam tanto quanto pudessem sobre a língua e cultura

locais. Os missionários católicos que evangelizaram a Índia fizeram uso das práticas e crenças hindus. Ouvi falar de missionários jesuítas que se apresentavam como brahmins, vestiam dhotis, raspavam a cabeça exceto por um tufo de cabelo, tornavam-se vegetarianos e adaptavam símbolos e costumes hindus ao culto cristão tanto quanto possível. Chamaram as igrejas de kōvil (templo), a eucaristia foi apresentada como prasādam (oferenda de alimentos), a Bíblia como vedam (Vedas) e a missa católica como pūjā (veneração). Recentemente, em 2008, a Igreja Católica Romana publicou uma Bíblia indiana que inclui citações dos Vedas, Yoga Sutras e Upanishads. O Jesus indianizado não está mais pregado na cruz; ele dança alegremente e toca uma flauta, parecendo-se muito com o Senhor Krishna.

Não estou sugerindo que os budistas devam adotar o mesmo tipo de zelo missionário dos cristãos, mas, se os lamas tivessem feito um pouco mais de esforço para aprender sobre as culturas, preferências, costumes e línguas dos países onde ensinaram, acredito que muitos dos equívocos atuais sobre o Vajrayana nunca teriam criado raízes.

Dharma vs. cultura, tradição e costumes

“O Buda disse a Ananda: ‘Ananda, você e outros como você ainda ouvem o Dharma com a mente condicionada; assim o Dharma também se torna condicionado, e você não alcança a natureza dhármica. Isso é similar a uma pessoa apontar o dedo para a lua para mostrá-la a outra pessoa. Guiada pelo dedo, a outra pessoa deveria ver a lua. Se, em vez disso, ela olhar para o dedo e pensar que o dedo é a lua, ela não só deixará de ver a lua, mas também o dedo. Por quê? Porque ela confunde o dedo que aponta com a lua brilhante.’”⁴

Śūraṅgama Sūtra

O filme Operação Dragão, de 1973, ficou famoso por citar esse mesmo exemplo, dito pelo falecido Bruce Lee:

“É como o dedo apontando um caminho para a lua: não se concentre no dedo ou perderá toda aquela glória celestial.”⁵

Os novos alunos do Vajrayana muitas vezes me dizem que gostam dos ensinamentos, mas não se sentem à vontade com outros aspectos da cultura asiática — referindo-se a reencarnação, deidades e essa coisa toda do guru. Para eles, a cultura asiática é sinônimo de Vajrayana, e esse equívoco me diz que

eles não entendem o Vajrayana de forma alguma. Com um pouco mais de estudo, e se fosse estudado corretamente, o próprio Vajrayana acabaria com todas as objeções e preconceitos desses alunos.

Se o seu guru vajrayana insiste que as deidades que você visualiza precisam parecer tibetanas, algo está muito errado. É verdade: as deidades vajrayana em geral têm cabeça de porco, cabeça de cavalo, seis braços, quatro pernas e assim por diante, mas nenhuma dessas formas é produto da cultura tibetana. Quantos tibetanos com cabeça de porco e seis braços você conhece? Ninguém neste planeta tem essa aparência! E assim como uma deidade com seis braços e cabeça de porco não é deste mundo, também não é do Tibete. Na verdade, a deidade está além de ser ou não ser tibetana, assim como está além de quaisquer outras distinções mundanas.

O simbolismo vajrayana e as práticas rituais encontradas no budismo tibetano — por exemplo, os elementos vajrayana que se encontram nos ensinamentos mais básicos, como o ngöndro — podem funcionar para quem não é tibetano? Será que o simbolismo vajrayana não passa de uma coisa tibetana?

Sejamos absolutamente claros a respeito disso: do mesmo modo que a xícara e o chá são duas entidades distintas, a cultura, a tradição e os costumes tibetanos são completamente distintos do Dharma. Uma xícara é mais bonita de se olhar do que o chá que ela contém. A xícara tem uma alça e está sobre um pires; você pode tocar, sentir e usar uma xícara. O chá não pode ser bebido sem uma xícara, caneca ou outro tipo de recipiente. Assim como o chá, precisamos de um recipiente do qual possamos sorver o Dharma, e é por isso que a cultura, a tradição e os costumes são tão necessários.

Os seres humanos sempre fizeram uso de símbolos. Desde os Capitéis de Leão de Ashoka até as estrelas e listras da ban-

deira americana, os símbolos que usamos são condicionados por nossa cultura. Uma cruz vermelha sobre um fundo branco é o conhecido emblema da Cruz Vermelha Internacional. No entanto, apenas vinte anos após a fundação da organização, os muçulmanos levantaram fortes objeções ao logotipo, porque para eles a cruz é um símbolo cristão. Desse modo, um crescente vermelho passou a ser usado nos países islâmicos.

Onde quer que o Vajrayana seja ensinado, ele sempre busca utilizar a cultura e o simbolismo locais para comunicar seus ensinamentos a pessoas de diferentes origens culturais. As substâncias usuais de oferenda, como flores e perfume, por exemplo, foram importadas da Índia para o Tibete, bem como o costume tipicamente indiano de se oferecer água para lavar os pés. Embora os tibetanos raramente tomem banho e muito menos lavem os pés, sempre oferecem água para lavar os pés em seus altares. Por que os indianos achavam importante lavar os pés e como o faziam era um mistério para a maioria dos tibetanos, mas eles nunca alteraram as oferendas para ajustá-las às suas próprias experiências e preferências.

As práticas preliminares do Vajrayana, chamadas ngöndro, incluem métodos específicos para se fazer prostrações e um ritual que consiste em se fazer pequenos montinhos de arroz para simbolizar os planetas, o sol e a lua. Para alguns praticantes budistas contemporâneos não tibetanos essas práticas parecem esquisitas, e as práticas que consistem na visualização de mandalas e árvores de refúgio podem parecer definitivamente alienígenas para eles. Portanto, é totalmente compreensível que alguns americanos considerem um retiro de meditação vipassana de nove dias mais acolhedor e reconfortante — e menos ameaçador e bizarro — do que o ngöndro. Então agora os novos países que acolhem o Dharma do Buda na Europa, nas Américas e assim por diante estão começando a desenvolver

sua própria cultura budista, mais simples e mais ao estilo zen. Tudo bem. Não tenho a mínima intenção de desencorajá-los. O recipiente cultural pode ser de grande ajuda quando se trata de servir aos ensinamentos budistas. Contudo, os americanos precisam entender com toda clareza que estão criando uma nova cultura. Também devem estar conscientes de que, se a dualidade não for aniquilada por meio da prática — por mais que repitam suas acumulações do ngöndro dez, até mesmo vinte vezes, e por mais que seu retiro anual de nove dias de vipassana seja disciplinado, simplificado, influenciado pelo zen e livre de traços culturais —, sua prática não avançará muito.

É possível argumentar que o conceito de uma linhagem do guru e das instituições que dão apoio a essa linhagem é produto da cultura tibetana. Mas, se você voltar mais no tempo, verá que o conceito de linhagem dos gurus se originou na Índia. A tradição na qual nasci valoriza muito a linhagem dos gurus e me criei sendo ensinado a pensar duas vezes antes de seguir um guru cujos ensinamentos pareçam ter surgido do dia pra noite.

Certa vez uma ocidental me perguntou se eu gostava do Osho. “Sim, eu gosto dele”, respondi. “Gosto bastante, até. Ele é espirituoso, perspicaz e, embora minha percepção dele seja necessariamente limitada, não me parece que seja um hipócrita. Tenho uma única reserva: parece que o Osho nunca fala em seu próprio guru nem no guru de seu guru e assim por diante.” Minhas palavras deixaram a mulher boquiaberta. Ela nasceu em uma cultura que aprecia a originalidade e o talento; para ela, a falta de um guru ou de uma linhagem reconhecida não era absolutamente um problema.

Você pode pensar que por ser ateu, agnóstico ou, ainda melhor, um modernista, não seja afetado pelos complexos que foram plantados pelas religiões arcaicas de seu país. Mas isso é mesmo verdade? Ser “modernista” não significa que

você tenha automaticamente abandonado todos os vestígios da cultura e dos hábitos de seu local de nascimento. Os ateus nascidos em países onde se fala inglês continuam a usar uma linguagem desenvolvida sob a influência de valores cristãos. A língua e a literatura têm um efeito tão forte sobre a forma de pensar dos falantes nativos de inglês, que dificilmente eles conseguem escapar dessa influência. Considere, por exemplo, a palavra “secular”. Hoje em dia, os assim chamados mestres espirituais se desdobram para que seus cursos se enquadrem em um território secular, e procuram manter seus próprios “novos” ensinamentos o mais distante possível das “velhas” e ultrapassadas tradições religiosas. No entanto, de acordo com o historiador Tom Holland, o secularismo nem sequer existe. A língua inglesa é tão impregnada de associações cristãs e tão enraizada nos valores cristãos, que “vestígios do cristianismo continuaram a ter tanta influência sobre a moral e as presunções das pessoas, que muitos nem notam a sua presença.”⁶

O caminho espiritual é um conceito relativamente novo, que foi inventado no ocidente. Originalmente, o que hoje chamamos de budismo e taoísmo eram simplesmente um modo de vida. Na Índia, por exemplo, uma tradição hindu conhecida como ashrama⁷ demarcava a vida humana em quatro etapas: brahmacharya (pessoa solteira, aluno); grihastha (pessoa casada, chefe de família); vanaprastha (habitante da floresta) e sannyasa (renunciante, asceta).

É dito que até mesmo reis e príncipes mal podiam esperar para se tornarem vanaprasthas, para que pudessem viver na floresta em busca da verdade. Hoje em dia, os sadhus envoltos em cinzas são considerados religiosos ou homens santos. Há três mil anos, qualquer pessoa que se sentasse em uma caverna, no meio da floresta ou nas margens do Ganges enquanto observava a própria mente em busca da verdade recebia o

mesmo tipo de respeito que hoje dedicamos aos pesquisadores e cientistas. Todo o modo de vida de um sadhu era voltado para a busca da verdade e era muito diferente da vida dos seguidores dos caminhos espirituais do século XXI. Aqueles grandes pensadores chegaram à conclusão de que “todas as coisas compostas são impermanentes”, e isso, se pensarmos bem, é algo incrivelmente impressionante. Não é um conceito fácil de se compreender, muito menos de se descobrir. Agora estamos tão acostumados a ouvir “todas as coisas compostas são impermanentes”, que muitas vezes o impacto dessa verdade fica perdido para nós. Há dois milênios e meio isso era algo revolucionário.

Se dermos crédito à imprensa em geral, um número crescente de cientistas modernos pensa que a religião é irrelevante. Eles relegam à tão malfalada categoria de “religião” todo modo de vida que se concentre exclusivamente na descoberta da verdade por meio da experiência e observação da própria mente. Antes não era assim. Os maiores astrônomos do mundo passaram a vida observando a lua e os planetas, e registrando tudo o que observavam. Os maiores sadhus do mundo se sentaram em cavernas observando a própria mente e registrando tudo o que descobriam. Ambas as disciplinas costumavam ser igualmente valorizadas.

Hoje em dia, a cesta rotulada “caminho espiritual” contém ovos demais. Leitura de tarô, astrologia, massagem, aromaterapia, previsões com bola de cristal e assim por diante são todas consideradas popularmente como atividades “espirituais”, e agora o budismo foi jogado na mesma cesta. Mas o que, de fato, significa “espiritual”?

Vamos supor que não tenhamos outra escolha a não ser usar o termo “caminho espiritual”. Como o Buda Shakyamuni definiu o propósito do “caminho espiritual”? De acordo com

o Buda, seguimos um caminho espiritual para descobrir como encontrar a verdade. E o que é a “verdade”? Bem, acontece que a verdade não é algo exótico nem místico. A “verdade” é ridiculamente simples: enquanto houver dualidade nunca será possível haver satisfação total.

Jamais subestime o poder da cultura e do hábito. Eles permeiam tudo que fazemos e tudo que não fazemos. Em geral, na origem dos equívocos que surgem entre alunos ocidentais e professores tibetanos está uma mútua falta de compreensão da cultura de cada um deles. Ao longo da história, as culturas foram definidas por seus conceitos de etiqueta e interação social, e cada uma delas desenvolveu um senso de humor singular, um conjunto de valores e miríades de pontos sensíveis. Talvez seja por isso que a maioria dos tibetanos nunca chegou a entender a etiqueta francesa nem o humor inglês. De forma bastante injusta, os lamas tibetanos julgam os ocidentais pelos padrões tibetanos. Quando os injis esticam as pernas doloridas na sala de prática, são considerados mal-educados e até rudes. Os lamas esquecem que sentar no chão de pernas cruzadas não é um hábito ocidental e que os ocidentais raramente estão cientes da etiqueta observada nos templos e salas de prática tibetanos. Se os papéis fossem invertidos, seria como um lama tibetano entrar na sala do trono do Palácio de Buckingham, fazer três prostrações para a rainha e em seguida sentar no chão com as pernas cruzadas.

As coisas estão mudando rapidamente. O que era considerado educado na semana passada é um insulto mortal nesta semana; o que era politicamente correto ontem será politicamente incorreto amanhã. Os códigos sociais estão em constante mudança. No momento, a “indignação moral” é um fenômeno corriqueiro. Mas a moral de quem está sendo insultada? Que religião está sendo afrontada? A areia movediça

das sensibilidades mutantes ou reforça nossa sensibilidade ou nos deixa completamente insensíveis, desencadeando mais um nível de constrangimento e angústia. Pouco tempo atrás, depois de ter inconscientemente pisado nos calos de alguém, perguntei-me: devo ceder aos objetivos sempre instáveis das convenções sociais? Devo passar todo o tempo me preocupando em não perturbar alguém involuntariamente? Com certeza, a vida não pode se resumir a proteger as próprias sensibilidades e a tentar não disparar a supersensibilidade dos outros.

Como a relação guru-aluno envolve dois indivíduos, tudo correria com mais suavidade se ambos se esforçassem para aprender o que incomoda o outro, bem como o que o faz sorrir.

Atitude tibetana em relação às mulheres

Um dos maiores defeitos da cultura tibetana é sua atitude em relação às mulheres. O mundo nunca foi justo com as mulheres e, por mais que eu odeie admitir, o tratamento dado a elas na região dos himalaia, principalmente pelos tibetanos, sempre foi e ainda é deplorável. Tenho a impressão de que uma parte considerável da misoginia tibetana tenha criado raízes à medida que os lamas passaram a governar o Tibete.

Nós, seres humanos, tomamos como exemplo aqueles que conquistam poder, dinheiro e influência. Nós os admiramos, os consideramos como nossos modelos e tentamos imitá-los. Podemos, por exemplo, tirar uma foto imitando uma foto de publicidade que tenha sido marcada como “gostei” por alguém que seja nosso modelo atual. Assim como todos os seres humanos, os tibetanos também gostam de imitar seus modelos e, muitas vezes, seguem a mesma carreira escolhida por eles.

Para efeito de debate, imagine como o Tibete seria hoje se tivesse sido governado por pessoas laicas, em vez de lamas

e monges: os monastérios seriam considerados as instituições de elite da nação? Duvido muito. Qualquer jovem ambicioso teria outras opções, incluindo a possibilidade de aspirar a uma alternativa secular. Assim como todos no mundo moderno, os tibetanos fofocariam sobre moda, tendências de estilo e novos superalimentos; cantariam sobre os artistas, soldados, estadistas, cientistas e atores que admirassem. Escreveriam romances especulando sobre a vida das celebridades e dos famosos. Os tibetanos se vestiriam como seus heróis, usariam o mesmo corte de cabelo, a mesma maquiagem e assim por diante. No entanto, nada disso aconteceu, porque durante séculos os lamas governaram o Tibete, e os lamas, os monges, os mosteiros e o Dharma predominaram.

Não creio que os tibetanos considerassem as mulheres intrinsecamente más, nem uma forma de vida inferior ou algo desse tipo, mas, como o vinaya afirma que os monges devem evitar as mulheres, foi exatamente isso que eles fizeram. Como os monges governavam o Tibete e se tornaram um exemplo para o país, o fato de os lamas evitarem as mulheres começou a ser visto como uma demonstração de desdém. Com o passar do tempo, o desprezo pelas mulheres foi se infiltrando na mente do povo tibetano e acabou por se tornar a norma. Quase todos os lamas eram celibatários e os monastérios e instituições mais respeitados se encontravam repletos de monges celibatários, então não é surpreendente que as comunidades celibatárias do Tibete enfatizassem a prática do celibato; mas é uma vergonha, até mesmo desalentador, que os lamas tenham esquecido que os tibetanos laicos não tendem a ser celibatários.

Via de regra, o budismo Mahayana ensina que homens e mulheres são iguais — exceto nos ensinamentos que elevam as mulheres acima dos homens. A igualdade de gênero é claramente afirmada nos ensinamentos, mas no Tibete isso

nunca foi enfatizado ou celebrado. A Prajnaparamita, um dos ensinamentos mais importantes do Mahayana, é muitas vezes descrita como yum ou “mãe”. Um dos catorze votos fundamentais que os praticantes do Vajrayana observam é o de jamais, de forma alguma, depreciar, desrespeitar ou maltratar uma mulher. Se você quebrar qualquer um dos catorze votos-raiz do Vajrayana e não se arrepender disso — o que significa que seu arrependimento o leva a confessar e purificar a quebra — a sua jornada no caminho Vajrayana estará terminada. No entanto, no Tibete a igualdade de gênero sempre foi ofuscada pela cultura monástica.

Por favor, não me entendam mal, não estou sugerindo que todo tibetano que tenha conscientemente recebido o voto de celibato e siga o caminho da renúncia necessariamente depreciará ou desprezará as mulheres. Tampouco estou dizendo que agora os monges deveriam casar e ser autorizados a ter relações sexuais. O que estou dizendo é que, de acordo com o Dharma do Buda, nenhum de nós jamais deveria injuriar, abusar ou prejudicar nenhum outro ser senciente, independentemente de seu gênero — ou espécie. Espera-se que os monges budistas sigam as regras do vinaya. Assim como na Ásia os garotos que se hospedam em albergues para meninos são instruídos a manter distância dos albergues de meninas, a técnica adotada pelo vinaya para superar o desejo pelo prazer carnal com o sexo oposto foi a de proibir que os homens que abrigam o ardente desejo de se tornar bhikshus (monges na tradição vinaya) fiquem sozinhos com uma mulher. Essa instrução tem o propósito de evitar certas circunstâncias e não o de desprezar, abusar nem depreciar quem quer que seja. O mesmo vale para as monjas: as aspirantes a bhikshunis também são desencorajadas a estar na presença de garotos. A mesma regra vale para ambos os gêneros. Se um homem ou uma mulher

escolhe a vida de renunciante como bhikshu ou bhikshuni, necessariamente opta pela renúncia de todos os aspectos da vida mundana. No entanto, tal escolha não tem absolutamente nada a ver com o abuso ou maltrato das mulheres.

Alguns praticantes do vinaya (monges e monjas que mantêm os votos do vinaya) também praticam o Vajrayana (e mantêm os samayas vajrayana). Para eles, evitar qualquer outro ser por serem supostamente impuros ou imperfeitos contradiz diametralmente seus samayas vajrayana.

Eu me criei no mesmo bairro de um monge exemplar, chamado Lama Gelek. Ele era de fato um bhikshu muito bom e o perfeito exemplo de monge que meus amigos e eu adorávamos provocar — nós éramos muito travessos. Sendo monge, ele sabia que nunca deveria ficar a sós com uma mulher e entrava em pânico se houvesse a menor chance de que isso ocorresse. Contudo, o atendente de Lama Gelek, que ainda está vivo, contou-me que todos os dias ele oferecia um tsok e pedia que fosse distribuído em segredo para várias mulheres. Eu próprio tinha notado a distribuição de tsok, mas levou muito tempo até que eu conseguisse persuadir Lama Gelek a me explicar o que ele estava fazendo.

“Como praticante budista”, ele disse, “eu me esforço para manter todas as práticas: Shrivakayana, Bodhisattvayana e Vajrayana. Não tenho uma visão equivocada sobre as mulheres, mas, sendo monge, o vinaya me diz que nunca devo ficar a sós com uma mulher, porque ela pode desencadear em mim a emoção do desejo. O problema é que ser paranoico com os meus votos monásticos às vezes me leva a agir de forma inadequada, o que não está certo! As mulheres não são outras que não dakinis, e essa paranoia de não poder estar sozinho com elas não faz nenhum bem ao meu samaya. Assim, purifico a

violação dos meus samayas por meio da prática de tsok”. Lama Gelek estabeleceu um exemplo excelente.

Você poderia se surpreender com o número de pessoas que, como Lama Gelek, praticam todos os três yanás. Exteriormente, elas vivem de acordo com o vinaya do Shravakayana; interiormente, manifestam a bodhicitta do Mahayana e, secretamente, praticam o Vajrayana.

Hierarquia no budismo tibetano

Embora qualquer forma de hierarquia seja um anátema no Vajrayana, no decorrer dos séculos o budismo tibetano desenvolveu um sistema de classificação. Seja qual for o contexto, qualquer tipo de distinção, incluindo a noção de que uma pessoa nasce acima ou abaixo da outra, não tem nada a ver com o budismo nem com o Vajrayana. Mas os seres humanos adoram a ordem social, junto com toda a sua pompa e circunstância, e os tibetanos não são exceção. De fato, a obsessão tibetana com quem irá sentar no trono mais alto, e quantos centímetros mais alto será o trono, bem como os privilégios que os familiares do lama, inclusive primos afastados de segundo grau, esperam receber são terrivelmente constrangedores para muitos de nós. Contudo, não existe uma hierarquia oficial no que diz respeito ao Dharma. Quando existe alguma vantagem, é sempre baseada em quem tenha recebido mais ensinamentos e praticado mais. O vinaya, por exemplo, meramente aconselha os monges a respeitar quem tenha recebido a ordenação antes deles. O único “título” reconhecido pelo Vajrayana é o de “guru”. E o guru é tudo.

Para o aluno, o objetivo da prática vajrayana é aprender a enxergar seu guru tântrico como um buda, e o trabalho do guru tântrico é garantir que cada aluno se torne igual ao Buda.

Em outras palavras, o trabalho do guru é garantir que todos os seus alunos sejam alçados ao seu próprio nível. No entanto, enquanto estamos no caminho, como prática de humildade e oferenda, veneramos os gurus que nós mesmos colocamos nos assentos mais elevados. Em algumas visualizações imaginamos o guru no topo da nossa cabeça, pois se acredita que o chacra da coroa seja o “assento” mais elevado. Em outras visualizações, o guru aparece em nosso coração e, às vezes, nos curvamos aos pés de lótus do guru. Tudo isso faz parte da prática.

As classes e sistemas hierárquicos de que ouvimos falar no budismo tibetano, como tronos mais altos e mais baixos e assim por diante, foram criados por mentes humanas e institucionalizados pelos tibetanos. Da mesma forma que o presidente dos Estados Unidos tem mais chance de salvar o planeta do que um vaqueiro sem nome de Montana, as hierarquias criadas pelo sistema do budismo tibetano permitiram que os lamas fizessem muitas coisas boas. Mas até mesmo o poder do presidente dos EUA é limitado pela constituição americana, que foi projetada para garantir que um presidente não possa fazer unilateralmente tudo que ele ou ela gostaria.

Uma das grandes desvantagens de ser presidente dos EUA é estar limitado pela expectativa social projetada sobre o cargo. Da mesma forma, espera-se que os mestres tibetanos do alto escalão cumpram uma ampla gama de responsabilidades que não têm nada a ver com o budismo e que muitas vezes os deixam em maus lençóis. Hoje em dia, cada vez mais detentores de linhagens e lamas de alto escalão são forçados a se curvar aos valores e conceitos destes tempos incertos. Contudo, se um mestre tântrico algum dia se submetesse aos ideais sempre em mutação do politicamente correto, isso representaria não apenas a morte do mestre tântrico, mas também das linhagens tântricas e dos praticantes tântricos. É por isso que os grandes

lamas do passado rezavam para nunca renascer como lamas famosos ou de alto escalão. Tenho quase certeza de que pelo menos 80% dos gurus mencionados nas linhagens de gurus tântricos não tinham qualquer tipo de título ou posição mundana. Apenas recentemente, após 1959, títulos como “detentor da linhagem” foram considerados necessários.

A fama e uma alta posição não constam na lista de qualificações exigidas de um guru vajrayana. Contudo, do ponto de vista mundano, os alunos muitas vezes consideram que um mestre muito respeitado ou famoso seja a aposta mais segura. Todas as pessoas famosas estão atentas aos seus índices de aprovação. E até os gurus vajrayana podem evitar o mau comportamento para fazer jus à sua imagem pública e seu bom nome. Mas a fama e a boa reputação não garantem que um lama seja um bom mestre vajrayana. Pessoas famosas constantemente protegem a própria imagem dizendo o que acreditam que o público deseja ouvir. Para manter uma reputação impecável, mestres famosos, cujo norte moral precisa ser visto como irrepreensível, muitas vezes acabam dizendo coisas que não correspondem ao que de fato pensam.

Quase todos os mestres tântricos do passado faziam o possível para se manter fora do radar. Essa abordagem funcionou notavelmente bem no Tibete e na Índia, mas é virtualmente impossível fazer o mesmo no mundo atual. Apesar disso, é importante que todos saibam como o tantra costumava ser ensinado.

Tudo isso importa. Hoje os alunos “ouvem e contemplam” muito pouco. Quando um aluno encontra uma guru que lhe agrade, instantaneamente a considera sua guru. Como já decidiu que gosta dessa guru, não faz o trabalho de casa: não pesquisa a reputação nem a bagagem dela e não ouve nem contempla os ensinamentos relevantes. Em vez disso, sem

nem pensar, o aluno deposita todas as suas esperanças numa pessoa. É bem possível que a pessoa seja uma excelente lama, mas é inevitável que um dia suas falhas humanas se revelem. Até mesmo uma guru perfeita pode ser criticada, porque as gurus também são seres humanos. Seus alunos também são humanos. E como todos nós constantemente supomos coisas com base em nossas próprias expectativas, é quase inevitável que um aluno humano acabe por encontrar defeitos em sua guru humana.

O Dharma do Buda deve ser atualizado?

PELO QUE VEJO, AS MENTES MODERNAS, que são muito influenciadas pela cultura ocidental contemporânea, quase sempre consideram que a versão mais atualizada de qualquer coisa, desde os aplicativos de telefone até a moda, seja a melhor. Mas talvez seja apenas um preconceito da minha parte. Se uma atualização do Dharma do Buda de fato beneficiasse os seres sencientes, é claro que isso me alegraria muito. Mas nunca esqueça que uma vez que a atualização tenha sido completamente instalada o programa original se torna obsoleto e em geral é deletado.

Embora eu seja o primeiro a defender o emprego de meios ou métodos inovadores, hábeis e fáceis de entender para apresentar o Dharma aos alunos contemporâneos — por favor, notem que meios ou métodos está sublinhado — os princípios básicos do Dharma do Buda não podem e não devem jamais ser ajustados de modo algum. O próprio Buda aconselhou há muito tempo que o Dharma deve ser sempre ensinado através de métodos adequados a cada época e lugar. Nunca ele sequer sugeriu que, se o mundo alterasse seu curso e as pessoas comesçassem a pensar de modo diferente, os princípios fundamentais do Dharma do Buda poderiam, sob qualquer circunstância, ser alterados.

Um dos ensinamentos fundamentais do Buda é que “todas as coisas compostas são impermanentes”. Este ensinamento não pode ser alterado, mas a forma como é ensinado pode ser adaptada para se adequar à capacidade dos alunos contemporâneos, desde que os alunos sejam capazes de morder, mastigar, engolir e aceitar a sua sabedoria. A professora poderia, por exemplo, apresentar a mudança das estações como um exem-

plo de impermanência. Uma vez que o aluno tenha aceitado essa verdade óbvia e esteja pronto para dar o próximo passo, a professora talvez possa, gentilmente, apresentar a ideia de que, quando o aluno morrer, o corpo dele, que é um fenômeno composto, irá se desintegrar. Com isso, a professora abre a porta para uma discussão sobre a morte. Tendo engolido e digerido esses ensinamentos sobre a morte, o aluno poderia então ser apresentado aos fenômenos compostos mais sutis dos nossos pensamentos, que também são impermanentes. Esse é um entre muitos métodos de apresentar ao aluno a noção da impermanência. No entanto, seja qual for a abordagem utilizada, o resultado final deve ser que o aluno alcance uma compreensão plena e cabal de que “todas as coisas compostas são impermanentes”. Eu repito, o ensinamento fundamental não pode e não deve ser alterado.

O Vajradhara — nome usado pelos alunos vajrayana para se referir ao Buda — disse que tudo é a deidade. Das bolhas na superfície de uma poça d’água até uma montanha de neve eterna, de um verme até a família que habita o Palácio de Buckingham, tudo é a deidade, incluindo você, praticante. Para apresentar essa ideia, a professora pode começar pedindo que você considere que a sua pele não é da cor habitual, mas verde-esmeralda. Assim que você estiver acostumado à pele verde-esmeralda, ela vai pedir que você imagine que tem quatro braços. Quando você estiver pronto para ouvir isso, ela vai pedir que você se autovisualize como uma deidade com cabeça de porco, com consorte, rodeada por um séquito de deidades, e que considere todas as deidades como sendo você. Por fim, ela dirá que tudo que você visualizou e imaginou é uma ilusão. Uma cabeça, duas mil cabeças, pele esmeralda ou pele multicolorida são invenções criadas pela mente, enquanto o estado natural é a verdadeira deidade. Ao longo desse exercí-

cio, o ensinamento básico de que tudo é a deidade não pode e não deve ser alterado.

O Vajradhara repetiu de novo e de novo que, tendo feito todas as preparações adequadas e recebido os ensinamentos tântricos mais elevados de sua guru vajrayana, você deve enxergá-la como o Buda e, além disso, deve considerá-la ainda mais importante que o Buda. E como a sua guru é o Buda, você deve fazer tudo que ela pedir.

Outra abordagem que sua professora pode utilizar é aconselhar que você se relacione com ela como sendo uma professora bondosa e esclarecedora. Mais tarde, quando você estiver pronto, talvez ela diga que você não vai progredir espiritualmente se continuar a considerá-la como uma pessoa comum; dessa forma, você deve começar a treinar para vê-la como um ser verde-esmeralda. Ela também pode pedir que você a veja como “ele” ou, se seu guru for um homem, talvez você deva pensar nele como “ela”. Em algum momento, se sua professora for esperta, irá conduzi-lo à realização de que ela nada mais é do que a sua mente, cuja natureza é o Buda. Este ensinamento não pode e não deve ser alterado.

Uma guru esperar que o aluno a veja como o Buda a partir do momento em que a conhece e faça tudo que ela mandar sem questionar seria o mesmo que colocar um aprendiz de motorista no volante de um carro de Fórmula 1 na primeira aula. Se fizer isso, a guru, em quem o aluno confia mais do que em qualquer outra pessoa neste mundo, corre o risco de devastar e arruinar ambos. Todos os textos tântricos afirmam que só depois de ter alcançado o primeiro bhumi o aluno terá de fato a capacidade de enxergar a sua guru como um buda — e um cara do primeiro bhumi não pensaria duas vezes antes de fazer exatamente o que a guru lhe pedisse. Se você aspira a realizar a verdade, deve treinar sua mente para enxergar a guru

como o Buda, assim como um motorista aprendiz que aspire a se tornar campeão de Fórmula 1 deve primeiro aprender a dirigir um Mini. Nunca esqueça que a aspiração é a chave.

Como vocês sabem, relatos recentes sobre o comportamento de vários lamas os levaram à desonra, o que suscitou reivindicações para que o Vajrayana fosse adaptado, para se ajustar às opiniões e expectativas populares do século XXI. Embora nenhum dos meus colegas tenha explicitamente concordado com tal ideia, poucos se manifestaram em contrário. No entanto, por mais erudito, popular, enaltecido ou importante que seja um lama, nenhum de nós pode alterar uma palavra sequer dos ensinamentos fundamentais do Buda e depois continuar chamando aquilo de budismo. Por menor que tenha sido a alteração, já não é mais o budismo. Todos os professores têm a liberdade de ensinar o que bem entenderem — quem pode impedi-los? Contudo, se eles não ensinarem os alunos vajrayana a enxergar seu guru como um ser perfeito, não podem se atrever a dizer que ensinam o tantra. Não há nada no sistema tântrico que dê a entender que um lama possa sequer aventar a possibilidade de alguém seguir o caminho Vajrayana sem se esforçar para enxergar o lama como o Buda. Da mesma forma, não há nada nos ensinamentos vipassana que indique que uma professora possa afirmar que ensina a impermanência (aniccā) se ela também aceita que mesmo uma única das inquietações de seus alunos seja permanente. Mesmo se houver um consenso de opinião que insista que algo é moral ou eticamente reprovável, qualquer alteração na Palavra do Buda, a qualquer tempo e por qualquer motivo, resultará em um sistema novo e diferente, o qual não poderá mais ser chamado de budismo.

De modo irônico — e isso realmente me intriga —, os tibetanos sempre foram duramente criticados por sua cultura feudal e por perpetuarem o culto do guru. Ainda assim, esses

mesmos críticos que há décadas se opõem à hegemonia do guru agora esperam que lamas famosos e de alto escalão, entre eles eu, endossem a visão de que o Vajrayana pode ser adaptado para se adequar às sensibilidades do século XXI. Por um lado, eles protestam contra o que interpretam como sendo um “culto do guru” e, por outro, esperam que gurus como eu aceitem a responsabilidade de mudar os ensinamentos fundamentais do Buda. Em termos tibetanos, é como se, baseados em sua própria suposição equivocada de que eu teria a autoridade para modificar o Vajrayana, eles desejassem me entronizar como seu senhor feudal. Isso me deixa perplexo e até embasbacado, como diriam alguns.

A história da Coca-Cola

O caminho budista é constituído de dois ingredientes indispensáveis e inseparáveis: sabedoria e métodos hábeis.

Neste exemplo, a verdade (a sabedoria) é que a Coca-Cola (o Budismo) contém muito açúcar (tudo o que nos prende no samsara). Imagine uma cidade que dependa inteiramente da Coca-Cola para tudo. A subsistência, os valores comunitários, os parâmetros, a cultura, até mesmo as esperanças e sonhos dos moradores da cidade dependem da produção e distribuição da Coca-Cola. Todos nessa cidade bebem muita Coca-Cola, tanto que a obesidade e o diabetes estão arruinando a saúde da população.

Como especialista em educação sanitária, você foi incumbido de explicar aos moradores da cidade que, para o bem da sua saúde, devem abrir mão do açúcar. Para isso é necessário que você mostre os fatos a respeito da Coca-Cola, ou seja, que ela contém montes de açúcar. É um desafio e tanto. Uns poucos moradores respondem de forma positiva e imediatamente

param de beber Coca-Cola, mas a maioria, não. Assim, você aplica o método hábil de sugerir que eles reduzam o consumo de açúcar, bebendo uma garrafa de Coca-Cola a menos por dia. Este método não valida todas as outras garrafas de Coca-Cola que eles bebem, nem nada do que você está dizendo sugere que qualquer quantidade de Coca-Cola seja saudável, apenas leva os moradores da cidade a dar um passo na direção correta.

Pedir aos moradores da cidade que reduzam o consumo de Coca-Cola é uma parte da história que você conta, na esperança de que um dia eles abandonem completamente a Coca-Cola. Da mesma forma, meditar com as costas retas é apenas uma parte da história que seu professor conta para, por fim, levá-lo à iluminação. Só podemos falar sobre a verdade por meio de histórias, como a história budista e a história da Coca-Cola. A história budista um dia levará o aluno a purificar sua percepção por meio da visualização de uma deidade de seis braços. Depois, numa reviravolta inesperada do enredo, o professor mostrará a verdade de que mesmo a prática de visualização é uma invenção e não passa de outra parte da história.

Todos os sistemas espirituais adotam disciplinas. Os alunos do Dharma começam sentando com as costas retas ao meditar. Além disso, alguns evitam comer carne ou beber álcool, e outros se tornam renunciantes. Aqueles que entram no caminho Vajrayana aprendem a se visualizar como a deidade e podem acabar concluindo que não comer carne é um equívoco tão grande quanto comê-la.

Você, o especialista em saúde, emprega todas essas disciplinas na tentativa de reduzir o consumo de Coca-Cola dos moradores da cidade. Mas, no fim, a própria Coca-Cola cheia de açúcar vai ter de ser abandonada.

O budismo funciona aplicando tanto a sabedoria quanto os métodos hábeis; se isso conta como moralidade, ética e as-

sim por diante, que seja. Ao utilizar a sabedoria e os métodos hábeis, se você esquecer ou deixar de apresentar a verdade — que a Coca-Cola está cheia de açúcar —, não estará mais ensinando o budismo.

Os termos “sabedoria” e “métodos” são importantes para aqueles que ainda não despertaram para a verdade e para as distinções entre essas duas coisas, que serão feitas ao longo do nosso estudo do budismo. Essas distinções, no entanto, são meras ferramentas, não são a “verdade”. Quando alcançarmos nosso objetivo, que é a iluminação (nirvana), tais distinções nos parecerão arbitrárias.

O guru, o indivíduo que nos ensina e nos orienta, é apenas um dos infindáveis métodos vajrayana; mas, do ponto de vista do Vajrayana, é o mais importante de todos. Às vezes ouvimos dizer “a sua mente de sabedoria é o seu guru”, mas também nos aconselham a “confiar no Dharma, não na pessoa que o ensina”. Por mais que tentemos nos lembrar de confiar no Dharma e não no indivíduo que o ensina — o que, novamente, foi aconselhado pelo próprio Buda —, dada a nossa natureza humana, quando alguém se comporta mal, esquecemos o conselho, culpamos o ensinamento e acabamos jogando fora o Dharma bebê junto com a malcomportada água do banho.

Perdido na tradução

COMO JÁ VIMOS, o Dharma, o ensinamento do Buda, originou-se na Índia e depois migrou para o resto do mundo. O Dharma não se define por uma única cultura nacional, pois absorveu alguns hábitos dos povos que o importaram para seus países. Após sua introdução no Tibete, o Dharma do Buda foi de tal forma assimilado na tessitura da vida tibetana, que os tibetanos se esqueceram de que ele havia sido importado. Talvez seja por isso que nunca lhes ocorreu que o conhecimento da cultura tibetana é totalmente desnecessário para um aluno japonês, americano, europeu ou australiano que deseje praticar o Dharma — isto é, exceto no caso daqueles que estejam fazendo um doutorado em tibetologia. É provável que a ideia de que os ocidentais sigam os lamas pelo Dharma, não pela cultura, jamais tenha passado pela cabeça da maioria dos tibetanos.

Ao longo dos últimos sessenta anos, muitos nativos dos Himalaias deixaram de ser educados segundo o seu sistema escolar tradicional; portanto, nunca estudaram o tibetano clássico nem conseguem compreender os textos tibetanos. É por isso que muitos jovens tibetanos preferem estudar o Dharma em inglês. Os lamas deveriam garantir que esses jovens tibetanos, nepaleses, butaneses e assim por diante fossem apresentados aos ensinamentos básicos do budismo, como as Quatro Nobres Verdades e práticas de atenção plena. Mas eles não o fazem. Em vez disso, a geração mais jovem é levada a acreditar que para ser budista só é necessário acender lamparinas e circum-ambular estupas. Desse modo, os lamas

não souberam avaliar as necessidades dos alunos do Dharma que não são tibetanos e, além disso, negligenciaram toda uma geração de jovens tibetanos.

Recentemente, comecei a perceber o quanto dos ensinamentos do Buda se perdeu na tradução, e posso pensar em várias razões para que tal coisa tenha ocorrido. A dificuldade dos lamas tibetanos e de seus alunos em entenderem os traços culturais uns dos outros, bem como a falta de conhecimento dos lamas sobre o poder da linguagem desempenharam um grande papel nesse processo. Adicione-se a isso o oportunismo tibetano. Muitos lamas tibetanos engabelam os alunos ensinando a cultura tibetana em vez do Dharma do Buda. Posso entender a razão. Os lamas são tão autocentrados e se preocupam tanto com a preservação da autenticidade de sua cultura que não conseguem notar o grande potencial dos ocidentais como recipientes do Dharma. Tanto quanto posso ver, o resultado é que, embora os lamas tenham preservado a cultura e as tradições tibetanas razoavelmente bem, tiveram muito menos sucesso em salvaguardar o Dharma.

Traços culturais

Uma noite em Nova Iorque, uma garota que não sabe nada sobre budismo entra em um centro do Dharma. Ela fica imediatamente intrigada pela visão de um homem asiático sentado num trono alto. Ela se sente atraída por aquele homem e fascinada por sua aura mística e espiritual, mas fica perplexa com seu trono. Por que ele precisa estar sentado lá no alto? O homem asiático (o lama tibetano) se senta num trono elevado porque cresceu acreditando que quanto mais alto for o trono de uma pessoa, mais preciosas e valiosas serão suas palavras — neste caso, as palavras do Dharma. Obviamente, esse traço

cultural faz sentido para os tibetanos, mas não para a curiosa garota americana.

Um lama asiático chega a uma universidade holandesa para proferir uma palestra. Ele não está sozinho. Um séquito composto de consortes, atendentes, secretários, médico pessoal, chef e massagista entra em procissão atrás dele, seguido por um bando de bajuladores. Tomasz, Dick e Harriet estão na plateia. Eles foram assistir à palestra porque estão genuinamente interessados no Dharma do Buda, particularmente na visão do budismo tibetano sobre a não dualidade, e a presença dessa comitiva os intriga. Harriet fica perturbada porque, na melhor das hipóteses, o lama se parece mais com um rapper famoso do que um filósofo e, na pior, parece o líder de um culto. Nenhum dos professores de Tomasz, Dick ou Harriet jamais entrou na sala de aula com uma fanfarra de trombetas, acompanhado por dezenas de professores assistentes, secretários e fisioterapeutas.

Na Ásia, as coisas são bem diferentes. Muitas culturas asiáticas esperam que um lama, especialmente um Rinpoche, viaje com uma comitiva. Para eles, um séquito atencioso contribui para a atmosfera de admiração e grandiosidade que tradicionalmente rodeia os grandes mestres. Do ponto de vista de um ocidental, todo esse espalhafato faz com que o lama pareça um tanto pomposo, até cômico. Tipicamente, a maioria dos ocidentais simplesmente não dá a mínima para essas coisas. Os ocidentais valorizam a privacidade e gostam de estender essa cortesia aos seus gurus, e talvez seja por isso que preferem os gurus que viajam sozinhos. E acho que podemos dizer que as pessoas no ocidente costumam suspeitar de qualquer pessoa que pareça incapaz de passar algum tempo sozinha.

Na França, um lama tibetano visitante é convidado a palestrar para um grupo de novos praticantes de atenção plena.

Para validar as credenciais de sua linhagem, a primeira coisa que ele faz é desfiar uma série interminável de nomes tibetanos incompreensíveis. Nenhum dos novos alunos da meditação de atenção plena entende o que ele está fazendo nem consegue descobrir o que esses nomes impronunciáveis têm a ver com sua prática. O hábito dos lamas tibetanos de invocarem encarnações anteriores é outro traço cultural tibetano muitas vezes mal compreendido; funciona perfeitamente para as mentes tibetanas que criaram essa tradição, mas confunde totalmente Tomasz, Dick, Harriet, a garota americana e o grupo de principiantes franceses. Quando o lama passa a anunciar com grande orgulho que em sua encarnação anterior ele era uma deidade budista chamada Manjushri, tudo o que ele vê são rostos sem expressão. É como uma enfermeira ocidental contar aos moradores de um lugar remoto no Butão Oriental que ela é a reencarnação de Florence Nightingale.

É costume nos Himalaias que os suplicantes em visita a um lama façam oferendas, e os lamas tibetanos esperam que seus alunos ocidentais façam o mesmo. Eles não sabem o que pensar dos alunos ocidentais que chegam de mãos vazias, porque não entendem que esse tipo de oferenda não faz parte da cultura ocidental. Tampouco percebem que os ocidentais ouviram falar que os lamas ensinam a sabedoria do Dharma por compaixão, não por dinheiro. Na verdade, se alguém pedir dinheiro para um ocidental em troca de ensinamentos, orações ou qualquer outra coisa “espiritual”, a maioria deles vai considerar que se trata de um golpe. Os lamas não entendem que, no ocidente, uma vez que haja dinheiro envolvido, como, por exemplo, no caso da oferenda obrigatória que acompanha um pedido por orações, considera-se que ocorreu uma transação legal, o que imediatamente modifica o caráter da relação entre guru e aluno. Do ponto de vista tântrico, o aluno “paga” o guru

oferecendo a si próprio, seu corpo, fala e mente. No contexto ocidental, porém, um guru que solicite pagamento por suas preces corre o risco de ser tratado como um prestador de serviços qualquer. Seus alunos podem começar a reclamar se as orações não surtirem efeito, e alguns podem até pedir o dinheiro de volta.

As reações e respostas emocionais de cada nacionalidade variam de acordo com seus hábitos culturais e religiosos. Os tibetanos, como a maioria dos asiáticos, vêm de uma cultura que se preocupa em manter as aparências, enquanto os ocidentais tendem a se sentir inibidos por sentimentos de culpa e angústia existencial condicionados por sua cultura. Certa vez ouvi uma aluna ocidental tentar explicar a seu professor tibetano que estava deprimida pela culpa debilitante que ela sentia por ter um emprego, comida na mesa e um teto sobre a cabeça, enquanto muitos estão sem-teto e morrendo de fome e sede.

“É muito gentil da sua parte pensar nos outros”, disse o professor, “Se você não tiver sentimento de culpa, não haverá base para seu caminho espiritual”. Ele não fazia a menor ideia do que ela estava falando. Para ele, assim como para a maioria dos lamas tibetanos, o sentimento de culpa é o que nos motiva a purificar e confessar algo, o que faz da culpa uma emoção razoavelmente útil no caminho espiritual. A noção de que alguém possa se sentir culpado por viver confortavelmente enquanto outros não têm nada é inteiramente desconhecida para ele.

Poucos lamas entendem que as pessoas que escutam seus ensinamentos vêm de vários contextos familiares e grupos sociais diferentes. Eles nunca compreenderam que os traumas da infância, como maus tratos físicos ou abuso sexual, têm efeitos duradouros e podem ter grande impacto na forma

como os alunos se relacionam com seu lama. Assim, quando uma vítima de abuso se aproximar de um lama na esperança de encontrar paz ou alívio, não será desejável que esse lama saiba alguma coisa sobre trauma, preconceito racial e maus tratos? Sem falar em orientação sexual. Os lamas tibetanos precisam compreender que, às vezes, uma pessoa que nasceu num corpo masculino se sente emocional e psicologicamente como mulher e vice-versa. Os lamas precisam compreender que não se trata de uma doença, mas de uma preferência — como preferir chá em vez de café.

Mesmo depois de todos esses anos, eu também não consigo precisar a raiz do sofrimento de alguns de meus alunos — simplesmente não sei de onde se origina. Mas será que eu preciso saber? Preciso saber exatamente como ou por que um aluno sofre? Talvez apenas saber que há algo subjacente ao sofrimento dele seja o bastante. Se os lamas ao menos fossem capazes de reconhecer que cada um e todos os seus alunos provêm de um contexto nacional, cultural, social, religioso e intelectual diferente, isso seria de grande ajuda para estabelecer uma melhor compreensão mútua.

Aprender os traços culturais habituais de cada país requer um certo tempo. Esclarecer mal-entendidos e equívocos também leva tempo, sem falar que exige muita paciência. Por isso, devemos ter em mente que o Dharma, o budismo, começou a deitar raízes no ocidente há muito pouco tempo e ainda tem um longo caminho a percorrer.

O poder da linguagem

Há cerca de uma década ensinei em uma das faculdades da Universidade de Oxford por um semestre, e só então me dei conta de que o estudo das religiões em muitas das grandes

universidades ocidentais inclui o estudo das línguas associadas a elas. Os professores de Oxford elaboram seus cursos com muita consideração e a insistência deles no estudo das línguas primárias de cada religião parece sensata. No entanto, não devemos descartar o fato de que o sânscrito, o páli e o tibetano clássico são ultrapassados, arcaicos e praticamente inúteis fora do ambiente universitário. A perspectiva de emprego de alguém que fale sânscrito fluentemente é praticamente zero; do ponto de vista profissional, é bem mais proveitoso você aprender chinês simplificado.

Hoje o budismo é ensinado em várias línguas modernas. Esse é um fato da vida moderna que todos os budistas precisam saber, não apenas os budistas tibetanos. Recentemente eu folhiei um livro de cânticos em páli. Foi meio como ler um hinário cristão do século XIX. Foi então que me ocorreu como é urgente redefinirmos a tradução ocidental de muitos termos que usamos. Se eu fosse o Kim Jong-il do budismo, eu proibiria palavras como “compaixão”, “iluminação”, “devoção” etc. no primeiro dia do meu mandato.

A linguagem também é um problema para os tibetanos. Como já mencionei, muitas pessoas das gerações mais jovens não foram educadas em escolas tibetanas, mas em lugares como a Dr. Graham High School, em Kalimpong, e a Escola St. Joseph, North Point, onde todas as aulas são em inglês. Embora esses jovens sejam budistas, sua compreensão de “bem” e “mal” é muito diferente da de seus pais e avós que não receberam uma educação nos moldes britânicos. Também tenho certeza de que os tibetanos que cresceram na China nas décadas de 1970 e 1980 têm ainda outra interpretação dessas palavras.

Já passou a hora de todos os lamas tibetanos aprenderem a se comunicar de maneira eficaz tanto com os ocidentais quanto com os tibetanos cuja educação e condicionamento cultural

são muito diferentes dos seus próprios. Duvido que muitos dos lamas que agora ensinam no ocidente tenham sequer tentado ler a literatura popular — a coleção Harry Potter, de J. K. Rowling, por exemplo — ou qualquer um dos grandes clássicos da literatura, como *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, ou *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald. Mesmo um lama razoavelmente fluente em inglês não teria qualquer chance de traduzir *Razão e Sensibilidade* para o tibetano. O problema não é que a língua tibetana não disponha de termos para descrever o corte de gastos que uma família precisou fazer após a morte do pai, o problema é que os lamas não fazem a mínima ideia das camadas de significado culturalmente singulares escondidas por trás de cada palavra de Jane Austen.

Se ao menos os lamas que estão ensinando o Dharma em inglês tivessem um vislumbre dos mal-entendidos e conjecturas que surgem nas mentes inglesas cultas enquanto escutam um ensinamento da madhyamika, ou de como as pessoas cuja segunda ou terceira língua é o inglês entendem os ensinamentos! A maioria dos lamas não faz ideia de que palavras como “compaixão”, “ego” — e portanto “ausência de ego” — ou “amor”, “não-violência”, “inferno”, “voto”, “queda”, “tentação” e “iluminação” podem ser ouvidas de formas muito diferentes, dependendo da educação, nacionalidade e contexto cultural de cada pessoa.

Em um contexto religioso, a bagagem cultural agregada a essas palavras pode torná-las deveras perigosas. Palavras como “egoísta” e “altruísta”, por exemplo. Para muitos cuja primeira língua é o inglês, “ego” traz consigo a ideia de uma “alma”, o que torna o uso budista do termo, que é muito diferente, bastante confuso. Para os budistas, o “ego” é um rótulo, assim como “Coca-Cola” é um rótulo; a diferença é que o rótulo “Coca-Cola” pode ser impresso numa garrafa ou numa lata,

enquanto o rótulo “ego” não tem nada a que possa se grudar. Se neste momento você tivesse na mão um rótulo com “ego” escrito nele, onde você o colaria? No seu dedão do pé? Num dedo da mão? Num sentimento? O ponto focal do “ego” muda o tempo todo; ele é transitório, está em movimento e transformação constantes. Por isso, não existe um ponto onde você possa colar de forma definitiva o rótulo “ego”. Esta é uma questão muito sutil.

Assim como os budistas, os cristãos evitam ser “egoístas” e promovem ações “altruístas”. Nesse contexto, “altruísta” significa “não ser egoísta”. Assim, o que as pessoas que falam inglês realmente ouvem quando recebem um ensinamento budista que faz menção à expressão “ausência de ego”, tradução comum do termo páli *anattā*? Além disso, se “ego” também implica que a pessoa tem “alma”, uma pessoa “altruísta” seria levada ao niilismo? O mesmo acontece com “vacuidade”, que em inglês implica que, embora um recipiente esteja vazio agora, alguma vez esteve cheio.

Durante minha turnê europeia pelos centros Rigpa, em 2018, um homem se sentiu ofendido pelo meu uso da palavra “esmagar” e postou um comentário em uma rede social. Eu usei o termo “esmagar” no contexto de a tarefa do guru ser a de esmagar o ego dos alunos. Esse homem disse que tal termo não existe nos ensinamentos budistas. De certa forma, é verdade: “esmagar” não é uma tradução politicamente correta do original sânscrito. Ele foi adiante dizendo que, uma vez que os budistas acreditam que não existe algo como um “ego”, não há nada a ser esmagado. É claro que ele está certo. Concordo plenamente. Mas eu acrescentaria que é por reconhecer que não existe um ego desde o início que podemos esmagar esse ego. Em outras palavras, esmagamos o ego ao perceber que não há nada a ser esmagado. Para quem tenha sido criado

numa cultura na qual não existe o conceito de “ausência de ego” (*anattā*), “esmagar o ego” é muitas vezes interpretado como esmagar a autoconfiança ou a autoestima de alguém. Se houvesse algo como um ego verdadeiramente existente, com certeza esmagá-lo seria um caso de abuso. Mas não há um ego para ser esmagado.

Entoar as práticas em línguas modernas é outro aspecto da linguagem que ainda não foi abordado. Os lamas tibetanos têm feito seus alunos entoar e recitar práticas em tibetano há décadas, com transliterações fornecidas no alfabeto romano para que os alunos possam recitar as palavras como papagaios. Pessoalmente, considero que é muito melhor que o aluno saiba o que está dizendo enquanto pratica e, ultimamente, tenho insistido que os drupchens e drupchös sejam celebrados na língua local. No entanto, sempre que participo de cerimônias em eventos do Dharma no ocidente, em geral são os próprios ocidentais, principalmente aqueles marinados na cultura tibetana há mais tempo, os que mais insistem para que as práticas em grupo sejam feitas em tibetano.

Certa vez pedi a alguns lamas muitíssimo respeitados, nenhum dos quais fluente em inglês, que lessem em voz alta uma versão fonética de um soneto de Shakespeare. Em seguida, coletei suas reações. “Eu me sinto ridículo!”, disseram. “Qual o objetivo disso?” “Por que você nos obrigou a fazer isso?” Esses são os mesmos lamas que nem sequer começaram a pensar no que poderiam fazer para que os alunos recitem as práticas em suas próprias línguas, ou em como encorajar a tradução dos textos de prática com rima e métrica, para que os alunos possam recitar ou cantar suas práticas.

A fascinação ocidental pelo exotismo tibetano

Outra faceta que muito contribuiu para os equívocos de comunicação entre os lamas tibetanos e seus alunos estrangeiros é o fascínio ocidental pelo exotismo tibetano. Para alguns, os implementos rituais, as roupas coloridas, o incenso, a arte tibetana etc. são muito mais atraentes do que o Dharma em si. Ainda por cima, como a cultura tibetana é considerada uma espécie em extinção, muitos ocidentais logo se prontificam, oferecendo ajuda e apoio. Todos esses fatores desempenham um certo papel. Sem perceber que a cultura tibetana não é sinônimo de Dharma, muitos ocidentais preferem apoiar a preservação da cultura tibetana em vez de estudar e praticar o Dharma. Mas, se os professores estivessem de fato preocupados com a liberação dos alunos, saberiam que não basta oferecer cursos sobre a maneira de dobrar uma echarpe branca tradicional. Um professor de inglês jamais deixaria de ensinar os verbos irregulares para treinar seus alunos tibetanos na arte de tomar chá inglês em xícaras de porcelana, com o mindinho ligeiramente dobrado. Além disso, o professor jamais insistiria que daquele momento em diante cada xícara de chá devesse ser bebida exatamente da mesma forma. Os professores de inglês ensinam a língua inglesa, não hábitos ingleses antigos.

Parte do problema é que nem todos os professores tibetanos receberam uma educação completa do Dharma, e um número surpreendente deles não sabe ensinar. Para eles, repetir vezes sem fim os ensinamentos budistas quintessenciais sobre shunyata, originação dependente e assim por diante é difícil e tedioso; em vez disso, ensinam hábitos culturais tibetanos travestidos de Dharma do Buda.

Ensinar não é fácil. Muitas vezes o aspecto mais crucial de uma determinada habilidade ou filosofia é o menos tangível

e mais difícil de se transmitir. Por exemplo, antes mesmo de você empunhar uma câmera, é necessário saber como olhar para o objeto que pretende fotografar. Mas como se ensina a alguém a olhar? É muito mais fácil mostrar aos alunos como configurar a câmera, como escolher a melhor velocidade do obturador ou F-stop, e transmitir alguns princípios da fotografia. Os alunos adoram esse tipo de coisa. Da mesma forma, é muito mais difícil ensinar shunyata do que ensinar como dobrar uma echarpe branca ou fazer tormas. É por isso que alguns professores tibetanos focam suas instruções na maneira de arrumar o altar e, com isso, levam os alunos a crer que o arranjo do altar seja um aspecto crucial do budismo tibetano. É como dizer que para se tornar um excelente fotógrafo é necessário saber a diferença entre uma câmera Fuji e uma Sony. Os alunos gostam de aprender coisas práticas que possam ser logo aplicadas e produzam resultados tangíveis. Eles gostam de aprender como arranjar e encher as sete tigelas de oferenda no altar. Dominar a arte de entoar preces em tibetano lhes dá confiança — e créditos. Eles gostam de sentir que aprenderam bem as lições e que sabem o que estão fazendo. Por outro lado, é praticamente impossível ver o resultado dos ensinamentos sobre shunyata e originação dependente, porque são muito elusivos e quase sempre inexprimíveis.

No início, é provável que os alunos ocidentais tenham saído em busca do Dharma por razões espirituais. Mas após algum tempo, sua preocupação com as tradições tibetanas, como as cores vivas, os tecidos suntuosos e os implementos rituais prodigiosos os afastaram do objetivo principal do Dharma do Buda, que é a iluminação. Reconhecendo isso, em vez de oferecer um curso relâmpago de como adotar hábitos tibetanos, um professor bondoso e compassivo sempre encaminhará os alunos a um curso de estudo e prática que os conduza à liberação.

Felizmente, como os ocidentais agora sabem muito mais sobre o Dharma do Buda do que nas décadas de 1960 e 1970, cada vez menos lamas conseguem enganá-los com aulas de cultura tibetana. Na verdade, um número surpreendente de ocidentais sabe mais sobre o Dharma do que os khenpos e lamas tibetanos, e já não é mais possível enrolar tanta gente, embora alguns lamas possam tentar. Como resultado, o budismo tibetano deixou de ser a aventura enigmática e mística de outros tempos e seu ineditismo vem se desgastando — o que provavelmente é uma boa coisa.

Nenhum dos problemas que mencionei aqui é fácil de resolver; ainda assim, creio que falarmos abertamente sobre eles é um bom começo.

Da inspiração e da fundamentação

EM 2014, COMECEI A NOTAR que alguma coisa não ia bem no mundo vajrayana. Estavam circulando boatos alarmantes envolvendo gurus vajrayana e comecei a me preocupar que o bebê metafórico do Vajrayana estivesse prestes a ser jogado fora junto com a água do banho infestada de escândalos.

As revelações que levaram à queda de Sogyal Rinpoche foram publicadas em 2017. Não foi a primeira vez que um guru vajrayana ilustre foi citado num escândalo público. No Tibete, as revelações chocantes a respeito dos lamas faziam parte da vida, e a dimensão das infrações cometidas era muito maior. Embora os tibetanos não tivessem acesso às redes sociais (que ainda não tinham sido inventadas), qualquer boato relacionado ao mau uso de poder, dinheiro ou sexo magnetizava infâmia e desonra, arruinando instantaneamente a reputação dos envolvidos. Não preciso explicar a nenhum de vocês como essas coisas funcionam.

Nosso problema fundamental é que todos somos seres humanos. Como seres humanos, somos deludidos e em geral não temos escolha a não ser confiar em sistemas criados para nós por outros seres humanos deludidos. Nos dias de hoje é virtualmente impossível evitar o uso de algum sistema, método ou caminho criado por outra pessoa para alcançar os objetivos que escolhemos. No entanto, como afirmou Buda Maitreya, embora algum tipo de sistema espiritual seja indispensável para quem busca a iluminação, o próprio caminho será incapavelmente imperfeito.

སྤང་སྤྱིར་བསྐྱུ་བའི་ཚོས་ཅན་སྤྱིར། །
མེད་སྤྱིར་འཇིགས་དང་བཅས་པའི་སྤྱིར། །
ཚོས་རྣམས་གཉིས་དང་འཕགས་པའི་ཚོགས། །
གཏན་གྱི་སྐྱབས་མཚོག་མ་ཡིན་ནོ། །

Porque deve ser descartado,
Porque é inconstante por natureza
Porque eles não têm,
Porque eles têm medo,
O Dharma em seus dois aspectos e a Sangha
Não são o refúgio último

*Uttaratantrashastra,
Arya Maitreya ^{7b}*

É bem possível que o budismo seja o único sistema espiritual do mundo que informa aos seguidores que o caminho deles, o caminho budista, não é perfeito e deverá ser descartado em algum momento. No contexto de um debate filosófico com nerds chegados à argumentação, especialmente aqueles que bebericam café extraforte na margem direita do Sena, tal afirmação pode soar extremamente impressionante. É só quando estamos sozinhos com nossa prática que começamos a perceber como somos de fato apegados ao nosso caminho e a todos os seus diversos sistemas. E é assim que deve ser. Como budistas, devemos acreditar em nosso caminho espiritual e nos preocupar com ele. O barco que nos leva pelo oceano não é o nosso destino último, mas os viajantes devem permanecer fiéis ao seu barco até chegarem à outra margem. Apenas um idiota afundaria seu próprio barco.

Poder, dinheiro e sexo

Quando dois seres deludidos estabelecem uma relação, sempre há algum desequilíbrio de poder pessoal; um dos dois está fadado a ser mais poderoso e assertivo do que o outro. Contudo, por mais corajoso e capaz de se defender que você seja, às vezes vai decidir se submeter à vontade de outra pessoa. Por que insistir numa posição quando o resultado pode ser uma perda pessoal devastadora? Ainda mais se a renúncia do seu poder atual prometer uma recompensa preciosa no futuro. Em geral é assim que funcionam todas as relações entre professor e aluno, seja qual for o contexto.

Os indivíduos que gozam de aclamação pública e respeito geralmente também são extremamente influentes. Ao longo dos séculos, uns poucos lamas tibetanos amealharam grande poder, enquanto a maioria fazia o possível para evitar a todo

custo qualquer tipo de alto cargo espiritual ou político. Para a maioria dos lamas, o maior inconveniente de uma posição de influência era a perda inevitável da liberdade pessoal. Contam-se diversas histórias sobre o esforço que alguns lamas fizeram para escapar desse estilo de vida. Jamyang Khyentse Wangpo, por exemplo, evitou a honra de ser elevado à posição de shabdrung do mosteiro de Ngor, um mosteiro sakya muito respeitado, escapulindo na calada da noite na véspera da cerimônia. Em outra ocasião, chegou aos ouvidos de Khyentse Wangpo o rumor de que o rei de Derge estava procurando um calígrafo excelente para ser seu secretário. Decidido a não se tornar uma propriedade do rei, Khyentse Wangpo, que era um mestre calígrafo, deliberadamente destruiu todas as suas mais belas obras e passou a escrever com garatujas que mais pareciam o rastro de uma aranha sobre a página.

É um fato da vida que certas pessoas são líderes natos e outras, seguidores natos. Os budistas atribuem isso ao karma. Quando um grupo de amigos decide fazer um piquenique, o líder nato imediatamente entra em ação e determina quem faz os sanduíches, quem leva a salada de batata, quem fica responsável pelas toalhas e assim por diante. Faz sentido; um bom organizador pode evitar que todos percam muito tempo e dinheiro. Isso acontece até entre os anarquistas; um deles está fadado a ser mais poderoso e assertivo que os demais. Mas isso também tem desvantagens. O poder que acompanha a capacidade de orquestrar grupos de pessoas é fácil de ser corrompido e frequentemente se torna abusivo. Muitos sonhadores românticos anseiam por um mundo sem regras, leis ou autoridades. A princípio soa paradisíaco, não é? Até nos lembrarmos que muitas vezes são os sonhadores que se tornam ditadores, porque eles forçam nações inteiras a obedecer suas regras só para que possam viver seu sonho.

No Tibete, uns poucos lamas espiritualmente poderosos combinaram o papel espiritual com o de líderes de grandes redes de mosteiros e desse modo muitas vezes conseguiram exercer considerável poder administrativo e político. Mas a história é testemunha de que o exercício do poder político pelos líderes religiosos do Tibete foi a causa de um tremendo sofrimento em todo o país. Talvez seja interessante que você aprenda mais a respeito desse aspecto da história tibetana. Mas, por favor, não se concentre apenas no número relativamente pequeno de lamas corruptos. Se você for capaz de separar o Dharma do praticante, verá que a vasta maioria dos lamas dedicou a vida ao benefício dos outros e à prática do Dharma. São contadas muitas histórias inspiradoras sobre praticantes espirituais corajosos que fizeram oposição a políticos tibetanos corruptos. A leitura desses relatos pode ajudá-lo a desmistificar a história tibetana.

No Tibete os mosteiros eram responsáveis pela manutenção, preservação e propagação de suas próprias tradições e linhagens de ensinamentos. Por isso, tinham o dever de fundar escolas, centros, bibliotecas e custear subvenções e bolsas de estudo. Mas, assim como o poder corrompe, a proximidade com grandes somas de dinheiro também o faz — e é muito mais provável que um seguidor do Buda se interesse mais por dinheiro do que por poder. Nem todos precisam ou desejam estar no comando de uma corporação multinacional, mas todos nós precisamos pagar nossas contas. E quanto é o “suficiente” em termos financeiros? Esse é um conceito indistinto, misterioso, inquantificável. Até mesmo os bilionários parecem considerar que nunca têm o suficiente.

O budismo sempre contou com poderosos apoios políticos e financeiros para auxiliar na propagação do Dharma. Sem eles, os ensinamentos do Buda talvez não tivessem se disseminado

tanto. O auge indiano do Dharma do Buda, por exemplo, deu-se aproximadamente entre os séculos IV e XII EC, período em que as dinastias Gupta e Pala — ambas generosas patrocinadoras do Dharma do Buda — detiveram as rédeas do poder político. Os historiadores acreditam que uma das razões (embora não a única) pelas quais as tradições budista e jainista declinaram na Índia foi que elas simplesmente não dispunham dos mesmos recursos financeiros, em comparação com as religiões mundiais mais dominantes. Neste mundo, o dinheiro é um mal necessário do qual ninguém tem como abrir mão.

Os ensinamentos do Buda sobre “meios de subsistência corretos” fazem parte do nobre caminho óctuplo budista. Esse ensinamento estabelece claramente o que todos os budistas devem saber sobre seu meio de sustento. Monges e iogues budistas não devem ter poupança. O vinaya também estipula que os monges devem mendigar sua comida e comer apenas o que lhes for oferecido naquele dia. Os iogues são aconselhados a fazer o mesmo. Quando criança, sempre me alegrava ao avistar os monges e iogues que regularmente iam até nossa casa para mendigar. Eu corria para a cozinha para buscar a comida que estava reservada para ser oferecida em suas tigelas. Só de lembrar daquele tempo já me aquece o coração. Hoje em dia é tudo muito diferente. Imagine como um monge budista seria recebido se tentasse mendigar na Bond Street de Londres. A tradição da mendicância ainda é praticada em alguns países Theravada, onde a visão dos monges mendigando a refeição diária é uma das coisas mais belas de se apreciar. É triste que isso esteja desaparecendo.

O budismo quase sempre contou com dinheiro e poder para sustentar seu ensinamento e prática, mas jamais contou com o sexo. O sexo não consta das “necessidades básicas” do

Dharma do Buda. Podemos praticar o Dharma sem nunca fazer sexo, mas os mosteiros nunca teriam sido construídos, nem os livros impressos, sem a contribuição de patrocinadores poderosos e seu dinheiro.

Hoje em dia, todos trocam histórias sobre sexo no budismo Vajrayana e exageram tanto que o ato sexual e a atitude dos praticantes em relação ao sexo se tornaram os dilemas mais discutidos do Vajrayana.

Seja qual for a circunstância, o abuso sexual é sempre condenável. O Vajrayana nunca ofereceu nem oferecerá justificativas em favor de professores que forcem os alunos a fazer algo que não queiram fazer. No budismo, o abuso sexual é classificado como “dano” e todos os praticantes do Vajrayana devem evitar infligir dano aos outros. No entanto, um lama ser um abusador não quer dizer que toda a sua linhagem seja de molestadores. Os danos causados pelo abuso sexual são pessoais. A vítima experimenta sofrimento emocional, mental e físico e, caso o abusador seja apanhado, sofrerá censura, condenação e, às vezes, prisão. Tanto sua reputação como seu legado serão publicamente dizimados. Embora relatos desse tipo de comportamento possam macular a imagem do Dharma do Buda, a vítima e o perpetrador do abuso são os que mais sofrem.

É importante lembrar que a vasta maioria dos lamas não são predadores sexuais e que uma única acusação pública já é mais do que suficiente para arruinar uma reputação. Mas, de modo geral, o dano infligido por abuso sexual afeta menos pessoas do que a devastação causada por corrupção institucional, abuso de poder e fraudes financeiras.

Enquanto escrevo estas linhas, já sinto meus críticos estremeecerem de indignação: “Mas e as vítimas?!” Eu considero qualquer tipo de abuso sexual deplorável e estou, é claro, pro-

fundamente preocupado com as vítimas. Uma das razões pelas quais escrevi este livro foi para fornecer aos alunos vajrayana recém-chegados as ferramentas analíticas necessárias para que nunca sejam vítimas de qualquer forma de abuso.

Apoio institucional aos lamas controversos

Os escândalos recentes levantaram uma série de questões legítimas. O budismo tibetano é de fato uma religião organizada, com suas próprias instituições e hierarquias cuidadosamente estruturadas. Então por que os alunos modernos não foram alertados sobre os lamas que são conhecidos por seu mau comportamento ou cujo caráter é particularmente desafiador? Por que mesmo os mais elevados lamas continuam endossando lamas controversos, seja por escrito ou demonstrando sua amizade em público? Tais questões evidenciam claramente alguns dos desafios enfrentados pelo budismo tibetano. Mas encontrar respostas para essas perguntas, ou simplesmente uma resposta satisfatória, é complicado.

Digamos que eu me depare com uma nova aluna que acabou de ser aceita pelo lama de sua escolha. Só de ver o seu sorriso radiante já sei que ela está felicíssima com seu novo guru. No entanto, baseado na minha limitada percepção, minha impressão é de que algumas das atividades do lama como professor são um tanto questionáveis. Posso até suspeitar que aquele lama não é o homem que essa aluna tão devotada pensa que ele seja. Mas eu precisaria de uma longa e árdua reflexão antes de decidir compartilhar com ela a minha avaliação. Por quê? Para começar, meu julgamento do outro lama está, evidentemente, baseado em minhas próprias percepções e preferências deludidas. Eu poderia ter sido influenciado pela inveja ao fazer minha avaliação? Como essa nova aluna vai

interpretar o que eu lhe disser? Será que ela vai aceitar bem? Será que ela vai reconhecer que estou tentando oferecer um bom conselho, de coração aberto? Será que ela vai acreditar que tudo o que eu disser decorre do meu cuidado e preocupação? Ou será que ela vai supor que eu esteja com inveja do seu lama?

Como não sou iluminado, faço questão de preservar minha reputação e preferiria não ser considerado um invejoso. Os mahasiddhas, por sua vez, não dão a mínima para o que os outros pensam deles, especialmente se aquilo que eles têm a dizer, por mais impopular que seja, puder preservar a conexão de um aluno com o Dharma. Mas eu, obviamente, não sou um mahasiddha.

Talvez o lama dessa nova aluna pareça flertar abertamente com a controvérsia — Sogyal Rinpoche não foi o único lama a enfrentar críticas generalizadas por sua abordagem controversa ao ensinar o Vajrayana. Também é possível que o lama dessa nova aluna tenha um grande dom para atrair novas pessoas para o Dharma e que os alunos considerem que os ensinamentos dele lhes trazem grande benefício. Mas será que ele realmente sabe o que está falando? Será que ele recebeu o treinamento adequado? E será que ele completou esse treinamento? Isto é, será que ele concluiu seu aprendizado com um guru vajrayana autêntico?

O comportamento desses lamas mais controversos, cujo caráter é um amontoado de contradições, foi e continua a ser inábil a ponto de arruinarem a si mesmos e seus alunos. Pior ainda, essa falta de aptidão agora ameaça o próprio Dharma do Buda. O que aconteceria se os atos de uns poucos lamas desacreditassem o budismo a ponto de os ensinamentos serem proibidos? E se o Dharma do Buda se tornasse obsoleto e fosse negada às gerações futuras a oportunidade de ouvir uma única

palavra daquilo que o Buda ensinou? No mundo incerto de hoje, tal perda seria catastrófica.

As acusações sobre o comportamento de Sogyal Rinpoche estavam circulando há mais de 25 anos e o escândalo que por fim irrompeu não era algo inesperado. Os demais lamas tibetanos devem ter ouvido ao menos alguma coisa sobre o que se passava entre Sogyal Rinpoche e seus alunos. Então, por que nenhum de nós se manifestou? Sei que alguns lamas tentaram conversar com ele em particular, mas parece que Sogyal Rinpoche não ouviu o que foi dito. Ou talvez ele simplesmente não tenha escutado.

Nos dias de hoje, quando é postada nas mídias sociais uma selfie casual de um lama respeitável ao lado de um lama controverso ela é instantaneamente interpretada como um aval. Eu fico bem paranoico com isso. Esse tipo de suposição categórica deixa lamas como eu em situações muito difíceis. Eu estou sempre disposto a discutir as coisas com os outros lamas e, se for necessário, dar conselhos. Mas essa questão do abuso é tão delicada que entrar no assunto – mesmo com seu melhor amigo – é complicado e isso pode ser facilmente mal interpretado. Desse modo, minha abordagem foi fazer o possível para manter uma relação amigável com Sogyal Rinpoche.

As relações com os tibetanos são sempre complicadas pelo hábito tibetano de jamais dizer na frente de uma pessoa o que realmente se pensa dela. Os ocidentais consideram essa tradição estranha, mas ela pode ser bem útil. Uma discussão entre lamas não é como uma briga de dois vizinhos sobre a altura da cerca. Se fica aparente que os lamas estão em desacordo, as relações amigáveis entre vastas redes de mosteiros e linhagens podem ser facilmente envenenadas e inflamar rivalidades. Nós, lamas, tendemos a preferir um trajeto mais longo e cauteloso, mesmo que os métodos hábeis que aplicamos sejam lentos ou

pareçam ineficazes. Toda essa abordagem exige muito tempo e envolve muita tentativa e erro, mas, quando finalmente dá resultado, vale o esforço.

Também venho notando que nestes tempos está cada vez mais difícil para qualquer pessoa dizer o que pensa. Os comentaristas contemporâneos insistem veementemente que o ocidente continua a valorizar a liberdade de expressão e o debate aberto, mas a minha experiência pessoal é bem diferente. Por exemplo, noto que preciso ser extremamente cuidadoso na maneira de abordar qualquer assunto mais sensível com os alunos do Dharma que não são tibetanos, especialmente quando se trata de seus gurus.

Eu fui criado numa cultura que considera que quanto menos desarmonia houver entre nós e os outros, melhor. Essa preferência pela harmonia não tem nada a ver com o Dharma, é uma estratégia humana. Mas como os seres humanos são complexos e contraditórios, mesmo quando fazemos o melhor possível para evitar confrontos e somos sistematicamente diretos e honestos, por mais virtuoso que seja nosso comportamento, ele não nos garante completamente um bom resultado. Por mais generoso e bondoso que um homem seja, por melhores que sejam suas intenções, se ele também for obstinadamente teimoso, os temperamentos podem se exaltar, seja no trabalho ou em casa. Os conflitos são alimentados por falhas humanas. Isso nunca vai mudar.

Quando alguém que admiramos se comporta mal, muitas vezes nos autocensuramos, às vezes fingindo que não notamos, às vezes entrando em modo de negação. Cada um encontra sua própria forma de conviver com pessoas cujos pontos de vista são bem diferentes dos seus. Talvez seu marido, esposa ou melhor amigo adore o seu chefe. No entanto, ele não apenas abusa de você pessoalmente, mas também abusa de sua posição

de poder para enriquecer ilicitamente. Nesse caso, é provável que você não diga nada sobre o modo como é tratado por ele. Como a maioria das pessoas, você se sente constrangido por seus próprios interesses — a expectativa de uma promoção, de um aumento de salário etc. —, que seriam facilmente postos a perder se você fizesse um escândalo.

Na tentativa de proteger nossos próprios interesses, raramente nos expressamos com liberdade, ou dizemos o que de fato queremos dizer, ou aquilo em que acreditamos. Seria ingênuo imaginar que os seres humanos são suficientemente abertos para serem liberais genuínos. Os únicos verdadeiros liberais são os mahasiddhas, que sempre dizem exatamente o que pensam, sem nenhuma pitada de interesse próprio. O resto de nós ajusta o comportamento de acordo com nosso próprio jogo e só nos manifestamos se isso nos traz algum proveito.

Somos todos egoístas e ambiciosos. Portanto, seria falso imaginar que a capacidade de ser objetivo e de aplicar o pensamento crítico necessariamente leva à franqueza ou que sempre agimos de acordo com nossas crenças. A maioria de nós se recusa até mesmo a reconhecer que tem interesses pessoais. Nossa perícia na autocensura é tão refinada que constantemente fechamos os olhos para a fonte de diversos problemas. Por mais evidente que seja o mau comportamento do nosso melhor amigo, chefe ou cônjuge, nos mantemos calados. Por que arriscaríamos perder uma amizade, casamento ou emprego dizendo o que pensamos? Contudo, é por isso que o mau comportamento segue sem controle. Quando resolvemos tomar uma atitude, muitas vezes fazemos a coisa errada no momento errado e acabamos perdendo tudo, tal como o filho do lenhador tibetano.

Uma vez, um velho lenhador estava tão exausto que adormeceu sob uma árvore. O filho, que olhava com ternura o rosto

de seu amado pai, notou quando uma mosca pousou na testa do lenhador. Sabendo o quanto o velho precisava descansar, o reflexo do filho foi o de espantar a mosca antes que ela o acordasse. A intenção do filho era pura, mas ele cometeu o erro de golpear a mosca com o machado, em vez da mão. Ele não acertou a mosca e ainda partiu ao meio a cabeça do pai.

Eu sempre tive alguma dúvida sobre os métodos de Sogyal Rinpoche. Embora eu nunca tenha feito questão de apresentá-lo a meus amigos e alunos, também nunca tentei desencorajar aqueles que se sentiam inspirados por ele. Afinal, quem sou eu para julgar? Eu também não apresentei ninguém ao grande Chatral Rinpoche, possivelmente o lama mais intransigente que já existiu. No caso de Chatral Rinpoche, a própria impossibilidade de corrompê-lo às vezes o tornava um tanto difícil de lidar. Eu evitava apresentá-lo a alunos recém-chegados ao Dharma porque ele era bem capaz de lhes dizer, na hora, que não faz sentido ter planos, já que qualquer pessoa pode morrer a qualquer momento. “De qualquer jeito,” ele diria, “o samsara e esta vida mundana nada significam.”

Lembro de uma jovem americana que me disse que tinha gostado de Chatral Rinpoche quando o conheceu, mas que não se tornou sua aluna porque se sentiu incapaz de satisfazer a condição que ele estabeleceu. Eu desconfiei que já sabia qual era a condição, mas de qualquer forma perguntei. Chatral Rinpoche tinha dito que ela só poderia se tornar sua aluna se nunca fizesse planos com mais de três meses de antecedência. “Se você não pode fazer isso,” ele disse, “nunca mais venha aqui.”

Há alguns anos, conheci um sujeito do Oriente Médio que tinha um vivo interesse pela filosofia budista. Como é raro encontrar alguém assim, meu primeiro pensamento foi o de apresentá-lo a um lama meu amigo. Ainda assim, hesitei.

Meu amigo é um franco defensor do vegetarianismo e nunca perde a oportunidade de interpelar a quem ele encontre, para questionar seus hábitos carnívoros. Com certeza a comida vegetariana tem seus benefícios e virtudes, mas me preocupava que o zelo do meu amigo levasse o sujeito do Oriente Médio a desistir de seguir o Dharma do Buda. Ainda assim, eu realmente queria apresentá-los. Por isso, telefonei ao meu amigo e pedi que ele me promettesse, só daquela vez, que não exigiria que o sujeito do Oriente Médio desistisse de comer carne no minuto que se conhecessem. O que me restava fazer?

Buda: seu guru

Ironicamente, embora tenhamos ouvido muitas vezes que não devemos confiar na pessoa que concede o ensinamento, mas no ensinamento em si, a maioria de nós jamais o faz. Por quê? Alguns encontram um guru e são instantaneamente fígados. “É este!” A busca por um guru termina e não precisam de mais ninguém ou de mais nada. Outros começam tentando ler sozinhos os ensinamentos budistas. Em poucas horas percebem que todos aqueles grossos e pesados livros sobre o Dharma em cima da mesa estão apinhados de um jargão budista incompreensível e, portanto, são muito difíceis de entender. E, de qualquer modo, por onde devem começar? Então tentam participar de palestras sobre o Dharma. Mas isso também não funciona, porque ouvir ensinamentos ao acaso pode ser confuso, ainda mais se a pessoa estiver enfurnada numa sala quente, abafada, superlotada, onde conceitos complexos e difíceis de entender estão sendo debatidos à exaustão.

Um professor humano é muito diferente. Podemos ver, tocar e conversar com um professor. Para muitos de nós, a mera existência do professor não só nos inspira, mas também

nos incentiva. Alguns professores não precisam dizer uma só palavra. Mata Amritanandamayi, a “santa do abraço”, inspira milhões de pessoas pelo mundo afora simplesmente abraçando-as. É um método fascinante. E quem sou eu para julgar se funciona ou não?

Encontrar o professor humano certo pode ser um problema. De Sadhguru Jaggi Vasudev até Eckhart Tolle, os gurus que afirmam ter experienciado revelações em praias ensolaradas ou cozinhas enfumaçadas continuam brotando como cogumelos. Cada um tem o seu próprio estilo de carisma e muito do que dizem soa verdadeiro e bom, apesar de raramente ser algo inédito ou original. Quase sempre os ensinamentos deles são uma versão, em nova embalagem, de algo que já foi dito antes muitas vezes. A decisão de seguir esse tipo de guru é sua. Você tem a liberdade de examinar esses professores e seus ensinamentos e depois decidir por si mesmo o que faz sentido e o que não faz. Você também tem a opção de não examiná-los, se assim preferir. No entanto, em algum momento durante o processo de escolha de um professor, as suas reações emocionais, por mais efêmeras que sejam, terão alguma influência.

Podemos escolher um professor utilizando as mesmas ferramentas que usamos para escolher uma universidade. Digamos que você seja muito ambicioso e decida se candidatar à Universidade de Oxford, na Inglaterra, porque lá estudaram 55 vencedores do Prêmio Nobel. Se uma nova universidade que parecesse idêntica à Oxford brotasse da noite para o dia às margens do Isis, você se candidataria? Não, não se candidataria. Como a sua ambição é ganhar um Prêmio Nobel, faz mais sentido se entregar nas mãos de uma universidade com um histórico comprovado de bem-sucedidos ganhadores anteriores. É por isso que os alunos do Dharma são aconselhados a descobrir se o guru por quem sentem atração tem um guru

e a se perguntarem: “Será que o guru desse guru seguiu um guru?” Em outras palavras, será que esse guru faz parte de uma linhagem de gurus? E quantos dos gurus dessa linhagem foram o equivalente a um vencedor do Prêmio Nobel?

Um dos benefícios de se seguir um guru que pertença a uma linhagem respeitável de gurus é que é provável que ele tenha recebido uma educação completa. A quem você confiaria o trabalho de remontar os diamantes da sua avó? Pediria a um ourives treinado por Cartier ou ao seu vizinho cujo passatempo é o artesanato em metal? Se você precisasse de uma advogada, não verificaria se ela é bem qualificada? Nós todos não preferimos escolher nossos médicos, pintores e encanadores baseados na recomendação pessoal de alguém em quem confiamos? Será que você se sentiria confortável se entregasse uma procuração a um advogado sem qualificação nem escritório, cujo nome você encontrou nos anúncios classificados do seu jornal de bairro, só porque ele foi educado ao telefone?

É claro, considerando como são os direitos humanos individuais, não há nada que o impeça de escolher o artesão ou o sujeito de voz agradável. Você pode fazer o que bem entender, fique à vontade, por favor. Mas lembre-se: se algo der errado, você estará por conta própria. É por isso que no Vajrayana a linhagem é tão enfatizada.

Muito se discute atualmente sobre a propriedade intelectual e os direitos autorais. Economias emergentes, como a China, são frequentemente criticadas na mídia europeia e americana por se apropriarem de ideias ocidentais. No entanto, o Ocidente vem se apropriando de ideias da Ásia há séculos, e continua a fazê-lo, tanto no nível empresarial quanto individual. Muitas das técnicas mais populares de atenção plena ensinadas agora se originaram na Índia. A arte japonesa do arranjo floral (que os japoneses importaram da China junto com o budismo) e

a cerimônia do chá japonesa foram plagiados, reestruturados e reembalados para o mundo ocidental, sem uma única palavra de crédito aos criadores originais. Da mesma forma, poucos dos chamados professores e escritores espirituais de hoje reconhecem suas fontes: está fora de moda dar crédito a quem de direito. Esses professores roubam insights dos maiores pensadores espirituais do mundo, simplificam a linguagem e passam adiante como se fossem de sua autoria.

Se você decidir seguir um desses novos professores apesar do mistério que cerca a educação espiritual deles, esteja ciente de que está correndo um grande risco. Rejeitar uma religião organizada e se colocar nas mãos de um guru que tenha pipocado da noite para o dia como um cogumelo é tão temerário quanto confiar os diamantes da sua avó ao vizinho artesão. Sempre tenha em mente que se alguma paixonite o levar a apostar tudo que possui num guru-cogumelo, então, espiritualmente, você estará por conta própria.

Hoje em dia todas as formas de religião são vistas com suspeita, particularmente as religiões bem estabelecidas e organizadas. Contudo, os gurus autoproclamados e sem afiliação aparente não seriam ainda mais suspeitos? Que garantia você tem de que um guru autoproclamado não vai abusar de você nem roubá-lo? Esta vida nos oferece pouquíssimas garantias, mas os mecanismos de verificação e controle, testados e comprovados, que as religiões organizadas nos oferecem podem ajudar. Se você se sentir inspirado a seguir um guru-cogumelo que não está ligado a nenhum grupo ou tradição, ele ou ela não estará sujeito a nenhuma forma de supervisão. Cabe a você decidir se vai correr tal risco, mas caso decida fazê-lo, não poderá contar com nenhum tipo de amparo espiritual.

Você pode se perguntar como o fato de Sogyal Rinpoche pertencer a uma linhagem autêntica beneficiou seus alunos.

Quando um guru pertence a uma tradição e a uma linhagem, é possível consultar uma fonte fidedigna dos ensinamentos para aconselhamento. Os alunos de gurus-cogumelo automeados não dispõem desse tipo de apoio. A única razão pela qual nos é possível agora escrutinar o que deu errado entre Sogyal Rinpoche e alguns de seus alunos é o fato de ele ter pertencido a uma linhagem autêntica, que aplica consistentemente todos os mecanismos de verificação e controle recomendados no Vajrayana. O fato de um guru pertencer a uma linhagem não pode garantir seu bom comportamento, mas, pelo menos, os alunos dispõem de um corpus de ensinamentos legítimos como referência.

Dito isso, as manifestações de bodhisattvas são infinitas, então, quem sou eu para julgar se alguém é um professor qualificado ou não? Se você aspira a seguir o Dharma do Buda e está em dúvida se escolhe ou não um guru seguindo seu coração, recomendo veementemente que você trilhe o caminho tradicional de ouvir, contemplar e analisar.

Dharma: os ensinamentos

Certas pessoas se sentem atraídas pelos ensinamentos do Buda, mas preferem ficar longe de todos os gurus. “Eu quero ser budista, mas não quero ter um guru. Em vez disso, vou ler montes de livros budistas.” O grande inconveniente dessa abordagem é que você fica preso a uma única interpretação daquilo que lê — a sua própria. Você sempre enxergará os ensinamentos só a partir do seu próprio repertório conceitual. Na ausência de um guru ou de uma sangha, nenhuma de suas ideias preconcebidas, complexos, equívocos e assim por diante serão contestados, e seus mal-entendidos não serão corrigidos.

Sangha: o mecanismo de verificação e controle do Dharma do Buda

O sistema da “sangha” já traz embutidos todos os mecanismos necessários de verificação e controle. Essa é uma das muitas razões pelas quais a sangha é tão importante. Instituições como Nalanda, Odantapuri e Vikramashila foram fundadas originalmente para apoiar a sangha. Da mesma forma, os shedras, monastérios e centros de retiro foram criados no Tibete para apoiar a sangha. Embora a institucionalização crie seus próprios problemas, é de bom senso ter seu apêndice extraído por um cirurgião bem qualificado num hospital de confiança, e não pelo barbeiro do bairro, não? Um cirurgião qualificado não é preferível a alguém que sabe se promover, mas que mal consegue ler e evidentemente não estudou medicina?

Nunca esqueça: é você quem escolhe o guru. É seu direito como indivíduo tomar todas as suas próprias decisões. Contudo, a quem você vai recorrer se precisar de ajuda e orientação, se o guru-cogumelo que o inspirou não é afiliado a nada? É possível seguir o ensinamento do Buda sem se arriscar a ser abusado? É claro que sim. E talvez a salvaguarda mais eficaz seja verificar o histórico de seu guru em potencial *antes* de lhe solicitar que seja seu guru vajrayana.

Sempre tenha em mente que todas as religiões e grupos espirituais organizados são geridos por seres humanos deludidos e, assim sendo, sempre haverá muito terreno fértil para corrupção, má administração e jogo político de poder. Assim, se a sua escolha de guru foi feita por um capricho ou não foi bem pensada, e esse guru roubar ou abusar de você, mental ou sexualmente, você não terá ninguém para escutar suas queixas — nenhuma organização espiritual, nenhuma linhagem, nenhum sistema educacional.

OITO

A visão: tudo ou nada

Por isso, Shariputra, na vacuidade não existe forma, nem sensação, nem percepção, nem formação, nem consciência; não existe olho, nem ouvido, nem nariz, nem língua, nem corpo, nem mente; não existe forma, nem som, nem cheiro, nem gosto, nem textura, nem objeto da mente; não existem desde o campo da visão até o campo da mente e o campo da consciência mental; não existem desde a ignorância e o fim da ignorância até a velhice e morte e o fim da velhice e morte; não existe o sofrimento, nem a origem do sofrimento, nem a cessação do sofrimento, nem o caminho; não existe sabedoria, nem realização, nem ausência de realização.

Portanto, Shariputra, visto que os bodhisattvas não possuem realização, eles dependem da perfeição da sabedoria e nela se mantêm.

Como não há obscurecimento da mente, eles não têm medo.

Este famoso trecho do *Prajñāpāramitāhṛdaya*, popularmente conhecido como *Sutra do Coração*, é uma expressão da inexprimível visão budista fundamental — se é que pode

ser chamada de “visão” —, nascida da grande compaixão do Senhor Buda.

O que é a “visão”? Antes de decidir circum-navegar o mundo, o capitão de um navio precisa estar totalmente convencido de que a Terra é redonda. Sem essa “visão”, ele nem pensaria em navegar de Nova Iorque até Auckland, muito menos pensaria em traçar uma rota. Se ele de fato acreditasse que o mundo é plano e estivesse convencido de que poderia despencar da beira do mundo na imensidão do desconhecido, ele nunca navegaria. Acontece que a Terra é uma esfera e isso é um fato físico comprovado. Baseada nesse fato, a visão do capitão é a de que poderá navegar de Nova Iorque até Auckland sem cair no espaço infinito. Ele não precisa reforçar continuamente essa visão recitando “a Terra é redonda” noite e dia, porque já tem certeza. Embora o mapa que o capitão irá utilizar para traçar a rota não seja redondo — é um desenho bidimensional numa folha de papel — o fato de o mapa ser plano não leva o capitão a crer que o mundo em si também seja plano ou que seu navio poderia cair da beira do mundo. Isso demonstra o fato de que a visão correta é indispensável.

Uma das visões ensinadas no Dharma do Buda é a de que “todas as coisas compostas são impermanentes.” A verdade contida nessa afirmativa pode nos convencer intelectualmente, mas, quando a vida nos dá uma rasteira, nos agarramos à primeira coisa que está à mão, para tentarmos manter o equilíbrio. Como não possuímos a convicção inabalável do capitão do navio, fazemos planos como se fôssemos viver eternamente.

“Tudo o que aparece não tem um eu verdadeiramente existente” é outra visão budista, mas não é tão fácil de compreender quanto “todas as coisas compostas são impermanentes.” Nossa convicção a respeito dessa visão é mais semelhante à de um capitão que tem vontade de acreditar que o mundo seja

redondo, mas ainda fica paranoico com a possibilidade de despencar da beira do mundo.

Desde os tempos do Buda Shakyamuni até hoje, professores autênticos têm enfatizado continuamente a importância de se estabelecer e manter a visão correta. Todos eles nos alertam sobre os perigos de se ter uma visão errônea, uma visão incompleta ou nenhuma visão em absoluto. Ainda assim, embora a visão seja tão importante, muitos preferem seu oposto. Nós queremos acreditar que algumas coisas são verdadeiramente existentes e que as nossas emoções são prazerosas.

Se você prestar atenção ao que lê nos textos budistas, saberá que a mais vil das atitudes desvirtuosas é a visão errônea. Quando você se prende a uma visão errônea tudo sai errado — tudo que você pensa, faz, o modo como se relaciona consigo mesmo, com os outros, e assim por diante. A vida pode seguir como de costume por algum tempo, mas no fim tudo desmorona. Assim como o capitão que fica paranoico com a possibilidade de cair da beira do mundo por causa de sua visão errônea de que a Terra seja plana, colocando-se em conflito com sua tripulação que sabe que a Terra é redonda, você nunca conseguirá relaxar e nenhuma de suas relações será tranquila.

As chances de uma pessoa como nós se interessar pela visão correta são exíguas, mesmo quando sabemos que as visões errôneas sempre nos levam na direção errada. É um pouco como a atitude do mundo em relação ao plástico: sabemos que o plástico é péssimo para todos e para o meio ambiente, mas, como ele mantém nossas hortaliças fresquinhas, é levinho e baratinho, não conseguimos deixar de fabricá-lo e usá-lo. O plástico é a solução fácil e de curto prazo. Por toda a Índia, o chá costumava ser bebido em xícaras de cerâmica, mas atualmente todo mundo usa xícaras de plástico, porque é mais conveniente tanto para quem vende quanto para quem bebe.

Os budistas são extremamente cuidadosos no que tange às visões errôneas e em geral diagnosticam a preferência pela conveniência como sendo falta de *punya* (mérito) ou, em alguns casos, como total ausência de mérito. O que é uma “visão errônea” para o budismo? A crença de que os fenômenos surgem ao acaso é uma visão errônea. A crença de que um fenômeno tenha sido criado por algum deus onipotente também é uma visão errônea. A crença de que mesas e montanhas sejam permanentes é uma visão errônea, pois ambas são impermanentes. Uma mesa é composta de várias partes, de modo que a crença de que ela seja uma peça única é uma visão errônea. Mesas e montanhas são efêmeras, complexas e estão em constante mudança, de modo que imaginar que exista algo que se possa chamar de “mesidade” ou “montanhidade” é uma visão errônea. A crença de que haja um “eu” também é uma visão errônea, porque isso tampouco existe. E, se um tantrika faz qualquer tipo de distinção ou desenvolve qualquer tipo de preferência, isso também é uma visão errônea.

De acordo com os textos tântricos, tudo o que nós, seres deludidos, enxergamos, projetamos, imaginamos, medimos e determinamos é limitado, parcial e unilateral, além de ser circunscrito pelo tempo, espaço, números, linguagem, cultura e hábito. É isso que o tantra descreve como percepção “impura”. É como estar bêbado. Tudo que você percebe está distorcido pela embriaguez e, portanto, é impuro. Assim que você volta a ficar sóbrio, retorna ao seu estado original pré-bedeira. No entanto, bêbado ou sóbrio, você sempre é “você”. Sob a influência do álcool, as suas projeções se encontram distorcidas, mas você continua sendo você. Antes de beber, enquanto está bêbado e após voltar a estar sóbrio, você ainda é o mesmo “você”. Não apenas você é o mesmo, mas todos os fenômenos continuam a ser os mesmos. Nada muda. Essa

é a visão tântrica. E o significado da palavra “tantra” é “continuidade” ou “fio”.

Os seguidores de várias crenças diferentes, desde aqueles que participam de conferências inter-religiosas até os especialistas em religião da BBC, em geral dão a impressão de que todas as religiões são iguais. Eles adoram falar sobre os métodos e técnicas similares empregados pelas religiões — não roubar, não matar, praticar a não violência, a tolerância e assim por diante —, mas nunca discutem nenhuma similaridade de visão. De certa forma, isso é compreensível. Hoje em dia poucos professores sabem o bastante sobre a visão, e aqueles que sabem não sabem como ensiná-la à sua própria comunidade, muito menos a pessoas de origens e culturas completamente diferentes.

Sejamos honestos: como tema, a visão é tão seca quanto um osso e, francamente, é bem tediosa. Não é amigável nem divertida, e não cria de imediato aquela atmosfera evocativa e inspiradora que podemos sentir em um ambiente com incenso queimando devagar, arranjos florais perfumados e música sagrada exótica. Os ensinamentos sobre a visão budista provocam bocejos, e os alunos muitas vezes se atormentam porque não se consideram inteligentes o bastante para compreendê-los.

Uma vez que a rota do navio esteja estabelecida, o capitão pode relaxar. Sabendo que a Terra é redonda, ele está confiante de que o navio não vai despencar da beira do mundo. Da mesma forma, se os ensinamentos sobre a visão budista forem plenamente compreendidos, muitos dos desafios que enfrentamos no caminho do Dharma ficam imediatamente resolvidos. Desde questões como: “Devo oferecer calêndulas ou rosas?” ou “Qual é o estilo de prostração mais autêntico, o indiano ou o tailandês?” até “Como devemos interpretar as histórias a respeito daquele cara cujo guru o obrigou a construir

uma torre de nove andares?” ou “E quanto àqueles alunos cujo guru os espancou com um coçador de costas?”

Algumas pessoas dão uma olhada nos métodos budistas e os rejeitam de imediato como sendo uma superstição arcaica ou baboseira xamânica. Para outros, o Dharma do Buda é mágico. Eles pensam: “Se me surgir uma urticária no braço, vou me sentir confortado se meu guru me aconselhar a entoar um determinado mantra”. Os alunos se emocionam quando o professor lhes diz que devem praticar focando a atenção na respiração, ou receber certa iniciação, ou fazer uma prática diária de sadhana. Outros, adoram oferecer incenso e praticar a meditação sentada. Alguns até se animam e se inspiram com o desafio de perceber um velho decrépito, que baba e diz coisas desconexas, como um ser perfeito. Todos os tipos de pessoas se sentem inspiradas pelos métodos do budismo e anseiam praticá-los.

Se a sua prática é acompanhada por uma forte crença na visão correta, o guru é um guia mágico e onipotente, capaz de lhe mostrar como dismantelar as distinções dualistas e de conduzi-lo à realização da não dualidade. Sem a visão correta, porém, esqueça a possibilidade de enxergar um guru babão como um buda perfeito. Sem a visão correta, por mais que você mantenha as costas bem retas durante a meditação, você não chegará a algo muito relevante. Sua realização jamais alçará voo nem irá planar célere e bem-aventurada até o fim do caminho. Na ausência da visão correta, por quanto tempo você acha que consegue manter a disciplina da prática sentada? A meditação sentada é como o levantamento de peso: se você deixar de lado por algumas semanas, os músculos ficam flácidos. Sem a visão, a prática sentada é um pouco como a jardinagem: se você deixar de lado por uma semana, as ervas daninhas crescem e é preciso recomeçar do zero. O mesmo

vale para a atenção plena: uma semana sem prática e até o maior fã da atenção plena volta à estaca zero. Então, para que praticar? Por que se incomodar com isso? A atenção plena por si só não vai levá-lo a lugar algum. Só serve para recarregar suas baterias — que sempre precisam ser recarregadas. Pense nisso por um momento. A perspectiva de praticar atenção plena todos os dias até morrer não parece uma coisa rígida, até mesmo deprimente? Sem a visão, a prática de atenção plena não passa de mais um tedioso jogo do samsara. É como olhar a tinta secar, prática e literalmente.

Se o propósito do budismo não fosse mais do que meditar continuamente ano após ano, não seria muito diferente da autoflagelação. Para um praticante budista, o sinal de progresso verdadeiro é a completa exaustão do caminho em si, o que não pode ser alcançado sem a compreensão da visão.

O caminho budista

Talvez seja mais fácil você pegar o jeito do caminho budista se pensar nele como uma mistura de quatro ingredientes: visão, prática, conduta e resultado.

A visão budista

Por ora, vamos resumir a visão budista como: todas as coisas compostas são impermanentes; todas as emoções são dor; nada tem existência inerente; o assim chamado nirvana, ou a iluminação, está além dos extremos e construções mentais. Este ensinamento é conhecido como os Quatro Selos.

A prática budista

Seja qual for o método de sua escolha — oferecer incenso, meditar, entoar mantras —, o método deve ir contra, se opor e ir no sentido inverso da dualidade. Em outras palavras, o

método deve contradizer o oposto da visão e deve aprimorar sua certeza e realização dessa visão. Sendo assim, será uma prática budista. Se não for assim, mas se você desejar e rezar: “Que tudo que eu faça possa aprimorar minha realização da visão”, isso ainda será considerado uma prática budista. Fundamentalmente, todas as práticas que se contrapõem à dualidade estão alinhadas com a visão budista.

A conduta budista

A conduta budista não cai nos extremos. Seja qual for a sua profissão ou preferência dietética — renunciante, praticante leigo, morador de cavernas, gerente de banco, vegetariano ou paleo — é indispensável jamais cair nos extremos. Por quê? Porque qualquer extremo é comparativo e portanto dualista, e a dualidade não se alinha com a visão budista. Isso não significa que um budista que também seja vegetariano deva se forçar a comer um bife de vez em quando para não se tornar um extremista. Ser vegetariano não é o objetivo, é um método. O objetivo é a liberação.

O resultado budista

O resultado da prática budista é definido pela eliminação. Por exemplo: o sonho que você tem enquanto dorme é imediatamente eliminado quando você acorda, e o resultado que descrevemos como “despertar” está precisamente alinhado com a visão budista. Em outras palavras, uma vez que você tenha despertado para a noção de que todas as coisas compostas são impermanentes, não apenas intelectual, mas emocionalmente, você não se apegará tanto ao seu Chevrolet Bel Air 1960 nem à sua relação do tipo “felizes para sempre”. Desse modo, o resultado budista é definido pela eliminação, não por aquilo que você ganhou ou obteve.

A visão indispensável

Você gosta de ouvir os ensinamentos theravada sobre a impermanência (*aniccā*), a insatisfação (*duḥkha*) e a ausência do ego (*anattā*)? Ou os ensinamentos do Bodhisattvayana sobre prajnaparamita (a perfeição da sabedoria), shunyata e mahakaruna? Talvez você prefira os ensinamentos fantásticos do Tantrayana, tais como “cem emoções equivalem a cem sabedorias”, e “assim como uma pilha de rochas contendo um alto grau de minério de ouro é, na verdade, uma pilha de ouro, uma nuvem de tempestade carregada de intensa fúria é, na verdade, uma nuvem de sabedoria.” Ou o ensinamento tântrico de que o seu corpo, esse amontoado de carne decadente, nada mais é do que a deidade, a mandala. Seja qual for o veículo dos ensinamentos budistas que você prefira, ele se define pela visão. E, como os mestres do passado já disseram e os professores do futuro continuarão repetindo, a visão é difícil de compreender. No entanto, isso não se deve ao fato de ela ser impenetrável nem insípida. A visão é difícil porque nós, seres humanos, carecemos de mérito.

O que significa dizer que a “visão é difícil de compreender”? A visão é difícil porque “aquele que vê” se recusa a olhar para ela. Em outras palavras, o observador está num estado de negação e a negação da visão é o clássico sintoma da falta de mérito. Desde os mais grosseiros estados de negação, como “fumar não afeta minha saúde”, até os mais sutis, como “os maus-tratos que venho aturando não fazem mal à nossa relação”, a negação da visão é um dos nossos hábitos mais profundamente arraigados e está entre as mais engenhosas e renitentes impurezas às quais nos apegamos. Aquele que vê tende a resistir a olhar para a visão porque se sente confortável com o status quo. Se todos os dias, durante uma década, você percorrer o mesmo

trajeto até o escritório, esse hábito se tornará tão forte que, se for inaugurada uma rota mais rápida e segura, você ficará quase receoso de experimentá-la. Uma razão ainda mais potente para se evitar olhar para a visão é que ela apresenta um paradoxo. E nós, seres humanos, simplesmente não sabemos como conviver com paradoxos.

Nós veneramos e louvamos o Buda por toda a sabedoria e métodos hábeis que nos legou. Mas, para mim, o seu ensinamento mais importante foi o de como apreciar o paradoxo e conviver com ele.

Paradoxo

“Que maravilha termos nos deparado com um paradoxo. Agora temos alguma esperança de progresso.”⁸

Niels Bohr, Prêmio Nobel de Física de 1928

O que é um paradoxo? A palavra grega “paradoxo” (uma combinação de elementos contraditórios) implica a participação de dois ou mais elementos. No contexto do Dharma do Buda, a palavra “paradoxo” poderia, sob um certo ponto de vista, ser resumida como “a apreciação da não dualidade entre vacuidade e aparência”. No entanto, como acontece com várias outras traduções, essa definição não faz justiça ao seu significado budista.

“Não dualidade” é uma tradução comum do termo sânscrito *advaya*, que significa “não dois” ou “sem um segundo, singular, único”; mas os budistas muitas vezes preferem usar a palavra “união”. O problema com a palavra “união” é que ela implica a combinação de um ou mais elementos — como a

União Europeia ou um casamento — e, portanto, se distancia bastante do conceito original budista de *advaya*. Mesmo assim, os budistas continuam falando em “união”.

Outra palavra importante nesta discussão é a palavra tibetana *miche*, derivada do termo tântrico *michepa*¹⁰. *Miche* é muitas vezes representada por um vajra e significa “indivorciável”, “indivisível”, “imutável” ou “indestrutível”. Como o fogo e seu calor, *michepa* não pode ser separado nem é “um”. Se fosse possível separar o fogo do calor, no momento em que você olhasse para o fogo você se queimaria.

Para compreender o caminho budista, precisamos assimilar o que os budistas querem dizer com “paradoxo” — sua natureza, função e funcionamento. Paradoxos podem ser encontrados em todos os aspectos do caminho budista. Um praticante theravada, por exemplo, insiste sempre em manter as costas retas quando se senta em meditação e se esforça para manter intactos seus votos do vinaya. Ao mesmo tempo, ele nunca, por um momento sequer, abandona a visão de que, na realidade, não existe um “eu” que se senta reto e mantém os votos — a visão de *anattā*. No Mahayana, o Sutra Prajnaparamita afirma que “forma é vacuidade” e, no mesmo fôlego, que “vacuidade é forma”. No entanto, quando se trata de adotar o paradoxo como caminho, creio que podemos afirmar sem sombra de dúvida que o tantra e o Vajrayana superam os demais.

À primeira vista, os ensinamentos do Buda, muitos dos quais são paradoxais por natureza, parecem contradizer uns aos outros. No Sutra Jatakamala, popularmente conhecido como Contos de Jataka, o Buda nos conta: “Certa feita, quando eu era um macaco” e “Certa feita, quando eu era um rei”, o que não só implica a existência de um eu, mas também a reencarnação. Ainda assim, paralelamente aos ensinamentos

que sugerem a reencarnação, o Buda também ensinou *anattā* (a percepção de um “eu” constante é ilusória).

A palavra “reencarnação”, muito desgastada pelo uso, é problemática porque leva os leitores contemporâneos à crença errônea de que um eu, alma ou personalidade existe verdadeiramente e reencarna. Odeio essa palavra!

Nos ensinamentos dos sutras, o Buda descreve como as ações produzem consequências. Matar seres sencientes é o oposto de uma atividade virtuosa; as consequências incluem um sofrimento inimaginável nos reinos dos infernos e o abreviamento da vida no reino humano. Ele também menciona a preponderância da aspiração sobre a ação. Talvez sejamos incapazes de extinguir o sofrimento dos outros por meio de nossas ações, ele disse, mas a aspiração “que todos estejam livres do sofrimento” sempre fará maravilhas. Ainda assim, simultaneamente aos ensinamentos sobre aspiração e ação, o Buda também descreve o poder de não se fazer nada: “Não se ocupe do passado, não se ocupe do futuro e não invente coisas.”

O Buda nos diz que nenhuma emoção é mais perigosa do que a raiva e que o ódio destrói tudo que é virtuoso e íntegro. Ele também diz que, assim como a única maneira de encontrar um elefante perdido é seguir suas pegadas, a única maneira de encontrar nossa sabedoria inerente é seguir as pegadas da sabedoria, que são nossa própria raiva, desejo e assim por diante.

Todas as emoções pertencem às cinco famílias búdicas. O tantra fala sobre a relação entre as famílias búdicas da mesma forma que os zoólogos salientam que, embora os golfinhos pareçam peixes, na verdade são mamíferos. Da mesma forma, no âmbito do tantra, seja qual for a aparência de uma emoção, ela na verdade faz parte de uma família búdica. Todos os praticantes tântricos devem cultivar essa atitude em relação às

suas emoções. Da mesma forma que um lótus só floresce no lodo, a sabedoria só é encontrada nas nossas emoções negativas.

Em resumo, podemos dizer que todos os ensinamentos do Buda são paradoxais. Os budistas se envergonham com as aparentes contradições que tais paradoxos realçam? Será que agora todas as contradições deveriam ser revisadas e abrandadas? Absolutamente não! Longe de se envergonhar, os budistas celebram todos esses paradoxos, porque eles contêm a incomensurável abundância e riqueza do Dharma do Buda.

No entanto, a questão permanece. Por que o Buda abarrotou seus ensinamentos com tantos paradoxos? Por que ele ensinou de forma tão contraditória?

Um físico do MIT que mora no 21º andar de um edifício recém construído, um dia chega em casa e se depara com o filho de dois anos pendurado perigosamente na beira da sacada. O que esse físico deve fazer? Será que um pai desesperado, mesmo que normalmente seja o nerd mais intransigente e bitolado da história, começaria a explicar a lei da gravidade a seu filho em iminente risco de vida para convencê-lo a voltar à segurança? Ou ele acenaria com o panda de pelúcia favorito da criança para prender sua atenção e atraí-la em sua direção? O físico sabe que o ursinho de pelúcia não é um urso de verdade, mas, como sua prioridade é o bem-estar da criança, ele pode se referir a ele como se fosse. Da mesma forma, o Buda, nosso compassivo guia e professor, incessantemente acenou, chacoalhou, ostentou, trombeteou, saltitou e bailou para desviar nossa atenção das distrações de alto risco na direção de opções mais seguras. Da mesma forma que o físico jamais consideraria o panda de pelúcia de seu filho como sendo menos útil ou menos importante do que o caríssimo interferômetro de seu laboratório, os budistas nunca tratariam os ensinamentos pa-

radoxais com desprezo ou desdém. Afinal, sem o panda, como o físico teria atraído seu filho de volta à segurança?

As duas verdades

Um dos métodos do Buda para nos habituar a convivermos com o paradoxal, que também é um método popular para se estabelecer a visão budista, é o ensinamento conhecido como “duas verdades”: a verdade “relativa” ou “convencional” e a verdade “última” ou “absoluta”. O que é a verdade relativa? Em seu nível mais básico, é tudo aquilo que a mente traiçoeira, dualista e trapaceira percebe. O que é a verdade última? O exato oposto da verdade relativa — não há nada enganoso na verdade última. No entanto, discorrer sobre a verdade última é uma atividade dualista, o que significa que a discussão sempre recai na categoria de verdade relativa. A verdade última está além de discussão, rótulos, distinções, dualidades, julgamentos e categorias.

O desafio enfrentado por muitos alunos e praticantes é que, inicialmente, a verdade relativa e a verdade absoluta parecem ser dois tipos separados de verdade que podem até ser arquirrivais. Mas é claro que não são. As duas verdades — a verdade relativa e a verdade absoluta — são apenas uma ferramenta linguística cuja utilização é inevitável na discussão dos dois aspectos da verdade. A verdade relativa é como vislumbrar uma corda colorida e confundi-la com uma cobra, e a verdade absoluta é que desde o início não havia cobra nenhuma. Nosso problema não consiste em nos livrarmos da cobra, porque não há nem nunca houve cobra alguma. O problema é que, tendo vivenciado a ilusão de uma cobra, como poderemos nos livrar do medo de nos deparar com uma cobra?

Pelo que posso notar, esse ensinamento de importância crucial tem sido mal transmitido ou insuficientemente explicado aos ocidentais. Para a maioria das mentes ocidentais, o conceito de “último” soa mais importante do que o de “relativo”. Talvez seja por isso que tantos ocidentais aparentemente dão mais valor à verdade última do que à verdade relativa. Os budistas não fazem essa distinção, os budistas não pensam assim. O Dharma não menospreza a verdade relativa nem exalta a verdade absoluta – não pelo fato de que, como no caso do panda e do interferômetro, elas sejam igualmente importantes, mas pelo fato de que nenhuma das duas existe. Ambas as verdades são meras ferramentas. Da mesma forma que para o físico o interferômetro não é um centavo mais valioso do que o panda, para um budista a verdade relativa não é um centavo menos valiosa do que a verdade última. A sobrevivência do Dharma do Buda depende não apenas de uma compreensão profunda da verdade relativa e da verdade última — talvez verdade “absoluta” seja uma tradução melhor —, mas também depende do reconhecimento de que a distinção entre relativo e absoluto é uma ferramenta didática e não um fato real.

Não há qualquer equivalente ocidental para termos budistas como verdade relativa e verdade absoluta, clareza e vacuidade, tampouco para samsara e nirvana. Todos são termos adotados para fins de comunicação e, portanto, são verdades relativas. E lembre-se: a verdade relativa não existe de fato. Da mesma forma, “base, caminho e fruto ou resultado” é uma classificação budista utilizada em alguns dos ensinamentos budistas mais diretos, embora também sejam uma verdade relativa – ou, como diria Donald Trump, fake news.

Embora os conceitos de “relativo” e “absoluto” sejam comumente discutidos em separado no Ocidente, muitas vezes me pergunto se alguma vez chegaram a ser combinados como

um método. Pessoalmente, nunca vi isso acontecer. Conforme nos aproximamos do fim do caminho budista, torna-se cada vez mais evidente que a divisão entre relativo e absoluto só funciona no nível relativo. Em outras palavras, a verdade absoluta só pode ser definida como uma verdade relativa. Mais uma vez, parece que isso é algo que o pensamento ocidental de fato não reconheceu.

Relativo (ensinamento provisório) e absoluto (ensinamento direto ou definitivo) são conceitos indianos. Será que o cristianismo, o judaísmo ou o islamismo algum dia utilizaram métodos que parecem contradizer seu objetivo último do mesmo modo que os ensinamentos provisórios e os ensinamentos diretos do budismo o fazem? Para a mente ocidental, a verdade relativa pode soar como uma alegoria ou parábola criada para ilustrar certa ideia, enquanto a verdade absoluta geralmente soa como “a coisa em si”. No entanto, como o próprio Buda explicou, tanto o relativo quanto o último são apenas histórias inventadas.

O conceito de verdade relativa e absoluta — provisória e direta — não se aplica apenas aos ensinamentos religiosos. Imagine que você seja um sanitarista especializado em cólera, que foi enviado para um local remoto na Índia. Você deve ensinar a um grupo de voluntários do local os métodos mais rápidos e eficazes para conter um grave surto de cólera. Você deseja ter um bom desempenho e contribuir para a boa reputação da sua organização, mas sua principal motivação é a compaixão pelas vítimas dessa terrível doença. Você começa explicando aos voluntários que a cólera é transmitida por alimentos e água contaminados, e que a melhor forma de se conter um surto é identificar a fonte da contaminação. Esse é um método simples, experimentado e testado, que sempre

funciona, embora possa demorar um pouco para ser implementado.

Os voluntários, cuja tarefa é cuidar dos doentes e moribundos, ouvem sua palestra, veem suas fotografias de bactérias e chegam à conclusão de que testar as fontes de água da região iria mantê-los afastados de seus pacientes por tempo demais. Só a ideia de deixar seus pacientes de lado por uma hora já os deixa horrorizados, e se você pedisse que passassem um dia inteiro verificando os poços, estaria se arriscando a perder todo o apoio deles. Assim, em vez disso, você lhes ensina métodos menos eficazes, porém mais familiares, tais como ferver a água e melhorar a higiene em todos os níveis, métodos que seus voluntários estão dispostos a implementar. Gradualmente, a situação melhora e, tendo conquistado a confiança dos voluntários, você então pode gentilmente levá-los a aceitar o método menos familiar, porém mais eficiente, de testar todos os poços da região.

Um método só é útil se o praticante estiver disposto a experimentá-lo. É por isso que o Dharma do Buda oferece tantos métodos diferentes e também é por isso que alguns deles parecem contradizer outros. (Para não falar das contradições que encontramos entre cada veículo e, às vezes, até dentro de um mesmo sutra).

Hoje em dia o budismo está sendo ensinado às pessoas que não estão acostumadas a serem levadas à verdade absoluta, por meio de algo que os ingleses chamariam de uma série de “mentiras inocentes”. Os professores budistas deveriam estar cientes disso. No início, os alunos preferem praticar os métodos budistas que se encaixam em seus padrões habituais, mas, em algum momento, tais métodos precisam ser deixados de lado. Imagine que você tenha um problema e pergunte à sua experiente professora como resolvê-lo. A professora identifica

precisamente a natureza do seu problema e confirma que você precisa se livrar da sua causa. No entanto, como a professora pode ver que o método mais eficaz de se lidar com aquele problema está além da sua capacidade no momento, ela lhe ensina um método reconfortante e conciliatório, que ela sabe que você consegue praticar. O método reconfortante é o exato oposto do método mais efetivo, mas você está disposto a tentar aplicá-lo até que esteja em condições de tentar o método que funciona de fato.

Uma vez que o método que a guru recomenda depende inteiramente da capacidade e das necessidades de cada aluno, é possível que de início ela lhe ofereça uma prática de atenção plena mais relaxante. Seu melhor amigo, que conheceu a mesma professora exatamente na mesma ocasião, talvez receba uma instrução direta. Uma boa professora cria o caminho perfeito para cada aluno.

Essa flexibilidade, que é um aspecto intrínseco dos ensinamentos do Buda, é um de seus pontos mais fortes. Seria lamentável se o Dharma do Buda acabasse tão engessado que se tornasse apenas mais uma franquia. Todos os seus caminhos, criados com exclusividade e feitos sob medida, teriam de ser abandonados em benefício de fórmulas predeterminadas, de listas de regras e de um currículo inflexível de métodos hábeis estritamente regulamentados. Se o conteúdo do caminho fosse talhado na pedra, o budismo se tornaria uma espécie de Starbucks espiritual. Em qualquer lugar do mundo onde você peça um café da Starbucks você sabe exatamente o que vai receber — o gosto nunca muda. Se você pedir um Starbucks Caramel Cocoa Cluster Frappuccino® Blended Coffee em Gangtok, ele vai ter exatamente o mesmo sabor que em Guadalajara.

O café da Starbucks é a mais segura das apostas seguras, o que vem a ser exatamente a minha definição da “mentalidade

de franquia”. Mas como as apostas de baixo risco podem nos auxiliar no caminho espiritual? E que níveis de segurança podemos alcançar? O budismo deve se manter fiel à sua abordagem exclusiva e versátil, o que significa que os professores budistas devem ter a liberdade de ajustar o caminho às necessidades de cada aluno.

NOVE

A metodologia vajrayana

AS GRANDES TRADIÇÕES INDIANAS DE SABEDORIA, incluindo o budismo e em especial o budismo Vajrayana, ensinam e utilizam uma imensa abundância de métodos conhecidos como “meios hábeis” ou “métodos hábeis”. Os lamas utilizam esses métodos hábeis ao ensinar e praticar. Na verdade, os lamas utilizam métodos hábeis em todas as suas interações humanas, especialmente quando estão tentando atrair novas pessoas para o Dharma e, por fim, conduzi-las à liberação. Poucos professores e praticantes budistas estão familiarizados com toda a gama de métodos hábeis disponíveis, mas apenas saber que há tantos já é encorajador. Ninguém precisa utilizar todos os métodos. Só os críticos de gastronomia provam todos os pratos do bufê, os demais apenas comem aquilo que parece apetitoso e deixam o resto de lado. Mas é sempre bom ter opções.

Todos os métodos hábeis do Buda são ensinados no contexto dos ensinamentos “provisórios”¹¹ ou “diretos”¹². Hoje em dia, a técnica simples de se observar a respiração é tão aceita que até os especialistas em saúde mental mais conservadores a recomendam como método para administrar o estresse. Para os budistas, observar a respiração é um meio, não um fim. Não praticamos budismo para aprender a respirar. O objetivo do Dharma do Buda é a liberação. Enriqueçemos nossas mentes com os métodos hábeis e aprendemos a utilizá-los para que, em nosso percurso até a liberação, possamos lidar com o que quer que a vida ou a morte jogue em nossa direção. Saber que podemos contar com essa vasta gama de métodos nos ajuda

a relaxar. À medida que aprofundamos a prática, o efeito de cada método se torna mais rico e poderoso.

Por exemplo, o Mahayana oferece um método hábil chamado tonglen: ao expirar, você oferece toda a sua saúde e bem-estar para os outros e, ao inspirar, recebe ou toma para si todas as doenças e sofrimentos deles. Outros métodos hábeis do Mahayana incluem as paramitas da generosidade, disciplina e assim por diante, cujo propósito é nos despertar. Os métodos hábeis tântricos incluem as técnicas de visualização, recitação de mantra e devoção ao guru. O objetivo de todos esses métodos não é praticá-los até que sejam feitos com perfeição, mas obter a liberação.

Seguimos o caminho budista para descobrir e consumir a verdade. Uma vez que tenhamos consumado essa verdade, o caminho que nos levou até lá se torna redundante – terminou. Se o caminho não tivesse fim, os budistas, como todos os demais seres no samsara, continuariam andando em círculos para sempre. O que nos garante que o caminho budista tem fim? A sabedoria e o método.

Contudo, como os grandes mestres do passado tantas vezes repetiram, jamais devemos permitir que a sabedoria sequestre o método ou que o método sequestre a sabedoria. Jamais devemos permitir que a nossa obsessão com a meditação sentada sequestre nossa admiração pela vacuidade, shunyata – “Não há nada mais importante do que a prática sentada! Por que nos incomodarmos com discussões filosóficas?” Tampouco devemos permitir que a visão de shunyata sequestre nossa meditação – “Por que nos incomodarmos com a meditação se todos os fenômenos são vacuidade?” Focar exclusivamente na sabedoria ou no método não nos levará a lugar algum, porque a sabedoria e o método são inseparáveis.

De forma geral, o Mahayana pode ser definido por sua vasta motivação e o Vajrayana por seus incontáveis métodos hábeis. Mas isso não significa que o Mahayana careça de métodos hábeis – de forma alguma. Um exemplo maravilhoso de método mahayana, que faz pleno uso da inseparabilidade de sabedoria e métodos hábeis é o de solicitar a todos os budas das dez direções e três tempos que girem a roda do Dharma. Tudo que você precisa fazer é expressar esse desejo e no mesmo instante todos os budas estão lá com você. Alguns podem perguntar: como é possível convidar todos os budas do futuro? A inseparabilidade de sabedoria e método resolve a questão e você não precisa nem se preocupar em como acomodar todos eles em seu quarto. E a não dualidade entre sabedoria e método garante que, quando você oferece uma única vareta de incenso aos budas das dez direções e três tempos, você não precisa se preocupar se uma única vareta será suficiente, porque tudo isso, “suficiente”, “quantas varetas” e “infinitos budas” são aspectos da dualidade.

Os métodos da sabedoria vajrayana são ainda mais impressionantes. As práticas mahayana convidam os budas a se aproximar para que você possa lhes fazer oferendas, enquanto o Vajrayana diz, com total confiança, que se autovisualizar como a deidade e abanar o incenso sob seu próprio nariz é exatamente o mesmo que fazer oferendas a todos os budas das dez direções e três tempos. O “eu” é apenas um rótulo. Então, por que não rotular a si mesmo “buda”, empregando um método para acumular ainda mais mérito, que é ao mesmo tempo um exercício de humildade?

Do ponto de vista vajrayana, não há nada que não possa ser utilizado como método e, onde há sabedoria, não há nada que não possa ser utilizado como caminho.

Provisório e direto

No Ocidente, a maioria dos professores e alunos são pressionados a entender a diferença entre um ensinamento provisório e um direto, mas a maioria não tem sequer uma pista sobre como ou quando aplicar cada um deles. Isso é problemático, especialmente quando essa falta de compreensão leva os alunos a desenvolver uma predileção pelos ensinamentos diretos.

As palavras “provisório” e “direto” existem nas línguas ocidentais, mas ainda não vi nenhum método filosófico ocidental que combine as duas. É possível perceber resquícios do significado budista desses termos em alusões na filosofia ocidental, mas, até onde eu possa perceber, ela nunca reconheceu que uma vez que o fim do caminho tenha sido alcançado, tanto as ferramentas quanto seus rótulos devem ser classificados como “provisórios”.

É dito que o Buda nunca ensinou para exibir o seu conhecimento e que cada uma de suas palavras foi motivada pela compaixão. O Buda ensinou para despertar os seres para o fato de que estamos aprisionados em um ciclo vicioso de ignorância, confusão, reação e suas consequências, todas as quais sempre nos levam apenas a mais ignorância, confusão e assim por diante. O objetivo de alguns ensinamentos do Buda é tirar temporariamente os seres sofredores de sua confusão mais imediata, e é por isso que o caminho budista está repleto de ensinamentos provisórios. Quando estamos preparados para avançar além dos ensinamentos provisórios, uma enorme profusão de ensinamentos diretos do Buda imediatamente passa a estar disponível. Ao mesmo tempo, o ensinamento direto de uma pessoa é o ensinamento provisório de outra. Infelizmente, essa fluidez criou uma enorme confusão no mundo budista.

O Buda disse:

Não cometa sequer uma única ação desvirtuosa,
 Cultive um tesouro de virtude,
 Domine por completo a sua própria mente –
 Este é o ensinamento dos budas.¹³

É provável que “Domine por completo a sua própria mente” seja o mais direto dos três ensinamentos mencionados nessa estrofe. Mesmo assim, a prioridade do Buda é resgatar aqueles que seguem seu conselho sobre as ações desvirtuosas *antes* que nos enredemos demais nelas. Para aqueles que podem digerir instruções como “não mate” e “não minta”, “não cometa uma única ação desvirtuosa” é um ensinamento direto. Para aqueles que conseguem digerir um pouco mais do que “não fazer o mal”, o Buda acrescenta “cultive um tesouro de virtude” através da paciência, bondade, compaixão e assim por diante.

Muitos seguidores do Buda preferem instruções simples, inequívocas, que digam a eles exatamente o que fazer e o que não fazer. Se uma pessoa assim estivesse prestes a cometer um assassinato, a instrução do Buda “não mate” seria mais fácil de digerir do que “domine a sua própria mente”. O Ocidente não está familiarizado com essa forma de pensar a respeito dos ensinamentos e talvez seja por isso que tantos ensinamentos do Buda sejam mal compreendidos. Além disso, talvez seja pelo mesmo motivo que os praticantes ocidentais desenvolvem uma forte predileção, seja pelos ensinamentos provisórios ou pelos diretos – e essa predileção precisa ser abordada.

Os ensinamentos provisórios e diretos são ensinados em camadas. Quando a camada representada pelo ensinamento “todas as coisas compostas são impermanentes” é ensinada como um ensinamento “direto”, o guru afirma com absoluta confiança que nada pode modificar nem alterar tal fato.

Todas as coisas compostas eram impermanentes antes de o Buda aparecer na Terra, continuaram sendo impermanentes enquanto ele estava aqui e seguiram assim desde que ele passou para o parinirvana. Essa primeira camada é um ensinamento “direto” e, como tal, provavelmente será sempre verdade. Mas isso não é tudo.

No momento apropriado, um professor sagaz vai apresentar aos alunos a camada seguinte desse ensinamento, de que a verdade relativa é uma ilusão e não é nem permanente nem impermanente. Quando examinamos “todas as coisas compostas são impermanentes”, notamos que a palavra “todas” é apenas um rótulo e, portanto, uma verdade relativa; o mesmo vale para “compostas” e “impermanentes”. Em outras palavras, “tudo”, “composto” e “impermanente” são ilusões que não são nem permanentes nem impermanentes. Assim, no contexto desta camada de ensinamentos, a verdade de que “todas as coisas compostas são impermanentes” é um ensinamento provisório.

Temos escutado muitas controvérsias nos últimos anos a respeito de ensinamentos budistas sobre karma e reencarnação. Os alunos ocidentais recém-chegados geralmente supõem que ambos sejam ensinamentos fundamentais do budismo. O que significa “fundamental”? Um ensinamento fundamental é um ensinamento essencial. E o que significa “essencial”? Se você pensa que “essencial” significa “último” está completamente enganado. “Essencial”, neste contexto, significa um ensinamento “indispensável”; “parte de algo que é fundamental à sua existência ou natureza.”

Como mencionei antes, Stephen Batchelor pensa que é possível não acreditar na reencarnação e ainda assim ser budista. Eu penso que a raiz do equívoco dele reside em seu condicionamento cultural e no uso impreciso da linguagem – especificamente de diversas traduções inglesas de termos ti-

betanos que temos utilizado há décadas. Aqueles que cresceram em países cristãos, onde se pressupõe que todo ser humano tem uma alma, entendem a palavra “reencarnação” de uma forma bastante diferente de como os budistas a entendem. O que os cristãos chamam de “alma”, os budistas descrevem como “um eu verdadeiramente existente”. Em lugar algum o budismo afirma que o eu verdadeiramente existente de uma borboleta possa renascer no corpo de um cavalo. Como o Buda mostrou, isso seria o mesmo que tirar uma canção da boca de uma professora de canto e colocá-la na boca do aluno. Uma imagem muito mais exata, que o próprio Buda usou para ilustrar como a reencarnação funciona, é a de se acender uma vela a partir da chama de outra vela.

Fico imaginando se as dificuldades de Stephen Batchelor em relação ao karma e à reencarnação não se devem ao fato de ele jamais ter chegado ao âmago dos ensinamentos de sabedoria indianos, particularmente dos ensinamentos budistas sobre verdade relativa e absoluta, bem como ensinamentos provisórios e diretos. Seus escritos dão a impressão de que ele se envergonha do karma e da reencarnação como se fossem a maior fraqueza do budismo e, assim como um terceiro testículo, devesseser mantidos em segredo.

Os alunos sérios do Dharma do Buda não deveriam notar que em certos ensinamentos o Buda se refere à reencarnação, enquanto noutros ele se concentra na ausência de ego e ficar curiosos para saber como isso funciona?

Quando eu era criança me ensinaram a respeito dos ensinamentos provisórios, mas tive dificuldade em apreciá-los. Ao presenciar Kyabje Dudjom Rinpoche sibilhar longamente durante um ataque de asma, eu sabia intelectualmente que sua doença era apenas uma exibição e que ele havia se rebaixado ao nível de um ser humano asmático em prol de seres como

eu. No entanto, ao vê-lo ofegante, arfando a cada inspiração, me custava acreditar que seu ataque de asma fosse o produto de minha própria percepção impura; que na realidade Kyabje Rinpoche estivesse além de ser asmático e não ser asmático. A questão neste caso é que, embora exista um treinamento abrangente dos ensinamentos provisórios e que seja possível ensiná-los, isso é algo que leva tempo para ser assimilado.

Quando tomamos refúgio, empregamos o método hábil de visualizar o Buda e todos os demais objetos de refúgio no céu acima de nós. Mas, falando francamente, esse método é falho – algo que qualquer professor competente e qualificado saberia muito bem. No que diz respeito ao tantra, “escalão”, “hierarquia”, “elevado e inferior” sequer fazem sentido. O tantra pouco se importa se os budas estão flutuando no céu acima de nós, sentados ao nosso lado ou deitados abaixo de nós. Assim, por que os textos sagrados especificam que os objetos de refúgio estão no céu acima de nós? Porque os seres humanos preferem assim. Preferimos alçar o olhar aos nossos salvadores. Os textos tântricos nos ensinam a visualizar os budas acima de nós porque isso se ajusta à forma como pensamos. A sabedoria tântrica em si não está nem aí pra isso.

Ao término da prática de refúgio, os objetos de refúgio e o praticante – aquele que toma refúgio – se tornam um só. Comparado com o ensinamento anterior, essa dissolução é um ensinamento direto perfeito, que está mais próximo da sabedoria do que dos meios hábeis. No entanto, em comparação com o próximo nível de ensinamento, é um ensinamento provisório.

Intelectualmente, é difícil entender as distinções entre as duas verdades e o paradoxo ou união das duas verdades. É preciso muito tempo e prática para que a maioria dos alunos compreenda seu significado.

Venho notando que os alunos do Dharma, inclusive meus alunos e amigos do Dharma, especialmente nos centros de prática do Ocidente, ficam extremamente ansiosos e estressados com os detalhes dos rituais vajrayana. Eles discutem com tanta veemência a respeito de uma determinada técnica, método ou prática de sadhana que, no fim, tudo precisa ser esclarecido e explicado de novo, muitas vezes a partir do zero. Quando os alunos brigam a respeito da altura do altar, quais flores devem ser oferecidas, o que é recomendado e o que é proibido fazer e assim por diante, mesmo a realização do ritual mais simples acaba criando um caos. Repetidamente, os detalhes práticos do Vajrayana ofuscam e até suplantam a compreensão do praticante sobre a verdade absoluta – todos os detalhes práticos são meras ilusões. No extremo oposto, alguns praticantes são preguiçosos, mesquinhos ou letárgicos demais para se incomodar com rituais. Eles usam “tudo é vacuidade” como desculpa para não fazer nada, e sua compreensão intelectual de shunyata sequestra todas as oportunidades que teriam de acumular mérito e purificar obscurecimentos.

Provisório e direto, relativo e absoluto não são as únicas categorias que os ensinamentos budistas mencionam. Outras categorias incluem sabedoria e compaixão, shunyata e compaixão, êxtase e vacuidade, além de várias outras. Nenhuma dessas categorias é exclusiva dos veículos Mahayana/Bodhisattvayana ou Vajrayana/Tantrayana; elas também são ensinadas no Theravada/Shravakayana. E se o ensinamento de sabedoria theravada sobre a ausência de ego (*anattā*) fosse removido do sistema? O que restaria? Uma ladainha de regras e diretrizes moralistas, voltadas para a disciplina. Os valores theravada de humildade, contentamento, ascetismo, simplicidade e estilo de vida – mendigar as refeições e comer apenas uma vez ao dia – passariam a ser o objetivo final dos praticantes. Como

treinamento mental, ser disciplinado e seguir as regras não é tão difícil – e pode até ser bom para o meio ambiente – mas não tem nada a ver com o objetivo final do Theravada, que é ir além do apego ao ego. Disciplina, obediência e assim por diante são meramente benefícios secundários.

A prática de atenção plena, que é um dos ingredientes básicos da vipassana, é um excelente exemplo de como os ensinamentos podem ser facilmente deturpados. Quando aplicada fora do contexto budista, a atenção plena de vipassana é privada da perspectiva das três características: *aniccā* (impermanência), *duḥkha* (sofrimento) e *anattā* (ausência de ego, sabedoria) – a combinação de verdade relativa e verdade absoluta, meios hábeis e sabedoria. Tudo que resta é a técnica básica. A técnica simples da atenção plena é extremamente popular atualmente como método para aliviar o estresse e a depressão, curar a insônia e estimular a boa saúde. E é verdade que, sem *anattā*, a atenção plena pode oferecer um grande alívio ao estresse. No entanto, sem *anattā*, a atenção plena não tem nada a ver com vipassana.

Será que a devoção que faz com que os olhos se encham de lágrimas é o objetivo final do Vajrayana? Se fosse, seria relativamente fácil de se alcançar. Essa devoção de olhos lacrimejantes não é o que todo bajulador fundamentalista e todo ativista político ou religioso fanático sente? Escolha a mídia de sua preferência e lá encontrará dúzias de artigos a respeito dos extremos devastadores a que chegam os mais devotados radicais em nome de suas crenças. Então, sim, a devoção de olhos lacrimosos não é tão rara. Mas como o objetivo do Vajrayana é você perceber que é um buda, a coisa não é tão simples.

Além da crença

Nagarjuna nos conta que, há muito tempo, tendo transcendido todas as crenças, o próprio Buda concedeu os ensinamentos quintessenciais sobre como nos livrarmos completamente das crenças. Ir além das crenças, sem exagerar a verdade absoluta nem subestimar a verdade relativa, é o objetivo do caminho budista. Me pergunto se a relutância de Stephen Batchelor em aceitar o conceito de reencarnação seria um sintoma de ele ter subestimado a verdade relativa. Isso equivale ao físico do MIT jogar no lixo o panda de pelúcia do filho. Se os praticantes budistas continuarem subestimando a verdade relativa e superestimando a verdade absoluta, será impossível que ultrapassem as crenças budistas por completo.

Parece-me que a maioria dos grandes pensadores indianos do passado, especialmente o Buda, via tudo como paradoxos. Alguns pensadores ocidentais provavelmente concordariam comigo, mas só até certo ponto. Até onde posso perceber, só o Buda ensinou toda uma gama de técnicas para nos ajudar a desfrutar do paradoxo e a conviver com ele – e nos impedir de preferir um lado da contradição em favor do outro.

Eu gostaria de enfatizar e repetir mais uma vez que o Buda ensinou através de paradoxos porque *tudo é paradoxal*. Como o arco-íris que está lá e, ao mesmo tempo, não está lá. Quando um lindo arco-íris surge no claro céu azul, se você tenta chegar bem perto para tirar a selfie perfeita, o arco-íris desaparece. Você acaba sem arco-íris nem selfie.

Todas as manhãs nos últimos cinquenta e nove anos eu tenho olhado a minha face no espelho do banheiro. Em nenhuma ocasião eu vi a cara de um babuíno segurando uma banana em vez da minha própria face. Duas coisas acontecem quando eu me olho no espelho: vejo o reflexo da minha face

e, simultaneamente, sei que a minha face não está de fato no espelho. Eis o paradoxo que se encontra na raiz de como tudo aparece: democracia, valores orientais, valores ocidentais, gênero, pensamento crítico, fé cega, cor, forma, arte, música. Tudo é paradoxal. No entanto, se você ainda não tiver compreendido a essência do paradoxo, é possível que tente passar batom nos lábios do seu reflexo, o que pode apenas resultar em frustração e “insatisfação” (*duḥkha*).

Todas as manhãs, o Buda caminhava descalço até uma aldeia em Magadha para mendigar comida. Antes de partir, ele se certificava de que seus seguidores estivessem vestidos adequadamente. Certa vez, ao retornarem, o Buda ensinou o *Vajracchedikā Sūtra* (o *Sutra do Cortador de Diamante*) e afirmou que não apenas Magadha, esmolar, vestes monásticas e o estilo de vida dos ascetas não existem, como também o nirvana tampouco existe. Um pesadelo pode fazer alguém suar, chutar o lençol e empurrar o cônjuge para fora da cama, disse o Buda, porém mesmo um pesadelo não passa de um sonho. E nada daquilo que você sonha realmente acontece.

Um iogue realizado experiencia a vida como se fosse um filme: está lá e ao mesmo tempo não está lá. Quase todo mundo fica tão envolvido com um filme que fecha os olhos quando o enredo é muito assustador e chora copiosamente se o personagem favorito bate as botas. Está lá, e não está lá. Se é tão fácil alguém mergulhar num filme que obviamente está lá e não está lá, quais são as nossas chances de ver todo o resto que experienciamos na vida como estando lá e não estando lá – desde uma gota de orvalho num talo de grama até a democracia parlamentar, a liberdade de expressão, a harmonia social, as eleições, a poligamia, a monogamia, o dinheiro e o espaço pessoal? Quando realmente apreciamos os paradoxos, podemos olhar nossa própria vida da mesma forma que nos

entristecemos até o fim de um filme pela morte do nosso personagem favorito, mas quando é lançada a continuação já esquecemos o filme anterior completamente. Isso se chama liberação. A liberação é saber que está lá e não está lá, é o que nos libera da dor de nos apegarmos a um dos dois ou a ambos.

Só o Vajrayana ensina a apreciação genuína do paradoxal de forma integral e indolor. Do aspergir da água de purificação até as deidades com várias cabeças sentadas sobre discos de sol e lua que descansam sobre frágeis lótus, o ingrediente principal de todas as técnicas do Vajrayana é o paradoxo entre “aparência e vacuidade”. Esse paradoxo permite que os alunos testemunhem a animação que o seu guru bocejante, sonolento e teimoso sente quando lhe são oferecidos presentes caros, bem como a rapidez com que ele perde a cabeça quando lê algo negativo sobre si – e ainda assim continuem a enxergá-lo como a encarnação de todos os budas.

O paradoxo do guru, do aluno e da guru ioga

A quintessência da prática de guru ioga é, nas palavras dos textos sagrados, “alcançar o estado do guru”. Uma descrição mais orientada para a prática seria “unir a minha mente com a mente do meu guru”, enquanto guru e praticante se dissolvem um no outro na conclusão da guru ioga. Tenho certeza de que os leitores deste livro conhecem o Vajrayana o suficiente para saber que “alcançar o estado do guru” não significa que o aluno vá tomar o lugar do guru, mas este é um exemplo do tipo de paradoxo do qual estou falando.

A guru ioga foi projetada para dismantelar a totalidade da existência fenomênica, inclusive a hierarquia. No entanto, no mesmo momento em que a devoção é mencionada, nossa mente dualista pressupõe uma hierarquia. Se não pensássemos

assim, como poderíamos aspirar a alcançar o mesmo estado do guru? Essa é outra razão pela qual, como já mencionei, o objetivo de um tantrika nunca foi o de praticar a devoção por toda a eternidade. Se você acredita que gurus e alunos existem no mundo relativo e portanto o aluno deve sentir devoção pelo guru para sempre, sua prática está certamente fadada a topar com uma parede de tijolos. Por quê? Porque a sua prática de guru ioga estará sempre limitada pela necessidade da presença física do seu guru. Como você vai praticar guru ioga quando seu guru morrer? Será que a morte dele vai assinalar o fim da sua prática? Os praticantes vajrayana estão sendo idealistas, ou mesmo românticos, quando rezam para jamais se separarem de seus gurus de agora até a iluminação? Não, porque você e seu guru são por natureza inseparáveis. Portanto, quando você reza para jamais estar separado do guru, a sua prece está baseada em como as coisas realmente são, não em como você desejaria que elas fossem. É como olhar para um punhado de minério de ouro e enxergar o ouro puro.

Os caminhos espirituais são construídos com base na identificação e solução de problemas. O caminho identifica um problema e aplica a solução adequada. Portanto, os problemas e soluções são o caminho. No início, quando você olha para um copo sujo, é a sujeira que parece ser o problema, e a sua solução imediata é lavar a sujeira com algum detergente. No entanto, como o copo não é a sujeira, a solução final é reconhecer que o copo não é inerentemente sujo. Como afirmou o Senhor Maitreya, a solução última é a natureza do buda. Se você entender o termo “guru” como significando o “iluminador”, aquele que nos guia, nosso guia último deve ser a natureza da mente e, como já temos essa natureza do buda, nosso guru externo seria como o detergente. É por isso que rezar para jamais nos separarmos do guru não é um conceito romântico nem um mero pensamento positivo.

Um lavador de pratos experiente olha para uma pilha de xícaras sujas e pensa: “Fácil! Eu lavo isso aí rapidinho.” De onde vem essa confiança? Ela não tem nada a ver com a qualidade nem a quantidade do detergente e tem tudo a ver com o fato de que o lavador de pratos sabe que as xícaras não são inerentemente sujas. Ele sabe que a sujeira não faz parte das xícaras. Seria outra questão se lhe pedissem que lavasse um tolete de cocô. Por mais detergente que esse exímio lavador de pratos aplicasse no cocô, o máximo que ele conseguiria seria dissolver esse tolete totalmente.

A propósito, corriji esse exemplo do lavador de pratos do “ela” original para “ele”, para não ser acusado de promover estereótipos de gênero.

O paradoxo aqui é que, como alunos, devemos nos esforçar para visualizar a guru como o Buda *antes* de conseguirmos efetivamente enxergá-la como o Buda. E o objetivo de se praticar visualização é enxergar a nós mesmos como o Buda.

Tudo isso funciona se entendemos o “está lá, e não está lá” – o que é muito mais fácil de dizer, ler e contemplar do que vivenciar. Por quê? A razão óbvia, como eu já disse, é que o indivíduo que vê está em estado de negação e se recusa a olhar para a visão, confiando, em vez disso, em seu hábito profundamente arraigado de separar a clareza da vacuidade. Nós separamos o “está lá, e não está lá” porque ansiamos por encontrar *a* resposta, *a* solução, *a* explicação e esperamos que a resposta seja do tipo preto no branco, sem qualquer vestígio de paradoxo. Também desejamos e esperamos que a resposta seja fácil de seguir e seja dualista (isto é certo, aquilo é errado), em grande parte porque não temos vontade de lidar com o paradoxo do “está lá, e não está lá”.

“Mantenha segredo! Mantenha seguro!”

AO CONTRÁRIO DOS TIBETANOS, os praticantes tântricos indianos sempre foram extremamente evasivos e, desse modo, foram bem-sucedidos em manter suas práticas tântricas guardadas e seguras – é por isso que não fazemos ideia de quem são nem o que fazem. É provável que os tantrikas indianos tenham a mesma aparência dos outros homens santos da Índia – cabelos compridos, barba longa e o corpo besuntado com substâncias misteriosas. Sempre que eu vejo um desses homens santos e penso que talvez seja um tantrika, meus cétricos amigos indianos sorriem com ar condescendente e discordam. Segundo eles, meu escolhido só pode ser algum charlatão, porque os tantrikas genuínos se isolam nas montanhas ou vivem sem chamar atenção às margens do Ganges ou na plataforma de alguma das caóticas estações de trem da Índia. Alguns têm empregos comuns – possivelmente até entre a peculiar estirpe dos burocratas indianos, especialistas na arte de dizer “não”.

Após séculos de sigilo impenetrável, será que é de surpreender que as pessoas comuns desconfiem da tradição vajrayana? Ou que ela seja rotulada como um culto? Afinal, ninguém sabe o que os praticantes vajrayana fazem. E simplesmente por serem tão reservados, automaticamente imaginamos o pior. Até onde se saiba, o grande segredo alojado no coração da tradição vajrayana indiana talvez não seja uma mandala bizarra, voduísta, mas um montinho de pétalas de flores.

Até que ponto a desconfiança atual em relação ao Vajrayana pode ser atribuída aos colonizadores britânicos da Índia, cuja moral, ética e valores se tornaram cada vez mais puritanos

durante o reinado da rainha Vitória? Embora fascinados pelos nativos da Índia, a maioria dos cristãos britânicos acreditava que qualquer espécie de prática espiritual fora do cânone cristão era necessariamente selvagem e primitiva. Para eles, os altares vajrayana cheiravam a adoração satânica. No entanto, antropólogos, linguistas e cientistas naturais amadores, que eram bons observadores e cujo trabalho formal assegurava que a Índia britânica seguisse funcionando, registraram meticulosamente todas as suas experiências, impressões e descobertas e as enviaram para a Inglaterra. Cada palavra foi devorada e esmiuçada pelos eruditos das grandes universidades britânicas e os ilustres membros da Sociedade Real escreveram dissertações fascinantes sobre as culturas e religiões da Índia, o que alimentou o interesse popular por tudo o que fosse indiano. Os colonizadores britânicos acreditavam que estavam construindo um império a serviço da rainha e do país. E com a mesma convicção, acreditavam que estavam realizando o trabalho de Deus. Os vitorianos, em particular, estavam convencidos de que o mundo inteiro precisava ser modernizado, educado e organizado, e que cabia a eles toda essa empreitada.

Tudo isso me leva a insistir na pergunta: em que medida a atitude colonial britânica continua a influenciar a atual visão ocidental do Vajrayana? A mentalidade colonial ainda está profundamente enraizada na psique britânica e continua a afetar atitudes contemporâneas a tal ponto que deixou de ser um fenômeno exclusivamente britânico. Aquela mesma mentalidade puritana e intransigente se tornou uma das impurezas mais sutis da mente moderna.

As imagens de deidades indianas como Kali, nuas, com os caninos à mostra, não ofereciam muito incentivo para que os britânicos reconsiderassem sua opinião de que a Índia era um país de selvagens. Os vitorianos condenavam a nudez e a

maioria deles deve ter presumido que a devoção a Kali estava relacionada a algum culto diabólico. Se um dos emissários da rainha Vitória assistisse a um recital de poemas em louvor a Kali, ele ouviria versos sobre homens e mulheres que haviam feito o “derradeiro sacrifício” de boa vontade. Para o devoto de Kali, os poemas tratam do sacrifício espiritual do ego. Para um diplomata britânico do século XIX, as palavras “derradeiro sacrifício” significavam “morte”, de modo que ele poderia ter concluído que os indianos praticavam sacrifícios humanos. E dificilmente um diplomata teria deixado de ouvir histórias sensacionalistas sobre a brutalidade dos tuges, que há séculos assassinavam viajantes em rituais praticados em nome de Kali. Naturalmente, o culto tугue estava longe de ser representativo dos devotos indianos de Kali, da mesma forma que os mais de um bilhão de católicos do mundo não são todos integrantes do IRA. Mas esse tipo de mal-entendido cultural acabou sendo a justificativa que os britânicos necessitavam para colonizar o subcontinente indiano e civilizar os nativos pagãos e ignorantes em nome da salvação de suas almas.

A propósito, convém lembrar que antes da chegada dos britânicos a Índia havia estado sob domínio muçulmano por setecentos anos. Como os cristãos e os judeus, que também acreditam em um deus único, os muçulmanos são veementemente contrários à idolatria. Eu me pergunto, o que será que eles pensavam de Hanuman e sua cabeça de macaco?

Sob o domínio e influência britânicos, a elite indiana começou a se envergonhar de sua cultura milenar e conscientemente amenizou o que os jornalistas modernos convencionaram chamar de “culto a Kali”, mas que prefiro chamar de “tantra de Kali”. Como resultado, grande parte dessa notável sabedoria se perdeu. Originalmente, Kali estava associada à inexorável passagem do tempo. Hoje, a requintada filosofia do tantra de

Kali se encontra de tal forma diluída que a deusa Kali passou a representar o amor romântico. Tente dizer a um grupo de hippies de Byron Bay que Kali é a implacável, impiedosa, incontrolável passagem do tempo e eles vão dar gargalhadas, porque para eles Kali é a deusa do amor. E qual dessas Kalis é o produto mais vendável?

Tibete

Por muito tempo, Guru Padmasambhava se recusou a revelar o nome de seu guru a outro ser humano. As biografias dos mestres do passado nos dizem que os mestres tântricos sempre mantiveram seu caminho, seu guru, os mantras que recitavam e seus implementos e objetos tântricos escondidos. Tais mestres ainda existem e são meus contemporâneos. Embora a comunidade tibetana em geral não tenha tido o cuidado de manter as práticas tântricas em segredo, alguns indivíduos foram muito bem sucedidos nisso. Um deles foi meu professor de filosofia, Khenpo Appey Rinpoche. Todos nós sabíamos que ele era um grande praticante tântrico e um erudito, mas eu nunca tive sequer um vislumbre de seu mala. O dormitório dele no Nepal era simples e despojado. Ele possuía tão poucos pertences que ao cruzar a soleira de sua porta nos deparávamos com todos eles. Muitas vezes tentei dar uma olhada em seu mala, mas ele sempre o escondia antes de eu chegar. Seu altar era geralmente constituído de uma estátua do Buda, oferendas de água e um prato de mandala. Na minha última visita, pouco antes da sua morte, notei que ele havia acrescentado um prato cheio de biscoitos, frutas, doces e grãos misturados, o que era uma substância ritual tântrica chamada “torma” muito óbvia e que, com certeza, não era o tipo de petisco que Khenpo

teria comido. Foi a única vez que vi algo de caráter tântrico no quarto de Khenpo Appey.

Foram-se os dias em que os mestres preservavam o Vajrayana como Khenpo Appey. Se eu contasse essa história a meus colegas tibetanos, eles ficariam me olhando boquiabertos. A maioria não acreditaria em mim. Atualmente, para onde quer que eu olhe, vejo camisetas, protetores de tela, cartazes e malas exóticos exibidos abertamente.

Se preferirmos, podemos manter nossa prática vajrayana em segredo. É uma decisão individual – como alguém poderia nos impedir? Eu próprio conheço alunos ocidentais do Dharma que não têm nada de ingênuos e que se apresentam como empiristas ou cientistas inveterados. Em público eles ridicularizam os rituais, mas em segredo praticam o tantra. Saber que esses praticantes secretos ainda existem me anima e me enche de esperança de que o tantra possa continuar florescendo neste mundo, mesmo que de forma sub-reptícia. Gostaria que vocês pudessem vivenciar a alegria que sente um praticante que finge não praticar. Hoje os praticantes vajrayana fazem exatamente o oposto! Eles se vangloriam e ostentam suas práticas em uma tentativa equivocada de sentir essa mesma alegria. Muitos dos equívocos atuais sobre o Vajrayana poderiam ter sido evitados se alunos e gurus tivessem feito o que deveriam ter feito e jamais falado sobre seu relacionamento e o caminho.

Guru Rinpoche se recusava até a pronunciar o nome de seu guru, mas os tibetanos estampam o nome de seus gurus para todo lado. Alguns gurus imitam os médicos e dentistas ocidentais e afixam reluzentes placas de bronze gravadas com suas afiliações vajrayana na porta da frente de casa. Apesar disso, eu ainda prefiro que você encontre um guru com uma placa de bronze na porta que esteja disposto a falar em seu próprio guru e seja fiel à sua linhagem, do que um desses gurus

autossurgidos que irrompem da noite para o dia como cogumelos e que não pronunciam uma palavra que não seja plágio.

De certo modo, é quase mais importante manter o Vajrayana escondido dos budistas shravakayana e bodhisattvayana do que dos praticantes leigos e não budistas. O Vajrayana sempre foi controverso simplesmente porque jamais cortejou a opinião pública. Por que chamar atenção agora? Se você está determinado a apresentar seu caminho espiritual ao público geral, há muitos outros ensinamentos budistas que pode mencionar. Por exemplo, todos os belos, serenos, convincentes e inspiradoramente práticos ensinamentos shravakayana e theravada; ou os ensinamentos mahayana, que são corajosos, compassivos, de mente aberta, de visão abrangente e coração grande. Quando necessário, esses caminhos habilmente se submetem às expectativas sociais, da mesma forma que um pai reservado e desajeitado pode dançar como um urso ou imitar a Miss Piggy para fazer os filhos sorrirem.

O Vajrayana em geral, especialmente o Anuttarayoga (o Inexcedível Tantrayoga), não é assim. O Vajrayana não foi criado para ser compatível com a vida samsárica. O objetivo do Shravakayana e do Mahayana é nos tirar da caixa dos nossos costumes, enquanto os ensinamentos em si são concedidos de dentro da caixa. No Vajrayana, tudo acontece fora da caixa desde a largada. Você quer ficar dentro ou fora? É um ou outro. Não é possível deixar um pé na caixa enquanto se aproveita todos os benefícios de estar do lado de fora. No entanto, isso não significa que o Vajrayana discorde de alguma forma do Shravakayana ou do Mahayana, longe disso. O Vajrayana aceita os ensinamentos de todos os outros yanás e acrescenta alguma coisa mais. Independentemente de alguns mal-entendidos, que são inevitáveis, se você está convencido

de que o Vajrayana faz sentido e é o caminho certo para você, simplesmente mantenha a cabeça baixa e seja discreto.

Os textos tântricos explicam em grande detalhe por que o Vajrayana, Tantrayana e Mantrayana devem ser mantidos em segredo.

1. O tantra é “auto-secreto”

Todos possuem a natureza do buda e, portanto, todos são buda. No entanto, poucos de nós sabemos que possuímos a natureza do buda porque ela é auto-secreta. Maitreya explica isso magistralmente no *Uttaratantra*. Se você tem interesse em saber mais sobre o que Maitreya disse (o ensinamento é conhecido como “os quatro paradoxos”), procure ler ou, melhor ainda, estudar o *Uttaratantra*.

O importante aqui é que como a nossa natureza búdica inata é auto-secreta e todos os seres são budas, os métodos utilizados pelos mestres vajrayana para manter o sigilo necessário são fantásticos. Por exemplo, eu não teria nenhum problema em ler as *Três Palavras de Garab Dorje* para o meu jumento, mas a mera ideia de ler esse texto para uma graduada em Harvard ou, pior ainda, para um khenpo treinado em um shedra, imediatamente me deixa nervoso. Como o jumento possui a (auto-secreta) natureza do buda, ler as *Três Palavras* em voz alta na sua orelha cria as causas e condições para que ele tope com esse ensinamento em uma vida futura. Eu me sinto confortável em fazê-lo porque as chances de o jumento quebrar seu samaya vajrayana comigo são mínimas. E vários outros métodos criam esse mesmo tipo de conexão, por exemplo: a liberação através da audição, a liberação através da visão, a liberação através do tato e assim por diante.

Ao contrário do jumento, a mente de uma graduada em Harvard em geral está entupida de conceitos, raciocínio e

lógica, e por isso seria um tanto arriscado ler para ela as *Três Palavras de Garab Dorje*. Se ela for tão aberta quanto os intelectuais afirmam ser (e deveriam ser) e se não estiver contaminada por uma educação religiosa, pode perfeitamente ser um recipiente adequado para esse ensinamento. Por quê? Porque as Três Palavras são um exemplo perfeito de empiricismo e não empregam exemplos nem silogismos; trata-se de uma “apresentação” direta. Uma graduada em Harvard com a mente de fato aberta poderia apreciar esse tipo de abordagem; ela poderia até se sentir inspirada a praticar o ngöndro, o que seria excelente. Mas é claro que os graduados em Harvard com a mente aberta são raros. Em geral, intelectuais altamente instruídos são tão orgulhosos e preconceituosos quanto muitos rabinos, jesuítas e imãs fundamentalistas educados na madraça, que abrigam um mar de concepções. Portanto, eu seria muito cauteloso ao revelar as Três Palavras a uma graduada em Harvard.

O candidato menos confiável poderia ser o tipo de erudito acadêmico budista que chamamos de “khenpo”. Por quê? Ensinar as *Três Palavras de Garab Dorje* a uma graduada em Harvard seria como explicar a diferença entre uma pepita de ouro e um cocô: ambos são amarelados e as semelhanças terminam por aí. Ensinar um khenpo que ouviu falar em shunyata e tem uma ideia razoável sobre rigpa seria como tentar explicar a diferença entre o bronze muito bem polido e o ouro puro. Realçar as disparidades entre a filosofia islâmica e o Vajrayana é fácil, mas distinguir o Shivaísmo da Caxemira do Vajrayana é praticamente impossível. Quando duas filosofias são tão semelhantes, qualquer tentativa de diferenciar uma da outra não é apenas difícil, é também perigosa. O tantra é auto-secreto porque pode ser mal compreendido com muita facilidade. Os jumentos não conseguem compreender o que quer que seja, assim não podem compreender mal as *Três Palavras de*

Garab Dorje – e por isso é seguro ler para eles as instruções que apontam de forma direta. Os khenpos têm uma chance muito maior de se equivocar porque eles já têm familiaridade com ensinamentos semelhantes.

Um exemplo moderno é a diferença entre conseguir alcançar uma mente calma isenta de estresse com a técnica da atenção plena e alcançar a iluminação completa e perfeita. Esses dois estados mentais são semelhantes, mas totalmente diferentes, como o bronze e o ouro. A maioria das pessoas supõe que uma vez que você alcance a iluminação estará livre das emoções, do estresse, da esperança e do medo, e que não experimentará mais os altos e baixos emocionais da vida. Aqueles que praticam a técnica popular da atenção plena presumem que a mente deles isenta de estresse seja praticamente igual ao estado da iluminação. Não é assim. A mente sem estresse do pessoal da atenção plena é como o bronze, enquanto a iluminação é como o ouro. E por ser tão fácil cometer esse erro é dito que o tantra é auto-secreto.

2. O Tantra pode ser facilmente mal interpretado e mal utilizado

Quando a cânfora é usada corretamente, alivia a dor; quando não, é letal. Os ensinamentos vajrayana, como “tomar as emoções como o caminho”, podem ser tão mal utilizados quanto a cânfora. Um aluno pode, por exemplo, tentar justificar seu próximo chique como uma forma de praticar “tomar as emoções como o caminho”, em vez de fazer o que deveria, que é apenas observar o fluxo de sua raiva.

3. O tantra é muito precioso

O tantra é como uma relíquia familiar que é transmitida ao longo de dezenas de gerações. Imagine que sua família possua

a primeira câmera Leica jamais fabricada. Você tem a intenção de um dia dá-la para o seu filho, mas no momento ele tem treze anos e costuma trocar seus pertences por acessórios de videogame. Você lhe diria onde está o cofre oculto contendo a Leica? Você lhe daria a combinação para abri-lo?

Talvez uma forma mais apropriada de expressar a necessidade de manter o Vajrayana secreto seja explicar que nenhuma pessoa deveria ouvir uma palavra sequer sobre o Vajrayana até que tenha sido completa e devidamente preparada. Você ensinaria a alguém de treze anos como misturar produtos caseiros para fazer uma bomba?

O Vajrayana não é o único caminho que exige que os recém-chegados recebam alguma forma de preparação antes de mais nada. Os grandes sutras mahayana estão repletos de conselhos que dizem ser inadequado ensinar shunyata a praticantes inexperientes que possam facilmente compreendê-los mal e incorrer no niilismo. E é bem mais provável que a tradição theravada inicialmente ofereça ensinamentos sobre anicca (impermanência) e *dukkha* (sofrimento) ao principiante, em vez de apresentá-lo à *anatta* (vacuidade) de imediato.

Como reagiria uma pessoa leiga e curiosa se, numa palestra intitulada “Introdução ao Budismo”, os primeiros conceitos explicados fossem impermanência, *shunyata* e a indivisibilidade entre samsara e nirvana? Os pais que desejam dar um bom exemplo para as crianças e treiná-los para a vida apresentariam o budismo a seu filho de oito anos com uma palestra sobre shunyata? Com alguma sorte, a criança de oito anos não entenderia uma palavra sequer, mas ela poderia ficar com a convicção niilista inabalável de que a vida não tem sentido. Você deve explicar a impermanência, shunyata e como “ruim” e “bom” não são separados para uma mulher solitária e seriamente

deprimida que apareceu em seu centro de Dharma em busca de companhia e apoio emocional?

Não é fácil guiar alguém para o caminho Vajrayana e muitas vezes pode ser extremamente desafiador. No entanto, desde que a pessoa tenha vontade de ser orientada e tenha a capacidade de seguir o caminho, nada é impossível. O Vajrayana não conhece fronteiras e não é limitado no sentido de tempo, de forma que seus ensinamentos funcionam tão bem no mundo moderno quanto funcionaram em tempos mais remotos.

Como eu já disse e continuarei a dizer, nem um único texto tântrico sequer dá a entender que o aluno deva ser imediatamente bombardeado com os ensinamentos vajrayana a partir do momento em que demonstre interesse pelo Dharma do Buda. Como recomenda o grande Tantra Hevajra, os recém-chegados devem receber inicialmente os preceitos básicos, seguidos por todas as etapas do caminho e das escolas filosóficas. Nem o guru nem os discípulos que dirigem os centros de Dharma devem sequer cogitar explicar a devoção ao guru a um recém-chegado. Na presença de alunos mais novos, os alunos antigos devem ser bastante cuidadosos na sua forma de se relacionar com o guru. Como praticantes budistas, nosso comportamento deve sempre ser apropriado ao lugar e à época em que vivemos.

Os discípulos que se gabam de sua devoção podem acabar deixando o guru e a si mesmos em maus lençóis. Em geral, vários dos meus assim chamados alunos compartilham os restos de comida do meu prato com os demais convidados do almoço, alguns dos quais praticamente nem são budistas. Não consigo lembrar quantas vezes precisei me desculpar com pessoas que mal conheço, ao perceber que estão olhando boquiabertos para um pedaço de mamão com a marca de meus dentes, apresentado a eles com excepcional reverência, como

se fosse uma relíquia sagrada. Os alunos que calçam as meias e os sapatos nos pés de seus gurus em público, diante de pessoas que não têm nada a ver com o Vajrayana, estão pedindo confusão. Pelo bem do Dharma do Buda, não faça de suas interações guru-aluno um espetáculo. Não seja bajulador nem puxa-saco. Demonstrações públicas desse tipo já prejudicaram a reputação do Vajrayana antes e, caso os alunos continuem a se comportar dessa forma, a credibilidade do Dharma do Buda acabará inteiramente arruinada.

Nestes tempos em que o Vajrayana é discutido publicamente em detalhes, é possível que as pessoas que visitam o seu centro de Dharma comecem a perguntar sobre o assunto. Se possível, evite de todas as formas mencionar o Vajrayana. Em vez disso, concentre-se nos belos ensinamentos theravada, que são inteiramente isentos de risco e um ponto de partida muito melhor do que shunyata. Fale sobre a impermanência e sobre a vida, que jamais oferece uma satisfação definitiva. Concentre-se em ensinamentos salutares, convincentes e práticos. Caso lhe perguntem acerca do Mahayana, saliente a fabulosa motivação dos bodhisattvas de iluminar todos os seres. Apresente a ideia de que, como todos nós somos dotados da natureza do buda, a iluminação de todos os seres é uma possibilidade real, não apenas pensamento positivo.

Você pode compartilhar técnicas simples, como estar consciente da própria respiração ou das sensações em seu corpo, porque isso pertence à esfera do mundo empírico que aprecia os benefícios evidentes e mensuráveis proporcionados pela atenção plena. No entanto, as palavras “reze ao guru” nunca devem passar pelos lábios de um praticante vajrayana. Por quê? Porque tudo que seja relativo a se utilizar o desejo como caminho deve ser mantido em segredo. Muitos tibetanos não pensam duas vezes quando dizem a alguém que reze para o

guru. De certa forma, soa como algo inofensivo, mas rezar ao guru é na realidade uma prática tântrica exclusiva que deveria ser mantida tão secreta quanto as imagens das deidades em união. Se você reza ao seu guru, você está rezando a um ser humano vivo, de carne e osso, o que pode ser facilmente mal compreendido, ainda mais hoje em dia.

Se não for possível deixar de mencionar o Vajrayana, enfatize a visão vajrayana de que tudo é puro. A todo custo, evite mencionar as técnicas mais avançadas de devoção ao guru, percepção pura e obediência inquestionável ao guru. Em vez disso, explique que, de acordo com o Vajrayana, todos nós já somos budas – inclusive seu vizinho barulhento e mal-humorado – porém nenhum de nós ainda entendeu isso. Mais tarde, quando o recém-chegado estiver pronto para ouvir mais, diga que, de acordo com o Mahayana, nos tornamos budas após uma longa e árdua jornada.

A mensagem vajrayana é um pouco diferente, porque nos diz que a jornada é o objetivo. Também nos diz que já somos budas e tudo que precisamos é compreender nossa verdadeira natureza e agir de acordo com isso. Não é sábio exaltar o poder e a eficácia de técnicas como a devoção ao guru até muito mais tarde. Comece ensinando a técnica de shamata e, em seguida, gradualmente apresente vipassana. Uma vez que os alunos tenham bom domínio da vipassana básica, apresente a inseparabilidade de aparência e vacuidade, que constitui um nível mais elevado de vipassana, conhecido como utpatikrama (kyerim) e sampannakrama (dzogrim). Só então você pode começar a falar da quintessência da vipassana, que é a devoção ao guru.

Tente não permitir que os escândalos e críticas o desanimem. E não permita que alguém o convença de que o Vajrayana não é para este tempo. Os textos tântricos nos dizem

que o Vajrayana é feito sob medida para este mundo moderno. Portanto, esteja certo de que aqueles que têm sede da verdade, boa capacidade de análise, gosto pela objetividade, necessidade de provas empíricas e uma desconfiança saudável até mesmo das melhores razões para confiar são os recipientes perfeitos para os ensinamentos vajrayana. Isto é, se estiverem dispostos a dar uma chance ao tantra.

Os pré-requisitos do caminho vajrayana

MUITOS DOS POETAS, MÚSICOS, artistas e inevitáveis pirados que escaparam do alistamento para o Vietnã e de suas terras natais capitalistas para seguir a trilha hippie até a Índia o fizeram motivados pelo desejo de encontrar um estilo de vida alternativo e o nirvana. Mas o que eles entendiam por nirvana?

Motivação

O monge birmanês que vive numa caverna e dedica a vida à prática de vipassana está em busca de um tipo de nirvana completamente diferente daquele desejado por um hippie de Byron Bay. Pergunto-me como os hippies “paz e amor” reagiriam se o monge birmanês lhes dissesse que a única motivação para se praticar o Dharma deveria ser dismantelar o próprio “eu” para expor a verdade de que esse eu não existe. Se o eu não existe, quem busca o nirvana? Quem alcança o nirvana? Se a noção de um eu é uma ilusão, então a vontade de alcançar o nirvana também deve ser uma ilusão. Como os hippies se sentiriam se lhes dissessem que não há ninguém a ser motivado nem nada a ser feito? Que a sua motivação deveria ser a de não ter absolutamente nenhuma motivação? Como eles reagiriam?

Idealmente, como praticante budista, você já aceitou, ao menos até certo ponto, que o mundo ilusório é falho. Agora é provável que você sinta o anseio premente de se libertar de toda a ilusão e alcançar o estado isento de distinções dualistas. É isso que o motiva a procurar o caminho certo e o guia certo – um

guru, um mestre. Na verdade, é isso que deveria nos motivar a seguir um guru, mas muitas vezes não é o que acontece.

A maior parte dos himalaios, especialmente os tibetanos, se relacionam com seus gurus como líderes políticos, responsáveis pelos monastérios, financiadores, médicos e adivinhos. Para alguns, o guru é pouco mais do que um corpo cálido que ajuda a afastar a solidão. Ao invés de ser usado como o caminho que os ajuda a se libertar do mundo ilusório e consumir a não dualidade, o guru acaba sendo algo que os prende e acorrenta às suas delusões. A “não dualidade” passa a ser apenas palavras.

A motivação é extremamente importante. Idealmente, seguimos um caminho espiritual motivados pela vontade de alcançar o estado desperto – a iluminação. No entanto, como podemos ter essa vontade se nem sabemos o que é de fato a iluminação? Como alguém pode sentir vontade de beber chá de hortelã se não conhece seu gosto? A solução que o Buda apresenta é nos encorajar repetidamente a ouvir e contemplar os ensinamentos. O Vajrayana não é exceção. Para convencer alguém dos benefícios de se beber chá de hortelã, descrevemos seu gosto e aroma e contamos algo sobre sua história exótica. Também falamos sobre seus benefícios para a saúde, assim como sobre qualquer outra coisa que possa fazer o chá de hortelã parecer mais atraente. Para vender aos alunos a ideia de praticar o caminho Vajrayana, o professor vajrayana discorre com entusiasmo sobre seus métodos indolores e rápidos. Ele nos diz que se os aplicarmos é possível alcançar a iluminação em uma única vida.

Assim, um dos primeiros conselhos que o Buda deu a seus alunos foi que ouvissem, contemplassem e praticassem os ensinamentos. “Ouvir e contemplar” significa escutar e se assegurar de que você compreendeu perfeitamente cada palavra do ensinamento. Não basta você escutar um ensinamento como

escutaria um podcast interessante enquanto se exercita ou limpa a geladeira. “Ouvir e contemplar” foi ensinado milhões de vezes ao longo dos séculos, mas poucos praticantes prestam a devida atenção a isso. Você já se perguntou, por exemplo, por que “ouvir” vem em primeiro lugar? Ou por que “contemplar” vem em segundo e “praticar” ou “analisar” sempre vem por último? Deve haver uma razão para essa sequência.

Vamos aplicar esse conselho ao exemplo de se beber chá de hortelã. Certo dia, você ouve falar dos benefícios e virtudes de se beber chá de hortelã. Você então contempla tudo o que ouviu e na semana seguinte resolve se dedicar à prática de beber uma xícara de chá de hortelã todas as manhãs. Tendo concluído a prática de ouvir e contemplar, sua prática pode então ser descrita como “se beneficiar das vantagens de beber chá de hortelã”. Seu vizinho também bebe diariamente uma caneca de alguma coisa quente. Ele prepara uma infusão feita de uma colherada de ervas verdes, sobre as quais ele nada sabe. Ele não faz ideia de que está bebendo chá de hortelã nem sabe nada sobre seus benefícios, ele simplesmente aprecia o gosto. Dessa forma, não se pode dizer que seu vizinho esteja seguindo a prática autêntica de se beber chá de hortelã.

O professor vajrayana autêntico deveria considerar o ouvir e contemplar uma prática obrigatória para todos os alunos. Na realidade, quase todos os alunos vajrayana, inclusive eu, muitas vezes estamos envolvidos demais com nossas reações emocionais – o amor pelo nosso guru, por exemplo – para dar a devida atenção ao ouvir e contemplar. Receio que isso não vá mudar.

Os gurus nos atraem de várias formas. Você pode, por exemplo, ser cativado pela bela aparência de seu guru, por sua aura, ou por todos os seus adereços fascinantes. Ou você pode amar a pompa e circunstância tibetanas, ou o alvoroço feito

pelos seus atendentes e monges, ou os ensinamentos eloquentes e persuasivos do guru. Todas essas são razões inteiramente aceitáveis para alguém se sentir atraído por um guru e elas podem e devem ser exploradas. Contudo, tanto o professor autêntico quanto o aluno autêntico devem ter o cuidado de se manter fiéis ao objetivo e visão originais. É muito importante que nenhum dos dois se desvie disso. O aluno deve sempre lembrar de que seu objetivo é se libertar da trama da dualidade, e não simplesmente ficar chapado. E a professora nunca pode esquecer de que sua tarefa não é meramente dar ensinamentos impactantes ou exhibir argumentos contundentes, mas se assegurar de que cada um de seus alunos atinja ou desvele esse estado de não dualidade.

De acordo com o Mahayana, nossos professores são os médicos e nós, os alunos, somos seus pacientes. Da mesma forma que um médico deve conversar com o paciente e examiná-lo para que possa chegar a um diagnóstico, os lamas devem interagir com seus alunos. Hoje em dia, porém, a maior parte dos lamas tibetanos que ensinam no Ocidente mal sabe o nome dos alunos, muito menos quais sejam os seus problemas, o que os incomoda ou transtorna, nem o que eles de fato necessitam. Poucos lamas tentaram compreender o contexto de seu novo público ou tentaram educá-lo de forma adequada. Ainda assim, da mesma forma que o médico deve estar motivado pela vontade de curar o paciente, cada ação do lama deve ser motivada pela vontade de conduzir o aluno à iluminação. Desse modo, tanto a motivação do aluno quanto a do lama têm a mesma importância.

Os pré-requisitos

Mozart foi um prodígio musical. Ele compôs suas primeiras obras praticamente antes de aprender a caminhar e aos seis anos de idade já se apresentava para a corte imperial de Viena. A menos que você esteja para o Vajrayana como Mozart está para a música – o termo usado no Vajrayana é “discípulo de faculdades superiores” – você necessitará de uma orientação passo a passo e de um treinamento espiritual completo. Até mesmo um gênio como Mozart precisou aprender as técnicas e métodos musicais com seu pai, que era um músico profissional. O sistema vajrayana sempre insistiu que o aluno vajrayana seja orientado por um guru vajrayana autêntico e que o meticuloso e metódico treinamento vajrayana seja conduzido em segredo absoluto. Ele também reitera que os ensinamentos vajrayana jamais devem ser disponibilizados a alguém que não tenha sido devidamente preparado por um professor vajrayana autêntico. Por quê? Pela mesma razão que um cientista nuclear jamais pensaria em dar uma bomba atômica para seu filho brincar.

Nos últimos anos, a necessidade de preparação para o caminho Vajrayana foi negligenciada não apenas pelos gurus como também pelos alunos que se sentem atraídos pelo deslumbre e exotismo do mais rápido de todos os caminhos espirituais. Alguns alunos estavam de tal forma determinados a receber esses ensinamentos o quanto antes, que se desdobraram para extraí-los de mestres tântricos cuja bondade e ingenuidade os levou a ensiná-los.

Alguns dos maiores mestres lidaram com esse problema de forma bastante sagaz – eu conheço esse método porque eu mesmo vi mestres aplicarem-no. O mestre concordava em conceder os ensinamentos aos alunos mais persistentes, que não paravam de solicitá-los, embora eles ainda não estivessem

prontos ou não fosse o momento certo. Então, conforme ensinava, ele fazia citações de todas as fontes autênticas, sem mencionar uma palavra de esclarecimento dos comentários. Tendo oferecido a seus ávidos alunos um mosaico convincente de citações autênticas, o mestre satisfazia a solicitação dos alunos ao mesmo tempo em que evitava dar mais informações do que estavam aptos a ouvir naquele momento.

Alguns grandes mestres não cediam a qualquer chantagem, terrorismo ou sedução para que concedessem ensinamentos para os quais seus alunos mais ambiciosos e insistentes ainda não estivessem preparados. No entanto, os lamas mais ternos, tímidos e afáveis eram mais fáceis de manipular, porque não desejavam correr o risco de magoar um aluno recém-chegado. É por isso que alguns entre os mais amáveis e afetuosos lamas por vezes concederam ensinamentos para os quais os alunos ainda não estavam preparados. E claro, os lamas materialmente ambiciosos que ansiavam pela fama e por milhares de alunos foram presas fáceis – a velha psicologia é tão válida neste ponto quanto em qualquer outro departamento da vida. Em última análise, a razão de certos ensinamentos serem ou não concedidos se restringe às leis de oferta e procura.

Quase todos os textos tântricos, tal como o Hevajra Tantra, insistem que os alunos devem primeiro aprender a visão vaibhashika. Isso é como exigir que um iraniano aprenda a falar japonês antes de se inscrever num curso de sumô em Tóquio. O sumô não tem nada a ver com a língua japonesa, mas para estudar sumô no Japão, o iraniano precisa compreender e falar japonês. Ensinar a perspectiva vaibhashika a um aluno tântrico novato é como ensinar japonês ao iraniano.

Tradicionalmente, o Vajrayana sempre conduziu de forma sistemática o aluno, por todas as diferentes visões apresentadas por cada uma das escolas filosóficas. Essa abordagem é pratica-

mente desconhecida hoje em dia – uma circunstância que em si é desconcertante. Sem uma compreensão profunda da visão vaibhashika não há embasamento para a compreensão mútua entre professor e aluno, nem uma linha direta de comunicação – é mais ou menos como tentar ensinar física quântica para um gato. E os textos tântricos não param por aí. O tantra incentiva os candidatos a construírem uma base sólida de conhecimento e experiência no budismo antes de embarcarem no Vajrayana: primeiro, os ensinamentos saurantika, seguidos pelos cittamatra, depois madhyamika.

O Anuyoga Tantra é a epítome dos ensinamentos tântricos sobre a não dualidade. No entanto, antes que seja ensinado, os alunos devem ser apresentados à dualidade. O que é “dualidade”? O que é “não dualidade”? O que deve ser não dual? Isso, os textos tântricos afirmam claramente, é a primeira coisa que um aluno precisa entender. Quando um professor de astrofísica dá uma aula sobre o Big Bang, ele começa descrevendo o universo como ele é atualmente. Uma vez que esse contexto tenha sido claramente mapeado, a seguir ele pode descrever a teoria de como tudo teve início – o Big Bang. Mas a teoria só vai fazer sentido se os alunos já tiverem uma ideia razoável a respeito do que é o universo.

Um ou dois alunos mais antigos de Trungpa Rinpoche me disseram que ele não lhes concedeu a abhisheka de Vajrayogini até que estivessem seguindo seus ensinamentos por cerca de cinco anos. A essa altura, já tinham recebido os ensinamentos sobre os três yantras e os ensinamentos de Shambhala sobre como desenvolver confiança e trabalhar com a própria constituição psicológica. Se isso é verdade, é assim que o Vajrayana deve ser ensinado.

Uma das razões que me levaram a escrever este livro é que diversos lamas, não apenas Sogyal Rinpoche, têm concedido

ensinamentos tão elevados como os da atiyoga sem antes apresentar aos alunos os princípios budistas mais básicos. E logo então alguns desses lamas exigem uma devoção inabalável de alunos recém-chegados. Devo acrescentar que não estava presente quando isso aconteceu, a informação me foi transmitida por terceiros cujo relato pode ter sido parcial.

Contudo, conheci pessoalmente alunos de alguns desses lamas e ficou evidente em nossas conversas que, embora eles tivessem inegavelmente recebido as instruções da atiyoga, não tinham nenhum conhecimento sobre os ensinamentos budistas fundamentais. Foi por isso que cheguei à conclusão de que certos alunos não tinham sido devidamente preparados por seus lamas antes de receber os ensinamentos vajrayana.

Aqui, devo lembrá-los que sou um ser humano completamente deludido. Como budista, acredito que tudo que percebo é minha própria projeção – projeto meus valores morais, espirituais e políticos, as distinções que faço e até minhas noções pessoais de certo e errado. Como a minha percepção é exclusivamente minha, quem sou eu para julgar Sogyal Rinpoche – ou qualquer outra pessoa, falando nisso? Sei que sou deludido e é claro para mim que o que estou prestes a escrever se baseia inteiramente nas minhas próprias projeções dualistas. Apesar disso, sempre tive a impressão de que a maior falha na abordagem de Sogyal Rinpoche foi ele não ter preparado seus alunos adequadamente para os ensinamentos vajrayana.

É claro que jamais devemos esquecer que muitos alunos da Rigpa sentem que foram enormemente beneficiados pelo estilo de ensinamentos de Sogyal Rinpoche e sua devoção por ele continua inabalável. Não faço objeção a nenhum desses alunos. Se os ensinamentos de Sogyal Rinpoche de fato o beneficiaram, se você não se sentiu apenas embriagado ou extasiado pela atmosfera que ele criava e se você efetivamen-

te reduziu seu apego tanto ao ego quanto à vida mundana, então os ensinamentos dele devem ter funcionado. Devemos sempre lembrar que Sogyal Rinpoche não era um guru auto-proclamado – ele fazia parte de uma linhagem autêntica e é por isso que agora podemos analisar em detalhes o que deu errado. Espero que esta nossa análise seja útil para os futuros alunos vajrayana. Se Sogyal Rinpoche tivesse sido um guru-cogumelo autoproclamado não teríamos um ponto de partida para examinar suas ações, nenhuma tradição à qual recorrer, não disporíamos de textos, ensinamentos ou conselhos para consultar. E com quem poderíamos ter conversado a respeito de como e por que as coisas deram errado?

Tente imaginar um mundo repleto de professores vajrayana que deixam de preparar seus alunos para os ensinamentos vajrayana. Esses professores pulam o tradicional primeiro passo de apresentar aos alunos os ensinamentos fundamentais do budismo e não se dão ao trabalho de verificar se eles entenderam completa e corretamente, ou não, o que foi ensinado. Em vez disso, esses professores partem direto para o mahasandhi e o mahamudra – os ensinamentos mais elevados do Yogatantra.

Aqui temos dois pontos cruciais a considerar.

1. O que pode acontecer se o professor vajrayana for mesmo um completo ignorante? E se ele não souber o que ensinar nem como ensinar? E se tudo o que ele sabe fazer é repetir as frases “repouse na natureza da mente”, “fique no momento presente” e “não permaneça no passado nem no futuro”, e depois rotula isso de “mahasandhi” ou “dzogchen”? E fica nisso. Ainda assim, ele prossegue: “Já que eu lhe concedi os ensinamentos mahasandhi, agora eu sou o seu guru. Você deve fazer tudo o que eu mando. E agora pode ir abrindo a sua carteira!”

2. Suponhamos que o professor seja genuíno e qualificado para ensinar o mahasandhi. Além disso, suponhamos que a aluna não seja uma discípula de faculdades superiores – o que ficamos sabendo porque, quando o professor faz um sinal especial, a aluna não “saca”. Portanto, ela aprendeu a técnica de “estar no presente”, mas, embora tenha recebido ensinamentos sobre shamata e vipassana, ela não foi devidamente preparada para receber um ensinamento vajrayana.

Nesse exemplo, o problema é que, embora o professor saiba ensinar “repouse na natureza da mente”, “fique no momento presente” e “não permaneça no passado nem no futuro”, todas essas afirmações também podem ser encontradas nos ensinamentos mais básicos de shamata e vipassana. Assim, a aluna pode considerar que já ouviu tudo aquilo antes e que não há nada de especial no mahasandhi. Para a aluna, esse é um prejuízo incalculável.

Ngöndro

Frequentemente os lamas dizem aos alunos que a primeira prática que eles devem fazer no caminho Vajrayana é o ngöndro. É um bom começo. No entanto, devemos ter em mente que o ngöndro não é apenas acumular números. Nós praticamos o ngöndro para desenvolver uma forte convicção na verdade dos ensinamentos e intensificar o anseio de nos desvencilhar da caixa que chamamos “samsara”. A propósito, o samsara não significa apenas mais um apartamento de cobertura, mais um carro ou mais um colar de ouro. O samsara inclui todos os nossos direitos humanos conquistados a duras penas, como a liberdade de expressão e a igualdade de oportunidades, inclui os sistemas mundanos, como a democracia parlamentar,

e todos os nossos condicionamentos e preconceitos – tudo aquilo que aprendemos e deixamos de aprender.

Digamos que você estude a madhyamika durante seis anos com um excelente professor. Tendo completado seu estudo com sucesso, a instrução final do professor é: “Agora esqueça tudo que aprendeu.” A essência do ngöndro é desenvolver uma desconfiança fundamental na nossa educação. Os valores modernos nos encorajam a abarrotar o cérebro com a maior quantidade possível de informação. Os valores indianos – que infelizmente hoje estão praticamente extintos – nos encorajam a aprender o máximo possível e em seguida desaprender tudo.

Após desenvolver uma admiração por tudo que o Buda disse a respeito da originação interdependente, shunyata e não dualidade, seus ensinamentos começam a fazer sentido. Quanto mais os ensinamentos fazem sentido, mais nos esforçamos para escapar da caixa do samsara por meio do ouvir e contemplar. Essas práticas são indispensáveis para nosso plano de fuga e não tenho como recomendá-las o bastante – particularmente os ensinamentos sobre a visão budista. Uma semana de estudo da madhyamika já fará crescer seu apreço pela visão, após o que o ngöndro passará a ter um significado totalmente novo. Em vez de tomar refúgio num homem chamado Buda que viveu há 2500 anos e que é parecido com uma estátua de bronze, a prática de refúgio passa a ser uma entrega total à verdade, o que é algo como se render ao fato de que “fogo” significa “quente”. Isso é “tomar refúgio”.

Uma vez que você saiba que tudo que você pensa que percebe é apenas uma projeção, então o objeto e seu rótulo – vaso, flor e assim por diante – não são mais separados nem separáveis. Você compreende que suas próprias percepções são uma delusão e que essa delusão leva à ansiedade, à dor e ao sofrimento incessantes. Aos poucos você se convence de que

acreditar num “eu” é o mesmo que confundir um espantalho com um ser humano vivo. A essa altura, você não hesitará em esmigalhar a sempre vigilante – e difícil de capturar – barata do apego a si mesmo, que até agora o distraiu da genuína afeição pelos outros. Isso facilita a prática de considerar os outros no mínimo tão importantes quanto você mesmo, se não mais importantes. Isso é “gerar a bodhicitta”.

Agora você está totalmente preparado e atento a qualquer coisa que possa distraí-lo da verdade – a visão vajrayana. Sempre que você detecta uma distração, varre-a para longe. Isso é “Vajrasattva”.

Ansioso para dar um upgrade na sua compreensão do tesouro que é a verdade, você lê mais livros e ouve mais ensinamentos. Logo, percebe que apenas ouvir e ler não lhe permitem compreender a verdade; que o próprio ato de estudar o aprisiona à lógica, ao raciocínio e à linguagem. Você precisa romper as margens do seu rio caudaloso de estudos para permitir que a água do conhecimento possa fluir e se espalhar. Você precisa escapar da prisão do pensamento lógico que você mesmo criou. Essa capacidade de escapar é chamada de “mérito”, e o mérito assume diversas formas. O gosto pela arte é algo que se pode ensinar e aprender, mas os artistas verdadeiramente inovadores, como Picasso, fazem de tudo para quebrar tantas regras quanto possível. Essa capacidade de quebrar regras é o mérito, e é o mérito que o liberta. Uma vez que tenha compreendido isso, empilhar arroz num prato ridículo passará a ter um significado completamente diferente, até que por fim você de fato verá aquele punhado de arroz como uma galáxia. Isso é a “oferenda de mandala”.

Ouvir e contemplar os ensinamentos o convence de que suas impurezas são temporárias e removíveis. Uma vez que todas as impurezas tenham sido removidas, você rotula tem-

porariamente o que resta de “buda”. Agora você anseia expor e desnudar esse buda – nossa natureza de buda – e o método mais rápido para revelá-la é a “guru ioga”.

A essa altura, seu entusiasmo por ter descoberto o buda dentro de si mesmo será tão intenso quanto o meu próprio entusiasmo pela próxima partida do El Clásico. Quando assisto a jogos de futebol, a experiência pela qual mais anseio é a experiência não fabricada de assistir ao vivo a um pênalti batido com brilhantismo para decidir uma partida final. Se um amigo me distrair oferecendo uma xícara de chá no exato momento em que o pênalti for batido, é provável que eu considere isso como um obstáculo.

À medida que pratica a guru ioga, seu entusiasmo se torna tão intenso que seja lá o que for que seu guru lhe peça – fazer um xerox ou lhe dar de presente seu novo Mercedes – você faz com alegria. Tendo sido meticulosamente preparado para ouvir aquilo que para alguns pode soar como uma sandice – como “repouse na natureza da mente” –, quando as palavras finalmente caem dos lábios do guru, elas imediatamente fazem todo sentido. Quando seu guru então diz: “Agora você deve fazer tudo o que eu digo”, você tem um intenso sentimento de honra e gratidão. Deve ser um sentimento parecido com o de ser ordenado cavaleiro pela rainha Elizabeth.

DOZE

O vajrayana não é para você

CULTURA E TRADIÇÃO são um grande fator na nossa capacidade de aceitar ou não a sabedoria que é a não dualidade. As histórias que nos contam sobre o vasto panteão de divindades indianas são ainda mais fabulosas do que as relatadas nos contos de fadas europeus. Em uma, Kali está no comando, enquanto todos os demais deuses e deusas se curvam a cada uma de suas palavras; já em outra, é Shiva quem está no controle. A fluidez de cada aspecto dos deuses indianos fica aparente em quase toda a antiga arte da Índia. Em um afresco, o Senhor Brahma é a divindade central, enquanto Saraswati se curva a seus pés de lótus; em outro, é o contrário. As divindades também alternam quem esteja por cima de quem. Shiva, o mais poderoso dos deuses e o destruidor de mundos, em algumas representações é visto deitado, com Kali em pé sobre o seu corpo. Em dezenas de histórias, o Senhor Ganesh, o deus elefante – o deus da sabedoria – comete as burrices mais inacreditáveis.

A forma física extremamente adaptável dos deuses da Índia nunca é fixa, pois depende da tarefa que devem realizar. Esse tipo de versatilidade permeia toda a cultura indiana. Ao contrário de outras culturas, na Índia, um agouro, praga, presságio ou amuleto significa má sorte em um dia e boa sorte no outro. A vida cotidiana é fluida. Nada é fixo nem definitivo. O que era inauspicioso pela manhã será auspicioso na hora do chá da tarde e vice-versa.

Lembro-me nitidamente de um voo que fiz de Deli até Kerala num avião repleto de hijras¹⁴ belamente vestidos. Além da tripulação, naquele voo eu era o único que não era um

hijra. Fiquei tão surpreso ao vê-los que não pude me conter e perguntei para onde estavam indo. “Vamos abençoar o casamento da filha de uma família muito rica”, disseram, seus olhos faiscando de euforia e orgulho por terem sido convidados para um evento social tão notável. De forma geral, os hijras são menosprezados e evitados pela maioria dos indianos, porque são considerados de mau agouro. Mas nos casamentos eles são uma substância sagrada e sua presença atrai bênçãos. Portanto, em tais celebrações são calorosamente bem recebidos e tratados como convidados de honra.

Os indianos estão tão acostumados com a ideia de que algo possa ser um mau agouro hoje e um sinal auspicioso amanhã, que o tantra e a mente indiana se encaixam perfeitamente. Não podemos esquecer que o Vajrayana se originou na Índia. Ver todos aqueles hijras no avião e observar a gentileza com que a tripulação os tratava me deixou sem palavras. Fiquei me perguntando se a minha cultura tibetana estaria sequer perto de assimilar a dualidade de se rechaçar um grupo social num dia e honrá-lo no outro. Os tibetanos seriam tão flexíveis quanto os indianos? A cultura tibetana poderia de fato aceitar a “não dualidade” na mesma medida em que a cultura indiana pode e efetivamente o faz?

As raízes das distinções éticas e morais, bem como do que é considerado politicamente correto, estão fincadas na cultura de um país. Se a história de Chapeuzinho Vermelho fosse levada para a Índia, as crianças indianas poderiam escutar que o lobo mau era na verdade um ser sublime. Isso poderia acontecer na Europa? Não nos dias de hoje. Os contos de fadas tibetanos são sobre bonzinhos e malvados, portanto são relativamente preto no branco. Os mitos e lendas indianos são muito diferentes porque, como nação, os indianos não apenas se sentem confortáveis com a não dualidade, mas ela

está arraigada na cultura deles – e possivelmente em seu DNA. Que eu saiba, o que mais se aproxima dos deuses indianos na Europa são os deuses da Grécia antiga. Zeus, Hera e Poseidon podiam ser sábios ou estúpidos, fiéis ou sanguinários, gananciosos ou honrados, com a mesma desenvoltura, e nunca se incomodavam de parecer insanos. Infelizmente, desde que o cristianismo suplantou o panteão grego, os deuses gregos foram relegados a mitos e lendas, enquanto os deuses indianos são venerados até hoje.

Manjushri é geralmente considerado um bodhisattva e o professor de todos os budas, mas há certa ambiguidade a respeito de quem ou o que ele realmente é. Em uma sentença, Mipham Rinpoche afirma que Manjushri não é de cor azul, laranja, branca nem verde, e na seguinte afirma que Manjushri tanto pode ser azul quanto laranja, branco ou verde. Só mesmo na Índia as hierarquias são viradas de cabeça para baixo enquanto os bons e os maus se alternam e as divindades trocam de lugar com seus séquitos. A versatilidade é a epítome da cultura indiana.

Dito isso, a Índia vem mudando muito ultimamente. Sete séculos de dominação mogol, seguidos de dois séculos de soberania britânica ensinaram os indianos a desdenhar da animada resiliência e versatilidade de sua cultura e a preferir distinções claras do que é certo ou errado, em vez da rica e caótica herança cultural de seu país.

Se você não consegue apreciar a flexibilidade e os limites indistintos, e se você não tem a coragem de embarcar na aventura de viver sem julgamentos e distinções, o Vajrayana não foi feito para você.

Os seres humanos são criaturas teimosas. No momento em que alguém nos diz: “Isso não é para você” – seja lá o que “isso” for –, subitamente aquilo passa a ser a única coisa que

desejamos fazer. Assim, ao ler “O Vajrayana não foi feito para você”, o seu primeiro pensamento pode ser de que essa afirmativa em si já comprova que os fofoqueiros estão certos e que eu sou de fato um elitista – ou até racista. Estejam todos, claro, à vontade para chegar às conclusões que bem entenderem. Mas, em seu próprio benefício, por favor pense com cuidado sobre a sua escolha do caminho. O Vajrayana é realmente a sua melhor opção? Pense sobre essa questão com frequência, pois nunca será demais. Todos os textos tântricos aconselham e encorajam os alunos a refletir com extrema cautela antes de se lançarem no caminho do tantra. Pergunte-se: “Será que estou de fato pronto para receber os ensinamentos tântricos e colocá-los em prática?”

A característica de uma professora boa e qualificada é que ela sempre alerta os alunos sobre as consequências das decisões precipitadas. Algumas professoras ainda continuam insistindo até mesmo com os praticantes mais experientes a pensar com cuidado sobre o que decidiram subscrever, como se cada dia fosse o primeiro.

Os alunos que pretendem ingressar no caminho se animam ao contemplar os inúmeros benefícios do Vajrayana. Ele é bem-aventurado, fácil, oferece miríades de métodos, não exige que seus praticantes se autoflagelem nem façam penitências e assim por diante. Mas jamais devemos esquecer que, se quebrarmos qualquer uma de nossas promessas, haverá consequências, algumas bastante inquietantes. Assim, examine suas crenças e sentimentos tão bem quanto possa. Isso ajuda muito. Para ajudá-lo a entender o que é preciso para ser um aluno vajrayana, faça a si mesmo as perguntas seguintes. No mínimo, esse exercício vai lhe dar o que pensar.

O que é preciso para ser um aluno vajrayana?

1. Uma pedra não pode ser um aluno vajrayana. Em outras palavras, para seguir o caminho Vajrayana, você precisa de uma mente.

Você tem uma mente?

(X) Sim () Não

Como vemos, eu preenchi a primeira resposta para você.

2. Para seguir o caminho Vajrayana você também deve ter a natureza do buda.

Você tem a natureza do buda?

(X) Sim () Não

Quer você acredite ou não, essa resposta automaticamente ganha um “X” bem grande.

3. Para seguir o caminho Vajrayana, suas impurezas emocionais devem ser necessariamente temporárias e removíveis.

As suas impurezas emocionais são temporárias e removíveis?

(X) Sim () Não

As três características mais importantes de um praticante vajrayana são: a mente, a natureza do buda e as impurezas emocionais. Você não precisa se preocupar em saber se as tem ou não tem, porque, queira ou não queira, a mente, a natureza do buda e as impurezas emocionais são fatos da vida de todos os seres humanos. Qual é a utilidade das impurezas? Se não há impurezas, não há caminho. Qual é o objetivo de se lavar uma xícara que não está suja?

4. Para seguir o caminho Vajrayana é necessário reconhecer que o mundo e a vida dualistas são de uma futilidade infinita.

Você percebe a futilidade da vida mundana?

() Sim () Não

5. Para seguir o caminho Vajrayana é necessário ansiar pela liberação não apenas para si mesmo, mas para todos os seres.

Você anseia libertar a si e a todos os seres?

() Sim () Não

6. Para seguir o caminho Vajrayana é necessário compreender e apreciar, pelo menos intelectualmente, a união de aparência e vacuidade – em outras palavras, o “paradoxo”.

Você aceita a natureza paradoxal da união de aparência e vacuidade em todos os aspectos da existência fenomênica?

() Sim () Não

7. Para seguir o caminho Vajrayana, você deve aceitar que tudo que você percebe é sua própria e exclusiva projeção. E quero dizer tudo – do livro que você está lendo ao cabelo do Donald Trump.

Você aceita que tudo o que percebe é sua própria e exclusiva projeção?

() Sim () Não

8. *Se você marcou “sim”:*

Uma vez que você aceita que tudo é sua própria projeção, olhe agora para a assim chamada “mente” – o projetor.

Essa mente tem uma cor ou forma tangíveis?

() Sim () Não

9. *Se você marcou “não”:*

Quem sabe que a mente não tem cor nem forma? Uma cognição, a capacidade de estar ciente dessa ausência.

Você consegue perceber que a mente não é um vácuo?

() Sim () Não

Um bebê tibetano sai do útero da mãe em um cômodo repleto de thangkas vajrayana, e a família dele pode se gabar de sete gerações de praticantes tântricos. Esse bebê tibetano não tem nem um grama a mais do que é necessário para se qualificar como um praticante tântrico do que a filha de uma família cristã ortodoxa russa de oitava geração, cujos olhos são tão azuis quanto a turquesa, o cabelo tão vermelho quanto o coral e a pele tão alva quanto uma pérola.

Se você respondeu “não” a alguma das perguntas anteriores (exceto a oitava) ou não é capaz de responder a nenhuma delas, mas ainda assim acredita que pode se tornar um praticante vajrayana, sinto muito, mas você está em maus lençóis. Por favor, pense de novo. Dar a você ensinamentos vajrayana seria como dar a uma criança de três anos o direito de voto nas negociações do divórcio de seus pais. (Aliás, as razões para que os pais não briguem na presença da filha devem superar as razões para incluí-la nesse tipo de discussão familiar.)

Dito isso, espero que você tenha entendido que não estou sugerindo que todos os centros de Dharma devam pedir aos alunos que preencham esse questionário antes de começarem a praticar o Vajrayana. É apenas um exemplo de como os praticantes vajrayana devem pensar.

Analise! Analise!

Analise tudo. E, de novo, eu me refiro a *tudo*, inclusive as suas interpretações pessoais de bem e mal, começo, meio e fim, moralidade, ética secular e religiosa, certo e errado – e claro, analise como você se sente em relação ao guru. Analise até que o valor e até mesmo a noção de análise ultrapassem os limites desse preconceito.

O fundador do Dharma do Buda, Buda Shakyamuni, sempre ressaltou a importância de se analisar continuamente absolutamente tudo, e nos concedeu os ensinamentos necessários para fazê-lo sistemática e competentemente. Os budistas continuam investindo muito tempo e energia no estudo desses ensinamentos. A *pramana*¹⁵ (lógica budista) e, claro, a *madhyamika*, nos fornecem as ferramentas necessárias para desconstruir todas as visões possíveis.

De certa forma, uma boa parte da filosofia budista se dedica a não aceitar nada à primeira vista. Em vez disso, aprendemos a construir uma dúvida sofisticada e depois aprendemos a duvidar da dúvida em si, desconstruindo as nossas arraigadas razões para um dia ter duvidado. Assim que tenhamos deixado nossa dúvida aos pedaços e nos convencido de que tudo surge do vazio, podemos, finalmente, experimentar o despontar daquilo que os budistas chamam de “devoção”.

“Dúvida” e “crença” são dois lados da mesma moeda. Ambas são ingredientes cruciais no caminho espiritual. Da mesma forma que não é possível fazer uma xícara de café sem água quente e grãos de café (de preferência recém-moídos), a interação constante entre crença e dúvida é vital no caminho espiritual. A crença aniquila a dúvida e a dúvida aniquila a crença. Você não pode querer primeiro eliminar todas as dúvidas para depois acreditar sinceramente em cada palavra

dos ensinamentos – se não houver dúvida, não haverá crença. À medida que nossas dúvidas se tornam mais incisivas, mais profundas e mais sofisticadas, o mesmo ocorre com nossas crenças, o que faz com que a interação entre dúvida e crença seja extremamente benéfica.

Um exemplo vajrayana clássico compara o caminho espiritual a afiar uma faca. Afiar a faca desgasta tanto a pedra de afiar quanto o metal da lâmina, e é esse “desgastar” que produz o fenômeno chamado faca afiada. Os ensinamentos budistas mais gerais discutem os desafios, problemas e soluções que encontramos no caminho espiritual, enquanto o Vajrayana – o Tantrayana – ensina que devemos desgastar tanto os problemas quanto as soluções. Aliás, se você tentar manter uma única dessas soluções como souvenir, ela quase imediatamente vai se tornar um problema.

Você se congratula por ter boa capacidade de análise, mente aberta, atitude progressista e um respeito saudável pelo método científico? Se o faz, é provável que não esteja ciente de seus padrões de pensamento habituais mais profundamente enraizados e obstinados, os quais, uma vez revelados, irão demonstrar que, longe de ser a pessoa mais liberal do planeta, na verdade você é a mais conservadora.

Baseados em evidências históricas e científicas plausíveis, poucos historiadores se sentem inclinados a aceitar que a história que chamamos de Mahabharata tenha de fato ocorrido. O problema é que, quando falamos de provas, estamos lidando com o produto de uma mente humana. É a mente que forma uma opinião. Todas as formas de debate e análise exigem uma mente – duas pedras seriam incapazes de discutir a credibilidade das evidências disponíveis. Ainda assim, confiar nas conclusões tiradas por uma mente inflexível é a raiz da fé cega.

Se você não estiver disposto a analisar e desconstruir o seu próprio sistema analítico, o Vajrayana não foi feito para você.

Se você acredita firmemente no tempo, não como uma verdade relativa, mas como uma realidade última com um começo e um fim – gênese e apocalipse –, não é só o Vajrayana que não foi feito para você, o Shrivakayana também não foi. Uma crença em inícios e fins últimos também se traduz na crença em uma causa última. Nenhum dos veículos budistas acredita em uma causa última. A tradição theravada, por exemplo, acredita em um “agora” absoluto.

O tempo é um faz de conta, embora seja um faz de conta extremamente poderoso e convincente. Assim, se você acredita que o Buda foi um homem comum, que nasceu em Lumbini, renunciou à vida familiar, foi para Magadha, começou a ensinar, e que tudo se resume a isso, o Vajrayana não foi feito para você.

Se você não consegue aceitar que o “bindu” (que é algo parecido com o DNA) é o Buda, o Vajrayana não foi feito para você.

Se você tem dificuldade em acreditar que esta consciência mundana que você experimenta neste momento, enquanto lê esta frase, é o Buda, então o Vajrayana não foi feito para você.

Se você não consegue reconhecer que o fruto de sua jornada é nada mais nada menos do que o estado que você já está experienciando neste exato momento, o Vajrayana não foi feito para você.

Em outras palavras, se você pensa que a natureza búdica só pode ser alcançada depois que você atravessar incontáveis procedimentos durante muitos éons, o Vajrayana não foi feito para você.

Se você zomba de mitos e lendas e os acomoda na mesma categoria dos contos de fadas (como Chapeuzinho Vermelho)

e acredita que hoje todos os contos de fadas foram substituídos por fatos históricos, o Vajrayana não foi feito para você.

Os asiáticos, especialmente os indianos, sentem-se bastante à vontade para adornar a História com mitos e lendas. Mas como podemos dialogar com pessoas para quem tanto o passado quanto o futuro são extremamente importantes, mas que valorizam tão pouco o presente? Como dialogar com pessoas tão mergulhadas na história passada e tão inspiradas por visões do futuro que praticamente ignoram o presente? Como as pessoas de culturas para as quais a História não tem muita importância dialogam com aquelas cujas culturas são centradas na História? As culturas moldadas pelas religiões abraâmicas – por exemplo, as duas maiores religiões do mundo, o cristianismo e o islamismo, assim como a religião que deu origem a ambas, o judaísmo – referem-se constantemente à história que compartilham. Como as pessoas para quem tudo está acontecendo neste exato momento dialogam com aqueles que estão o tempo todo olhando para trás? Na melhor das hipóteses, a comunicação é limitada, como a conversa entre um cão e um gato. Como dizer às pessoas de uma cultura que tem uma visão tacanha do sexo – pessoas que acreditam que o ato em si é imoral, tabu, sujo e vergonhoso – que o sexo também pode ser um caminho?

Se você acredita que o caminho deve apresentar definições exatas, classificar problemas e soluções metodicamente e dividir o mundo entre protagonistas e antagonistas, como os mocinhos e bandidos de Hollywood, então o Vajrayana não foi feito para você. Por quê? Porque o Vajrayana se recusa a ver um espaço entre a solução e o problema. Assim como os homeopatas se orgulham de usar o veneno que causa a doença para curá-la, o Vajrayana se orgulha de usar o problema como solução.

O Vajrayana nunca foi e nunca deverá se tornar um sistema convencional. Portanto, é pouco provável que algum dia venha a ser aceito pelos pensadores convencionais. Como foi mantido em segredo por séculos, seus ensinamentos e prática foram necessariamente limitados a uns poucos escolhidos. E essa própria exclusividade pode muito bem ser o motivo pelo qual os seus métodos podem ser facilmente crucificados no tribunal da opinião pública.

Do ponto de vista vajrayana, é preocupante que tantos lamas tibetanos que o praticam publicamente sejam tão populares hoje em dia. Será que certos aspectos do Vajrayana não estão sendo inseridos à força na sociedade convencional?

Se você não pode aceitar que suas imperfeições são ilusórias, temporárias e removíveis, você não será capaz de aceitar que sua verdadeira natureza é uma deidade, a corporificação de compaixão e sabedoria. Nesse caso, o Vajrayana não foi feito para você.

Se você teme a controvérsia e se submete às expectativas sociais, ou se você está determinado a ser radical, irritante e quer perturbar a harmonia do tecido social, o Vajrayana não foi feito para você.

Talvez você ache relativamente fácil abrir mão de um segundo carro e viver modestamente, mas se você não consegue ver que tudo no mundo material, samsárico é fundamentalmente falho e insatisfatório e que tudo que possuímos, valorizamos e estimamos é fatalmente falho, sem sentido e enganoso – inclusive as ideologias como democracia e liberdade de expressão –, não apenas o Vajrayana, mas também o Shrivakayana não foram feitos para você.

Se você sente um aperto no coração ao olhar a fotografia de uma criança faminta no Sudão do Sul ou no Iêmen, mas não

sente compaixão por Donald Trump, não apenas o Vajrayana, mas também o caminho do bodhisattva Mahayana não foram feitos para você.

Se você vê o Shrivakayana, o Mahayana e todos os demais sistemas espirituais religiosos autênticos do mundo com desdém, o Vajrayana não foi feito para você.

O Vajrayana não é um dogma; duvido que seja possível existir um caminho espiritual menos dogmático do que o budismo, especialmente o Vajrayana. No entanto, a vasta maioria dos seres humanos neste mundo respeita e confia na racionalidade e na lógica, o que faz com que o Vajrayana seja avançado demais para quase todos eles.

De acordo com uma das versões de uma fábula hindu, a consorte de Shiva, Parvati, foi o primeiro ser que pediu a ele que lhe ensinasse o tantra. Embora no início Shiva tenha se recusado, ela persistiu, até que por fim ele concordou, com uma única ressalva: “Eu lhe ensinarei o tantra,” disse Shiva, “mas quando isso acontecer é necessário que estejamos em união, porque só é possível ouvir verdadeiramente os ensinamentos tântricos quando se está profundamente apaixonado.”

Para uma mente moralista isso pode soar meio pervertido ou mesmo doentio. Mas a paixão não faz com que todos vejam o mundo de um ângulo bem diferente? Estar apaixonado modifica a forma como nós pensamos. Até mesmo a lógica e o raciocínio apurados da mais cética e rigorosa cientista de pesquisa empírica desmoronam quando ela se apaixona. Como praticantes vajrayana, ansiamos transcender tanto o racional quanto o irracional, pensando fora de ambas essas duas caixas.

A esta altura, alguns aspirantes a tantrikas podem estar se sentindo meio deprimidos. Confortem-se com o fato de que o próprio Vajradhara supremo disse que se aqueles que vivem de acordo com a razão, a lógica e as evidências se sentirem

atraídos – mesmo que seja apenas por um nanossegundo – pelo mágico e profundo caminho Vajrayana, eles devem ter alguma conexão com esse caminho. Se você estiver disposto a investir nessa conexão, você tem todas as qualificações necessárias para empreender sua jornada no caminho Vajrayana.

TREZE

O Vajrayana é para você

TODOS COMEÇAMOS A VIDA acreditando que tudo aquilo que valorizamos, estimamos, torcemos que aconteça e nos afeiçãoamos trará alguma satisfação, mesmo que fugaz. Conforme o tempo passa, começamos a perceber que cada canto do samsara é fútil e sem sentido. Então, por que se preocupar? Por que construir um castelo de cartas samsárico?

Você já teve a sensação de que seu tempo nesta Terra é limitado? Às vezes esse sentimento é tão forte que é como se você tivesse recebido a notícia de que tem apenas mais seis meses de vida. O tempo é curto, o seu tempo nesta Terra está se esvaindo e, de qualquer jeito, a vida mundana é uma futilidade. Ainda assim, você continua fazendo tudo que sempre fez: ainda está lendo aos trancos e barrancos um romance de mil páginas, ainda vai à praia, ao teatro e a todas as festas de aniversário para as quais é convidado. A única diferença é que agora você sabe com certeza que não tem nada a perder e nada pelo que lutar.

Externamente, você é um ser humano falível e impuro, mas no fundo, o você verdadeiro – o “você” que você anseia revelar – é como o ouro mais puro. Se você tivesse três incontáveis éons para extrair o ouro do minério poderia optar por seguir um caminho sistemático, sossegado e seguro. Como o tempo é curto, porém, você está impaciente para extrair o “você real” o quanto antes. Você pesquisa um pouco e descobre uns tantos caminhos aparentemente seguros, que já vêm de fábrica com cinto de segurança, portões, corrimãos e a promessa de proporcionarem uma jornada amena e confortável. O inconveniente,

do seu ponto de vista, é que são muito lentos. Assim, você se pergunta: “Já que eu não tenho nada a proteger ou manter em segurança, por que fazer tudo devagar?” Impaciente para começar logo a beneficiar de fato incontáveis seres sencientes, você está ávido para dismantelar suas ilusões em tempo recorde. Então, você descobre o caminho Vajrayana. Por cerca de um ano, você ouve incontáveis ensinamentos e contempla seu significado. Você acha certos aspectos do caminho um tanto inquietantes e desconfortáveis, mas ainda assim logo se convence de que o Vajrayana tem todas as respostas que você estava buscando.

Se você se sente assim e não se importa que suas susceptibilidades sejam chacoalhadas de vez em quando, então o Vajrayana é para você.

O Vajrayana continua sendo relevante hoje em dia?

Considere os assim chamados pensamentos nocivos. Não se preocupe com o contexto, religioso ou qual seja, apenas pense sobre os pensamentos nocivos, inescrupulosos, desonrosos, desonestos, infames, fraudulentos, corrompidos, depravados, desleais, pervertidos, obscenos e indecorosos. Há duzentos, cem ou mesmo cinquenta anos, a definição de pensamento nocivo era bem diferente da atual. Ao longo dos anos, nossa forma de pensar mudou, então nossa concepção do que seja crime, corrupção, abuso, depravação e assim por diante se transformou e, junto com tudo isso, nossa concepção de “nocivo” também mudou.

Há duzentos anos, os ladrões roubavam objetos tangíveis que pudessem ser agarrados e enfiados num saco – joias, carteiras, castiçais de prata, caixas de rapé feitas de ouro e assim por diante. Os ladrões de hoje roubam ideias, códigos de com-

putador e toda forma de propriedade intelectual. Os piratas de hoje roubam músicas, filmes, livros e jogos de computador sem sequer botar o pé fora de casa.

O mundo moderno está mais dinâmico do que nunca. Todos estão mais ousados, perspicazes e ágeis, e nosso olho coletivo está sempre colado no horizonte do progresso e do lucro. Embora seja provável que nossa opinião sobre quem produz e consome pornografia não tenha se alterado muito ao longo dos séculos, a pornografia em si é muito diferente. Há duzentos anos, desenhos que eram meramente insinuantes eram caros e difíceis de encontrar, enquanto hoje em dia o pornô mais hardcore está disponível de graça para qualquer um que tenha acesso à internet. E é o que não falta. Quanto mais pornografia existe, mais fácil é estimular as emoções que nos excitam. O que era “sexy” em 1950 e o que é “sexy” em 2021 são coisas totalmente diferentes. Hoje as roupas provocativas são muito mais provocativas do que antes. É como se a dualidade tivesse se tornado mais extrema e “dualista” do que nunca. A mera velocidade em que vivemos agora exerce uma enorme pressão sobre a maioria dos caminhos e métodos espirituais do mundo. Exceto, claro, no caso do Vajrayana, que prospera em ambientes criados em épocas de reestruturação extrema.

A vida cotidiana é repleta de regras e regulamentos, o que dificulta muito a manutenção dos votos e do estilo de vida dos monges com ordenação de bhikshu. Esmolar está se tornando cada vez menos viável, porque hoje é praticamente impossível para um monge evitar tocar em ouro, prata, cartões de crédito ou qualquer outra forma de dinheiro. Embora não seja fácil, ainda é possível ser andarilho na Índia, mas se você tentasse vagar pelos Estados Unidos sem ter um documento de identificação seria preso sob acusação de vadiagem. Está cada vez mais difícil para os monges serem monges, mas os praticantes

vajrayana não enfrentam tais dificuldades. É perfeitamente possível seguir o caminho Vajrayana e ao mesmo tempo ter um emprego, cuidar de seus pais idosos e fazer tudo o que qualquer chefe de família ou pessoa leiga faz.

O próprio Buda disse que à medida que a vida na Terra vai se tornando mais volátil e degenerada, os seres humanos têm mais dúvidas, e suas emoções se tornam mais extremas. O mero pensamento de “três incontáveis éons” pode acabar com o entusiasmo de um praticante do Dharma em potencial, e a perspectiva de alimentar, de livre e espontânea vontade, uma família de tigres famintos com o próprio corpo pode até deixá-lo desanimado ou deprimido. Em tempos assim, disse o Buda, além de triunfar, o Vajrayana irá vicejar.

No contexto vajrayana, o simples fato de que seus incontáveis métodos sejam rápidos não significa que sejam perigosos. Algo tão simples quanto bebericar um café pode acumular o mesmo mérito que se levaria éons para acumular na maioria dos outros caminhos. Um único mantra recitado da forma adequada pode purificar tantas impurezas quanto outros métodos levariam uma vida inteira para desenraizar. Contudo, para praticar o Vajrayana corretamente, devemos estar prontos e dispostos a abrir mão de nossas ideias e valores antigos e ter a coragem necessária para não ficarmos encurralados no mundo racional. É como a diferença entre beber apenas um pouco de vinho para ficar alegre, mas em controle, e jogar ao vento todo o bom senso e ficar completamente bêbado. Quando seu desejo de se livrar do samsara ultrapassar o ponto em que não há retorno, sua prática vajrayana não envolverá mais nenhum sacrifício ou penitência de qualquer tipo e será sempre bem-aventurada.

Se você está ocupado demais para seguir o Vajrayana ou não tem coragem de tentar, simplesmente aspire a estabelecer uma

conexão com esse caminho. Peça para que um dia você seja capaz de praticar o Vajrayana e anseie para que isso aconteça.

O Tantrayana nos diz que é extremamente raro algum buda aparecer na Terra e que é ainda mais raro um buda ensinar o Vajrayana. Somos afortunados por estar vivendo numa época em que ainda é possível ouvir ensinamentos do tipo “todas as coisas compostas são impermanentes”, “por mais que você possua jamais estará satisfeito” e “o ‘eu’ que você tanto estima é uma ilusão, é só um rótulo”. Somos duplamente afortunados por termos escutado as sábias palavras que dizem que tanto o samsara quanto o nirvana são ilusórios, eles são como o seu pesadelo da noite passada e o alívio que você sentiu quando acordou. E somos triplamente afortunados por vivermos numa época em que ainda restam ensinamentos que nos dizem que as emoções que estamos sentindo neste mesmo momento – fúria, inveja e desejo – são a matéria-prima da sabedoria. Uma boa sorte tão imensa é digna de comemoração.

Você reconhece as limitações da lógica e da racionalidade? Você aceita que o empirismo é subjetivo? Você confia no fato de que aquilo que está além da racionalidade e do empirismo é mais do que a inspiração para escrever um poema, ou a sensação de se apaixonar? Você sente uma forte atração por um estado em que nada faz sentido? Você aceita que o estado em que nada faz sentido não pode ser alcançado pelo uso de drogas ou álcool? Você já experimentou temporariamente esse estado induzido por drogas e descobriu que ele não é o bastante? Você anseia por ir além, de uma vez por todas, e jamais se enredar novamente em conceitos? Se assim for, então o Vajrayana é para você.

Se você é capaz de apreciar cada paradoxo infinito, inexaurível e mágico conforme ele acontece, a cada instante e em todas as direções, e se você sente que poderia viver com um

pouco mais de magia – em outras palavras, se você começou a dar valor às bênçãos –, então o Vajrayana é para você.

Se os significados de palavras como “tudo”, “infinito”, “sem princípio”, “incessante” e “imensurável” o seduzem e encantam, então o Vajrayana é para você.

Se você se anima quando descobre que pode colher tanta sabedoria deitado numa rede numa tarde ensolarada quanto sentado com as costas retas num templo e se entusiasma pensando em tentar, então o Vajrayana é para você.

Se você acredita que só é possível meditar sentado em uma almofada com as costas retas, e que caminhar, estar de pé ou deitado o impedirá de praticar, pergunte-se: quanto tempo você dispõe para se dedicar à prática sentada? Ninguém consegue sentar 24 horas por dia – mesmo que haja outros motivos, pense no impacto negativo que isso teria sobre a sua saúde. Se você se sente extasiado e animado com a possibilidade de acumular sabedoria enquanto toma banho, pega sol, corta cebolas e assim por diante, então o Vajrayana é para você. O Vajrayana combina com seu caráter.

Por último, se você tem o desejo de enriquecer a mente com o vasto tesouro de métodos hábeis do Vajrayana, então, definitivamente, o Vajrayana é para você.

QUATORZE

O guru

“GURU” é uma bela palavra oriunda do sânscrito com diversas e profundas camadas de significado. Como tal, é quase impossível de se traduzir. Quase todas as línguas apresentam palavras peculiares, intraduzíveis. Os noruegueses, por exemplo, chamam a euforia que sentimos quando começamos a nos apaixonar de *forelsket* – que, segundo me disseram, não tem equivalente em outras línguas. *Komorebi* é a palavra japonesa para a qualidade da luz do sol filtrada por entre as folhas de uma árvore. *Goya* é a palavra urdu para o momento em que um excelente contador de histórias cria uma fantasia tão convincente que parece mais real do que a realidade em si. E os sérvios descrevem o êxtase e a sensação de unicidade que sentimos com os mais simples prazeres com a palavra *merak*.

“Guru” é ligeiramente diferente desses exemplos, não apenas por ser intraduzível, mas também porque agora a palavra está tão contaminada com associações mundanas que seu verdadeiro significado praticamente se perdeu. Quantas vezes a publicidade já se aproveitou da palavra “guru” e a utilizou indevidamente? Na melhor das hipóteses, a palavra evoca a imagem de um sadhu indiano com dreadlocks e coberto de cinzas, ou um lama tibetano de alto escalão trajado com brocados de seda, que desde bebê senta-se num trono alto magnificamente decorado. Na pior, nos remete a todos os gurus da gastronomia, do fitness e do hackeamento de celulares que abarrotam o ciberespaço. Seria toda essa utilização e exploração indevidas do termo um fenômeno do século XXI, desencadeado talvez pelos escândalos envolvendo gurus vajrayana desonestos e

malcomportados? Longe disso! O termo “guru” vem sendo desrespeitado, manchado e corrompido há séculos.

Como mencionei no capítulo 10, um guru espiritual no Tibete muitas vezes também era o equivalente ao CEO do monastério. No Tibete, o título de guru não era reservado só aos professores. Era comum que qualquer sujeito que ocupasse um cargo político ou social importante recebesse o título de guru. Outros foram elevados ao status de guru por serem benquistos, astutos, influentes e bons manipuladores do mundo materialista. Eles também podiam se aliar com sucesso a patronos ricos e generosos e, como já vimos, o poder e o dinheiro são de grande valia em se tratando da difusão e preservação do Dharma.

Basicamente, os tibetanos chamavam um professor de “guru” pelas mais variadas razões, que em geral não tinham nada a ver com o Dharma e tudo a ver com o papel de destaque desempenhado pelos gurus na cultura tibetana. Como resultado, os procedimentos seguidos pela maioria dos tibetanos para dar início à relação tântrica com o guru estavam longe de ser ideais. Certamente o conselho do Mahayana e do Tantrayana sobre se analisar as qualidades e a formação de um guru antes de se envolver com ele era, via de regra, ignorado.

Dito isso, até mesmo o pior início de uma relação guru-aluno muitas vezes acaba bem, e muitas dessas relações floresceram. Contudo, os textos tântricos originais sempre desencorajaram essa abordagem.

A história nos conta sobre os poucos mestres tântricos que foram bem-sucedidos em combinar sua função espiritual com a de figura pública ilustre. Deu muito certo com o rei Indrabhuti. Todos os seus súditos alcançaram simultaneamente o corpo de arco-íris. A experiência do rei Trisong Deutsen, por outro lado, é menos clara. Ninguém sabe quantos discí-

pulos ele ensinou – talvez nem mesmo a comitiva pessoal do rei soubesse –, mas sabemos que ele não era universalmente adorado por seus súditos tibetanos. Portanto, talvez ele tenha tido um único discípulo tântrico – uma cortesã, um serviçal ou quem sabe um varredor? Quem quer que fosse, para o rei, aquele discípulo teria sido a pessoa mais importante de todo o reino e apenas os dois saberiam de sua relação tântrica. Por quê? Porque era assim que o Vajrayana era ensinado na Índia antiga. Professores e alunos vajrayana nunca se identificavam abertamente e o que ocorria entre eles era mantido em segredo.

Nos dias de hoje dá-se o contrário. Professores vajrayana e seus alunos não medem esforços para divulgar a si mesmos e suas práticas. Eles se gabam publicamente de seus gurus, sua linhagem e seu regime de prática, de forma que sabemos exatamente quem são e o que fazem. Os lamas contemporâneos até mandam desenhar broches com emblemas exclusivos para os seguidores, bem como bandeiras para que eles pendurem na frente de suas casas.

Antigamente, guru e aluno realizavam seus compromissos vajrayana da mesma forma que hoje os agentes secretos infiltrados fazem investigações clandestinas. O estilo de vida do guru e do aluno combinava perfeitamente com o de seus vizinhos, dando a impressão de que levavam uma vida comum, banal. No Tibete, era bem sabido que alguns dos mais dedicados monges e monjas seguidores do vinaya, que aparentemente desprezavam as práticas tântricas, muitas vezes eram os mais dedicados de todos os tantrikas. No outro extremo desse espectro encontravam-se aqueles que se declaravam praticantes tântricos, cultivavam cuidadosamente uma aparência “tântrica”, falavam obsessivamente sobre o tantra e não ensinavam nada além do tantra, porém muitas vezes eram incapazes de

agir de acordo até mesmo com as práticas budistas mais básicas, como não causar mal aos outros.

Teoricamente, é possível que um lama seja seu rei, seu líder político, seu chefe, seu cônjuge, seu amante e seu guru raiz, tudo ao mesmo tempo. Mas na prática é um feito de equilíbrio complicado que muito poucos conseguem executar. Na maioria das vezes, tentar realizar tantas funções atrapalha em vez de ajudar – especialmente aqueles de nós desprovidos de sabedoria e razoavelmente crédulos e ingênuos.

Outros caminhos budistas raramente empregam o termo “guru”. Em vez disso, eles chamam seus professores de “mestre”, “preceptor”, “guia” ou “instrutor”. O que seria, então, um guru vajrayana? Essencialmente, um guru é alguém que conduz outras pessoas. De acordo com o Vajrayana, esse líder deve, no mínimo, ser um exemplo de credibilidade e idoneidade. Em outras palavras, um guru não pode jamais ser enganador. Em última análise, há apenas duas qualidades que nunca nos enganam: a verdade da vacuidade e a verdade da clareza. Assim, a vacuidade e a clareza são o guru verdadeiro. No entanto, como o guru externo é quem nos conduz ao guru verdadeiro (o guru interior), o seu guru humano é igualmente importante. Seu guru externo tem um rosto humano e pode falar com você, pode guiá-lo, ensiná-lo e treiná-lo. Sem um guru externo não haveria uma ponte para o guru interno, e é por isso que o guru externo é indispensável no caminho Vajrayana. É também por isso que nossos incomparáveis gurus vajrayana são tão venerados e exaltados.

Monge ou iogue?

Por que o Buda Shakyamuni decidiu se manifestar na Terra como um bhikshu? Porque nós, seres humanos, preferimos

que nossos homens santos tenham a aparência de monges. A aparência e o estilo de vida despojados dos monges são mais confortáveis à mente humana do que o estilo de vida depravado de um praticante leigo tresloucado e festeiro. Esperamos que um renunciante espiritual genuíno leve uma vida solitária, em algum lugar remoto. Gostamos de imaginá-los abrigados em cabaninhas de bambu, fazendo uma única refeição por dia, quase sem posses – talvez um par de sandálias e um guarda-chuva velho. A ideia de um monge que vive num palácio de mármore abarrotado de irmãos e irmãs desordeiros e sogros e cunhados carentes e neuróticos não se encaixa na nossa versão de como deve ser a aparência de alguém “santo” ou “espiritual”. Assim, o modelo de guru que funciona melhor é o do monge humilde e despojado. Contudo, se a meta da autoliberação não é tudo que você deseja e se sua intenção não é meramente fazer parte de um clube budista ou ser aceito numa comunidade budista que observa rigidamente algum código de conduta, você pode tentar examinar criticamente outros caminhos disponíveis. É provável que valha a pena fazê-lo.

Lembre-se de que poucos monges conseguem viver de acordo com esse ideal popular de um monge sereno e celibatário. E, de qualquer forma, os monges com motivações políticas já se apropriaram quase inteiramente desse modelo. Esses monges conseguem manter muito bem a aparência externa de santos, despojados e até autodepreciativos, mas, na realidade, tendo adquirido o gosto pelo poder, dinheiro e bens materiais, são absolutamente incapazes de abrir mão de qualquer um deles.

No Tibete, China e Japão, o estilo de vida e o comportamento que se espera de um renunciante celibatário foi tão desgastado, que hoje em dia significa apenas “alguém que se abstém de fazer sexo”. Embora os gurus tântricos mais complexos tragam ao caminho e à prática uma riqueza e pro-

fundidade que os renunciantes mais despojados não têm, os gurus tântricos quase sempre são julgados de forma muito mais severa do que seus colegas monges. Exceto quando o assunto é sexo. O sexo quase nunca é perdoado. Os chineses estão muito mais propensos a perdoar um mestre chan que dirige um Rolls Royce e que foi processado e condenado por fraude financeira do que a perdoar um monge zen erudito e compassivo, que seja acossado por rumores de que uma vez teria sido flagrado em uma situação comprometedoramente com uma mulher.

Quando eu era criança, meus professores tântricos me deram a mesma lição infinitas vezes. Eles me disseram que frequentemente encontramos o tesouro no que parece ser um monte de lixo, porque esse é o lugar mais seguro para esconder bens de valor. Portanto, não deveríamos subestimar nem difamar os gurus tântricos apesar das várias namoradas, da filha-rada malcriada, das muitas gerações de parentes irritantes e da incapacidade congênita de saber lidar com dinheiro. Por mais desorganizados e até caóticos que sejam, os gurus tântricos autênticos nunca são uns hipócritas, falsos moralistas. Por que evitar um guru que não oculta nada? Um exterior grudento, fedorento e pegajoso muitas vezes esconde as pessoas mais genuínas, diretas e honestas que existem. Meus amigos mais bem informados me asseguram que essa verdade era conhecida por vários mestres de kung fu, que muitas vezes preferiam conviver com trabalhadores simples e francos em bares baratos do que fundar e dirigir escolas de artes marciais de elite.

Seu guru, sua escolha

Nunca esqueça que é você quem escolhe *seu* mestre tântrico. Por mais conveniente que seja escolher o responsável por um monastério famoso ou o guru da sua aldeia ou da sua família

como seu guru tântrico, você não é obrigado a fazê-lo se não quiser. Seu guru tântrico é escolha *sua*. Como os tibetanos dizem, pode haver cem gurus na Terra, mas há um único guru na minha mente. Conheço incontáveis alunos tântricos que, embora tivessem fácil acesso a todos os gurus mais populares e do mais alto escalão, escolheram praticantes comuns como seus mestres tântricos. Conheci um monge assim em uma das minhas muitas visitas ao monastério de Rumtek, do XVI Karmapa, no norte da Índia. O XVI Karmapa era um mestre extraordinário. Absolutamente singular. No entanto, um de seus próprios monges preferiu receber todos os ensinamentos mahamudra do Karmapa (as instruções essenciais que são a joia da coroa dos ensinamentos dos kagyupa) de um monge de Rumtek, o qual, em termos de guru, não era ninguém.

Os ocidentais parecem pensar que o Dalai Lama é o mestre raiz tântrico de todos os tibetanos. Isso não é verdade – não está nem perto da verdade! Os tibetanos respeitam, amam e adoram o Dalai Lama como seu líder secular. Alguns sentem grande devoção por ele como guru e recebem dele iniciações tântricas importantes. Mas muitos tibetanos escolhem algum outro lama como seu guru raiz – seu “guru raiz” é o guru de quem você lembra quando acorda, antes de comer e antes de dormir.

Também conheci vários monges do Monastério Dzongsar que estavam vivos quando Jamyang Khyentse Chökyi Lodrö era o abade. Eles me contaram que, por mais que gostassem dele e o respeitassem como abade do monastério, não sentiam devoção por ele como mestre tântrico e por isso haviam recebido instruções pessoais de outros gurus. Posso ouvir alguns dos leitores pensando: “Que imbecil perderia a oportunidade de tomar Khyentse Chökyi Lodrö – um dos maiores mestres do século XX – como seu guru, quando ele estava em pessoa

na sua frente?” O fato de tantos alunos não terem escolhido Khyentse Chökyi Lodrö como guru tântrico é a prova de que o verdadeiro espírito vajrayana está vivo, passa bem e continua a florescer na sociedade tibetana. Esse aspecto da relação guru-aluno não mudou desde o nascimento do tantra na Índia antiga.

Saraha é um dos mais ilustres professores vajrayana. Ele foi um notável erudito e veio a se tornar reitor da Universidade de Nalanda, que no seu auge era tão prestigiada e renomada quanto a Sorbonne de hoje. A princípio, Saraha recebeu ensinamentos de um dos mestres mahayana da própria Nalanda, mas não ficou satisfeito. Então ele começou a visitar em segredo uma guru desconhecida em um bairro mal-afamado da cidade. Você sabe qual era o ganha-pão da guru de Saraha? Ela era prostituta e fabricava flechas. Logo após conhecê-la, Saraha abandonou sua disputada posição acadêmica para segui-la em tempo integral. E ele manteve essa relação em segredo para absolutamente todos – exatamente como deve ser.

Vários dos posts que li nas mídias sociais durante 2017 e 2018 sugeriam que um sistema de treinamento para mestres vajrayana contemporâneos deveria ser desenvolvido e ensinado em centros de treinamento dedicados a esse fim, se não com a intenção de propagar o Vajrayana, ao menos para preservar sua autenticidade e garantir a segurança de seus alunos no futuro. O argumento era que, com esse sistema, os alunos vajrayana de hoje poderiam contar com um conjunto de mecanismos de verificação e controle claramente delineado, que os mantivesse em segurança. Infelizmente, tal modelo simplesmente não funcionaria no Vajrayana. Por que não? Porque todas as relações guru-aluno vajrayana são baseadas em uma ligação kármica, e foi por isso que Saraha acabou com uma prostitu-

ta que fazia flechas como sua guru tântrica – e ela podia ser qualquer coisa, menos uma aposta segura.

Se o Vajrayana fizesse parte do mundo secular, é muito provável que os escândalos recentes tivessem resultado na fundação de um tal centro de treinamento de mestres vajrayana. Afinal, o budismo tibetano não carece de experiência na criação de instituições de ensino. Até os dias de hoje, os shedras proporcionam aos monges uma educação completa do Dharma e os drupdras (centros de meditação) oferecem aos praticantes a oportunidade de fazer retiros. Em geral, aqueles que se formam num shedra não se concentram exclusivamente no estudo acadêmico e não raro frequentam drupdras antes de se tornarem khenpos e professores. No entanto, o objetivo principal da educação num shedra não é produzir professores. Por quê? Porque não é assim que essas coisas funcionam. Uma excelente tese de doutorado não é garantia de que o autor seja um bom professor. Da mesma forma, ter se formado num shedra não garante que um monge será um bom acadêmico ou um bom praticante.

Eu me pergunto como seria o currículo desse tal curso de formação de mestres vajrayana que alguns defendem. Uma coisa que o treinamento formal de um guru vajrayana deve incluir necessariamente é um módulo sobre como se apontar a natureza da mente – “Introdução à Natureza da Mente: 101”. No entanto, embora os professores em treinamento possam aprender as manhas do ramo e com o tempo possam decorar todos os textos tântricos e assim por diante, é improvável que a educação formal e o ambiente institucional lhes garanta a capacidade de inspirar os discípulos. Uma abordagem genérica da formação de gurus não funciona no Vajrayana.

Muitas vezes espera-se que os graduados num shedra ensinem no Ocidente e conheçam o bastante sobre o budismo e

o Vajrayana para serem úteis aos ocidentais. Mas quem pode julgar quais deles estão de fato qualificados para se tornar um guru vajrayana, um tsawe lama e guru raiz? Se um guru não inspirar seus alunos, eles irão em busca de outro, como fez Saraha.

Dito tudo isso, devo voltar a sublinhar que o Vajrayana já incorpora excelentes medidas de salvaguarda. Reconhecendo a importância vital dessas medidas, os mestres do passado invariavelmente recomendavam e até mesmo insistiam para que elas fossem implementadas. Pelo que vejo nas sanghas vajrayana de hoje, a maior parte das medidas de segurança são negligenciadas. Que medidas são essas? O bom e velho “ouvir e contemplar”. O que faz parte disso? Ouvir, ler, examinar, debater, discutir e contemplar os ensinamentos do Buda. Como “ouvimos e contemplamos” efetivamente? Pensando profundamente em cada ensinamento que recebemos e dedicando algum tempo para examiná-lo sob todos os ângulos possíveis.

Os lamas de alto escalão são uma aposta segura?

Conheci pessoas que acreditam que se um lama ocupa uma posição de alto nível, como a de detentor de uma linhagem, por exemplo, isso por si só já garante seu bom comportamento. Sob a ótica dessas pessoas, é provável que escolher um lama de alto escalão como guru vajrayana seja a aposta mais segura. Os alunos que se oferecem de corpo, fala e mente a uma guru desconhecida que fabrica flechas e faz programas para sobreviver, ou para outro tipo de persona non grata, receberão pouco apoio ou simpatia dos colegas de Dharma quando seu guru se comportar de forma deplorável. “Bem feito! Você nunca deveria ter escolhido um guru de quem nada se sabe.” Ou “professores sem linhagem são como uma bomba-relógio”.

A sensação de se ter conexão com um professor não se baseia necessariamente no que ou como aquele professor ensina. Digamos que você esbarre por acaso numa guru e, na presença dela, imediatamente reconheça, com a mais profunda convicção, que de fato a vida mundana é totalmente fútil. Se você tiver uma conexão kármica com um guru, independentemente de onde vocês se conheçam, esse guru vai inflamar sua devoção, despertar sua compaixão pelos seres sencientes, destruir seu apego ao eu e inspirar sua percepção pura. Afinal, Milarepa não saiu em busca de Marpa após ter lido um panfleto chamativo que pegou no balcão de uma cafeteria da moda. A primeira vez em que ele deitou os olhos sobre Marpa, o guru estava arando um campo, não estava sentado num trono rodeado por um séquito de admiradores. Naquele exato momento, Milarepa sentiu algo que jamais havia sentido antes. Se o mesmo lhe acontecer e você estiver absolutamente certo de que esse guru é seu professor, siga em frente. Mas esteja avisado, nenhuma apólice de seguros no mundo oferece cobertura para um primeiro passo tão audacioso e corajoso, ainda que notoriamente arriscado.

Hoje em dia poucos praticantes são tão decididos quanto Milarepa e ainda em menor número são os que compartilham de seu senso de aventura. Foram-se os dias em que as pessoas se jogavam em algo sem pestanejar. É compreensível. Vivemos numa época de diretrizes de segurança, verificações e controles, responsabilidades legais e direitos individuais – todos destinados a nos oferecer proteção. Podemos até nos sentir tentados a jogar mais duro de vez em quando, mas nunca em detrimento de nossa segurança pessoal. Como os jogadores de futebol americano, sempre tomamos a precaução de usar bastante proteção para evitar ferimentos graves. Não somos nada parecidos com a mulher que sonha ter comprado uma

cobertura em Nova Iorque e, sabendo que está sonhando, não hesita em aceitar uma banana em troca da cobertura. Nós, ao contrário, calculamos o valor de tudo que vemos e em seguida nos apegamos às coisas, até mesmo nos sonhos. É assim que nosso mundo rigidamente regulado funciona. Mas, em algum momento, todas as regras e regulamentos vão acabar por asfixiar e extinguir a magia do Vajrayana.

As pessoas agora querem saber qual é a sensação de estar no cume do monte Everest, mas não querem deixar o conforto do sofá. Poucos experimentaram a sensação de realização e confiança proporcionada pelo esforço feito para atingir determinada meta. Não é fácil transmitir a quem espera que todos os seus desejos caiam do céu como é maravilhosa a sensação de conquistar algo. Esse é um dos desafios do caminho.

Assim, se depois de tudo que foi dito, você ainda sente vontade de praticar o Vajrayana, mas fica nervoso com a perspectiva de entrar num caminho que soa desconfortavelmente arriscado, não se preocupe. O Mahayana e o Vajrayana já criaram incontáveis medidas para mantê-lo seguro.

O guru tântrico

O tantra, mesmo em seu nível mais básico, trata de continuidade. Vamos usar o exemplo daquilo que podemos descrever como uma xícara suja. A xícara pode estar suja, mas enquanto está sendo lavada e depois de limpa, a xícara é sempre a xícara; o processo de lavagem não altera um átomo sequer da xícara. Da mesma forma, antes de você ser um iluminado, enquanto pratica o Dharma e depois de alcançar a iluminação, nenhuma gota de sua natureza verdadeira terá mudado. Sua natureza de perfeição prístina continua sendo sempre a mesma. Essa

continuidade é o que define o tantra e é o que o eleva acima dos demais caminhos espirituais.

Outra forma de se transmitir essa ideia seria dizer que a sua natureza búdica é indestrutível – “natureza búdica”¹⁶ é o termo mahayana para a quintessência da sua mente. No entanto, a natureza búdica não é uma coisa nem é o nada; é um paradoxo – o paradoxo entre vacuidade e cognição. O tantra chama esse paradoxo de “natureza vajra”. E a natureza vajra está presente em todos os seres, desde a menor formiga até um bodhisattva do décimo bhumi.

Uma das razões pelas quais se considera que um corpo humano proporciona uma oportunidade tão rara e preciosa é o fato de que temos uma chance muito maior de compreender o tantra num corpo humano do que num corpo de formiga. Sobre o que pensam as formigas? Na próxima refeição? Em formar filas quando marcham com seu exército? Quem sabe? No entanto, a ideia de que a próxima refeição ou a obsessão por andar em fila seja uma delusão removível jamais ocorreria a uma formiga. Portanto, as formigas não possuem o equipamento mental necessário para estabelecer a natureza vajra.

A pessoa que nos ajuda a desvelar nossa natureza vajra é o que chamamos de “mestre tântrico” ou “mestre vajra”. O caminho que nos ajuda a perceber a continuidade do tantra e nos leva à revelação da natureza vajra é chamado de deidade tântrica ou deidade vajrayana, de ritual tântrico ou vajrayana, ou de mantra tântrico ou vajrayana, e assim por diante.

No contexto do tantra, o que significa “aluno vajrayana” ou “aluno tântrico”? Um aluno tântrico tem total confiança na continuidade e indestrutibilidade da sua natureza vajra. É a mesma confiança que um lavador de pratos profissional tem quando olha uma enorme pilha dos pratos mais grudentos, fedorentos e podres que se possa imaginar e tem a convicção

de que a pilha inteira é lavável. O pensamento de que a sujeira talvez seja irremovível sequer lhe ocorre. Por mais nojentos que pareçam, o lavador de pratos sabe que a verdadeira natureza daqueles pratos não é a sujeira. Ele pode até se entusiasmar com a perspectiva de lavá-los e ter uma sensação de satisfação ao completar a tarefa. Mas é claro: lavar pratos é só mais uma história, e como todas as histórias, é falsa, inventada. O lavador de pratos não pode modificar a natureza fundamental dos pratos, mas pode remover a sujeira. Ele não pode adicionar nada a nenhum dos pratos nem pode remover nada além da sujeira. Assim, *driwa mepa gangwa mepao*: “não há decréscimo nem acréscimo”.¹⁷

Em outras palavras, a tarefa de um mestre tântrico é ajudar seus discípulos a reconhecer que, por mais renitentes e inextricáveis que nossas impurezas pareçam, elas são temporárias e removíveis. Ao contrário da crença popular de que um guru mantém controle total sobre seus alunos ad infinitum, o único objetivo do mestre tântrico e do caminho tântrico é o de alcançar o ponto em que tanto o guru quanto o aluno dispensem a necessidade de depender um do outro (codependência), assim como sua dependência de manter uma “sadhana” e de ser um “praticante”. Os gurus não são como os ditadores políticos que sempre encontram novas formas de ampliar sua esfera de influência e estender seu mandato.

Os tantrikas nunca rezam para ser discípulos de um guru por todo o sempre. O objetivo de se praticar o tantra não tem nada a ver com ser um eterno aprendiz. Se fosse o caso, eu poderia entender por que Stephen Batchelor decidiu abandonar a guru ioga. É provável que eu fizesse o mesmo. Na verdade, a prece que os tantrikas fazem é a seguinte:

Que em todas as minhas vidas eu jamais me
 separe do guru perfeito
 E possa, assim, desfrutar do esplendor do Dharma.
 Ao aperfeiçoar as virtudes dos caminhos e estágios,
 Possa eu rapidamente atingir o estado do glorioso
 guru.

Outro mal-entendido é o de que os gurus tântricos não precisam praticar o Shrivakayana e o Mahayana. Mas, como já vimos, é o oposto. Espera-se que os gurus tântricos apliquem todas as práticas shrivakayana e mahayana, e pratiquem o Vajrayana. A quintessência do caminho Shrivakayana é não causar o mal, e a quintessência do caminho Mahayana é ajudar o próximo motivado pela compaixão. Se um guru tântrico abusar espiritual, emocional, física ou sexualmente de um ser senciente, se fizer qualquer mal a quem quer que seja, ele estará não apenas quebrando os votos shrivakayana e mahayana, mas também os votos vajrayana. Um autêntico guru tântrico ou vajrayana deve amar e cuidar de cada discípulo como se fosse seu filho único.

Boatos sobre o mau comportamento dos gurus

Nos dias de hoje, mesmo que um professor espiritual não compreenda a união entre vacuidade e aparência (sabedoria), no mínimo ele deve ter maturidade suficiente para reconhecer o custo de seu mau comportamento, se a semente de interesse de seus alunos pelo Dharma for incinerada como resultado de seu mau comportamento – sementes tão novas que mal começam a brotar. Muitos de meus amigos vêm tentando há anos convencer seus namorados, namoradas, irmãos e irmãs a se interessarem pelo Dharma. Contudo, desde a divulgação dos mais recentes escândalos, esses namorados, namoradas e

afins deixaram de ter qualquer interesse pelo Dharma e, além disso, agora estão preocupados com a possibilidade de que as pessoas que eles amam possam ter sido sugadas por um culto duvidoso.

Se um guru se comportasse mal no Tibete de outrora, os boatos se espalhariam daquele local no máximo num raio de dez dias a cavalo e apenas umas cento e poucas pessoas ficariam sabendo. Nos dias de hoje, umas poucas linhas no New York Times sobre o mais minúsculo dos delitos têm a capacidade de calcinar instantaneamente as sementes de interesse pelo Dharma do Buda de dezenas de milhares de pessoas. Neste contexto, por menor que seja, um delito cometido por um lama jamais poderá ser descrito como atividade de sabedoria ou meio hábil. Se os relatos sobre o comportamento indevido de algum professor budista pintarem uma imagem do Dharma do Buda que seja tão sombria que ninguém mais deseje seguir o caminho budista, ou que leve as pessoas a acreditarem que meramente se informar sobre o budismo é arriscado e pode colocá-las em perigo, a atividade daquele professor não é um método de sabedoria nem um meio hábil.

Louca sabedoria

O termo “louca sabedoria” é a tradução de Chögyam Trungpa Rinpoche do termo tibetano *yeshe cholwa*¹⁸. Embora minha própria compreensão da “louca sabedoria” seja limitada, acho que se pode dizer que o objetivo da louca sabedoria é pensar fora da caixa. No entanto, sugerir que um tipo de sabedoria seja “louca” implica na existência de outro tipo que não seja nada louca. Mas não é o caso. Não existe algo que seja uma forma louca ou sã de sabedoria. A “loucura” só é “louca” do ponto de vista comum, mundano. Nenhuma palavra da sabe-

doria budista – desde “ausência de ego” e “todos os fenômenos são impermanentes” até a “percepção pura” do Vajrayana – é comum ou pode ser classificada como “perspectiva mundana”.

Um verdadeiro guru da “louca sabedoria” teria a confiança de mandar um aluno se jogar do décimo andar de um prédio. Mas neste mundo existem muito poucos gurus iluminados com a louca sabedoria. Quase ninguém tem o péssimo karma de encontrar um guru que seja seriamente perturbado mentalmente – daqueles “loucos” no velho sentido da palavra – ou o excelente karma de encontrar um mahasiddha. Em outras palavras, talvez não tenhamos o tipo de karma que nos levaria a escolher um maluco total como guru, mas também não temos o bom karma de conhecer um mahasiddha que poderia nos pedir para nos jogarmos do décimo andar de um prédio.

Às vezes a louca sabedoria é interpretada como “jamais se submeter às expectativas sociais”, mas isso não significa que a louca sabedoria possa servir de desculpa para se perturbar a ordem social, aticar as chamas de uma revolução ou criar caos e confusão. A louca sabedoria *nunca* deve ser mal usada assim. O guru e o aluno devem sempre lembrar que, para um praticante vajrayana, o Mahayana é o coração ou o tronco de sua prática, e o Shrivakayana é a raiz. Se um praticante vajrayana não puder ajudar os seres, ele deve pelo menos não lhes causar mal. Qualquer forma de ruptura das normas sociais sempre prejudica uma parcela significativa da sociedade, de forma que é totalmente equivocado se imaginar que os praticantes vajrayana estejam dispensados de seguir o caminho óctuplo nobre.

Os praticantes da louca sabedoria estão acima da lei? É claro que não! As leis criadas por seres humanos são tão falaciosas, ilusórias e fúteis quanto qualquer outro empreendimento humano. Ao mesmo tempo, essa atividade humana fútil é a base de toda a prática do Dharma. A vida é a matéria-prima que

nós, praticantes do Dharma, supostamente devemos utilizar. Só temos pesadelos porque sonhamos, e muitas vezes a ideia de que é possível despertar de um sonho só nos ocorre porque temos pesadelos. Desconsiderar as leis de um país ou as convenções sociais seria desconsiderar a verdade relativa – a verdade “convencional”. Sem a verdade convencional, como poderíamos sequer começar a falar na verdade absoluta? Como já mencionei, o paradoxo entre a verdade relativa e a verdade absoluta não tem solução. Um mestre tântrico que viajasse da Terra para Marte para iluminar os marcianos ainda precisaria adotar e respeitar as leis marcianas. Seria um desatino se os mestres tântricos imaginassem estar acima da lei e livres para fazer o que bem quisessem – especialmente quando o nível dos mestres tântricos de hoje deixa tanto a desejar em comparação ao de grandes mahasiddhas, como Virupa.

Certa feita, Virupa foi até o bar da aldeia para beber. Assim que terminou o primeiro copo ele pediu outro, e outro, e mais outro, todo o tempo prometendo ao dono do bar que pagaria a conta ao pôr do sol. Ele bebeu, bebeu e bebeu até beber tudo o que havia no bar e na aldeia inteira. Entretanto, o sol não se pôs, e Virupa não pagou um centavo pela bebida. Por que o sol não se pôs naquele dia? Porque Virupa era um mahasiddha tão poderoso que podia parar o sol no céu pelo tempo que desejasse.

Se, como Virupa, um mahasiddha estivesse realmente libertado das restrições impostas pelas expectativas convencionais a ponto de ser capaz de manter o sol parado no céu, não precisaríamos sequer discutir se ele estaria ou não acima da lei, porque, obviamente, ele estaria acima de toda dualidade. Até alcançar um tal nível de realização, porém, os praticantes e professores tântricos devem respeitar a verdade convencional

– especialmente os professores vajrayana, que têm o dever de inspirar os outros.

A menos que possamos realizar milagres, assim como Virupa, Guru Padmasambhava ou Khadro Yeshe Tsogyal, todos nós estamos subordinados a causas e condições e, portanto, sujeitos às leis terrenas. A louca sabedoria não dá licença aos gurus para fazerem o que bem entenderem, nem diz que, se o guru e o aluno forem adultos e estiverem agindo em comum acordo, o que acontece entre eles é problema deles. O guru e o aluno são livres para decidir o curso de seu relacionamento dentro dos limites do sistema legal de seu país. Ainda assim, as práticas da percepção pura e obediência ao guru vão muito além disso tudo.

Quando um aluno tântrico está pronto para aplicar os métodos da louca sabedoria, a ideia de estar sendo forçado, coagido ou abusado de alguma forma nem lhe passa pela cabeça. Se isso acontecer, esse aluno não foi devidamente preparado e, portanto, não está pronto para ouvir e praticar os ensinamentos vajrayana. Para um aluno despreparado, um pedido do guru por uma xícara de chá pode facilmente soar como pressão, coerção ou até mesmo intimidação. “Por que ele está me dando ordens?” “Por que ele está agindo como um valentão dominador?” Um aluno devidamente preparado fica emocionado e encantado ao fazer qualquer coisa que seu guru lhe peça. Se o guru pedisse ao aluno que lhe desse sua própria casa, o aluno entregaria as chaves e se consideraria a pessoa mais sortuda do mundo.

Apenas pelo fato de o aluno aceitar, em tese, que seu guru pratique a louca sabedoria, não significa que automaticamente o guru tenha a permissão daquele aluno para fazer o que quiser. Na verdade, a mera sugestão de que o guru tenha vontades e desejos, ou que tenha planos pessoais de poder, indica que,

seja lá o que estiver acontecendo, não tem nada a ver com a louca sabedoria. Um autêntico mestre da louca sabedoria teria ido além de qualquer forma de dualidade.

Nos dias de hoje, o termo “louca sabedoria” é frequentemente utilizado no contexto de lamas que fazem sexo com os alunos, trajam roupas e perucas esquisitas ou se comportam mal. No entanto, como acabamos de dizer, a louca sabedoria não significa ultrajar as convenções sociais nem ofender os outros intencionalmente, pelo simples prazer de fazê-lo. Comer carne numa comunidade vegetariana, com a intenção de provocar ou ofender essa comunidade, ou beber cachaça numa cidade onde só se bebe chá não é um método da louca sabedoria. “Agir de forma ofensiva” é uma interpretação bastante tacanha dos métodos da louca sabedoria, que são criados simplesmente para contrariar as suas preferências. Se você é um carnívoro voraz, seu guru de louca sabedoria pode obrigá-lo a se tornar vegano. Se você diz muitos palavrões, ele pode obrigá-lo a fazer o voto de não dizer palavrões. Num mundo obcecado pelo sexo, um excelente exemplo de “louca sabedoria” seria o guru pedir a todos os alunos que fizessem um voto de celibato e ele fizesse o mesmo. Outro bom exemplo seria o seu mestre tântrico instruí-lo a tomar os votos dos monges birmaneses e seguir essa tradição (o caminho Shrivakayana) por doze anos. Na qualidade de monge birmanês, você teria de viver uma vida de ascetismo, fazer todas as práticas shravakayana e esquecer tudo sobre fumar charutos e beber vinho. Ainda assim, cada momento desses doze anos contaria como prática tântrica, simplesmente porque você estaria seguindo a instrução de louca sabedoria do seu guru.

A louca sabedoria destroça todos os nossos conceitos, mas agora é quase impossível ser praticada. Por quê? Porque muitos dos métodos da louca sabedoria fazem com que seus pratican-

tes pareçam loucos. Por exemplo, existem práticas ligadas às dakinis que nos instruem a nos prostrar à primeira criatura do sexo feminino que se aviste ao sair de casa. E se for uma cadela? Ou uma vaca? Ou uma pavoá? Do jeito que estão as coisas, se algum vizinho encontrá-lo se prostrando para uma cadela, uma vaca ou uma ave, você pode acabar trancado numa unidade de tratamento psiquiátrico.

Muitos budistas supõem que meditar, entoar mantras e fazer preces sempre será parte de suas vidas. Esse jamais foi o caso. Shakya Shri, por exemplo, arremessou seu mala contra a famosa estátua de Guru Rinpoche do Yarlung Shedra, jurando não entoar mais nenhum mantra ou prece até o fim da vida. “Só o que fiz nesta vida foi entoar mantras.” “De agora em diante, não farei nenhuma súplica, meditação ou mantra.” Seus alunos, que testemunharam tudo, compreenderam que esse voto foi o maior de todos os seus ensinamentos sobre a maneira de esmagar os conceitos e um exemplo perfeito de louca sabedoria.

QUINZE

O aluno

UMA VEZ QUE VOCÊ ESTÁ LENDO ESTE LIVRO, devo supor que seja um ser humano e que as condições que influenciam todos os humanos também o influenciam. Nenhum de nós gosta de ser ignorado ou mal interpretado, e a maioria de nós não gosta daqueles que nos ignoram ou nos entendem mal. Mesmo assim, essas pessoas ainda nos influenciam. Gostamos de ser notados e apreciamos a companhia daqueles que prestam atenção ao que dizemos. Quando, para nossa surpresa, um recém-conhecido se interessa por nós, geralmente nos sentimos dispostos a gostar dele também, mas às vezes desconfiamos de uma pessoa à primeira vista, sem saber o motivo. Isso acontece o tempo todo.

Alguns de vocês estão lendo este livro porque estão tentando decidir se pedem ou não a um professor que se torne seu guru vajrayana. Suponho que isso significa que, antes de dar tamanho passo, você está tentando se preparar, lendo um livro ou dois sobre o Dharma. E espero que isso signifique que, pelo menos intelectualmente, você esteja tentando se familiarizar com o conceito de não dualidade; que você esteja começando a reconhecer que tudo o que vê, ouve e assim por diante é filtrado por sua percepção própria e única, e que você aceita que nada é mais importante do que a sua mente. Também suponho que você tenha recebido uma educação moderna e, portanto, é orientado pela razão e tenha orgulho disso.

Muitas vezes, os alunos do Dharma encontram seu guru pela primeira vez em algum evento público – talvez em um grande salão decorado com pinturas tibetanas elaboradas e

repleto de nuvens de incenso. O guru geralmente está sentado num trono alto, drapeado com brocados de seda pesados e multicoloridos, rodeado de monges e praticantes leigos, todos com os olhos voltados para cima em adoração. Mas essa não é a única forma de se conhecer um guru. Você pode conhecer seu guru praticamente em qualquer lugar. Você pode esbarrar por acaso com aquele mesmo professor numa loja de conveniência, numa festa ou exposição. Seja como for, se você tiver uma conexão kármica com uma guru, assim que puser os olhos nela, sentirá algo intenso que não será capaz de descrever. Talvez você expresse essa sensação como uma vontade irrefreável de ir conversar com ela para saber como ela é na realidade, ou você pode decidir no mesmo instante e com absoluta certeza que ela é sua guru tântrica. Aconteça o que acontecer, lembre-se que nenhum tantra diz que você deve agarrar o primeiro professor tântrico que encontrar e exigir que ele ou ela lhe conceda os ensinamentos mais elevados, inclusive os que exigem que você abandone todos os seus hábitos e tralhas de costume.

Se você for completamente novo no Dharma, ouça os ensinamentos gerais durante pelo menos um ano antes de sequer pensar em explorar o Vajrayana. Isso não significa apenas fazer o tipo de meditação sentada cujo objetivo é levá-lo a relaxar, diminuir o estresse e superar a depressão. A meditação como técnica de relaxamento é extremamente eficaz e tem seu lugar. No entanto, se o seu objetivo é se tornar um praticante vajrayana, você precisa se preparar ouvindo os ensinamentos do Dharma, que vão muito além disso.

Quantas vezes nos disseram que é crucial que o aluno analise o guru e vice-versa? E quantos realmente fazem isso? Ou sequer sabem como fazê-lo? Uma das razões pelas quais somos aconselhados a investir grande esforço em nossa preparação

para o caminho Vajrayana é termos o tempo necessário para aprender a analisar um guru.

Qual é o seu objetivo espiritual?

Antes de tudo, seja realista sobre seus objetivos. Você realmente precisa de um guru? Se a sua razão principal para aprender a meditar é ajudá-lo a se livrar do estresse, por que não baixar um aplicativo de meditação de atenção plena? Pergunte a si mesmo: “O que pretendo alcançar através da prática espiritual?” Levar uma vida saudável e íntegra? Amar o próximo, ajudar a humanidade e recuperar o meio ambiente? Na qualidade de autoproclamado budista secular, Stephen Batchelor escreve: “Em vez de obter um nirvana final, vejo o objetivo da prática budista como sendo o florescimento da vida humana, a cada momento, dentro do arcabouço ético do caminho óctuplo aqui na Terra.”¹⁹ Isso lhe soa bem? Se o seu objetivo é levar uma vida saudável, então considere a opção do aplicativo de meditação; talvez seja exatamente o que está procurando. Você também pode adicionar exercícios regulares, uma dieta saudável e um pouco de jardinagem ao seu regime.

Você deseja ir além?

Você já experimentou LSD? Se já experimentou, o que o levou a fazê-lo? Você queria esquecer o tempo, espaço, valores sociais, passado e futuro? Ou foi só para passar um fim de semana pirado? Se você não é o tipo de pessoa que busca emoções extremas, pode ter se sentido atraído pelo LSD porque gosta da ideia de ir além do tempo, espaço, expectativas sociais, restrições morais e aprisionamentos éticos. O método químico para “ir além” dura só umas horas e, além de caro, é

perigoso e ilegal. Você não preferiria “ir além” de uma vez por todas, jamais retornar à chamada normalidade ou à prisão das percepções, conceitos e distinções ordinárias? Você gostaria de inspirar os outros sem parecer maluco? Você quer ajudar as pessoas a se libertarem das algemas conceituais e ao mesmo tempo fazer parte de sua comunidade e se comunicar bem com os filhos, vizinhos esnobes moralistas e conservadores, colegas liberais livre-pensadores que andam de limusine, e velhotes socialistas festivos que dominam a associação de moradores do seu bairro? Se for assim, o Dharma do Buda em geral e o Vajrayana em particular podem ser exatamente o que você está procurando.

Seu guru, seu treinador

Pense bem sobre o que você realmente deseja. Até que ponto quer ir? Até que ponto pretende trilhar o caminho espiritual? Qual é a altura da montanha espiritual que pretende escalar?

Se você decidir fazer caminhadas pelas colinas e escalar as montanhas menos desafiadoras, você pode contratar um guia que seja franzino, gentil e seguro. Mas se a sua ambição ardente é escalar o monte Everest, seu guia deve ter habilidades e qualidades bem diferentes. Assim, pense com cuidado antes de escolher um guia. Você sente só alguma curiosidade sobre a espiritualidade? Você está à procura de uma companhia incomum e divertida? O que você realmente está buscando? Você quer dançar em festas infantis ou ser a primeira bailarina? Você quer cantar num barzinho ou no La Scala de Milão? Você quer montar o lombo de um jumento ou pilotar uma Ferrari? Você está curioso a respeito do tantra, mas não tem a menor intenção de modificar seu estilo de vida? Se qualquer dessas opções é válida para você, por que não escolher um dos

caminhos menos exigentes, como o ngöndro, que servem suas práticas vajrayana salpicadas com os molhos mahayana e os temperos shravakayana?

Se você já encontrou um guru incredivelmente pedante e se sente atraído por ele de modo irresistível – e por mais que o senso de humor e a personalidade ultrajante dele lhe agradem –, ainda assim é indispensável fazer a verificação de antecedentes. Você tem a sensação de que ele realmente se preocupa com você? Ele enxerga você de forma pura?

Todos os conselhos deste livro se baseiam na suposição de que essa guru vajrayana que você está examinando não é uma mahasiddha, mas um ser samsárico. Não esqueça, porém, que mesmo sendo um ser samsárico, no momento em que você passa a ser aluno dela, sua tarefa é enxergá-la como um buda. Uma guru decente saberá que ela própria ainda não transcendeu o karma e suas consequências. Ela também saberá que tudo o que os alunos sacrificam em seu nome, inclusive o esforço que eles fazem para se levantar quando ela entra na sala, conta como uma dívida kármica para ela. E ela saberá perfeitamente que a sua responsabilidade principal como guru tântrica é conduzir os alunos à própria natureza de buda inata em cada um deles e os apresentar diretamente a ela.

O guru deve estar adornado com meios hábeis e sabedoria

Após ter ouvido histórias escandalosas sobre os gurus tântricos, os alunos recém-chegados ao Vajrayana muitas vezes têm a preocupação de encontrar um guru que seja seguro. Quais são as qualidades que diferenciam um guru autêntico de um trapaceiro? Como se esses ensinamentos não existissem há muito tempo! O Mahayana e especialmente os tantras vajrayana

estão repletos de informações sobre as qualidades que um guru tântrico autêntico deve apresentar e é nesses ensinamentos que os novos alunos devem prestar mais atenção.

As qualidades mais fáceis de verificar são que uma guru autêntica deve ser bem instruída, disciplinada e bondosa. Ela deve ter estudado todos os ensinamentos budistas, especialmente shunyata, e deve conhecer bem a visão e a prática do budismo e do Vajrayana. É razoavelmente fácil avaliar se uma guru é bem instruída simplesmente ouvindo seus ensinamentos. Uma qualidade ligeiramente mais importante é que a guru deve ser disciplinada, mas isso é mais difícil de avaliar. Tente observar a guru por um tempo e se pergunte: “Será que ela faz o que diz?”, “Será que ela pratica tudo o que ensina?” A terceira e mais importante qualidade é a bondade, mas essa é também a mais difícil de se avaliar. Será que a guru é bondosa?

Evite expectativas irrealistas

Os textos tântricos nos advertem que à medida que o tempo passa se torna mais difícil que os alunos encontrem uma guru tântrica perfeita. Nos dias de hoje, alguns norte-americanos moralistas e obcecados pela ética parecem esperar que todas as personalidades públicas sejam tão puras quanto a neve que acabou de cair do céu. Aplicar essas mesmas expectativas a uma guru tântrica é irrealista. Se você definir o padrão de comportamento moral e ético num patamar elevado demais, a maior parte dos lamas que você encontrar inevitavelmente terá feito algo que lhe causa arrepios. Talvez um guru tenha roubado um doce quando tinha seis anos, o que para um aluno que valoriza o escrúpulo e a honestidade acima de tudo pode ser bem chocante. Se você pretende seguir o caminho tântrico seriamente e se deparar com uma guru que corporifique ao

menos uma ou duas das muitas qualidades mencionadas nos textos tântricos, sugiro que vá em frente e aceite essa guru como sua mestra tântrica. E como hoje em dia é extremamente raro que uma guru seja abordada até mesmo por um único aluno de faculdades superiores, as gurus também devem dar um desconto na hora de escolher seus alunos. Assim, meu conselho para ambos, gurus e alunos, é que concedam uns aos outros uma generosa margem de erro.

A prática do aluno tântrico deve sempre incluir ver o guru como a personificação onisciente e onipotente de todos os budas. Como já mencionei, só depois de alcançar o primeiro bhumi você realmente verá seu guru como um buda. Assim, não seja exigente demais consigo mesmo se não conseguir percebê-lo como um buda no momento em que receber seu primeiro ensinamento vajrayana. Pegar o jeito da percepção pura leva alguns anos e até mesmo décadas e é por isso que o guru jamais deve esperar que seus alunos o vejam como um buda logo de chegada. É provável que o guru que espere perfeição instantânea não seja um professor qualificado. Eu adicionaria que, nos dias de hoje, é extremamente insensato um guru bater em alguém com um coçador de costas, e uma estupidez completa emular Tilopa, mandando um aluno se atirar do alto de um edifício ou penhasco. Os alunos também devem ser cautelosos com suas próprias expectativas irrealistas a respeito dos gurus. Se você perguntar ao seu guru os números que serão sorteados na loteria da semana e a resposta não funcionar, não o menospreze por isso.

Sabedoria e meios hábeis

A sabedoria e os meios hábeis só podem ser aplicados com perfeição se aparência e vacuidade e verdade relativa e absoluta

estiverem unidas. Na prática isso significa que uma guru autêntica vai continuar enrolando os alunos com a importância de sentar com as costas retas ao meditar, mesmo que ela saiba perfeitamente que não existe algo que seja um “eu”. Por quê? Porque contar histórias tem seu valor. Um bom psiquiatra pode dizer a uma mulher que imagina ter chifres crescendo na cabeça: “Não se preocupe! É só fazer dois furos pros chifres no seu chapéu e pronto.” O psiquiatra sabe que ela não tem chifre nenhum (sabedoria), e saber disso lhe dá confiança para sugerir a solução de fazer os furos (meio hábil). O mesmo se aplica à história do guru sobre meditar com as costas retas. O guru sabe que a sensação de “eu” do aluno é uma ilusão e não existe (sabedoria), e essa sabedoria lhe dá confiança de dizer ao aluno que se certifique de manter as costas retas ao meditar (meio hábil).

O objetivo do psiquiatra ao entrar na brincadeira da delusão da paciente é encontrar uma forma de despertá-la daquela delusão de uma vez por todas. O mesmo se aplica ao guru. Nós só temos como lidar com a delusão utilizando ambos – sabedoria e meios hábeis – e os dois estão de tal forma emaranhados que é impossível separá-los. Quanto mais hábil você é, mais sábio se torna; quanto mais sábio você é, mais hábil se torna; quanto maior a sua sabedoria, mais hábeis são seus métodos. A delusão é um paradoxo. As delusões não existem, mas elas causam sofrimento, o que é mais um modo de dizer “existe” (o sofrimento) mas “não existe” (a delusão). Assim, a única forma de se lidar com a delusão é utilizar a sabedoria e os meios hábeis; a sabedoria nos dá a confiança para aplicar os meios hábeis.

Quanto melhor compreendermos como viver no mundo dos paradoxos, maior será nossa capacidade de ser hábeis e sábios. Se você souber conviver com os paradoxos, poderá

empregar os meios hábeis e a sabedoria. O meio hábil de bater num aluno com um coçador de costas pode ser exatamente o que aquele aluno precisa para atingir o estado desperto – a iluminação –, enquanto o meio hábil de louvar as conquistas do aluno pode atrasar o progresso espiritual dele por éons.

Até mesmo a aparência e o estilo de vida da guru devem ser a corporificação da sabedoria e dos meios hábeis. Um chefe de família que trabalha em tempo integral para pagar as contas, enquanto pratica o Dharma para iluminar a si e todos os demais pode considerar o estilo de vida da guru extremamente inspirador. Por outro lado, uma renunciante egoísta, presunçosa e de mente estreita, que vive solitária num monastério e leva uma vida brutalmente austera, pode considerar tal estilo dolorosamente desanimador.

O que pode se qualificar como um meio hábil?

Todos os caminhos e técnicas que auxiliam o desenvolvimento da sabedoria são denominados “meios hábeis” ou “métodos hábeis”. Esses caminhos foram “marinados” ou “adoçados” ou “temperados” pela sabedoria da prajnaparamita – em outras palavras, a generosidade, a disciplina, a paciência e assim por diante. Um meio hábil que sempre funciona é o de oferecer flores a um altar sagrado. Especificamente, fazer uma oferenda motivado pelo desejo de uma boa colheita ou de obter um bom emprego ou por qualquer outro propósito egoísta ou material não é um “meio hábil”. No entanto, vários mestres nos dizem que quando uma oferenda é feita ao Buda, suas bênçãos acabarão por levar quem oferece ao caminho do Dharma – à verdade. Uma oferenda também se qualifica como um meio hábil se um novo praticante budista, que não sabe nada sobre a vacuidade, dedicar o mérito da oferenda ao aprimoramento

de sua própria compreensão de shunyata. Um praticante mais experiente pensa: “Esta flor que ofereço não passa de minha própria projeção. O ato de oferecer também é minha projeção, assim como o objeto da oferenda – o altar.” Esse pensamento injeta uma grande dose de sabedoria na oferenda, o que a torna um meio hábil da mais alta ordem. É assim que os meios hábeis funcionam. E utilizamos esses meios hábeis para aprimorar nossa compreensão e consumação da sabedoria – a sabedoria da prajnaparamita.

A aplicação de meios hábeis requer uma certa sutileza, por isso os sutras mahayana fornecem aos bodhisattvas (principalmente aos professores) diretrizes claras sobre sua utilização. Essas diretrizes incluem informações sobre diversos métodos de generosidade, conselhos sobre quando oferecer palavras de conforto em vez de reprimendas, recomendações sobre a maneira de agir de acordo com os ensinamentos do Buda e assim por diante – a única condição é que todos os métodos utilizados devem ter sido originalmente ensinados pelo Buda. Por isso, uma vez que matar vai contra os ensinamentos do Buda, você estaria errado ao imaginar que seria um meio hábil se você próprio cometesse um assassinato para convencer o assassino a parar de matar.

Infelizmente, alguns dos meios hábeis que os gurus empregam – desde a abordagem gentil, conciliatória e de oferecer presentes, até os métodos rudes, irados e severos (os chamados métodos da louca sabedoria) – às vezes são produto do egoísmo desses gurus. Como saber se o guru está ou não agindo com egoísmo? Observe o guru quando algum aluno for malcriado, grosseiro ou se fizer de louco. Como o guru reage? Ele aceita bem? Ele sabe lidar com a situação? Um guru autêntico jamais desistiria de nenhum de seus alunos, aconteça o que acontecer.

Sempre tenha em mente que os dois meios hábeis mais importantes no repertório de um mestre vajrayana são: só ensinar o Vajrayana para quem esteja pronto para isso e manter em segredo todos os aspectos do Vajrayana.

Investigue a linhagem do guru

Como já disse, jamais descarte a possibilidade de que o professor perfeito surja do nada, quebre imediatamente a casca da sua ilusão e, sem nenhum aviso, desnude a sua natureza búdica. Essa, no entanto, é a exceção, não a regra. Não posso enfatizar suficientemente a importância de se avaliar e legitimar um professor antes de tomá-lo como guru.

Para seres deludidos como eu e você, uma das ferramentas mais úteis do Vajrayana é a “linhagem”. Por favor, leve a sério a linhagem. Recentemente percebi que alguns lamas da geração mais jovem concedem ensinamentos que eles próprios não receberam. Esses jovens lamas estão longe de ser diligentes, jamais estudaram e ainda não assumiram a completa responsabilidade de cuidar do Dharma. Ainda assim, eles afirmam que não precisam receber ensinamentos nesta vida porque já os receberam numa vida anterior. Isso é a mais absoluta asneira! Jamais acredite em um lama que diga uma bobagem dessas.

Sempre pesquise a linhagem do guru *antes* de receber ensinamentos para ter algum tempo antes de decidir se deseja ou não se associar aos gurus da linhagem dele. Como você reagiria se, daqui a dez anos, descobrisse que um dos gurus daquela linhagem era pedófilo, assassino ou vigarista? Você seria capaz de continuar visualizando um guru desses como um buda? Poucos de nós podem ver absolutamente todas as pessoas como deidades. Você consegue ver Donald Trump como uma deidade?

Se um guru tem seu próprio guru, se ele é obviamente devotado ao seu guru e valoriza os ensinamentos dele, é provável que a linhagem deles seja bastante segura – especialmente se o guru do guru ainda estiver vivo. Assim, tente escolher um guru que tenha a mais alta estima e devoção por seu próprio guru. Essa é uma das maneiras pelas quais a linhagem dos gurus pode ajudar os alunos – é assim que a linhagem funciona.

Agora você já sabe que o verdadeiro guru²⁰ é a natureza da sua mente. Embora uma garota olhe para seu reflexo no espelho para passar batom para se sentir mais bonita, sua verdadeira beleza está em seu próprio rosto. O espelho a ajuda a enxergar seu lindo rosto refletindo-o para ela mesma. O paradoxo neste caso é que o reflexo é a garota, mas não é. Olhar seu próprio reflexo ajuda a garota a passar o batom. Se não ajudasse, o ramo dos cosméticos não existiria. O guru externo é o reflexo da sua própria mente. Alguns espelhos distorcem os reflexos, então um bom espelho ajuda bastante quando você vê sua mente refletida. Neste caso, a linhagem de gurus é o espelho. Uma professora que não fala com seus alunos a respeito de seu próprio guru não tem como acreditar na sua própria beleza. “Eu sei quem sou ao me olhar no espelho e, como vejo o reflexo de meu próprio rosto, também vejo minha própria beleza, e consigo passar o batom para me sentir ainda mais bela.” Um guru que silencia a respeito de seu próprio guru não suscita confiança em ninguém. Seu silêncio deixa os alunos com a impressão de que ele não acredita em sua própria beleza e não é autoconfiante.

Não estou sugerindo que os alunos devam jamais se gabar de seus gurus nem falar abertamente a respeito deles. No entanto, eles devem conhecer a história de seu próprio guru, o que significa saber a respeito do guru de seu guru. De preferência, os alunos devem ouvir todas essas informações da boca

do próprio guru. Os alunos adoram ouvir histórias sobre os mestres da linhagem, muitas das quais não são apenas inspiradoras, mas também reconfortantes e encorajadoras.

A linhagem ajuda de várias maneiras. Os alunos se sentem inspirados ao saber que os ensinamentos que recebem do Karmapa foram concedidos a ele pelo Tai Situ, que, por sua vez, os recebeu de Jamgön Kongtrül Lodrö Taye, e que cada um dos integrantes da linhagem inteira de mestres os recebeu do mesmo modo, até chegarmos a Naropa, Tilopa e Vajradhara. Os alunos mahamudra alimentam o fogo da paixão pelo caminho que escolheram ao ler histórias sobre os discípulos dos grandes mestres do mahamudra. Eles devoram avidamente tantas fábulas e biografias sobre os mestres da sua linhagem quanto possível. Muitos alunos se enchem de admiração e respeito quando aprendem sobre sua própria linhagem. Eles se encorajam ao ouvir que, muito antes de conhecerem seus próprios gurus, grandes professores como Milarepa, Tilopa e Naropa fizeram enorme esforço para garantir que todas as linhagens budistas existentes continuassem florescendo e sendo propagadas às futuras gerações.

A linhagem indica que as práticas que fazemos hoje não são rituais xamânicos sem importância que no passado distante eram praticados por uma ou duas pessoas numa pequena aldeia perdida na floresta. E quando um guru da nossa linhagem é acusado de se comportar indevidamente ou por alguma razão não conquista nossa admiração, podemos contar com os demais gurus da linhagem para nos ajudar e inspirar.

Um ou dois conselhos adicionais

Sempre tive enorme admiração e respeito pelos tantras hindus, particularmente os tantras de Shiva. Certo ano, em Varanasi,

um amigo me apontou um sadhu solitário que tinha fama de ser um grande adepto tântrico. Era uma oportunidade que eu não podia deixar passar. Reuni toda a coragem e imediatamente perguntei a esse sadhu tântrico se ele me ensinaria os tantras de Shiva. Agora percebo o quanto meu pedido foi desrespeitoso; a curiosidade não é uma razão apropriada para se solicitar um ensinamento espiritual, ainda mais que eu não tinha a intenção de praticar aquele ensinamento hindu até consumá-lo. Ainda assim, e apesar de minha motivação para lá de imperfeita, o sadhu me surpreendeu ao dizer que sim. Eu então fiz o que sempre faço, perguntei quando deveria voltar a vê-lo para receber o primeiro ensinamento.

“Durante os primeiros três anos você deve ser meu atendente”, foi tudo que ele disse. E sem aguardar minha resposta, deu as costas e foi embora.

De início, achei divertido. Depois fiquei deprimido. E essa depressão durou vários dias. Por que os meus próprios tantras, os tantras budistas, não continuam sendo respeitados como tesouros como ainda acontece com os tantras hindus?

Embora seja impossível transmitir a totalidade do caminho tântrico em palavras, alguns de seus principais aspectos podem ser explicados. Ao desenvolver uma convicção intelectual por este caminho incrível, o aluno tântrico poderá reunir uma boa quantidade dos ingredientes necessários à natureza búdica. Mas essa compreensão intelectual não é o suficiente. O caminho tântrico deve ser vivenciado. E para vivenciar esse caminho, a prática é indispensável. Essa é a parte complicada. Um montanhista pode lhe contar qual foi a sensação de estar no cume do monte Everest. Conquistadores anteriores publicaram inúmeros podcasts, filmes e livros sobre como se sentiram quando lá chegaram. Mas você nunca saberá qual é a sensação de estar no cume do monte Everest até chegar lá.

E, para isso, além de aprender montanhismo, você próprio precisa realmente escalar a montanha até o topo.

Mais uma vez, preciso repetir: o melhor conselho que posso oferecer a quem esteja considerando dar o primeiro passo no caminho Vajrayana é dar a si mesmo bastante tempo para analisar um professor em potencial *antes* de tomá-lo ou tomá-la como guru. Analise o guru, faça uma verificação aprofundada do seu histórico e teste como ele ou ela reage a situações desconfortáveis, mesmo que isso signifique ser propositalmente irritante ou contradizê-lo em particular e publicamente. Você também deve se perguntar se pretende de fato aprender a pensar fora da caixa do samsara. Você está seriamente interessado em aprender a pensar de outra forma? Apenas aqueles que realmente estejam comprometidos de todo o coração a aprender como transformar sua maneira de pensar devem cogitar botar o pé no caminho do tantra.

Nem é preciso dizer que uma vez que seus amigos e conhecidos saibam que você pratica o tantra, é bem provável que você seja não só estigmatizado, mas também alvo de infundáveis piadas. Alguns amigos irão julgá-lo de forma bem severa, acusando-o de seguir cegamente um guru fajuto. Outros, irão culpá-lo pessoalmente por cometer todas as trapaças ou engodos espirituais do planeta. Uma compreensão clara da visão budista não só lhe dará coragem para conviver com todos esses comentários maldosos, mas também fornecerá os meios hábeis para se elevar acima deles sem ficar na defensiva nem fazer um escândalo sobre o seu direito inalienável de escolha e assim por diante.

Se possível, mantenha sua prática espiritual como um segredo bem guardado. É claro que o sigilo total é o ideal, mas, para a maioria de nós, esse já é um caminho sem volta. Uma compreensão cristalina da visão vai lhe fornecer um refúgio

seguro, de fácil acesso. Da mesma forma que as flechas não têm como penetrar as espessas paredes de pedra de uma fortaleza inexpugnável, seja de onde forem disparadas, a visão vai mantê-lo a salvo.

Uma vez que tenha estabelecido uma confiança inabalável na visão, você vai começar a vivenciar os benefícios dessa realização. Em outras palavras, uma vez que esteja convencido de que todas as suas impurezas renitentes e aparentemente inexauríveis são removíveis e esteja confiante de que sua verdadeira natureza é o Buda, bem como de que todos os valores dualistas samsáricos são tão reais quanto uma miragem ou um filme, você não será tão exigente a respeito de qual método vai praticar. Desde que o método estabilize sua realização e o deixe mais próximo dessa visão, você vai fazer o que for necessário. Sabendo que existe um monte de ouro no fundo de um pântano escuro e imundo, você não hesitará em percorrer a lama infestada de sanguessugas para escavá-lo. Você não vai se importar se ficar sujo ou suado ou se dormir pouco; você vai se esforçar alegremente da manhã à noite para reivindicar seu prêmio. Da mesma forma, tendo encontrado seu guru perfeito, a quem agora considera o Buda, você fará com alegria seja o que for que ele lhe pedir. Palavras como “obediência” (você é obrigado a obedecer, queira ou não queira), “percepção pura” (autoengano) e “devoção” (fé cega) vão assumir um significado totalmente novo.

A maioria dos principiantes no Vajrayana sente uma certa apreensão a respeito daquilo que seu mestre vajra possa pedir que eles façam. “E se eu não der conta?” É totalmente normal se sentir assim. Mas você não precisa se preocupar. Nem um único shastra ou um texto tântrico afirma que você não pode dizer ao guru que não consegue fazer o que ele pediu. Se o guru tentar forçá-lo a fazer algo contra a sua vontade e, desse modo,

incorrer no risco de incinerar a semente da sua devoção, ele não está qualificado para ser um mestre vajrayana. Um bom mestre vajrayana vai desafiar todas as suas ideias errôneas e hábitos, mas jamais vai lhe dar um empurrão tão forte que reduza sua devoção a cinzas. Se isso acontecer, significa que não existe conexão kármica entre vocês dois.

Um mestre vajrayana qualificado nunca espera que um aluno perceba tudo como 100% puro desde o primeiro dia – se isso fosse possível, os alunos não necessitariam de um mestre espiritual. Assim, se você presenciar seu mestre fazendo algo ilegal, inadequado ou repreensível, ou testemunhar algum comportamento indevido de qualquer tipo, você deve questioná-lo a respeito. Não há nada no Vajrayana que o impeça de fazê-lo. Na verdade, eu o encorajo veementemente a conversar com seu guru a respeito de qualquer coisa que o incomode. Se puder, faça o possível para abordá-lo motivado pela vontade de resolver seu problema: “Quero esclarecer essa minha percepção errônea porque desejo enxergá-lo como um buda. O que devo fazer?” Ao abordar o guru diretamente a respeito de qualquer coisa que o incomode, motivado pela vontade de percebê-lo de forma pura e progredir no caminho, você será capaz de manter seu respeito e devoção por ele. Ou ela.

E se o guru não concede audiências privadas, ou se você não conseguir ir além de seus atendentes e assim por diante? Como o aluno pode esclarecer um mal-entendido se não tem como conversar em particular com o guru? Essa questão importante identifica um dos maiores defeitos da forma como o Vajrayana é ensinado hoje em dia. O fato de que essa pergunta seja feita com tanta frequência é a prova de que raramente são forjadas verdadeiras relações vajrayana guru-aluno.

Historicamente, os gurus tântricos aceitavam apenas um punhado de alunos. Esses gurus não eram celebridades. Eles

não eram diretores de mosteiros nem administravam fundações. Na verdade, eles só faziam uma pausa em sua prática para aliviar os intestinos ou a bexiga. A ideia de que os alunos não pudessem conversar com seu guru por ele estar numa videoconferência com dois professores universitários e cinco tradutores ou no cinema, vendo um filme, era impensável. No extremo oposto, alguns gurus tântricos de hoje são seguidos por dezenas de milhares de devotos. Será que esses gurus realmente mantêm uma relação tântrica guru-aluno com cada um de seus alunos? Novamente, vai depender da motivação e do foco que eles tenham. Alguns gurus simplesmente desejam abençoar o máximo de pessoas que podem, além de criar oportunidades para que todos os seres sencientes se conectem com o caminho tântrico. Mas não é esse tipo de guru tântrico que estamos examinando neste livro. Estamos considerando o tipo de guru no qual precisamos confiar para que ele quebre nossa casca samsárica e opere diretamente na natureza de nossa mente. Em outras palavras, estamos considerando o tipo de guru que nos orienta e nos treina passo a passo ao longo de nosso caminho.

Foi-se a era de ouro de Tilopa e Naropa, o que significa que é extremamente improvável que você seja o único discípulo de seu professor tântrico. Seu professor tântrico pode ter centenas, se não milhares de outros alunos, cada um com suas próprias tendências, temperamentos, neuroses e peculiaridades. Como seres humanos, todos convivemos com um alto nível de incerteza – não temos escolha. A maioria dos alunos anseia por ter seu próprio guru pessoal, sob medida, mas acabam tendo que disputar a atenção do guru com os demais alunos. Mesmo assim, você continua incentivando seus amigos a seguir esse mesmo guru – o que acaba impedindo que qualquer um de vocês tenha seu próprio guru pessoal. Trabalhar com seu guru

tântrico junto com uma sangha de milhares de pessoas pode ser esgotante, mas também proporciona uma oportunidade fantástica para se praticar o tantra.

Os seguidores do Buda Shakyamuni pertencem a uma enorme família de praticantes espirituais; a conexão entre os praticantes tântricos é ainda mais próxima. Do ponto de vista tântrico, uma vez que a natureza vajra – a natureza búdica – conecta todos os seres, devemos considerar cada um dos seres vivos neste planeta como nosso parente, por mais distante que seja. Todos os recentes estardalhaços envolvendo os mestres vajra parecem ter ofuscado completamente o significado de sermos irmãos e irmãs vajra. Todos que tenham recebido a mesma abhisheka, na mesma mandala e do mesmo guru são irmãos vajra e devem se considerar parentes em primeiro grau. Nossas relações mais próximas e íntimas são com aqueles junto aos quais recebemos as mais elevadas iniciações tântricas, tais como as instruções que apontam diretamente a natureza da mente.

Embora os praticantes tântricos devam perceber todos os seres de forma pura, quase todos nós lutamos para perceber até mesmo o guru de forma pura, sem falar em nossos irmãos e irmãs vajra. Embora as desavenças entre integrantes da sangha e toda a sorte de altercações passivo-agressivas sejam violações de samaya, nunca esqueça que um samaya é tão fácil de restaurar quanto de quebrar. Quando você aprende a desenhar, lhe ensinam a usar não só o lápis, mas também a borracha, e restaurar samayas quebrados pode ser tão divertido quanto aprender a usar a borracha, misturar cores e aperfeiçoar formas.

A dinâmica guru-aluno

A TAREFA DE UM PROFESSOR DE FÍSICA do ensino médio é ensinar física a seus alunos e ajudá-los a corrigir mal-entendidos a respeito da ciência da matéria e do movimento. Espera-se que os alunos frequentem um certo número de aulas de física a cada semana e esclareçam diretamente com o professor de física qualquer coisa que não tenham compreendido. As qualificações mínimas de um professor de física para se candidatar ao cargo são o bacharelado, de preferência em física, e algum tipo de formação docente. Uma vez que o professor de física tenha conseguido o emprego, sua tarefa será explicar as teorias e princípios da física, passar o dever de casa, responder perguntas e aplicar provas. Os professores de física e seus alunos se concentram exclusivamente na física. Após a formatura, é provável que os alunos só reencontrem o professor de física em reuniões de ex-alunos.

A maior parte do que foi dito acima também se aplica aos professores espirituais, em especial aos gurus vajrayana. Mas a relação guru-aluno traz muito mais envolvimento. Diferentemente do professor de física, recheiar a cabeça do aluno com informações é um aspecto insignificante da tarefa do guru vajrayana. E as disparidades não param por aí.

O professor de ensino médio dá aos alunos as informações que lhes faltam, enquanto o guru remove conceitos e teorias desnecessários.

O professor de ensino médio responde às perguntas dos alunos, enquanto o guru questiona as respostas dos alunos.

O professor de ensino médio mostra aos alunos como encontrar o caminho até a saída do labirinto, enquanto é mais provável que o guru coloque o aluno no centro e depois destrua o labirinto.

O professor de ensino médio espera obediência e disciplina na sala de aula, enquanto o guru espera humildade.

O trabalho do professor de ensino médio é educar os alunos, enquanto o trabalho do guru é abrir a mente dos alunos.

O professor de ensino médio ajuda os alunos a amadurecer e crescer, enquanto o guru tântrico revela a inocência atemporal do aluno.

Motivação

Antes de aluno e professor embarcarem numa relação guru-aluno vajrayana, ambos devem ter claro em suas mentes o que estão fazendo e por que. No princípio a motivação do aluno pode ser a vontade de alcançar a iluminação, mas a motivação é algo frágil, que se dilui com facilidade e pode passar pelas mais imprevisíveis metamorfoses.

Por devoção, um aluno pode se oferecer para limpar o quarto do lama e ser elogiado por ter feito um trabalho irretocável. Nessa hora ele deve ter o cuidado de não permitir que o sucesso sequestre a motivação original de sua oferenda. A motivação do aluno para seguir o Dharma e o guru é iluminar todos os seres e sua motivação para limpar o quarto do guru deveria ser exatamente a mesma. O quarto limpo e a qualidade do trabalho são de importância secundária quanto à iluminação universal. Se você sempre faz o melhor possível motivado pela vontade de despertar ou iluminar todos os seres sencientes, simplesmente lavar alguns pratos acumula um enorme mérito.

Por isso, lembre-se de sempre voltar à motivação original – a iluminação.

O que aconteceria se você tivesse trabalhado com motivação pura e capricho, terminasse a tarefa com perfeição e então, sem motivo aparente, seu meticuloso lama (que talvez tenha vários aspectos em Virgem no mapa astral) tivesse um chiquete e passasse vinte minutos repreendendo você? Se você já tivesse feito a dedicação, aceitaria o esculacho com equanimidade, ao mesmo tempo em que faria uma oferenda para o bem-estar de todos os seres. Com isso, acumularia ainda mais mérito.

A propósito, notei que quando um aluno aparentemente passa muito tempo com o lama ou se torna atendente do lama, em geral se pressupõe que ele tenha sido devidamente preparado e treinado para a tarefa. Não é o caso. Na realidade, nada está mais distante da verdade do que isso.

Confidencialidade

Como já mencionei repetidas vezes neste livro, a relação entre o guru tântrico e o aluno tântrico deve ser sempre mantida em segredo; o que quer que ocorra entre eles é confidencial e deve permanecer velado. Estritamente falando, é uma relação que gira em torno de dar e receber ensinamentos, de técnicas e instruções essenciais, bem como nos métodos específicos que o guru cria sob medida para cada aluno. Nenhum desses ensinamentos e métodos deve ser publicado, comentado ou compartilhado de nenhum modo, seja qual for.

Na Índia antiga, os praticantes e gurus tântricos protegiam ferozmente seu anonimato. Um guru tântrico e seu aluno poderiam trabalhar lado a lado na mesma fábrica de biscoitos, mas os demais colegas não teriam a mínima pista a respeito daquela relação tântrica. Se ambos fossem agentes secretos numa embaixada, o guru poderia ser o faxineiro e o aluno o

embaixador. Para manter o sigilo, o embaixador só se prostraria ao faxineiro e sentaria aos seus pés para receber ensinamentos no porão das caldeiras, na calada da noite. Era assim que a relação tântrica guru-aluno costumava ser. Infelizmente, esses dias já se foram.

Hoje, manter em segredo a relação tântrica guru-aluno é algo complicado pelos outros papéis que se espera que um guru cumpra, como, por exemplo, ser o abade de um monastério ou o diretor de uma organização sem fins lucrativos. Idealmente, o aluno deve primeiro analisar o guru e depois, de forma consciente e com grande humildade, decidir solicitar um determinado ensinamento ou iniciação. No entanto, muitas vezes os padrões habituais, a cultura local e as expectativas humanas sobrepujam nossas melhores intenções, criando vários tipos de confusões e ansiedades. Guardar um segredo não é assim tão simples.

Imagine que você seja convidado para a inauguração do posto dos correios de sua cidade. Logo ao chegar, é informado que um lama famoso vai conceder uma iniciação como parte das celebrações. Essa notícia gera um certo dilema espiritual para você. Tecnicamente, você tem o direito de escolher quais iniciações recebe e de quem – o Vajrayana afirma isso de forma clara. Nesse caso, aquele lama também é o abade do monastério que é proprietário da casa onde você mora e muitas vezes lhe oferece bastante trabalho. Anos antes, para evitar qualquer conflito de interesses, você havia decidido que nunca receberia uma iniciação dele. Então agora você está diante desse impasse. Se você se levantar e for embora, todos vão notar e você se arrisca a ofender o lama de quem depende a sua subsistência; se ficar, espera-se que faça promessas que podem ser difíceis de manter. O que fazer?

Amigos meus que se encontraram em tal situação me disseram que a melhor coisa a fazer é oferecer a echarpe branca tradicional e adotar a postura habitual de devoção. Em outras palavras, fingir. Faça parecer que está participando, mas tampe os ouvidos e tente se concentrar em outra coisa. É uma situação difícil, e sinto pelos meus amigos que passaram por isso. Mas ao menos eles estavam plenamente conscientes de que receber uma iniciação teria consequências espirituais.

No caso específico da inauguração daquele posto de correios, a razão para se conceder a iniciação não era o desejo de alcançar a iluminação, mas, sim, promover um novo negócio. Todos daquela vizinhança foram convidados, inclusive os moradores e comerciantes locais. Alguns dos participantes não eram budistas e pessoalmente talvez considerassem o budismo um culto pagão de adoração satânica. Durante a iniciação, todos recebem bênçãos e uma pancada na cabeça com um grande vaso. Mas poucos participantes fazem a mais vaga ideia do que está se passando e, portanto, não recebem a iniciação nem precisam manter nenhum samaya. Se um dia você se encontrar nesse tipo de situação, não se preocupe. Você não tem como quebrar um samaya se, para começo de conversa, nunca prometeu mantê-lo.

Aluno-Guru

A relação entre o guru tântrico e o aluno começa no momento em que o aluno recebe uma abhisheka. O que isso significa?

Como acabamos de ver, não raro grandes cerimônias são presenciadas por multidões de pessoas que nem fazem ideia do que está acontecendo – esse é mais um dos fenômenos culturais que tiveram origem nos costumes e hábitos tibetanos. Os participantes podem saber que a cerimônia se chama

“abhisheka” e podem até mesmo estar ansiosos para recebê-la, mas muitas vezes não sabem praticamente nada sobre o guru que a concede. O histórico pessoal e a linhagem do guru são um mistério. Por que as pessoas participam dessas grandes cerimônias? Em geral, isso não tem nada a ver com a vontade de se livrar da “dualidade”, de reconhecer a própria natureza búdica inata ou com despertar de um estado mental ordinário. Muitas vezes vejo turistas passeando por uma abhisheka por curiosidade ou para tirar uma selfie exótica.

Se o seu interesse por uma iniciação estiver um grau acima do superficial, você pode receber essa abhisheka como uma bênção. Com isso você entrará numa relação formal vajrayana guru-aluno com o guru que concedeu a abhisheka? Estritamente falando, não. Você forjará uma conexão espiritual com aquele guru? Sim, é claro. No entanto, como você não tem intenção de fazer um grande investimento no caminho nem naquele guru, você não se tornará de repente um grande acionista vajrayana, só um simpatizante comum – no máximo, um membro do grupo.

Digamos que você tenha ouvido e contemplado diversos ensinamentos, inclusive a madhyamika, e tenha estudado filosofia tântrica. Você conhece um guru e decide fazer uma boa verificação dos antecedentes dele e da linhagem à qual ele pertence. Suas conclusões são positivas, inspiradoras até, então você decide elevar um pouco seu interesse geral e resolve solicitar ao guru que lhe conceda a iniciação do mais elevado Yogatantra. Não é uma decisão apressada ou espontânea, tampouco você está curtindo uma viagem espiritual. Você tomou essa decisão com clareza e sobriedade, baseado em uma pesquisa minuciosa e informações fidedignas. Você então solicita a iniciação e o guru concorda em concedê-la.

Durante a iniciação, tanto você quanto seu guru devem estar tão cientes do que está ocorrendo quanto a noiva e o noivo durante a cerimônia de casamento, quando lhes perguntam: “Você aceita este homem (ou mulher) como seu marido (ou esposa)?” e eles respondem: “Aceito.” Quando um casal decide se unir em matrimônio, está claro para ambos que não se trata de uma simulação. Eles sabem que estão realmente se casando. Da mesma forma, quando uma iniciação é concedida e recebida, tanto guru quanto aluno precisam saber que estão criando um vínculo do nível mais elevado. Não é um jogo – e haverá consequências. Os textos de iniciação nos advertem, por exemplo, que a amrita que bebemos no início da abhisheka poderá se converter tanto no néctar da imortalidade quanto na lava derretida que tem o poder de nos aniquilar.

Algumas iniciações são nada mais nada menos que instruções diretas – a abhisheka mais elevada. Assim que o ritual termina, você e seu guru estão espiritualmente “casados”. Tradicionalmente, é dito que esta é a forma mais elevada de *vajra chela* e *vajra acharya*, conhecida como *guru shishya parampara*. Agora você se tornou um acionista majoritário no caminho tântrico. Desse momento em diante, seu guru é a pessoa mais importante da sua vida. Seu guru é *tudo* – pai, mãe, professor, médico, amigo, tudo – e é muito mais importante para você do que todas as outras deidades e budas juntos. Milhares de budas já apareceram neste mundo e milhares mais surgirão no futuro, mas a conexão que você acaba de estabelecer com seu guru é única. Os medicamentos necessários para tratar todos os seus males serão fornecidos pelo seu guru. Outros budas podem ir e vir, mas a influência e orientação supremas ao longo desta e de suas vidas futuras sempre será a de seu guru.

O modo como vemos nosso guru depende tanto da realização dele quanto da nossa. Os ensinamentos dizem que deve-

mos perceber nosso guru como um buda. No entanto, como já mencionei várias vezes, ninguém consegue ter 100% de percepção pura logo de saída. Todos nós precisamos começar de algum ponto. Em geral, os principiantes pensam no guru como um cara legal que responde perguntas e dá conselhos. Os gurus andam por aí, bocejam e somem para ir ao banheiro. Eles atendem o telefone e podem ser vistos tomando parte em atividades mundanas. Eles são seres humanos e fazem tudo que os outros seres humanos fazem. Desse modo, os alunos podem ver o guru e interagir com ele. Eles podem observar cada movimento do guru. Eles podem ver como ele se entusiasma com ricas oferendas e reage mal quando um aluno se atreve a discordar dele ou criticá-lo. Nesses exemplos o guru não é um ser realizado, mas, independentemente do que você veja seu guru fazer ou ouça ele dizer, a sua “sadhana”, sua prática, é considerar que o seu guru é um buda. Como? Reconhecendo que não apenas seu guru, mas também todos e tudo, inclusive seus próprios julgamentos, são produto das suas projeções. Com isso, sua capacidade de compreender que o guru é um buda vai aumentar significativamente e, desse modo, você progredirá rapidamente no caminho.

Ocasionalmente, a realização de um aluno irá superar a de seu próprio professor. Mesmo assim, o aluno permanecerá humilde; o nível da realização deles, em si, garantirá a humildade dos dois. Como a percepção do aluno já não é mais dualista, sequer ocorreria a ele a ideia de comparar a si mesmo com seus gurus. Na realidade, tendo ido além da percepção dualista, a admiração do aluno pelo guru crescerá como uma bola de neve.

Guru-aluno

O guru tem um enorme papel na dinâmica guru-aluno. Quando um aluno expressa o desejo de seguir o caminho Vajrayana, o guru deve analisá-lo com ainda mais rigor do que o aluno analisa o guru. Lembrem-se de que o guru do qual tratamos aqui não é um guru onisciente. Assim, quando um aluno solicita os ensinamentos mais elevados, o guru é obrigado a lhe fazer perguntas do tipo: “Você já estudou a madhyamika? Você já estudou a vipassana de Goenka? Se você aspira a seguir o budismo tibetano, é importante estar ciente de sua história política: você já leu a respeito da história política do Tibete? Você foi educado numa escola judaica ou cristã? Você foi criado segundo os valores de Confúcio? Você terminou o ngöndro? Se terminou, o que significa para você ‘terminar o ngöndro?’”

Também cabe ao guru desvelar a verdadeira motivação e intenção do aluno. Será que esse aluno deseja receber um ensinamento como parte de sua pesquisa para um PhD? Ou estará ele se preparando para se tornar um professor espiritual autoproclamado? Talvez o guru reconheça que a relutância de um aluno em escrever livros, dirigir um centro de Dharma ou ensinar demonstra que ele tem a necessária paciência, bom senso, conhecimento prático e assim por diante para ser um detentor dos ensinamentos. Mas ele saberia lidar com os holofotes? Ele conseguiria lidar com toda a inveja e a maledicência que os alunos de lamas tibetanos dedicam àqueles que parecem estar mais próximos ao guru? Ou ele está apenas buscando um ensinamento específico? Será que ele vai receber o ensinamento e logo sumir para se dedicar a consumir a prática e não tem intenção de interagir com o guru?

“Será que o primeiro sujeito que vi hoje só vai me visitar uma vez na vida, outra na morte?” “Provavelmente.” “Não nos

veremos muito, então não haverá muitas oportunidades para que nenhum de nós acabe chateado ou ofendido.” “Talvez seja ok conceder a iniciação que ele pediu.”

“O segundo cara realmente quer muito fazer essa prática.” “Nestes tempos degenerados, encontrar uma única pessoa que anseia por praticar o Dharma é algo digno de comemoração.” “Acho que devo lhe conceder a iniciação.”

“Esta mulher leva a sério a prática do Dharma e está interessada em aprender a pensar fora da caixa.” “Ela está bem entusiasmada com a possibilidade de dismantelar o castelo de cartas que é o samsara – o que não é um projeto para se considerar de forma leviana.” “Será que devo deixá-la entrar?”

É assim que o guru precisa analisar todos os potenciais alunos. E, claro, ainda estamos falando de um guru que não é realizado.

Os novos alunos aos quais o guru de forma consciente e com a mente lúcida concede uma abhisheka se tornam parte da família Vajrayana e, portanto, detêm uma participação substancial no caminho tântrico. O guru deve estar plenamente ciente da alteração que ocorreu na relação e das responsabilidades que ele assumiu conscientemente. Cada um de seus alunos deve ser tratado não apenas como seu filho único, mas como seu filho único que tem uma doença crônica e vive acamado. “Doença” neste contexto significa estar sob o encanto do karma, das emoções e dos agregados, não que estejam fisicamente enfermos.

Se uma pessoa está obviamente bêbada, é injusto pedir que ela leve você para casa. Da mesma forma, o guru deve estar sempre ciente de que seus alunos estão constantemente sob a influência das emoções.

Se um amigo está devendo milhões, é injusto pedir a ele que lhe empreste dinheiro. Da mesma forma, o guru deve

sempre ter em mente que todos os seus alunos estão muito sobrecarregados por suas dívidas kármicas.

Como as pessoas comuns não podem realizar milagres, seria injusto pedir a alguém que colocasse o monte Fuji dentro de uma maleta. Da mesma forma, o guru deve reconhecer que seus alunos estão limitados pelos cinco agregados, de modo que seria injusto esperar que eles enxergassem o guru como 100% um buda. Tudo que qualquer um de nós pode fazer é trabalhar com aquilo que tem: nossos olhos, nariz, educação, hábitos e referências.

Imagine que uma bebê recém-nascida seja exposta ao coronavírus e, sendo um bebê, é jovem demais para aprender que deve evitar pôr a mão no rosto e na boca ou lavar as mãos. Tentar explicar para uma criança em idade pré-verbal o que é o coronavírus é uma completa perda de tempo. Caso essa bebê fosse sua filha, como você se sentiria? É exatamente assim que o guru deve se sentir em relação a todos os seus alunos.

Olá, gurus que estejam lendo este livro. Por favor, leiam de novo a frase da página 220 sobre como alguns alunos se relacionam com vocês – sim, você! – “como um cara legal.” O que quero dizer é que esse tipo de aluno não está nem perto de estar preparado para receber instruções como: “Jogue-se deste penhasco!” ou “Tire as calcinhas!” Tenho certeza de que você tem boas intenções e até recebeu uma boa educação no Dharma. Seus gurus provavelmente não eram charlatões e tenho certeza de que você é bondoso e devotado ao Vajrayana, embora seja provável que ainda não tenha desenvolvido completamente a bodhicitta perfeita. Mas você tem alguma realização? Se você pedir a um aluno recém-chegado ao Vajrayana – alguém com apenas uma mínima capacidade de compreender o caminho tântrico – para beliscar a bunda de um desconhecido na rua ou para tirar a roupa, e esse aluno se recusar, a culpa

é sua. A recusa do aluno é totalmente justificada. Afinal, um pai bom e amoroso jamais permitiria que seu filho querido manuseasse um moedor de carne com lâminas super afiadas.

Mesmo que uma guru não seja onisciente, se ela for uma orientadora atenciosa, ponderada, bondosa e astuta, ela pode dizer a um aluno recém-iniciado que ele agora deve obedecer a tudo o que ela, como sua guru, ordenar. Essa técnica pretende ajudar o aluno a reunir coragem e reforçar sua determinação de seguir o caminho tântrico. Uma guru nunca deve criar uma situação que leve o aluno ao fracasso nem exigir coisas impossíveis de cumprir, que resultem na quebra do vínculo entre eles. Em outras palavras, uma guru que seja bondosa e habilidosa jamais deve colocar um aluno imaturo e mal equipado na posição de precisar lhe dizer não. Os gurus que não reconhecem as limitações de seus alunos carecem de uma qualidade absolutamente vital a um guru. Qual? Bom senso.

Métodos infinitos

Como já mencionei neste livro, diversos métodos espirituais válidos acabaram corrompidos por hábitos culturais. Normalmente, o método corrompido se assemelha a algo que já existia na cultura que o importou. As oferendas tradicionais, como lótus, flores, incenso e velas são compartilhadas pela maioria das tradições e culturas espirituais. Prostrar-se ou se curvar ao Buda é um bom exemplo. Hoje, os ocidentais aprendem a fazer prostrações baseados num método indiano que foi adotado pelos tibetanos. A quintessência do ato em si é venerar o Buda. As prostrações são um exercício de humildade, porque se opõem ao nosso orgulho, e são feitas com perfeição quando acompanhadas da sabedoria. Teoricamente, em vez de fazer

prostrações ao estilo indiano, você poderia adotar um gesto da sua própria cultura – como uma continência em estilo militar.

Os sutras e shastras contêm histórias sobre bodhisattvas que imploraram repetidamente a seus gurus por determinados ensinamentos que muitas vezes consistiam de um único verso, acompanhando o pedido com vastas oferendas. Conta-se que reis teriam oferecido tudo que possuíam – reinos, parentes, filhos e cônjuges. Essas histórias sobre seres humanos sendo oferecidos aos gurus não passam de lendas? Não. Ao longo dos anos, discípulos devotados já ofereceram seres humanos até a mim. Não mantenho uma contabilidade exata disso, mas estimo que já me deram cerca de cem pessoas. Essas pessoas não são escravas nem vítimas de sacrifício humano e geralmente acabam trabalhando como atendentes, secretários e diretores, ou tornam-se monges e monjas e assim por diante. Praticantes do Dharma dedicados e inteiramente genuínos ainda hoje me oferecem seus filhos – não apenas simbolicamente, eles me entregam fisicamente essas crianças. Ao longo dos anos, várias delas se tornaram meus atendentes.

Quanto a “oferecer dakinis”, já que agora a palavra “oferenda” é muito mal interpretada, meu conselho aos atuais e futuros lamas e praticantes é: não faça isso. Nem sequer cogite fazê-lo. É verdade que as dakinis são consideradas as únicas detentoras dos tantras e que a longevidade dos ensinamentos e dos professores tântricos está nas mãos delas. Os lamas conhecem esse ensinamento, assim como a maioria dos budistas vajrayana – todos nós suplicamos rotineiramente às dakinis que prolonguem a vida dos nossos gurus. Mas às vezes alguns lamas optam por se concentrar nessa sabedoria específica, simplesmente porque ela está de acordo com seus próprios desejos e preferências.

Esse é um caso clássico de seletividade tendenciosa! A prática de “oferecer dakinis” não é de forma alguma a única opção de um lama. O Dharma do Buda oferece um vasto tesouro de métodos para prolongar a vida de todos os seres humanos, não apenas dos lamas. Salvar vidas, por exemplo, que é a prática de libertar animais condenados à morte. Outro método é tomar o voto de ser vegetariano por um mês, um ano ou pelo resto da vida. Do ponto de vista médico, ser vegetariano ou vegano é mais saudável do que comer carne; além disso, o mérito que você acumula por nenhum animal ter morrido para alimentá-lo prolonga a sua vida. E você pode dedicar esse mérito à longa vida de seu guru.

Pouco tempo atrás, um velho amigo me perguntou se as consortes dos lamas precisam seguir um determinado padrão físico.

“Por que você está perguntando?” Respondi.

“Bem, quase todas as namoradas de lamas que eu conheço são jovens e esguias, e geralmente são loiras”, foi a resposta dele. “Também ouvi dizer que os lamas precisam da companhia de mulheres jovens que os inspirem a ensinar.” “É verdade?”

Jigme Lingpa disse que a verdadeira causa de obstáculos à longevidade de um lama é o desperdício ou mau uso do dinheiro recebido como oferenda. Se os lamas e suas organizações parassem de desperdiçar o dinheiro ofertado, todos os lamas viveriam muito mais. Simplesmente não é verdade que os lamas “precisam” estar cercados de garotas jovens que os inspirem a ensinar. O tipo físico que interessa a tantos lamas contempla apenas uma das cinco qualidades de uma dakini – a terceira qualidade de “se parecer com um cervo”. Do ponto de vista da beleza convencional, as outras quatro qualidades, que incluem presas e buço, em geral são consideradas indesejáveis. É verdade que a Prece das Sete Linhas descreve Guru Rinpoche

rodeado por cem mil dakinis, mas esse tipo particular de dakini é alguém que caminha no espaço e não é necessariamente do gênero feminino. “Dakini” é uma palavra em sânscrito que significa “espírito monstruoso” ou “fantasma”, e poucas delas exibem a qualidade de “se parecer com um cervo”, pela qual os lamas se sentem atraídos. Vajrayogini tem uma cabeça de porco. Você iria para a cama com uma pessoa de duas cabeças, uma delas de porco? A ideia de que as dakinis são garotas jovens e bonitas é um mal-entendido muito disseminado hoje em dia que, provavelmente, se origina de uma tradução equivocada. Na realidade, pouquíssimas das verdadeiras dakinis são garotas jovens e bonitas.

Um caminho ou prática pode se manifestar de infinitas formas. Como parte do treinamento de um aluno, o guru pode legitimamente exigir o impossível. Se o aluno sentir que de fato não pode satisfazer a exigência e expressar tal impossibilidade de maneira honesta e direta isso poderá ser muito recompensador espiritualmente e até aprimorar a dinâmica guru-aluno. O aluno que, por orgulho ou pela presunção de saber o que é certo ou errado, se recusa a sequer tentar fazer o que tenha sido solicitado e evita expressar como se sente a respeito, não está sendo genuíno nem honesto. Quando você sente que não tem outra escolha a não ser dizer ao guru que não pode fazer o que ele pediu, o remorso que você sente pode se tornar uma autoestrada para um mérito inimaginável – e é por isso que muitas vezes um guru sagaz cria uma situação dessas.

O principal objetivo da guru ioga é inculcar nos alunos a sua missão fundamental, ou seja, lembrarem-se do guru. Na realidade, a forma como nos lembramos do guru não tem tanta importância. Conheci várias pessoas que morreram se lamentando por não terem feito o que o guru pediu. Ainda assim, como disse Patrul Rinpoche, um professor perfeito...

“... é igual a todos os budas em compaixão e bênçãos. Aqueles que estabelecem uma conexão positiva com ele alcançam a natureza búdica em uma única vida. Mesmo aqueles que estabelecem uma conexão negativa com ele por fim serão conduzidos para além do samsara.”²¹

Pequenos investimentos financeiros envolvem pequenos riscos e rendem poucos lucros. Se a sua motivação para participar de um ensinamento ou iniciação vajrayana, mesmo a mais elevada, for simplesmente estabelecer uma conexão com o professor ou com o Dharma, o mérito acumulado será muito menor do que se seu objetivo for a iluminação nesta vida.

Chödrel é um costume tibetano tradicional de se receber iniciações sem manter um contato muito próximo com o lama. *Chö* significa “dharma” e *drel* significa “conexão”. Quando os tibetanos procuram os lamas para um pequeno *chödrel*, nós em geral respondemos recitando um mantra. Por que alguém poderia não desejar estabelecer uma forte conexão dármica com uma guru? Talvez a pessoa não tenha muito tempo livre para oferecer. Talvez não se sinta atraída por essa guru. Seja qual for a razão, o vínculo ou compromisso que assumimos com uma guru corresponde ao modo como nos sentimos a respeito dela. Desde que não seja uma idiota, a guru poderá avaliar o nível de comprometimento do aluno e não vai pedir a alguém que solicitou uma pequena bênção que se atire de um penhasco. É como ir à festa de uma celebridade só pra tirar uma selfie e pedir um autógrafo. Se a celebridade for sensata, vai notar que o colecionador de autógrafos é só um fã eventual e não vai convidá-lo para ir pra cama com ela – é desnecessário comentarmos as consequências negativas que isso poderia acarretar.

Se você estiver motivado a conhecer a celebridade porque deseja que ela o ajude a descobrir sua verdadeira natureza, seu investimento nessa relação será muito maior do que o do colecionador de autógrafos.

Como iniciante no caminho Vajrayana, é extremamente improvável que você esteja 100% convencido de que a guru seja um ser iluminado, mas é provável que se disponha a fazer o melhor possível para percebê-la de forma pura. Você também estará super atento a suas próprias limitações e terá dúvidas a respeito do sucesso de sua prática. Mas, se apesar disso tudo, você tomar a decisão consciente de solicitar à guru que lhe dê iniciações e ensinamentos vajrayana, nesse exato momento toda negociação chega ao fim. Sua escolha está feita e não há retorno. Mas isso não significa que você não tenha mais a opção de parar de escalar a montanha.

Alunos: trocando de guru

O que acontecerá se, a meio caminho do topo da montanha, você perceber que seu lama não está ajudando a melhorar sua percepção pura? Quanto mais tempo você passa com ele, mais dúvidas você tem a respeito do guru e do caminho, colocando em perigo todo o seu caminho espiritual. Pergunte-se: você analisou bem o guru antes de dar o primeiro passo? Se analisou, nesse meio tempo você foi surpreendido por alguma denúncia chocante e não está mais disposto a seguir esse guru?

Nesse caso, mais uma vez, conhecer o Dharma será a sua âncora – e isso realmente pode salvá-lo. Se você estudou e contemplou de ponta a ponta os ensinamentos mahayana e vajrayana, seja qual for o obstáculo que surja entre você e seu professor, você nunca perderá a confiança no caminho em si. Talvez você não possa prosseguir com o guru atual, mas sua fé

e confiança no Mahayana e no Vajrayana farão com que você seja duas vezes mais cauteloso no sentido de não queimar a semente das aspirações das outras pessoas, não criar dramas, mal-estar, desarmonia ou divisões. Motivado pelo mais puro desejo de não violar mais nenhum samaya nem queimar a devoção de seus irmãos e irmãs vajra, estabeleça discretamente uma certa distância entre você e seu guru. E com isso, você acumulará mérito.

Outra possibilidade é você querer impedir que outras pessoas caiam na mesma armadilha e sair contando para o mundo inteiro que seu guru é uma farsa. Você sente que está prestando um serviço ao Dharma do Buda prevenindo os demais. Talvez esteja certo. Mas agora o seu treinamento vajrayana com aquele guru acabou. Já era. Do ponto de vista vajrayana, você quebrou a ligação entre você e seu mestre vajrayana. E como o mestre é a quintessência do caminho Vajrayana, você sabotou todo o seu caminho Vajrayana.

Se, apesar de tudo, seu estudo do Dharma o convenceu de que o Vajrayana é o caminho certo, você pode resolver procurar outro guru – o que é uma boa ideia.

Se o aluno trocar de guru, precisará recomeçar do zero? Não necessariamente. Se você vai voltar ao início do caminho ou não, depende do seu próximo ou próxima guru. Se essa guru for bem qualificada, ela saberá qual será o seu próximo passo.

Preciso me repetir mais uma vez. Se, na metade do treinamento vajrayana, você perceber que não é mais capaz de continuar e que atingiu seu ponto de ruptura, o melhor a fazer é criar uma certa distância entre você e o guru. Simplesmente se afaste. Afaste-se para não piorar as coisas. E trabalhe em si mesmo. Ouça e leia o Dharma o máximo que puder. Contemple tudo o que ouvir e tente desenvolver a percepção pura. Mais tarde – talvez dentro de alguns meses ou alguns

anos – tente avaliar o seu progresso comparando a algum ensinamento desse guru. Se você ainda não conseguir lidar com ele, continue afastado por mais um tempo e procure ouvir e contemplar mais.

Sua apólice de seguro ao longo de todo o processo será o estudo do Dharma, o que significa ouvir ou ler os ensinamentos e contemplá-los, para estabelecer uma confiança inabalável na visão budista, especialmente na visão vajrayana.

Se, por mais que você se esforce, nada funcionar, você pode, se desejar, decidir abandonar completamente seu caminho Vajrayana. A decisão é sua. Se você desistir conscientemente do caminho Vajrayana, sua conexão com o Vajrayana terá fim. Mas, se você continuar abraçando o caminho do bodhisattva, ainda poderá ser um praticante mahayana. Se você desistir conscientemente do caminho do bodhisattva, sua conexão com o Mahayana terá fim. Mas, se você continuar a tomar refúgio no Buda, no Dharma e na Sangha, ainda poderá ser um praticante pratimoksha. Se você desistir conscientemente de se refugiar no Buda, no Dharma e na Sangha porque acredita que eles são enganosos, e não desejar seguir mais o caminho budista, sua conexão com o Dharma do Buda estará completamente terminada.

Do ponto de vista vajrayana, abandonar o caminho de uma vez por todas é um passo muito grave. O Vajrayana é como um diamante inestimável. Se você der um diamante para uma criança de oito anos e depois a criança jogar bola de gude com ele, logo o diamante se perderá para sempre. Sendo adulto, você tem como apreciar o grande valor desse diamante. Então você contrata um lapidador para lapidar essa joia, para adequá-la às suas necessidades. Infelizmente, seu lapidador de diamantes pode acabar sendo um sujeito difícil e depois de um tempo você acaba cansando de brigar com ele por causa de

cada pequeno detalhe. Em um momento de crise, você pode se sentir tentado a ter um chilique, mas decide não fazê-lo, porque não quer que nada prejudique o diamante – seria insensato se arriscar a perder ou danificar a pedra simplesmente porque você não se dá bem com o lapidador. Por sorte, você desenvolveu uma boa compreensão da bodhicitta antes de começar a trabalhar com esse determinado lapidador, e quer evitar a todo custo que a sua querida família ou qualquer outro ser senciente acredite que o diamante é um pedaço de vidro sem valor. Assim, apesar de sua relação turbulenta com o lapidador, você continua a valorizar o diamante e sempre fala nele com entusiasmo.

Os lamas cometem dois equívocos em relação aos alunos ocidentais e ocidentalizados que optam por seguir o caminho Vajrayana. O primeiro é pressupor que todos os alunos que os procuram já desenvolveram uma repulsa pelo samsara muito antes de começar a praticar o Vajrayana. E o segundo é pressupor que eles já desenvolveram a bodhicitta e uma forte resolução de jamais abandonar os seres sencientes. Como resultado, os lamas deixam de avaliar o nível de renúncia e o quanto cada aluno valoriza a bodhicitta antes de oferecer ensinamentos e iniciações vajrayana.

Por mais tumultuada que seja uma relação com o guru, é pouco provável que os alunos que estudaram o Dharma e de fato apreciam seu valor busquem algum tipo de vingança contra seu guru. Afinal, o principal objetivo de qualquer aluno do Dharma é praticar o Dharma. Quando os alunos recorrem a métodos mundanos, como processar o guru por assédio ou abuso quando o comportamento dele os perturba, essa é uma indicação de que eles nunca levaram a sério o caminho da liberação.

Alunos de lamas desacreditados

Sei que alguns alunos de longa data de gurus ora desacreditados estão preocupados pensando que, tendo rompido com seu guru, agora estão a caminho do inferno vajra. Entendo a preocupação, porque é isso que afirmam os textos tântricos. Mas ir parar no inferno vajra não é tão fácil e as causas que nos levam até lá não são assim tão claras e determinadas.

A primeira pergunta que você deve se fazer é se, antes de tudo, havia algum samaya a ser quebrado. Você é a única pessoa que pode saber se a sua decisão de dar o passo inicial no caminho Vajrayana foi feita de forma consciente e com a mente lúcida, após ter analisado minuciosamente o seu guru e levado em conta tudo mais que já foi discutido.

Não são apenas escândalos sexuais ou acusações de maus tratos físicos que afastam os alunos de seus gurus. Para alguns alunos, uma coisa tão insignificante quanto ele assoar o nariz na própria manga pode ser a gota d'água. Mas não se preocupe: um momento de irritação com seu guru não vai romper seus samayas-raiz. Isso só ocorre quando, em seu coração e mente, a sua percepção do guru se transforma radicalmente e, em vez de enxergar seu guru como o Buda, você decide que ele, além de ser uma pessoa como qualquer outra, também é um verdadeiro idiota.

Como você sabe, praticamos o caminho Vajrayana para aprender a enxergar absolutamente tudo que percebemos de forma pura, e começamos o treinamento vendo nosso guru como um buda. No momento em que você deixa de ver o guru de forma pura, você rompe seu samaya, mas os samayas são fáceis de restaurar com a prática de Vajrasattva. Um samaya só é rompido para sempre se você mudar de ideia completamente. Pensamentos fugazes que apenas passam por sua mente em

momentos de desatenção, como “por que meu guru está tão impaciente?” ou “meu guru é tão preguiçoso”, não são percepções impuras que possam quebrar um samaya-raiz. Embora o Vajrayana de forma alguma desculpe tais pensamentos, eles apenas arranham os samayas e são fáceis de reparar com a prática de Vajrasattva. Ainda assim, você deve purificar esses pensamentos para impedir que sua irritação com o guru comece a crescer e você acabe encontrando defeitos em tudo o que ele faz. Se algo assim ocorresse, poderia facilmente conduzir ao tipo de mudança de visão e percepção que constitui uma quebra grave de samaya.

Então a próxima pergunta é: você está permitindo que sua irritação com algum maneirismo ou característica sem importância se interponha entre você e o guru? Se estiver, procure se manter mais consciente do que está se passando em sua mente.

A pergunta mais importante que você deve se fazer é: o que eu espero do meu guru? Se você estivesse com dor de dente e a sua excelente dentista estivesse com um hálito horrível porque comeu cebola crua no almoço, você abandonaria a cirurgia antes de ela ter a chance de tratá-lo?

Os gurus também precisam fazer um esforço para aprender a etiqueta social de cada cultura e assim por diante. Ter boas maneiras à mesa pode inspirar certos alunos, mas ao trabalhar com um determinado aluno, o guru pode ter alguma boa razão para arrotar após cada garfada. Dito isso, o guru nunca deve ser provocativo a ponto de seu comportamento afastar os alunos do Dharma.

Alguns dos alunos que escolheram conscientemente seu guru vajrayana e que permanecem inabalavelmente devotados, apesar de revelações escandalosas, ficaram chocados com as alegações feitas contra ele. Para piorar as coisas, poucos meses após o escândalo se tornar público, seu amado guru veio

a falecer. Se você é um desses alunos, pode estar se sentindo suspenso no limbo. O que fazer agora? Permanecer com a antiga sangha? Começar de novo com algum outro lama? Depende de você. O fato de você pretender continuar seguindo o Vajrayana porque confia na visão do Vajrayana é a prova de que sua análise inicial do lama e do caminho foi bem feita. Se você quer permanecer com a sua sangha e auxiliar na sua reinvenção, então é isso que você deve fazer. Se você prefere procurar outro lama, sim, vá em frente, por que não? Outro aspecto útil de se pertencer a uma linhagem é que ela tem um quadro de outros lamas à sua disposição. Ainda assim, você deve verificar a formação do lama antes de se comprometer com outro guru.

Até que ponto os alunos devem obedecer?

Embora esteja convencido de que seu guru sempre fará o melhor possível para guiá-lo até a iluminação, você pode começar a notar que nem tudo o que ele diz conduz diretamente a esse objetivo. Será que isso significa que você deve pensar duas vezes antes de obedecer às ordens dele? Não, de forma alguma. Se você de fato aprecia o guru, se o respeita e confia nele, você seguirá as suas instruções.

Digamos que você esteja planejando uma viagem para as Cataratas de Vitória, na Zâmbia. Embora você tenha um mapa excelente, tenha estudado a rota com cuidado e esteja certo sobre a direção a seguir, o mapa não é o território. Então você decide contratar um guia experiente que conheça o caminho. Infelizmente, todos os melhores guias estão ocupados ou mortos, e você precisa se contentar com o único disponível, ainda que não vá com a cara dele e que ele tenha o hábito desconcertante de coçar a cabeça e tirar meleca do nariz ao mesmo

tempo. Você lhe mostra o seu mapa e ele olha para aquilo como se nunca tivesse visto um mapa na vida. Embora você de fato acabe chegando a cada dia ao seu destino, você sempre chega tarde, porque o guia se perde em vários trechos e sempre parece preferir o caminho mais longo. Após algum tempo, você começa a questionar se não seria melhor minimizar o prejuízo e procurar outro guia. Mas isso seria um desperdício de tempo e, como seu guia parece estar se dirigindo mais ou menos na direção certa, você decide ficar com ele mesmo, apesar das trapalhadas, incertezas e hábitos pouco higiênicos.

Obediência é uma coisa complicada. Ainda mais complicado é saber até que ponto o aluno deve ser obediente. Conheço vários alunos que se orgulham tanto de sua obediência ao guru que jamais perdem uma oportunidade de exibi-la. Também conheço gurus que adoram se mostrar e contar aos seus colegas gurus como seus alunos são obedientes. Contudo, tais exibições não têm nada a ver com o Vajrayana.

Em se tratando da prática de obediência, o guru deve ser ainda mais vigilante do que o aluno a respeito do que pode ser de fato esperado. Qual é a capacidade de cada aluno? O que se pode exigir de cada um? Até que ponto cada aluno consegue de fato obedecer?

Se o seu guru não conhece as suas limitações e você sente que é realmente impossível fazer o que ele ou ela está pedindo, diga com sinceridade e respeito que simplesmente não consegue fazê-lo. Por exemplo, se o guru lhe pedir para conversar com um pardal e você não fala a língua dos pardais, você deve dizer: “Sinto muito, mas eu não sei falar pardalês.” Você não está sendo desobediente, está simplesmente sendo honesto. Caso o guru insista, lembre-se de como uma mãe pode acalmar um bebê agitado imitando um urso, e então faça surgir a motivação de desejar sinceramente ser capaz de

seguir as instruções do guru. Nunca é errado, moralmente ou de qualquer outra forma, despertar a motivação pura ou fazer uma aspiração.

A obediência é sempre um desafio para os alunos. Seu guru pode, por exemplo, lhe pedir que faça o ngöndro inteiro três vezes do início ao fim – e é claro que você deve obedecer. Ou ele pode mandar você tirar as calcinhas. Curiosamente, um número surpreendente de pessoas não tem qualquer dificuldade em tirar as calcinhas, mas precisa lutar muito para terminar o ngöndro.

Lembre-se de que, embora enxergar o guru como um buda perfeito e obedecer cada ordem dele ou dela soe como transferir todo o seu poder pessoal para o guru (o que é ainda mais desconcertante se o seu guru for um mahasiddha), isso também coloca o guru numa posição extremamente vulnerável. Os alunos que sacrificam a própria vontade e seguem fielmente cada ordem do guru ficam isentos de responsabilidade ou culpa pelos acontecimentos. Um bom número de alunos usou esse histórico de perfeita obediência contra o guru, tanto para implementar seu plano de poder pessoal quanto para justificar suas atitudes. É desnecessário mencionar que existe um desequilíbrio de poder entre guru e aluno e, no mundo moderno, a posição do guru é significativamente mais precária.

E se meu guru pedir para fazer sexo comigo?

Como o objetivo deste livro é formular perguntas e considerar como abordá-las a partir dos mais diversos ângulos possíveis, pergunte-se: o que você faria se o seu guru lhe pedisse para fazer sexo com ele?

Ao longo dos anos venho notando como julgamos de forma injusta os alunos de ambos os sexos que expressam algum

interesse sexual por um lama. Os gurus normalmente recebem propostas sexuais de várias formas – direta, sugestiva, provocativa ou como flerte –, que podem ser feitas por meio de cartas, mídias sociais e até vídeos. Seja qual for a mídia, a pessoa que faz a proposta em geral é taxada de louca, não apenas pelo lama, mas também por seus atendentes e o resto da sangha. Louca, desequilibrada mental, doida e possivelmente tarada. No entanto, quando o guru demonstra interesse sexual por alguém, a reação da sangha é bem diferente. Ninguém taxa o guru de louco ou tarado, muito pelo contrário. O interesse sexual dele é considerado uma chuva de bênçãos. Quanta honra para o afortunado objeto do desejo do lama! Isso é muito injusto. Os alunos devem ter a possibilidade de se expressar com sinceridade e o guru deve ter a coragem e a compaixão necessárias para lidar com qualquer coisa que o aluno tenha a lhe dizer. No que tange ao Vajrayana, é inteiramente inaceitável que qualquer mulher seja estigmatizada, segregada, ridicularizada ou taxada de louca só por paquerar o guru.

E o que acontece se um guru homossexual for abordado por uma mulher que deseja fazer sexo com ele? Se o guru for monge, ele pode dizer que, sendo monge, é celibatário. Não sendo monge, ele deveria explicar à mulher que não é heterossexual. Esse tipo de conversa exige que ambos os participantes sejam verdadeiros e sinceros – e humanos. Se aquele mestre tântrico homossexual for hábil, ele saberá que rejeitar a investida da mulher terá consequências. Se ela voltar as costas ao Dharma por causa dessa rejeição, o Vajrayana considera que o guru foi o responsável por isso. O que o guru pode fazer? Qualquer guru vajrayana deve ter a habilidade de lidar com esse tipo de situação.

Poucos dos gurus atuais sequer cogitariam emular a monja Subha²² – os tibetanos a conhecem como Utpala –, que era tão

linda que um homem foi tomado de paixão ardente por ela e não a deixava em paz. Exasperada com o comportamento obsessivo do sujeito, Subha lhe perguntou o que ele considerava tão atraente nela. Seus lindos olhos, ele respondeu. Então ela arrancou um dos olhos e ofereceu ao sujeito. A luxúria dele se extinguiu no mesmo instante e ele finalmente deixou de assediá-la. E, na próxima visita de Subha ao Buda, seu olho foi milagrosamente restaurado.

Uma monja butanesa exemplar que conheço passou por uma experiência semelhante. Um sujeito ficou tão apaixonado por ela que ficava violentamente enciumado sempre que ela conversava com outro homem e ficou arrasado quando ela se recusou a dormir com ele por ser monja. A óbvia paixão dele pela monja lhe custou seu negócio e sua família. Ainda assim, os dois continuaram amigos por toda a vida e ela acabou conseguindo apresentá-lo a vários lamas excelentes. Que tamanha compaixão! Sempre admirei o modo como ela lidou com o sujeito. Ele acabou se tornando o projeto de vida dela.

Alguns ensinamentos muito profundos do Vajrayana explicam como utilizar o desejo sexual e o ato sexual como caminho. Muitas pessoas pensam que essa prática só pode ser realizada com o guru. Não é verdade. Ela pode ser realizada com qualquer pessoa que compartilhe da mesma perspectiva e apreciação pelo caminho e tenha o mesmo objetivo final.

Por que ainda persistem tantos equívocos, interpretações errôneas e especulações a respeito do Vajrayana, do tantra e do sexo? O budismo não encara o sexo como um ato “pecaminoso”. A má conduta sexual é o que os budistas chamam de “desvirtude”. “Desvirtude” é uma palavra que ainda não consta nos dicionários de inglês, mas acho que os tradutores a inventaram porque “pecado” não faz sentido no contexto budista. O ato sexual em si não é considerado virtuoso nem

desvirtuoso, mas como surge do desejo e do anseio, é algo que pode facilmente nos distrair, dominar e enredar. É bem possível que o desejo sexual seja aquele com o maior potencial de nos entorpecer. Ele também nos amarra com nós tão complicados que é difícil desatá-los. Muito antes de Freud sugerir que somos motivados por nossos desejos inconscientes – por sexo, comida ou o que seja –, o Buda explicou que o reino que nós, seres humanos, habitamos é conhecido como o “reino do desejo”. No entanto, a questão aqui é: pelo simples fato de uma atividade ter o potencial para desencadear um comportamento obsessivo ela não é automaticamente uma “desvirtude”. Se fosse assim, tomar sorvete seria uma atividade desvirtuosa.

No budismo Mahayana, os bodhisattvas (aqueles cujo objetivo é ajudar o próximo) estão proibidos de agir movidos por uma mente perniciosa, nociva ou por visão errônea. Afora isso, se uma ação puder salvar ou beneficiar outro ser, ela é encorajada. Como o desejo é a emoção humana mais predominante, a sabedoria do budismo Vajrayana inclui ensinamentos sobre a maneira de utilizar as emoções como caminho. Os ensinamentos sobre como usar o sexo como caminho pertencem ao mais elevado, glorioso e venerado dos caminhos Vajrayana. Ainda assim, lembre-se de que, seja qual for o método que você use – oferecer uma flor, jejuar ou o caminho do sexo – esse *método deve destruir a delusão*. Se, ao invés de eliminar a delusão, uma atividade gera mais delusão, mais presunção, mais julgamentos moralistas, mais orgulho etc., ela é um obstáculo ao despertar. Essa é uma questão de importância crucial que não pode ser negligenciada ou esquecida.

Pergunte

Até que ponto os alunos são capazes de obedecer ao guru muitas vezes se resume à questão de estarem preparados para isso.

Você alguma vez já se perguntou: “Será que o meu guru é mesmo compassivo? Ele de fato se preocupa com os alunos? Eu me sinto bem cuidado por ele? A minha iluminação é realmente importante para ele? Se é, o quanto é?”

Você algum dia se perguntou: “Será que eu mesmo não tenho nenhum problema ético ou moral?” Se você sofreu algum trauma emocional ou físico no passado, como abuso sexual ou emocional, você se perguntou: “Será que o meu histórico de abuso poderia desencadear algum impulso autodestrutivo?” “As minhas memórias do passado poderiam me levar a sabotar meu relacionamento com o guru?”

Você é casado? Você se sente ligado ao seu cônjuge ou parceiro por um forte senso de lealdade? O seu guru é casado? O seu guru é um monge ou uma monja? Você é monge ou monja?

A atmosfera criada pelo guru – toda a parafernália tibetana, o séquito superprotetor e assim por diante – o pressiona a concordar com toda e qualquer coisa que ele invente? Você se sente encurralado? Ou você está perfeitamente ciente de tudo o que está ocorrendo, mas seu desejo apaixonado por destroçar todos os conceitos sobrepuja todas as demais considerações?

Esse é o tipo de pergunta que todos os alunos vajrayana devem se fazer. Se você tiver dúvidas, se se sentir sobrecarregado, se não conseguir lidar com alguma situação, converse com seu guru. Se você sente que não é possível conversar com ele, pergunte-se: “Então qual é a serventia dele?” Para que ter um guru se ele não é capaz de ajudá-lo nem protegê-lo?

Tendo desenvolvido confiança e fé no seu guru, você pode decidir ir mais além e tentar fazer tudo o que ele ou ela peça,

como um meio de acumular mérito e dismantelar o seu ego e apego a si mesmo. Tendo desenvolvido um certo nível de maturidade espiritual, quando seu guru pedir que você cuide do jardim para ele, você ficará super feliz em ajudar. Ou talvez o seu guru o instrua a fazer uma peregrinação.

“Vá em peregrinação à Bond Street todos os dias, e depois mantenha todo o conceito ‘Bond Street’ secreto.” “Não diga a ninguém que a Bond Street existe.”

Parece ridículo, não é? O mundo inteiro já sabe da existência da Bond Street, mas no contexto dessa prática concebida sob medida para você, esse detalhe não tem importância. A partir de agora, você deve manter a Bond Street como um segredo bem guardado. Por mais insano que pareça, tendo conscientemente e de forma lúcida feito a escolha de seguir os ensinamentos vajrayana, visitar a Bond Street todos os dias agora passou a ser o seu caminho.

Se o seu guru lhe der uma prática desse tipo, não a transforme numa exibição. A menos que o guru lhe diga algo em contrário, ninguém precisa ver a sua prática nem saber quando ou se você está praticando – e isso inclui os seus irmãos e irmãs vajra. Seus amigos mundanos com certeza perguntarão por que, faça chuva ou faça sol, todos os dias você anda acima e abaixo pela Bond Street, mas não diga nada. Por mais que você fique envergonhado, por mais que seus amigos achem graça da sua obsessão, digam que você tem um parafuso solto, sorria e não diga nada. Com isso, sua prática vai acumular muito mais mérito do que se você contasse o que está fazendo.

Mentir

Lembre-se sempre de que, como praticantes vajrayana, nosso principal objetivo e desejo é a iluminação de todos os seres.

Portanto, devemos ser cuidadosos para não comprometer o interesse das pessoas pelo Vajrayana nem fornecer munição para que alguém duvide ou se ofenda com algum aspecto do ensinamento ou do caminho. A sua melhor opção é evitar dizer qualquer coisa sobre o Vajrayana para quem ainda não está no caminho Vajrayana. Se for preciso, é melhor mentir do que se arriscar a afastar alguém desse caminho sagrado e profundo.

Já posso ouvir o leitor pensando: “Mas mentir não é errado?” Pergunte-se: será que ninguém mente? Quando as crianças não conseguem dormir, os pais não mentem para elas? Assim como todos os outros contos de fadas, a história da Cinderela não é apenas um pacote encantado de mentiras? A disposição de contar esse tipo de mentira é um pequeno exemplo de método hábil.

Alguns alunos se sentem abusados por seu guru, outros se sentem ignorados, às vezes por meses e anos a fio. Isso pode ser desanimador. Mas se você fizer uma boa pesquisa de antecedentes, terá a confiança e a coragem necessárias para dizer ao guru como está se sentindo. Não há nada de errado nisso. Se ele continuar a ignorar você, todas as excelentes razões que você tinha para confiar nele inicialmente vão ajudá-lo a interpretar essa frieza como um exercício espiritual e um ensinamento. Isso tudo só é possível se você fizer a lição de casa completa antes de dar o primeiro passo no caminho Vajrayana.

Votos e compromissos

A PALAVRA SÂNSCRITA “SAMAYA”, do Vajrayana, em uma tradução livre, significa “pacto sagrado”. Na Índia, a palavra samaya pode se referir a qualquer tipo de organização, objetos e até pessoas. Um jornal diário popular se intitula *The Samaya*, e pais dão o nome de Samaya a suas filhinhas, mas, desnecessário dizer, isso não tem nada a ver com os compromissos ou samayas assumidos pelos praticantes vajrayana.

De modo geral, mantemos os samayas vajrayana quando nos mantemos fiéis à verdade. O que eu quero dizer com “fiel”? Todos sabemos que se enfiarmos os dedos numa tomada elétrica seremos eletrocutados ou, no mínimo, vamos nos queimar. Quando evitamos enfiar os dedos numa tomada, permanecemos leais à verdade de que a eletricidade queima. A eletricidade pode ser perigosa, mas é uma fonte indispensável de energia no mundo moderno. Onde estaríamos sem luz elétrica, estufas, aquecedores de água, torradeiras, fornos, equipamentos médicos, computadores, celulares, monitores e radares? Ouvi dizer que existe até um tipo de eletro-acupuntura para aliviar a dor crônica.

Embora seja muito útil, a verdade é que a eletricidade queima, e quando queima está simplesmente sendo fiel à sua natureza. Quando não colocamos os dedos na tomada estamos em harmonia com a verdade de que a eletricidade, por sua própria natureza, queima. Essa verdade nunca vai mudar e não há exceções. A eletricidade queima vinte e quatro horas por dia; não vinte e três, com pausa para o almoço. Isso significa que se você percebe que uma criança que mal sabe caminhar

tomou o rumo de alguma tomada para enfiar os dedinhos nela, você vai correr para afastá-la dali.

Além do significado de ser fiel à verdade, o samaya inclui a conotação de se saber o que fazer e como fazê-lo. Se você não souber nadar, não haverá nada que o convença a pular no lado mais fundo da piscina sem uma boia segura. Mas se você souber nadar como um peixe, mergulhará sem pensar duas vezes.

Manter o samaya é o processo de se aprender como permanecer fiel à verdade, um passo de cada vez. Deveríamos primeiro aprender a manter todos os samayas e só então começar a praticar o Vajrayana? Não, não é assim que funciona. O momento em que você é capaz de manter todos os samayas com perfeição assinala o fim do seu caminho Vajrayana.

Mantemos o samaya para garantir que a nossa vida esteja em harmonia com a verdade e conectada com ela. Perder a conexão com a verdade é o que o Vajrayana chama de “quebrar o samaya.” Como mantemos a conexão com a verdade? Através da prática vajrayana. Uma vez que os diligentes praticantes saky tenham recebido alguma iniciação, eles repetem sua prática de sadhana (lembrar que você é a deidade) quatro vezes ao dia.

Assim como os grandes mestres tântricos e das linhagens de outrora, o Vajradhara não era um bobo. Nenhum desses grandes mestres esperava que um praticante tântrico recém-chegado mantivesse todos os seus samayas intactos desde o primeiro dia. Eles sabiam que, em geral, todos nós quebramos os samayas quase imediatamente após nos comprometermos pela primeira vez a guardá-los e que, como se não bastasse, dali em diante os quebraremos todos os dias. Por quê? Porque não é fácil nos acostumarmos a manter o samaya. Se você olhar para alguma coisa suja e pensar “Isto é sujo”, você quebra um samaya vajrayana. Se olhar para a água e pensar “Isto é água”

ou se se olhar no espelho e pensar “Olha eu ali”, você quebra o samaya vajrayana. Se você não tem a menor compreensão da natureza de shunyata, da natureza búdica ou do paradoxo entre vacuidade e luminosidade, mas, apesar disso, tenta se enxergar como uma deidade, você quebra um samaya vajrayana. Sempre que a dualidade o desvia, você quebra um samaya vajrayana. E, no momento em que resvala da não dualidade para a dualidade, você quebra um samaya vajrayana. Não se passa um momento sequer sem que alguém não quebre pelo menos um ou dois samayas. Isso significa que o processo da assim chamada prática vajrayana se resume a pouco mais do que manter o samaya.

Os recém-chegados ao caminho raramente estão cientes do enorme número de samayas que deveriam manter e também ainda não sabem que, por mais que se esforcem, nunca conseguirão parar de quebrá-los.

Se o simples pensamento “Eu sou Tom e ela é Jerry” é uma quebra de samaya, como qualquer um de nós conseguirá manter seus samayas? Este é mais um exemplo de como as práticas de ouvir e contemplar são de vital importância no caminho. Tendo ouvido amplos ensinamentos sobre a visão da não dualidade e passado bastante tempo contemplando-os, você começará a apreciar os benefícios de compreender e manter a visão, bem como entenderá como é grave se afastar dela. Você desejará manter todos os seus samayas, do mais insignificante ao mais crucial. E a confiança que a compreensão intelectual da não dualidade lhe proporciona irá ajudá-lo a manter sob controle qualquer paranoia que você tenha de quebrar o seu samaya, bem como protegê-lo de se enredar em sentimentos de desespero ou culpa. As consequências de quebrar o samaya podem ser graves, mas conhecer os incontáveis métodos de que você dispõe para consertar ou purificar os samayas quebrados

lhe trará grande alegria. Você purificará com confiança não apenas suas ações negativas passadas, mas também aquelas que cometerá no futuro, uma vez que passado e futuro são distinções dualistas. Com a grande e vasta visão vajrayana sempre em mente, os seus próprios medos de quebrar o samaya não irão ameaçá-lo nem desanimá-lo. Em vez disso, você desfrutará da vasta gama de métodos de purificação do Vajrayana, como entoar o mantra de Vajrasattva, ou contemplar a imagem de Vajrasattva, ou convidar seus irmãos e irmãs vajra a se reunirem para festins de tsok. Quando você purifica os samayas quebrados através de qualquer um dos métodos oferecidos pelo Vajrayana, os siddhis (realização espiritual) logo se manifestam.

Ao longo da última década, comecei a notar algumas interpretações seriamente equivocadas a respeito do samaya, que devem ser esclarecidas. Ouvimos dizer que se quebrarmos o samaya vamos encurtar a vida de nosso guru, o que é como dizer que se você não assiste ao filme, o filme não existe. O guru é uma manifestação ou aparência da nossa natureza búdica inata. Em outras palavras, o guru é o filme projetado por nossa natureza búdica. Como praticantes, nossa meta é redescobrir a nossa própria natureza búdica pela conexão com a sua manifestação externa, o guru externo – o filme. E um dos principais fatores que nos permitem projetar o filme do guru é a devoção. Portanto, só temos um guru porque temos devoção, da mesma forma que uma pessoa só é querida porque gostamos dela. Se quebramos o samaya com o nosso guru, a nossa devoção deve ter necessariamente diminuído ou desaparecido por completo. Sem a devoção não pode haver o reflexo da devoção. E como o reflexo da nossa devoção é o guru, sem devoção não há guru.

Isso significa que, se você não sentir devoção por seu guru, ele ou ela vai parar numa Unidade de Terapia Intensiva? Não,

claro que não. Se isso fosse verdade, os alunos teriam o domínio e poderiam controlar o guru sem dificuldade. Os alunos só precisariam dizer: “Se você não se comportar, eu retiro a minha devoção e você vai acabar no hospital!” Essa é uma questão que parece ter sido mal compreendida por muitos praticantes tântricos. Será que os praticantes oriundos de culturas cristãs confundiram a devoção budista com o ensinamento dualista cristão de que Jesus morreu na cruz para absolver nossos pecados?

Falando francamente, se não há procura, não há oferta. É simples assim. Se você quebrar o samaya, não poderá mais considerar o guru com devoção ou percebê-lo com pureza como a deidade e, portanto, você não terá mais um filme do guru para ver.

O Vajrayana se orgulha bastante de sua maneira original de lidar com o samaya. Quebrar as promessas que fazemos como praticantes shravakayana é como quebrar um pote de argila: os pedaços podem ser colados de novo, mas as rachaduras sempre ficam aparentes. Quebrar o voto mahayana de bodhisattva, ou qualquer samaya vajrayana, é mais parecido com amassar um copo de ouro: os amassados são fáceis de consertar e o processo de restauração pode deixar o copo ainda mais bonito.

A restauração dos samayas quebrados é a prática principal do Vajrayana. Os tantrikas adoram as práticas de restauração, particularmente o *kang shak* (cumprimento) e a *shakpa* (confissão). O *kang* é como encher um recipiente e a *shak* traz à tona ou expõe a sua verdadeira natureza, especialmente quando restaura samayas quebrados. É como aquela expressão: “Ela desperta o que há de pior em mim.” Neste caso, a sua verdadeira natureza é exposta quando toda a sujeira temporária que a recobria é lavada – como no exemplo de lavar pratos, que já vimos neste livro. À medida que você lava a sujeira, a

xícara começa a brilhar cada vez mais; à medida que a xícara fica mais limpa, brilhante e reluzente, mais a sujeira diminui.

Como muitos de vocês sabem, o *kang shak* é repetido muitas vezes durante os pujas (cerimônias vajrayana). Nos mosteiros, os monges usam robes e chapéus específicos para essa prática, para enaltecê-la ainda mais. Das inúmeras práticas vajrayana para se restaurar o samaya, o método supremo é a oferenda de tsok. Para restaurar os samayas rompidos com nossos gurus raiz ou secundários, fazemos o *kangwa*, a *shakpa* e o *tsok*. Em seguida, pedimos aos gurus da linhagem, às dakinis e aos protetores do Dharma que nos amparem com sua compaixão. Por fim, para impedir que nos desviemos novamente, tomamos o voto de bodhicitta.

Evite consumir críticas públicas ao seu guru vajrayana

Em um nível mais prático, uma vez que você tenha decidido quem é o seu guru, procure não ouvir nem ler quaisquer críticas sobre nenhum dos gurus com os quais você já tenha samayas. Mais do que tudo, evite as mídias sociais.

A condenação pública do comportamento dos gurus vajrayana nunca deixará de existir. Até certo ponto, os relatos públicos sobre a maneira de agir de um guru podem ser úteis para os alunos que estão verificando a formação de possíveis gurus vajrayana nos quais estão interessados. Um novo aluno não deveria estar inteirado tanto das muitas percepções negativas a respeito dos gurus quanto das positivas? Dito isso, me intriga o fato de que a maioria das histórias publicadas sobre os gurus vajrayana sejam tão unilaterais. Afinal, se de fato vivemos numa sociedade justa, que promove a liberdade de expressão, não seria desejável que fossem apresentados ambos os lados de qualquer narrativa, sem censura nem restrição? Não

é esse, aliás, um dos princípios do bom jornalismo? Sempre pensei que os relatos unilaterais fossem a seara das máquinas de propaganda ditatorial, e não de empresas jornalísticas internacionais que prezam a objetividade.

Devemos sempre lembrar que, embora os gurus vajrayana desacreditados frequentemente percam um bom número de discípulos, muitos deles permanecem leais e devotados. A maioria desses alunos fiéis não é cabeça-oca nem tiete do lama, são pessoas bem instruídas, inteligentes e amáveis, que sentem que foram enormemente beneficiadas pelos ensinamentos do guru. As revistas budistas deveriam levar isso em consideração antes de publicar artigos com críticas a gurus que estão vivos. Não estou dizendo que esses artigos não devam ser publicados, apenas que as revistas budistas, em particular, deveriam apresentar reportagens negativas de modo responsável e fazer o melhor possível para evitar que isso incite sentimentos negativos ou semeie discórdia dentro das sanghas. Ambos os lados de qualquer história deveriam ser relatados da forma mais objetiva possível. Se um entrevistado faz uma queixa contra um guru, não deveria ser dada ao guru a oportunidade de se defender? Uma revista que se declara budista deveria ser escrupulosa e oferecer reportagens fidedignas e equilibradas. Deveria apresentar o máximo possível de informação sob todos os diferentes pontos de vista, para que os leitores pudessem formar sua própria opinião.

Os praticantes vajrayana devem se relacionar com quem quebrou samayas?

Muito tem sido dito sobre os praticantes vajrayana que se relacionam com quem quebrou samayas. Quando um aluno renega publicamente seu guru, a escala operística desse di-

vórcio à la vajrayana pode levar outras pessoas ao desencanto e a outras tantas quebras de samaya. É por isso que chamo a atenção do aluno vajrayana, mais uma vez, para a importância vital do ouvir e contemplar. Por mais que eu enfatize isso, nunca será o bastante. O conhecimento correto e minucioso dos fundamentos do Dharma do Buda ajuda o aluno em todas as etapas do caminho.

É verdade que a maioria dos praticantes vajrayana preferiria não receber uma iniciação junto com alguém que seja sabidamente um quebrador de samaya. Também é verdade que seria improvável que eles se casassem com um quebrador de samaya. Mas o que haveria de errado em se tomar uma xícara de chá com um amigo que porventura tenha quebrado um samaya publicamente? Por que fazer um estardalhaço? Isso apenas gera ainda mais discórdia e mágoa entre a comunidade budista.

No Tibete, quem sabidamente quebrasse os samayas mais importantes era evitado. Quais são as quebras de samaya mais sérias? Deixar de tomar refúgio no Buda, no Dharma e na Sangha é considerado extremamente grave – a essas alturas, não preciso mais explicar o motivo. Obviamente, é impossível abandonar o refúgio e continuar sendo um praticante vajrayana. Abandonar a bodhicitta e o voto de bodhisattva é outra quebra de samaya extremamente grave. Sem o alicerce do refúgio no Buda, no Dharma e na Sangha, seja qual for a sua prática, por mais horas que você passe em meditação, não estará praticando o caminho do Dharma do Buda. E, sem a bodhicitta, a prática do Vajrayana se reduz a pouco mais do que um vodu xamânico.

O Vajrayana sanciona alguma punição aos quebradores de samaya? É claro que não! Se alguém encontrar um único sutra, shastra ou texto tântrico que autorize uma instituição budista a punir um quebrador do samaya vajrayana ou dos

votos mahayana ou shrvakayana cortando-lhe as mãos ou queimando-o na fogueira, bem como a evidência histórica de que uma punição dessas tenha sido implementada por uma instituição, eu pedirei demissão do meu cargo de rinpoche tibetano.

Infelizmente, embora nenhum dos textos vajrayana estipule punições hediondas, isso não significa que algo assim nunca tenha ocorrido. O Tibete era governado por lamas, alguns dos quais cometeram atrocidades imperdoáveis para alcançar seus planos egocêntricos de poder ou para auferir alguma vantagem política. Há até mesmo vários casos bem conhecidos de lamas tibetanos que torturaram e mataram seres humanos. Mas tais ações não tinham absolutamente nada a ver com o budismo Vajrayana. Um lama que cometa assassinato, atormente ou maltrate algum outro ser senciente está errado. Estavam errados no passado, estão errados no presente, estarão errados se o fizerem no futuro.

Embora a história política tibetana descreva assassinatos, decapitações e várias outras formas de crimes, nunca ouvi falar de alguém que tenha sido maltratado por quebrar um samaya. No entanto, os textos vajrayana dizem claramente que os praticantes vajrayana não devem se relacionar com quebradores de samaya. De onde surgiu essa prática? Vejamos a história sobre o Buda e seu irmão, Nanda.

O Buda decidira que havia chegado o momento de Nanda se tornar monge, então foi visitá-lo em seu palácio. Nanda, hedonista inveterado, havia ordenado aos serviçais que dissessem aos visitantes que ele não estava em casa. Na realidade, ele estava ocupado demais com sua bela amante para se incomodar com trivialidades sociais. Quando o mordomo anunciou que seu irmão estava esperando para falar com ele, Nanda ficou

profundamente irritado. Mas nem mesmo Nanda podia mandar o Buda embora.

Assim que se encontraram, o Buda magicamente transportou Nanda até o monte Kailash.

“Quem é mais bonita,” perguntou o Buda, “sua amante ou aquela macaca?”

“Minha amante, claro!” respondeu Nanda.

Com isso, o Buda transportou Nanda até o Paraíso de Tushita, onde dúzias de deusas de beleza arrebatadora estavam preparando um palácio.

“Quem é mais bonita,” perguntou o Buda, “sua amante ou estas deusas?”

“As deusas”, admitiu Nanda. “O que elas estão fazendo?”

“Estamos nos preparando para a chegada de Nanda”, disse uma delas. “Ele está prestes a se tornar monge!”

“Quando ele morrer, o mérito de ter sido monge vai causar seu renascimento aqui no Paraíso de Tushita, onde viverá conosco.”

Instantaneamente, o Buda os levou de volta para a Índia. Nanda estava tão extasiado com seu futuro renascimento entre as deusas, que imediatamente solicitou a ordenação monástica. O Buda, conhecendo muito bem a motivação de Nanda, ordenou o irmão, mas instruiu os demais monges que evitassem se relacionar com ele.

Como nenhum dos monges falava com ele, compartilhava uma refeição ou mesmo permanecia no mesmo cômodo que Nanda, ele se viu bastante solitário.

“Por que todos me evitam?”, perguntou ao Buda.

“Meus monges buscam um objetivo diferente do seu”, respondeu o Buda. “Você está numa jornada diferente.”

O importante nessa história é que não podemos ir para a direita e para a esquerda ao mesmo tempo. Precisamos escolher

um caminho ou outro. E, como quase todos nós somos facilmente manipulados por causas e condições, talvez seja melhor não se arriscar a ser influenciado por algum amigo que decida seguir um caminho que contradiga a nossa própria visão. Dito isso, um guru pode instruir um praticante mais adiantado a conviver com quebradores de samaya como um método para aprimorar a sua prática e, quem sabe, até mesmo tentar trazer o quebrador de samaya de volta para o caminho certo.

O Vajrayana tem outra razão para aconselhar os praticantes a evitar aqueles que tenham uma visão radicalmente diferente da sua. Outros caminhos budistas trabalham diretamente com a mente e consideram o corpo como pouco mais do que um recipiente para a mente. Para o Vajrayana, corpo, fala e mente são de igual importância; na realidade, são um só. As práticas do Vajrayana de prana, bindu e nadi estão associadas ao corpo, fala e mente, e são fáceis de manipular. Portanto, os praticantes vajrayana menos experientes são aconselhados a proteger seu prana, bindu e nadi, evitando pessoas com uma visão drasticamente diferente.

Por infelicidade, muitos praticantes preferem se concentrar em “ninguém deve se associar com aqueles que quebram samaya” e esquecem que, como praticantes mahayana, sua prática de bodhicitta é amar e cuidar de todos os seres – inclusive os quebradores de samaya –, bem como trabalhar incansavelmente pela iluminação deles. Mas a mente humana é assim. Nós tendemos a selecionar os aspectos do caminho que achamos que vão funcionar para nós e esquecer o resto.

Se evitarmos encontrar todas as pessoas que algum dia tenham quebrado um samaya, vamos tomar chá sozinhos pelo resto da vida. Mas como reconhecer um quebrador de samaya? Como você pode saber se alguém quebrou ou não algum samaya? Segundo a minha experiência, os praticantes

que parecem ser os mais obedientes e disciplinados são aqueles que quebram mais samayas, e os mais francos, os diamantes brutos, são os melhores para guardar samayas.

As raízes do Vajrayana estão no Mahayana, que se caracteriza pela prática de nunca abandonar os seres. De acordo com o Vajrayana, o quebrador de samaya está sob o jugo de suas próprias emoções negativas. Reconhecendo isso, como colegas praticantes do Vajrayana, temos ainda mais razões para sermos compassivos e zelosos. Se um membro de sua família adoecesse, você não correria para ajudá-lo de boa vontade?

Aqueles que falam muito sobre quebra de samayas adoram insistir no inferno vajra. Os críticos mais veementes do Vajrayana muitas vezes acusam os lamas tibetanos de usar o inferno vajra para intimidar os alunos e levá-los à subserviência. Será que eles nunca ouviram falar em Vajrasattva? Entoe um mantra de Vajrasattva, do fundo do coração, e *todas* as suas impurezas – passadas, presentes e futuras – estarão completamente purificadas. É um pouco injusto dar tanta ênfase ao inferno vajra sem sequer mencionar a prática de Vajrasattva.

Abhisheka, iniciação, autorização

Agora vou plagiar sem um laivo de vergonha uma alegoria que os grandes mestres do passado citavam de novo e de novo.

Digamos que você seja o filho único de um bilionário. Você é jovem, curioso e ávido por novas experiências. Num fim de semana, você voa até Marrakesh e se perde em seus exóticos bazares e souks coloridos. As pessoas lhe oferecem bebidas extravagantes e comidas exóticas, que você bebe e engole, sem recusar nada. Num boteco particularmente sujo, você experimenta o delicioso equivalente marroquino do soma indiano. Quase no mesmo instante você passa mal e desmaia.

Ao acordar, você está sozinho, com o corpo cheio de hematomas, os bolsos vazios e não se lembra de nada, nem do seu nome. A única opção que lhe resta é mendigar, extorquir e roubar para sobreviver.

Um belo dia, um garoto bate com a bicicleta numa parede e a roda da frente se solta. Para sua surpresa, você sabe como consertá-la. O garoto fica grato e retorna no dia seguinte com o tio, que pergunta se você gostaria de ser ajudante na sua loja de bicicletas. Lá pelo ano seguinte você se muda para a minúscula casa daquela família e eles lhe dão um novo nome: Fiqdan Aldhaakirat Al'iinjilzii, que significa “O Inglês com Amnésia” – ou Dan, para facilitar. Com o passar dos anos, você se casa com uma das filhas do tio e começa a sua própria família. A vida é difícil e muitas vezes você passa fome.

Duas décadas depois, um americano aparece do nada.

“Seu pai morreu há dois anos e lhe deixou toda a sua fortuna”, diz o americano, “alguns bilhões de dólares.” “Você é o único herdeiro e sua família deseja que você retorne aos Estados Unidos para assumir o comando do império da família.”

É exatamente isso o que ocorre numa iniciação. O Mahayana e especialmente o Vajrayana, nos dizem que embora os seres humanos sejam budas e como tal tenham o direito de herdar a riqueza do Buda, nós nos esquecemos de nossa verdadeira identidade e assim vagamos sem destino no samsara, vida após vida. É apenas quando recebemos uma iniciação e nosso guru vajrayana gentilmente nos apresenta à nossa verdadeira natureza, que descobrimos quem somos – pelo menos é isso que supostamente deveria acontecer. Essa é a única razão para conceder-se uma iniciação.

Voltemos à nossa história. Embora não tenha lembrança de ser filho de um bilionário, você ainda mantém o ar e a educação de um legítimo membro da elite. Um certo desconforto está

sempre presente no fundo da sua mente e isso, combinado com o trabalho monótono e fatigante de um emprego que mal paga suas contas, acaba por deixá-lo deprimido e solitário. “Com certeza”, você pensa, “a vida deve ser mais do que isto.”

Somos muito afortunados se a nossa tristeza está acompanhada pela noção de que esta vida não pode ser tudo que existe, de que deve haver algo mais além disto. Se nos falta esse tipo de sorte, é fácil perder o ânimo: “Eu não sou ninguém; pessoas como eu não têm futuro.”

A vida que você leva em Marrocos é o oposto da vida de um bilionário. A ideia de que você possa ser o filho de um bilionário jamais lhe ocorreu – é algo impensável. No entanto, no fundo, você sabe que é mais do que um mecânico de bicicletas. A questão é: você está preparado para ouvir o que esse americano desconhecido, o enviado de seu pai, tem a dizer? Você está preparado para ouvir que é o filho de uma família rica? Você consegue aceitar que há décadas está vivendo uma mentira? Você tem certeza de que agora pode acolher quem você realmente é? Estar preparado ou não depende inteiramente de causas e condições.

Depois de passarem a vida inteira praticamente como indigentes, muitas pessoas não ousam acreditar na sua boa sorte e tampouco conseguem aceitá-la. Quando confrontados com a verdade, eles entendem do jeito errado. Os tantras afirmam que a pessoa que não ousa vislumbrar nada além de sua situação presente carece de “faculdades superiores”. Pessoas dotadas de faculdades superiores, ou mesmo de faculdades medianas, são mais corajosas e aventureiras do que as de menor capacidade. Basicamente, quanto mais ousado o discípulo, maior sua capacidade.

Se você vai ou não vai acreditar e aceitar o fato de que é o herdeiro de um vasto império empresarial também depende

de como o emissário dá a notícia. Se você é acanhado demais para se imaginar levando uma vida diferente, as chances de o enviado convencê-lo são ínfimas. A única esperança que ele tem é a de poder lhe dar a notícia com muita gentileza.

Para o emissário, é uma tarefa de muita responsabilidade encontrar o herdeiro dessa incalculável fortuna e futuro CEO da Hunt Corporation. Só quando a pessoa certa tiver sido instalada no posto de diretor-presidente, a empresa irá reviver e prosperar, salvando nesse processo dezenas de milhares de empregos. A última coisa que o emissário deseja é afastar o herdeiro de seu falecido chefe, mas ele não é muito sagaz. Ele irrompe na oficina de bicicletas e larga a bomba sem qualquer preâmbulo.

“Olá, Sr. Hunt, seu pai morreu e você herdou toda a fortuna dele, atualmente cerca de 600 bilhões de dólares. Sua família deseja que você retorne aos Estados Unidos para assumir o controle da empresa. Seu jatinho está no aeroporto, partimos esta noite.”

Você fica atônito e apavorado. “Eu? Você está cometendo um grande engano. Eu conserto bicicletas. Eu conheço o meu lugar. E a minha família está aqui, em Marrakesh. Eles precisam de mim.”

O emissário foi desastradamente categórico e agressivo, e você simplesmente não acredita nele. Você se sente intimidado e coagido. A ideia de que possa ser o filho de um bilionário é como um tapa na cara, e você fica na defensiva e relutante.

Se o emissário tivesse sido mais sábio, antes de se apresentar teria verificado como era a sua vida. Ele teria perguntado a seus vizinhos que tipo de pessoa você é, e então tentado conhecê-lo. E deveria ter ido com calma. Ele deveria ter começado o processo de apresentar a você sua verdadeira identidade só depois de ter uma ideia clara sobre a melhor forma de abor-

dá-lo, talvez mostrando fotos de sua família e de seu antigo lar. Basicamente, se o emissário tivesse pensado na melhor maneira de conversar com você, se tivesse tentado se colocar no seu lugar e tivesse sido mais sensível à sua situação, você teria uma chance muito maior de conseguir ouvir a verdade.

É isso que acontece numa abhisheka. É por isso que a abhisheka é tão preciosa e é a única ocasião da vida que efetivamente merece ser comemorada. Um bilhão de aniversários, batizados, casamentos, bodas, Ações de Graças e Natais, todos juntos, não chegam nem aos pés do tipo de comemoração que deveria ocorrer no dia em que você recebe a sua primeira abhisheka e finalmente se apodera da herança que lhe é de direito: a abundância inesgotável do Buda.

Aviso aos navegantes

Quando uma abhisheka é concedida da maneira correta, o guru aconselha cautela e também alerta quem a recebe sobre o que está fazendo. A uma certa altura, essa advertência é repetida três vezes, em outra, seis, às vezes mais. Sempre são feitas duas advertências específicas. Uma soa como uma ameaça: se você não fizer o que prometeu, teremos problemas. A outra insta o praticante a aproveitar bem a preciosa oportunidade que lhe é oferecida: não perca a sua chance nesta vida.

Gratidão

Talvez a esta altura você esteja começando a apreciar a dimensão da gratidão que devemos ter pelos mestres que, de forma tão habilidosa, nos apresentam a verdade de maneira que nos permita ouvir e compreender. Nos dias de hoje, professores vajrayana iniciam no Vajrayana centenas, milhares de pessoas sem sequer saber seus nomes. Por mais assombroso que pareça, esses iniciados muitas vezes nem sabem o nome do lama que

está concedendo a iniciação. Gurus e alunos mal analisam uns aos outros por doze minutos, muito menos doze anos. É por isso que é apropriado celebrar quando um aluno que aspira ao Vajrayana se decide a receber uma determinada iniciação, admira o caminho Vajrayana e de fato respeita o professor vajrayana que lhe concede a iniciação.

Digamos que, em seu leito de morte, sua mãe lhe entregue um pacotinho com as relíquias da família.

“Filha, não perca este presente. Um dia isto salvará sua vida.”

Você ama sua mãe e confia nela, então guarda o pacote num lugar seguro e esquece aquilo. Anos se passam, a sua empresa vai à falência e você precisa vender sua casa. Enquanto organiza seus pertences, você encontra aquele pacote, abre-o, e descobre um inestimável anel de diamantes, tão valioso que você não precisa mais declarar falência. Imagine a gratidão que você sente.

Num momento particularmente estressante da sua vida, você conhece um professor de shamata. Você aprende a acalmar a mente e, com isso, várias das suas enfermidades físicas relacionadas ao estresse desaparecem. Você não se sentiria grato ao professor que lhe ensinou essa técnica e lhe apresentou o caminho? Você não desejaria compartilhar o que aprendeu com todos os seus amigos estressados?

Imagine conhecer alguém que o ajude a perceber que “você” não tem nada a ver com nenhum dos rótulos que você usa habitualmente para descrever a si próprio e que, portanto, nada que você valoriza tem importância. Essa pessoa também lhe mostra como evitar cair na armadilha de “rótulos”, “valores” e “distinções”. De uma hora para a outra, você está livre. Os julgamentos, ambições, objetivos, fracassos e sucessos dos ou-

tros já não o limitam mais. Você não se sentiria grato à pessoa que tornou possível sua libertação e autonomia?

A abhisheka é frequentemente considerada a porta de entrada do Vajrayana, porque durante a cerimônia nos reconectamos com a nossa verdadeira natureza e percebemos que todos os nossos agregados – forma, sentimentos, emoções e atividades – são budas. Por essa razão, no dia em que você recebe sua primeira abhisheka, o guru que a concede se torna mais importante para você do que Jesus Cristo, Maomé e até Buda Shakyamuni.

Atmosfera

Pessoalmente, sempre faço o melhor que posso para pensar em todos os meus gurus como mahasiddhas. Todos aqueles que receberam uma abhisheka formal ou casual de qualquer um deles estabeleceram uma conexão com eles. Até os pilotos dos aviões nos quais meus gurus voaram fizeram uma conexão com eles. Um dos métodos hábeis dos meus gurus era alterar a ênfase de um ensinamento para adequá-lo à audiência. Quando davam a iniciação a dezenas de milhares de pessoas, eles se concentravam no afeto e na bodhicitta. Quando davam a iniciação a um grupo muito menor de pessoas convidadas, eles começavam bem cedo ou no meio da noite, para evitar grandes multidões, e enfatizavam a singularidade da oportunidade que estava sendo concedida aos iniciados. De um jeito ou de outro, era a mesma iniciação.

A abhisheka é o mais sofisticado de todos os métodos vajrayana para se estabelecer causas e condições; sua força motriz é a motivação. E o mestre vajra cria a atmosfera da abhisheka ao expor sua história, linhagem e origens.

Com isso, quero salientar que o cenário de uma abhisheka, como ela se manifesta e a atmosfera que ela cria, sempre tem

um efeito sobre os iniciados. Se eu fosse conceder uma iniciação de Avalokiteshvara a milhares de tibetanos, eu o faria num salão enorme, com o som dos alto-falantes ecoando alto, com crianças correndo para todo lado, amigos e famílias sentados em grupos tagarelando e dando risada, legiões de monges distribuindo arroz de açafião e chá de manteiga, pessoas idosas girando suas rodas de oração e adolescentes enviando mensagens de texto. Mas se dois alunos russos de Vladivostok me implorassem por essa mesma iniciação, o cenário seria bem diferente. Por exemplo, eu poderia pedir aos russos que me encontrassem num local secreto na costa do Atlântico. Chegar lá é caro e estressante, mas mesmo assim os russos não se importam de trocar de avião cinco vezes e alugar um carro, porque se animaram a receber aquela determinada iniciação e estão decididos a fazer tudo o que for preciso para recebê-la. Por fim, nos encontramos numa bela praia isolada. Para intensificar o caráter singular dessa iniciação, eu arrumaria um imaculado guarda-sol branco e me sentaria numa almofada com os implementos de iniciação dispostos ao meu lado sobre um pano de algodão cru. Os dois russos, vestidos de branco, se sentariam na areia dourada à minha frente e eu os aspergiria com a água de uma concha que eu tivesse encontrado nessa praia.

A atmosfera criada para cada grupo não poderia ser mais diferente. Os tibetanos se sentem mais confortáveis quando recebem iniciações num salão movimentado e abarrotado de gente e os russos se sentem mais inspirados pela iniciação na praia. Contudo, ambos recebem exatamente a mesma iniciação.

Outra abordagem que eu poderia usar é a de convocar uma aluna profundamente devotada até um cemitério cristão, à uma da madrugada, para lhe conceder uma iniciação da

dakini que ela solicitou. O local de uma iniciação depende inteiramente das necessidades de cada aluno. Mas, no mundo moderno, se um guru vajrayana for descoberto executando qualquer tipo de ritual secretamente, por mais inocente que seja, é provável que tanto o guru quanto o Vajrayana em si sejam ridicularizados e rotulados como um culto perigoso.

Sadhana

Uma vez tendo decidido de forma lúcida e consciente dar o primeiro passo no caminho Vajrayana, após se preparar de forma adequada e receber uma abhisheka, se, ao invés de “ame sua vizinha”, o seu guru mandar você roubar o sanduíche dela, você deve levar essa instrução a sério. Se o guru lhe disser que a Terra é plana, daí em diante a Terra plana será sua sadhana – mesmo que você seja professor de astrofísica. Se o guru disser para você visitar a Bond Street pelo menos uma vez na vida, sua peregrinação sagrada será ir à Bond Street, em Londres. E se o guru lhe mandar se eleger presidente da Rússia, você deve fazer todo o possível para alcançar esse objetivo. Preparar-se para a eleição será sua prática de renúncia. Então, você aprende a falar russo, lê sobre a situação política local, informa-se sobre a imigração e assim por diante. Todos esses preparativos são atividades que geram mérito e devem ser realizados de coração, aconteça o que acontecer. Se nesse processo você negligenciar seu emprego, for demitido e acabar excluído da sociedade, vivendo à custa da seguridade social australiana, que seja.

Você não é burro. Você sabe muito bem que por mais que se esforce é extremamente improvável que algum dia consiga se mudar para a Rússia, muito menos se eleger presidente. Ainda assim, você leva os preparativos a sério, porque a sua prática de

renúncia, a sua “sadhana”, é tentar alcançar esse objetivo. Com isso, você se dá conta de que tudo, incluindo a vida em si, é uma piada. Esse vagabundo cuja meta é se tornar presidente da Rússia é uma piada tão grande quanto o vagabundo que vai todos os meses ao departamento de segurança social para receber o seguro-desemprego.

Nos dias de hoje, a chance de se encontrar um guru disposto a conceder tais ensinamentos e instruções é minúscula. A instrução mais padrão e isenta de risco que um guru vajrayana pode dar é “termine o ngöndro”; a mais radical, no século XXI, é “vá para a Índia em peregrinação” ou “case com seu namorado” (o mesmo namorado com quem você já havia concordado em se casar, embora sem muita convicção). Os próprios gurus atuais são, na maioria, vítimas das expectativas sociais. Duvido que qualquer um deles tenha a coragem de oferecer a seus alunos instruções que sejam mais arriscadas ou pareçam ridículas. Foram-se os tempos dos gurus verdadeiramente corajosos. Mas eu desejo, do fundo do coração, que todos os leitores encontrem um desses gurus.

Percepção Pura

Tenho a sensação de que, por alguma razão, a embalagem e o marketing empregados na época em que a prática tântrica da percepção pura foi apresentada ao Ocidente acabaram saindo pela culatra. O ditado “A beleza está nos olhos de quem vê” se aplica totalmente a esse caso. Tudo que vemos, ouvimos e imaginamos é uma projeção nossa. Repito: quando digo “tudo”, quero dizer *tudo* mesmo! Desde a bondade e o heroísmo que enxergamos nos olhos de Nelson Mandela até o horror induzido pela visão do bigode escovinha de Adolf Hitler.

Você acredita que a liberdade de expressão é um direito humano fundamental, enquanto seu irmão acha que expressar publicamente montes de opiniões desinformadas só serve para criar mais atritos, conflitos e instabilidade social. A opinião e as crenças de cada pessoa se baseiam na percepção pessoal de cada um. Tudo o que percebemos – belo, feio, saboroso, insosso, doce, azedo, bom, ruim, preto, branco – está nos olhos, ouvidos, nariz, tato e língua de quem percebe. Em outras palavras, o modo como as coisas parecem ser, seu som, gosto, textura e assim por diante, não é o que elas realmente são. “As aparências enganam” é outro provérbio popular; se você reconhecer essa verdade, 80% da sua prática de percepção pura já estará consumada.

O paradoxo da união de aparência e vacuidade, som e vacuidade, sabor e vacuidade, tato e vacuidade e aroma e vacuidade também precisa ser vivenciado. Neste caso, o paradoxo é que cada um desses pares é inseparável. As aparências não se manifestam nem um segundo antes da vacuidade e vice-versa; o calor não se manifesta nem um segundo antes do fogo e vice-versa.

As percepções 100% puras são o que o tantra chama de “devoção”, como você acreditar que seu guru tem natureza búdica. Assim como uma geóloga não está errada quando olha uma pilha de minério de ouro e a vê como ouro puro, o aluno tântrico não está errado quando olha para o seu guru – às vezes sonolento ou ranzinza, que prefere vinho tinto ao branco – e acredita que o que está sentindo é devoção. O que o aluno sente é devoção. E a devoção não é unilateral. O mestre vajra também deve considerar cada um de seus alunos com exatamente essa mesma pureza de percepção – como uma grande chef que começa a salivar enquanto examina os ingredientes com os quais irá criar um prato novo delicioso. No

entanto, no caso do mestre vajra, a percepção pura é chamada de “compaixão” e “bondade”.

Se os alunos carecem de uma compreensão intelectual básica da percepção pura e da devoção e não as aplicam de forma adequada, o guru pode facilmente usá-las de maneira indevida, como um sofisticado sistema de lavagem cerebral. É dessa forma que certos lamas abusam de seus alunos, o que já ocorreu inúmeras vezes ao longo dos séculos.

Certa vez um grande mestre Sakya disse que o aluno deve primeiro meditar no guru como um buda, depois tentar ver o guru como um buda, mas a jogada decisiva sempre é dar-se conta de que você é um buda. É disso que se trata a guru ioga. Sempre pense que o guru sabe que nenhum de seus alunos pode vê-lo como um buda desde o primeiro dia – como já disse, isso leva muito tempo. Um guru que espera percepção pura instantânea e que expressa sua desaprovação, ou até mesmo chega a punir os alunos que não conseguem vê-lo imediatamente como um buda, além de não ser um guru vajra qualificado, carece de todo bom senso.

A propósito, o que realmente significa “ver o guru como um buda”? Quantos de nossos gurus tarados e gananciosos ficariam felizes se os alunos os vissem como Buda Shakyamuni? O Buda mendigava o que comia, nunca fazia sexo e jamais tocava em dinheiro. Se os alunos de um guru realmente o percebessem como o Buda Shakyamuni, eles deveriam lhe oferecer esmolas todas as manhãs? Quantos gurus desejariam que seus alunos os enxergassem como uma deidade com uma cabeça de porco ou de cavalo? Será que um guru se sentiria ofendido se os alunos o visualizassem como uma deidade de várias cabeças? “Eu não sou suficientemente bom do jeito que sou? Por que vocês precisam me visualizar com essa outra cabeça?” O guru deveria ficar zangado porque os alunos continuam a lhe servir o café

da manhã, o almoço e o jantar, provando com isso que eles não conseguem vê-lo como Vajradhara? Será que ele preferiria que os alunos lhe oferecessem uma kapala com sangue? E os alunos que oferecessem uma kapala com sangue fresco ao guru não deveriam ser recompensados por conseguirem vê-lo como o Vajradhara? Um guru inteligente, amável e bondoso jamais abrigaria expectativas tão grotescas, tão ridículas. Os budas não têm preferências; se o guru realmente fosse um buda e alguém lhe oferecesse um prato cheio de cocô no almoço, ele comeria sem pestanejar.

Os alunos não ganham pontos extras por verem o guru com a pele dourada ou por vê-lo como a grande Vajravarahi e ouvir seu grunhido. Contudo, uma vez que uma aluna consiga enxergar seu guru como um buda, ela terá cruzado as fronteiras do samsara e se tornado um ser sublime. Nenhum guru vajrayana que se preze espera que um aluno possa fazê-lo no primeiro dia, em doze meses ou mesmo em vinte e cinco anos.

No início, os alunos devem se concentrar em aprender a aceitar que tudo o que percebem, bom ou ruim, é sua própria projeção e, baseados nisso, devem se treinar para ver o guru como um buda. Mas, de novo, surge a questão: o que realmente significa “ver o guru como um buda”? Significa que você aprende a reconhecer que a forma, o tamanho, a cor e o gênero que percebe como o guru é uma percepção impura. Neste contexto, “impura” não significa suja nem ruim no sentido usual, significa “dualista”. Portanto, os números (um e dois) são impuros; o conceito de tamanho (grande e pequeno) é impuro, o conceito de gênero (masculino e feminino) é impuro. Basicamente, todas as coisas dualistas às quais nos apegamos são impuras. Como alunos, primeiro treinamos a mente para reconhecer que todas as coisas que vemos e com as quais interagimos estão no âmbito da “percepção dualista”.

Ainda assim, a vacuidade é a verdadeira natureza do número infinito de distinções dualistas aparentemente impuras que fazemos. Então, a verdadeira natureza de todos os fenômenos é não dual. Nada é verdadeiramente circunscrito ao tempo, gênero, cor, forma, nacionalidade e assim por diante. Portanto, como os textos tântricos repetem de novo e de novo, para aprimorar nosso reconhecimento da não dualidade, devemos tentar lembrar que tudo o que aparece é a forma externa do guru, todos os sons são os sons emitidos pelo guru e todos os nossos próprios pensamentos, inclusive o que quer que você esteja pensando neste exato momento, são a sabedoria do guru.

DEZOITO

E agora?

O FUTURO DO Dharma do Buda e a felicidade de cada ser senciante que vive neste planeta dependem, desde sempre, do mérito dos seres humanos. Enquanto escrevo estas linhas, a pandemia de COVID-19 continua se espalhando e gerando variantes. Neste momento não está claro quando isso irá acabar. Espero que pelo menos esse vírus tenha nos ensinado que no fim das contas somos de uma insignificância lastimável. Nós mal figuramos como uma força neste universo. Pense nisso, o que a raça humana de fato conquistou? Nenhuma das nossas universidades, parlamentos, senados ou comitês centrais cumpre suas promessas ou alcança seus objetivos. Só o que fazem é listar possibilidades e então descrever os eventos à medida que vão acontecendo. Os governos mais parecem meteorologistas de TV, só que menos confiáveis. Ninguém parece ser capaz de fazer previsões acuradas ou efetuar a menor mudança. Até mesmo a preparação para o inevitável está além de nós.

O que todos os seres humanos possuem é uma mente, uma cognição. A mente não é boa (amorosa, compassiva, bondosa) nem má (raivosa, invejosa) – é só a mente. Neste momento, você está lendo esta frase usando sua mente. Os sons que você ouve são interpretados por sua mente e tudo o que você sente é processado por sua mente. A mente não é um mito, é uma realidade incontestável. A mente está aqui, neste exato momento, em todos nós. E como a mente é o nosso recurso mais poderoso, não deveríamos desde já aprender a apreciá-la e aproveitá-la da melhor forma possível?

O primeiro passo é gerar um profundo desejo de investir tudo o que temos para aprender como utilizar nossa mente. Para isso, é preciso mérito. O mérito é indispensável. Além de ser a única coisa que podemos criar sozinhos. Sem mérito não podemos fazer nada – esta é uma verdade que precisamos martelar na nossa cabeça dura.

O papel dos professores budistas no futuro do budismo será relativamente pequeno, assim como a disponibilidade de traduções, textos, bibliotecas e assim por diante. Não será a eloquência de um professor budista que determinará como cada palavra ensinada pelo Buda Shakyamuni será divulgada, recebida, interpretada ou colocada em prática, será o mérito dos seres humanos.

Dada a preponderância da ciência e da secularização no Ocidente, existirá espaço para uma tradição espiritual como o budismo, tão impregnada de fé, rituais e histórias? É claro que sim! Grandes histórias sempre foram a força motriz deste mundo. Historicamente, as narrativas sobre deuses e demônios, paraísos e infernos, heróis e vilões foram contadas inúmeras vezes, mas agora a maioria delas foi relegada à categoria de mito ou lenda. As narrativas do século XXI discorrem sobre democracia, socialismo e economia, e nossa crença nessas narrativas é o que nos leva a agir.

A única exceção clara é a mente, nossa cognição ou consciência; a mente não é uma narrativa. A cognição do leitor deste livro não é uma narrativa. Você, o leitor, é dotado de cognição; já o livro, não. Embora a cognição de todos os seres sencientes seja inegável, a natureza dessa cognição ainda é um mistério. Não sabemos o que é a cognição. Não temos a menor ideia de como controlar ou lidar com as emoções, julgamentos e valores que ela gera. Como resultado, experienciamos o sofrimento da dor, ansiedade, pânico, depressão e o resto – e

é exatamente por isso que o Buda Gautama e seus seguidores investiram tanto tempo e esforço para nos ensinar como aplacar nosso sofrimento através do trabalho com a mente.

Será que hoje em dia as pessoas são suficientemente inteligentes ou, como diriam os budistas, têm mérito suficiente para querer olhar para dentro de si mesmas? Sim, acredito que sim. E para aqueles que sentem intenso desejo de olhar para a própria mente, o Dharma do Buda é muito mais do que apenas relevante.

É inevitável que os rituais, métodos e símbolos empregados pelo Dharma do Buda evoluam e se transformem. Isso não é problema, desde que a visão permaneça intacta. No entanto, o Dharma do Buda em si só sobreviverá se ainda houver pessoas que desejem estudar e praticar seus ensinamentos. Por isso, para o bem das futuras gerações, precisamos criar agora um enorme interesse e curiosidade pelo Dharma. De novo, trata-se de oferta e procura. Se houver um número suficiente de pessoas que desejam conhecer o Dharma do Buda, a oferta correspondente continuará a ser produzida pelas décadas vindouras. Isso significa que uma aspiração fervorosa de propagar o budismo e fazer girar da roda do Dharma pode acabar gerando mais resultado do que todo o estudo, a contemplação, o ouvir e a construção de instituições e universidades jamais conseguiriam.

Quando se trata de assumir a responsabilidade de manter o entusiasmo pelo estudo e prática contínuos do Dharma do Buda, os professores budistas, inclusive os mestres vajrayana, são a linha de frente. Neste momento, mais do que nunca, precisamos de excelentes professores. Poucos professores tibetanos conseguiram penetrar na mente dos não tibetanos, principalmente porque estão limitados por sua própria “tibetanidade”. Ao contrário dos sacerdotes jesuítas canadenses, cuja paixão

pela disseminação do Evangelho os levou ao Peru e à África Central, a única paixão demonstrada pelos lamas tibetanos é a de construir templos e monastérios no estilo tradicional tibetano. Com demasiada frequência, os deveres institucionais dos lamas tibetanos ofuscam quaisquer outras considerações. É bem mais provável que os alunos não tibetanos desses lamas sejam agraciados com uma medalha no peito por falar tibetano fluentemente do que por alcançar a convicção inabalável de que a vida seja de fato impermanente. Será que os lamas tibetanos sequer notam que seus alunos não tibetanos estão ávidos, até desesperados mesmo, por praticar o Dharma?

Quando um lama de alto escalão e seu séquito visitaram o Lerab Ling, no sul da França, tudo o que bastou para convencer o lama de que o Dharma estava bem estabelecido no Lerab Ling foi a visão do seu enorme gonpa em estilo tibetano; ele imediatamente declarou que Sogyal Rinpoche foi o único lama que estabeleceu o Dharma do Buda no Ocidente de forma adequada. Esse comentário diz tudo. E, nas poucas horas que ele e seu séquito passaram no centro, eles mal conseguiram ver tudo o que o Lerab Ling tinha a oferecer.

O Dharma do Buda e o Vajrayana criaram a própria tessitura da vida tibetana. É por isso que os tibetanos continuam a produzir os praticantes mais impressionantes. Não temos ideia de onde eles vivem nem do que fazem; mas esses praticantes são efetivamente os detentores da tradição vajrayana e, como tal, representam o futuro do caminho Vajrayana. Eu só desejaria que alguns deles pudessem compreender a psicologia contida em livros como *O Apanhador no Campo de Centeio* e entender por que Nietzsche gostava do budismo, embora pelos motivos errados.

Quer tenha sido por acaso ou de propósito, os lamas tibetanos protagonizaram a introdução do Dharma do Buda

no Ocidente no século XX, e devem muito de seu sucesso ao entusiasmo extraordinário dos ocidentais por ir além da dualidade. Mas a exclusividade dos lamas tibetanos como únicos detentores das linhagens vajrayana está com os dias contados. Eu ficaria surpreso se, daqui a vinte anos, os tibetanos ainda tivessem algum tipo de autoridade no âmbito do Tantrayana, especialmente ao observar a nova geração de professores – particularmente aqueles dotados de algum título.

Ainda assim, não é tão fácil para um não tibetano assumir o cargo de professor do budismo em geral, muito menos de professor vajrayana. Quando os não tibetanos começam a ensinar o Vajrayana, é muito comum que encontrem desaprovção e resistência, mas não por parte dos tibetanos. Quase toda a oposição vem de outros professores não tibetanos. E, como os não tibetanos muitas vezes conhecem cada aspecto do Dharma do Buda melhor do que a maioria dos tibetanos, o problema raramente tem a ver com a falta de conhecimento desses professores em potencial. Acho isso muito interessante. Os tibetanos, por sua vez, caem no extremo oposto e distribuem cartas de recomendação como se não houvesse amanhã.

Seria excelente se esses aspirantes a professores budistas não tibetanos desenvolvessem uma paixão por divulgar o Dharma tão intensa quanto a demonstrada pelos sacerdotes jesuítas na propagação do Evangelho. O entusiasmo consegue realizar muitas coisas! Quem sabe algum aspirante a professor que leia este livro possa vir a canalizar seu interesse para algo mais do que a publicação de artigos ou a criação de cursos no YouTube. Os budistas que não são egoístas e realmente querem apresentar o Dharma para outras pessoas sempre atraem atenção positiva e inspiram confiança. Muitas vezes a qualidade mais atraente de um professor é sua preocupação genuína com o Dharma. Os especialistas podem ser muito

impressionantes quando se trata de apresentar fatos, teorias e filosofias complexas; no entanto, a pessoa de maior impacto é a voluntária incansável que serve o café após uma palestra do Dharma e faz de tudo para apresentar novas pessoas ao especialista. Seu entusiasmo e convicção palpáveis pelo Dharma são contagiantes e a maioria das pessoas responde melhor ao entusiasmo puro, desinteressado e sincero do que a uma lista infundável de definições.

À medida que tentamos chamar a atenção de mais pessoas para o Dharma, por favor, tente incorporar esse tipo de entusiasmo e interesse irresistíveis que as pessoas consideram tão atraentes. Não tenho dúvidas de que, no futuro, a característica mais importante de um professor não tibetano será o seu desejo de apresentar o Dharma do Buda a todos os seres sencientes neste planeta. Ao longo dos anos tive a oportunidade de conhecer vários praticantes que possuem essa qualidade, mas eles raramente são educadores, escritores, eruditos, acadêmicos docentes nem sequer professores de ioga que promovem o Dharma do Buda. Na maioria das vezes, é uma mãe solteira com três filhos que trabalha em tempo integral, cujo anseio por conectar a todos que ela conhece com o Dharma do Buda é tão intenso, que ela voluntariamente faz um esforço extra para divulgá-lo. Esse tipo de entusiasmo faz mais pelo Dharma do Buda do que todos os budistas profissionais do planeta juntos. (O privilégio do anonimato e não ter um título do Dharma ou responsabilidades a preservar também ajudam.) Os voluntários que mostram entusiasmo conseguem se comunicar pessoalmente com amigos e parentes sem parecer arrogantes ou dogmáticos. Sempre incluo essas pessoas em minhas preces pela longevidade dos detentores do Dharma.

O futuro do Vajrayana

Os lamas de outrora muitas vezes falavam sobre a enxurrada de obstáculos disparados contra Siddhartha quando ele se sentou sob a árvore Bodhi. A ferocidade desse ataque foi a mais intensa que ele já havia experimentado e continuou a se intensificar até um átimo de segundo antes de sua iluminação.

Ao longo dos séculos, o Dharma do Buda como um todo enfrentou inúmeros obstáculos externos, internos e secretos. Por mais obstáculos que os seguidores atuais do Dharma do Buda enfrentem – especialmente os praticantes vajrayana –, eles jamais devem perder a coragem. Lembre-se de que quanto melhor o praticante, maiores, mais fortes e mais eficazes serão os obstáculos. Os alunos tântricos inteligentes preferem interpretar todos os obstáculos como sinais de progresso. Em vez de se deixarem oprimir pela adversidade, encaram os obstáculos como oportunidades excelentes para aumentar suas apostas.

Estar ansioso sobre o futuro do budismo no mundo moderno e se preocupar pensando que o Dharma e o Vajrayana possam em breve se tornar obsoletos são sinais de que seu conhecimento do Dharma do Buda é superficial. Não há nada com que se preocupar.

Do Shrivakayana ao Vajrayana, cada palavra do Dharma do Buda é dinâmica e vanguardista. Qualquer coisa que à primeira vista possa parecer antiquada foi adotada das culturas que importaram o budismo – Tibete, Japão, China e assim por diante. E afinal, quem dá a mínima para a cultura? A cultura, em constante mudança, pode oferecer algum apoio ou base, mas em geral é um empecilho.

O Buda disse: “Todas as coisas compostas são impermanentes”; essa sabedoria não pode ser atualizada. “A forma como as coisas aparecem não é como elas são.” Isso não necessita de

qualquer alteração. Os ensinamentos sobre shunyata não são arcaicos nem ultrapassados e não podem ser adaptados. Pelo contrário, todos os ensinamentos do Buda são invariavelmente vanguardistas e contemporâneos.

A visão vajrayana e a prática da percepção pura – por exemplo, perceber o guru de forma pura – não são obsoletas nem necessitam de nenhuma alteração. Como já vimos, a beleza está no olho de quem vê, e a verdade do Vajrayana não pode ser reformulada. O Buda viu que o “eu” é uma ilusão. Embora seja possível ajustar algumas das técnicas que usamos para consumir essa verdade – por exemplo, ficarmos em pé em vez de sentados, ou até com as costas dobradas durante a meditação –, qualquer ajuste deve necessariamente contribuir para a consumação de que o eu é uma ilusão.

O Vajrayana afirma que somos a deidade, que o lugar onde vivemos é a mandala e que todos os demais seres também são deidades. Para aprimorar a prática da percepção pura, utilizamos a técnica prescrita pelo Vajradhara – o Buda Primordial –, que é a de tentar enxergar o guru como a personificação de todos os budas. Após analisar minuciosamente um professor vajrayana, escolher ele ou ela como guru vajrayana e receber a abhisheka, devemos manter a percepção pura do nosso guru. Essa é a nossa prática, a nossa técnica e o nosso caminho.

Todos experimentam altos e baixos com seu guru. Em algum ponto, todos questionam as instruções do guru e até se recusam a fazer o que ele ou ela pede. Contudo, o propósito da prática de percepção pura permanece o mesmo. A tarefa de um praticante vajrayana é enxergar o guru como a personificação de todos os budas, e a si mesmo e tudo ao seu redor como a mandala. Não podemos perceber o guru de forma impura e devemos obedecer a todas as suas instruções. A técnica e o treinamento vajrayana não podem sofrer modificação ou alte-

ração. Qualquer um que alterar de qualquer maneira a prática da percepção pura não estará mais praticando o Vajrayana.

Repito, o Vajradhara jamais afirmou que se este caminho parecer empolgante e divertido você deve se jogar de cabeça sem pensar. Ele jamais disse: “Vai com tudo!” Vez após vez ele aconselhou cautela. A prescrição do Vajradhara sobre a maneira de seguir um guru vajrayana não pode ser modificada, reformulada nem customizada. Se alguém adaptar, aprimorar ou revisar tal prescrição, o resultado obtido não será mais uma prática vajrayana. Não se trata de interpretação pessoal minha, isso foi afirmado claramente em numerosos tantras e repetido muitas vezes em textos venerados por todas as quatro escolas do budismo tibetano. Essa é a questão que eu estava tentando defender em minhas declarações públicas e ensinamentos após o escândalo de 2017. Se o caminho Vajrayana lhe parece um retrocesso aos tempos feudais, se você não acredita nele e desconfia de qualquer aspecto do caminho ou da prática, para seu próprio bem, evite o tantra como se fosse uma praga.

Budistas também são humanos. Desde sempre houve bons praticantes e bons professores budistas, assim como maus praticantes e maus professores budistas. Definitivamente, dizer que hoje existem mais maus professores do que nunca não é verdadeiro – precisamos ter cuidado para não incorrer nesse tipo de suposição.

Futuros professores vajrayana nunca devem esquecer os ensinamentos shravakayana e mahayana. Eu confiaria em um professor vajrayana que ensinasse 90% de Shravakayana e Mahayana e 10% de Vajrayana, desde que ele agisse de acordo com o que dissesse. Uma vez que os professores devem viver de acordo com aquilo que ensinam, nunca deveriam prejudicar sequer um único ser senciente – nem mesmo o menor dos insetos, e muito menos seus próprios alunos. Professores

obviamente jamais deveriam queimar a semente da aspiração de uma pessoa de seguir o Dharma do Buda. E é claro que um professor nunca deve se submeter às expectativas sociais modernas nem ao politicamente correto. Se ele fizer isso, é um sinal de que é alguém que pode ser corrompido e persuadido, além de incapaz de pensar fora da caixa. É muito fácil que um professor que se dobra a tais expectativas acabe prisioneiro dentro da caixa das convenções, e que seus alunos fiquem presos com ele.

Desde 2017, diversas declarações públicas a respeito do Vajrayana têm me preocupado bastante. Não apenas vários observadores e alunos dos ensinamentos vajrayana aparentemente sugeriram que seria possível corrigir e alterar o Vajrayana, como também um ou dois professores tibetanos fizeram o mesmo. Infelizmente, a redação dessas declarações é ambígua – o que em si já é um perigo. Como todos sabemos, cada palavra que se envia on-line fica preservada no ciberespaço eternamente. Pior ainda, esses professores deram a impressão de que mesmo após se completar todos os pré-requisitos, treinamentos e análises do Vajrayana e se receber uma iniciação com a mente clara, consciente e lúcida, se algum professor se comportar mal de uma maneira específica, os alunos terão “licença” para interromper a prática de percepção pura do seu guru e estarão “livres” para criticá-lo. No entanto, a questão não é se os alunos estariam livres para fazer isso ou aquilo; estar livre ou estar impedido não passam de conceitos mundanos. Se você criticar o seu guru após ter recebido uma iniciação dele, acabou o casamento. Do ponto de vista mundano, você pode processar seu mestre vajrayana e moer a reputação dele até a morte, se assim desejar. Se você deve ou não deve fazer isso, não cabe a mim decidir; você tem a liberdade para fazer o que achar

melhor. Mas processar um lama para impor a justiça mundana não tem nada a ver com o Vajrayana.

E aqui de novo, por favor, lembre-se de que se você recebeu uma iniciação de um guru no calor do momento e, portanto, sem ter tido a oportunidade de analisá-lo com cuidado, ou se você deixou de tomar uma decisão consciente ao ingressar no caminho Vajrayana, em nenhum texto vajrayana está dito que você deve obedecer a todas as instruções desse guru e considerá-lo perfeito. Em nenhum texto!

O objetivo último de se desmantelar todas as percepções impuras é demolir a sua mente dualista. E como todos sabemos, se damos um dedo à dualidade, ela pega todo o braço, todos os outros membros e o resto. Nunca esqueça: tudo que você percebe é a sua própria projeção individual. Isso levanta a questão: na percepção de quem você deve confiar quando se trata de julgar se o comportamento de seu guru justifica ou não percebê-lo de forma impura?

Sob nenhuma circunstância nenhum de nós deve sequer cogitar modificar os ensinamentos fundamentais do Vajrayana. Ao mudar uma única palavra, você passa a ser responsável pelo caminho espiritual e pela iluminação de *todos os praticantes futuros*. Eu, por exemplo, não tenho coragem para isso.

Por mais de quarenta anos tenho convivido e observado milhares de alunos e praticantes do budismo tibetano – europeus, australianos, canadenses, americanos, eslavos e até do Oriente Médio. Compartilhamos muitas xícaras de chá e café, assim como calorosos debates e longas, infundáveis discussões. Até namoramos. Eu continuo fascinado por fotografia e cinema. Faço questão de ler tantos livros quanto possível – literatura mundial, história, ciência, filosofia e assim por diante. Cheguei a tentar compreender por que Picasso é considerado um colosso artístico. E quanto melhor eu conheço as pessoas nascidas

fora do meu mundo budista tibetano-butanês, mais a minha curiosidade aumenta.

Neste momento as coisas podem parecer um tanto sombrias para os praticantes tântricos. Mas talvez estejamos sendo um pouco duros demais conosco. Os escândalos que envolvem pessoas que gostamos são inquietantes e decepcionantes, mas as discussões e esclarecimentos decorrentes são inestimáveis, vitais até. Abrir a nossa mente para diversos pontos de vista e esclarecer mal-entendidos é a nossa maneira de crescer e nos desenvolver, e isso é exatamente o que os praticantes tântricos contemporâneos precisam fazer. O Dharma do Buda, especialmente o Vajrayana, ainda é novo no Ocidente. Seria injusto esperar que uma tradição tão profunda fosse incorporada sem dificuldade por essas inúmeras culturas em poucas décadas. Isso vai acontecer, mas vai demorar um pouco.

Onde houver seres humanos sempre haverá mal-entendidos, complicações, contratempos, infortúnios e escândalos. Os obstáculos são inevitáveis. E como os obstáculos são o feijão com arroz dos praticantes sagazes, os ensinamentos tântricos não só irão sobreviver neste mundo degenerado, eles irão vicejar.

Apesar dos escândalos, mal-entendidos, falhas de comunicação, escassez de infraestrutura e até dos erros crassos que foram cometidos ao longo dos anos, eu diria que o lucro do Dharma do Buda no balancete ocidental beira os 80%. Esse elevado nível de sucesso é o resultado das tremendas bênçãos da inigualável tradição vajrayana, dos grandes detentores das linhagens e dos dharmapasas. E não tenho dúvida de que suas bênçãos continuarão a se derramar sobre todos os seres sencientes dos quatro cantos do mundo.

Notas Finais

- 1 <https://tricycle.org/magazine/quit-guru-yoga/>
- 2 The Buddha and the Sahibs, de Charles Allen, conta a história de redescoberta da vida do Buda na Índia nos séculos XVIII e XIX.
- 3 Carl Jung, Cartas, Volume 1
- 4 O Śūrangama Sūtra, http://www.buddhasutra.com/files/Buddhist_Sutra_S.Pdf
- 5 <https://www.youtube.com/watch?v=3QFFomC28s>
- 6 Tom Holland, Dominion: The Making of the Western Mind.
- 7 RK Sharma (1999), Indian Society, Institutions and Change.
7b Tradução da Padmakara Translation Group
- 8 Ruth Moore, Niels Bohr: The Man, His Science, & the World They Changed (1966).
- 9 Wyl. gnyis med; Skt. advaya
- 10 Wyl. mi chad pa
- 11 Skt. neyārtha; Pal. neyyattha; Wyl. drang don. Literalmente, o significado que requer extração, os ensinamentos implícitos e indiretos. O Oxford Dictionary define “expediente” como “um meio na obtenção de um fim, particularmente o que seja conveniente mas, possivelmente, inadequado ou imoral.”
- 12 Skt. nītārtha; Pali nītattha; Wyl. nges don
- 13 Este verso figura em vários textos, inclusive no Prātimoksa Sūtra, o Sutra da Liberação Individual e no Dhammapada XI, Buddhavagga, verso 183
- 14 Na Índia, eunucos, pessoas intersexo e transgêneros são muitas vezes agrupados sob o termo hijra, embora os integrantes da comunidade hijra, em geral, prefiram o termo kinnar ou kinner, referência a seres mitológicos que eram cantores e dançarinos excepcionais.
- 15 Pramāna é um termo sânscrito cujo significado principal e tradução mais comum é “cognição válida”, que significa o conhecimento correto de um determinado objeto. O termo também é utilizado para se referir ao corpus dos ensinamentos budistas sobre epistemologia (a ciência da cognição, ou seja, como sabemos sobre as coisas) e ontologia (que investiga a natureza da existência), uma vez que ambos estão inextricavelmente ligados no budismo. Os pioneiros desses ensinamentos são os mestres indianos Dignaga e Dharmakīrti. Pramāna é ensinada em todos os shedras e é a base do debate, um importante instrumento de aprendizagem nas universidades monásticas tradicionais. Neste contexto, o termo é por vezes traduzido como “lógica budista”. Fonte: www.rigpawiki.org
- 16 Skt. tathāgatagarbha
- 17 do Sutra do Coração
- 18 Wyl. ye shes ’chol ba
- 19 <https://secularbuddhistnetwork.org/coming-out-as-a-secular-buddhist/>
- 20 Os quatro tipos de professor ou lama são: 1. o professor que é o deten-

tor da linhagem; 2. o professor que é a palavra dos budas; 3. o professor simbólico de todas as aparências; 4. o professor absoluto que é rigpa, a verdadeira natureza da mente. Fonte: rigpawiki

21 Patrul Rinpoche, *As palavras do meu Professor Perfeito*. Editora Makara, pág. 237. Tradução para o português a partir da tradução para o inglês da Padmakara Translation Group.

22 Esta história aparece nos Versos das Monjas Anciãs (Therigatha), que fazem parte do Sutta Pitaka.